



Ilustração Brasileira

ANNO IV

NUM. 36

AGOSTO
1923

PREÇO
5\$000

Ilustração Brasileira

REVISTA MENSAL

PROPRIEDADE DA SOCIEDADE ANONYMA "O MALHO" — RUA DO OUVIDOR, 164
RIO DE JANEIRO

Teleph. Norte, 5402 — End. Telegr. "MALHO" RIO

Grande premio na Exposição Internacional do Centenario em 1922

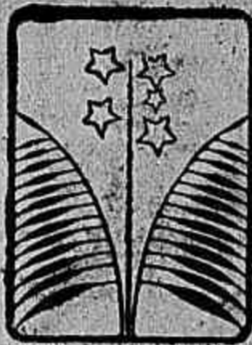
PREMIADA COM MEDALHA DE OURO NA EXPOSIÇÃO DE TURIM EM 1911

Directores: ALVARO MOREYRA E J. CARLOS

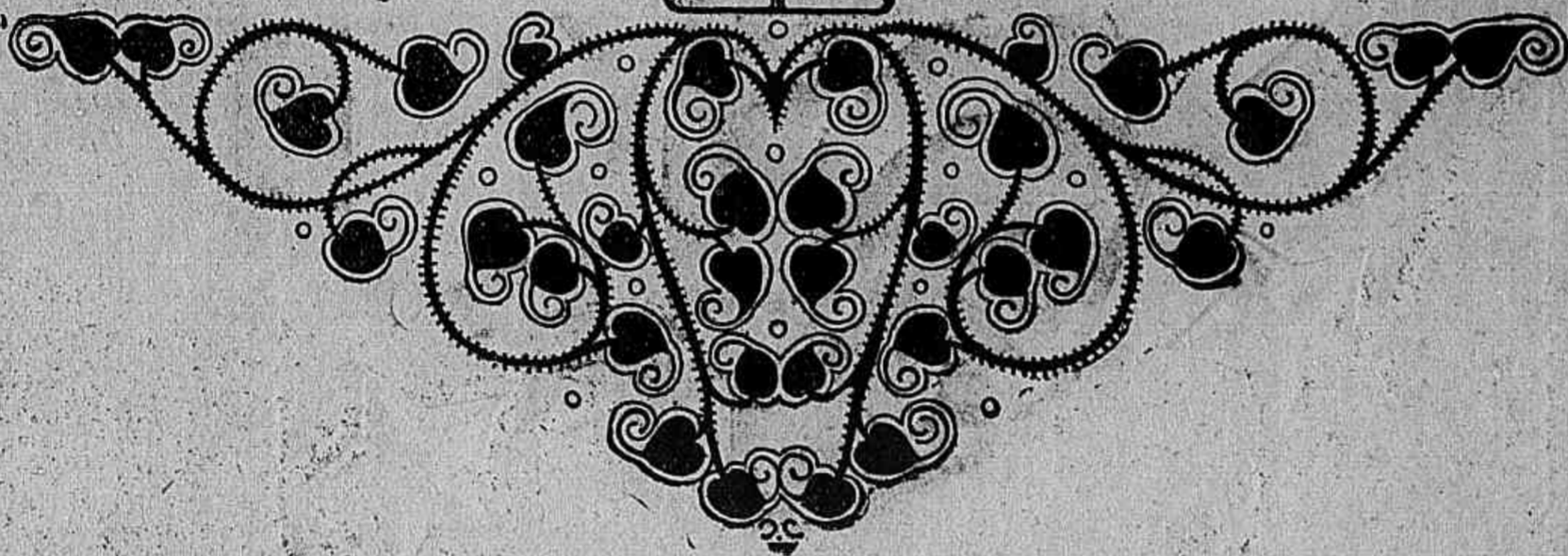
Rua do Ouvidor N. 164 -- Rio de Janeiro

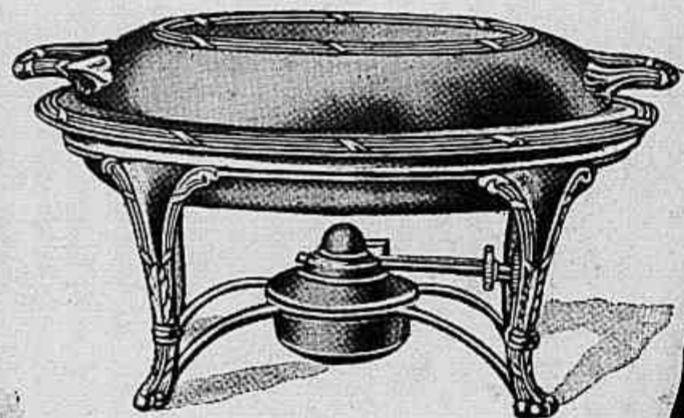
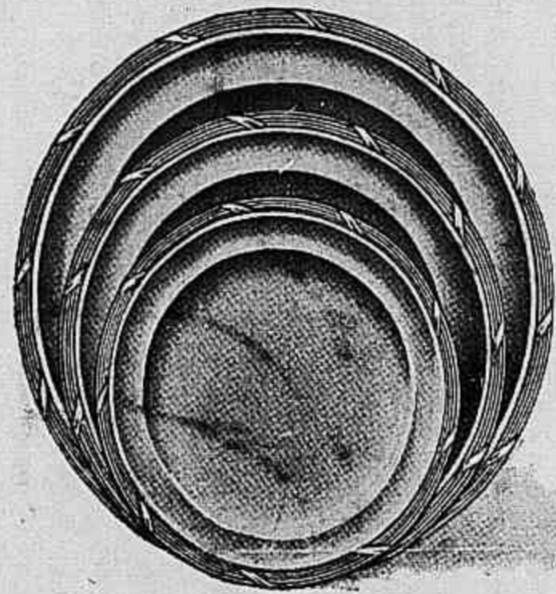
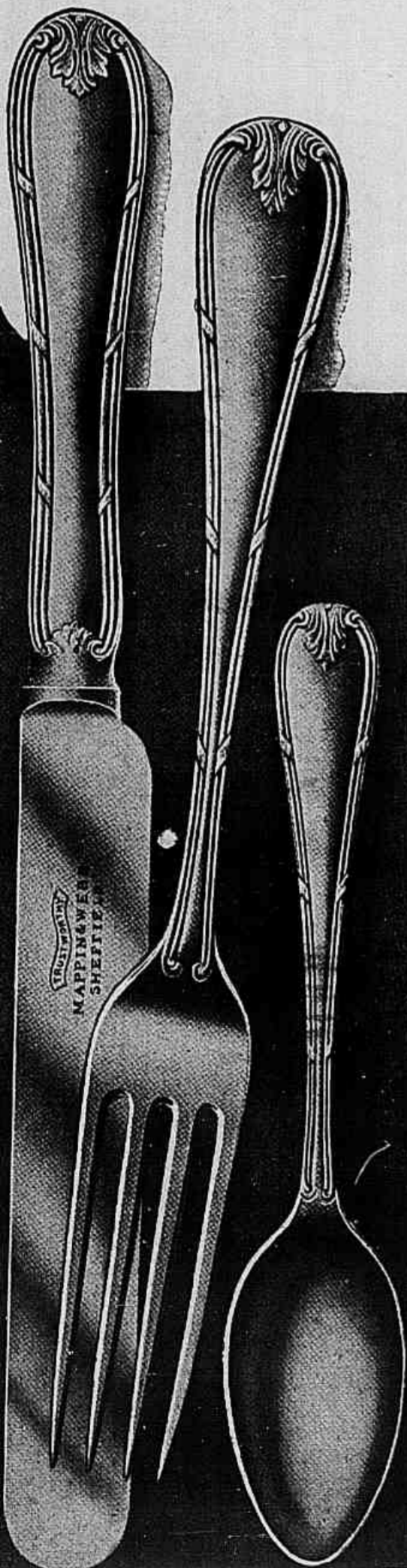
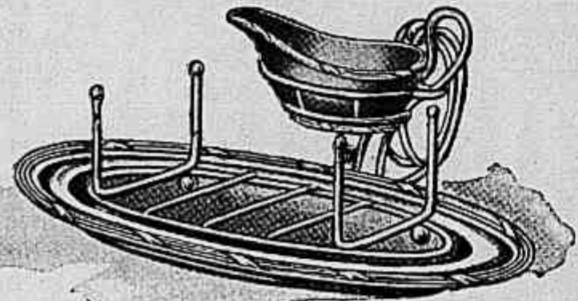
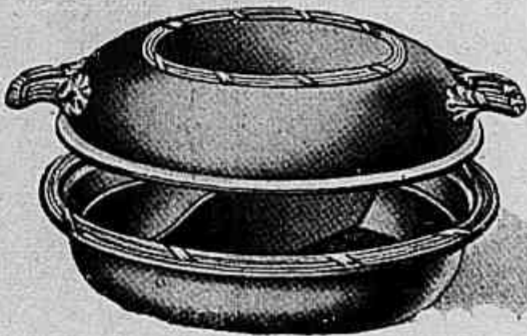
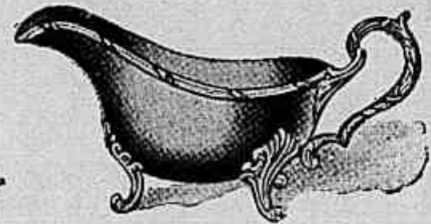
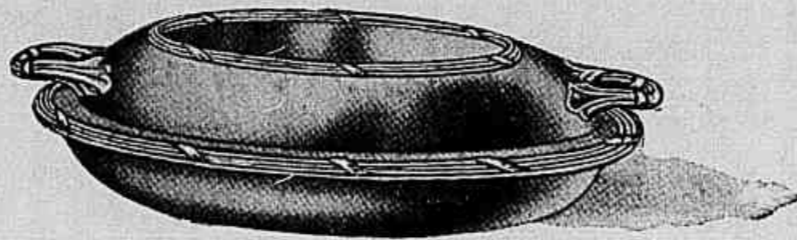
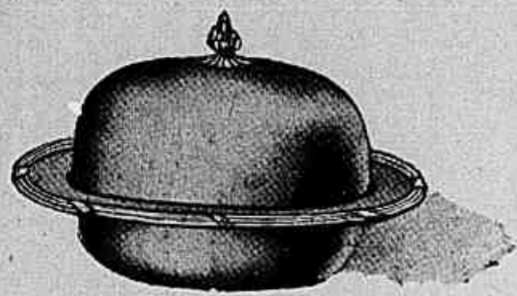
SUCCESSAL EM SÃO PAULO DIRIGIDA PELO DR. GASTÃO MOREIRA — RUA DIREITA N. 7 - Sob.
CAIXA POSTAL Q

ASSIGNATURAS. Para o Brasil — Um anno, 60\$000; Seis
mezes, 30\$000. Para o Extranjeiro — Um anno, 70\$000; não
há assignatura de semestre. — Os exemplares para os Srs. assi-
gnantes são enviados pelo Correio sob registro.



Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro,
(que póde ser feita por vale postal ou carta registrada),
deve ser dirigida á Sociedade Anonyma "O MALHO", Rua
do Ouvidor, 164. Collaboração litteraria, artistica ou photo-
graphica, ao director-secretario DR. ALVARO MOREYRA.





Serviço Louis XVI
em "PRATA PRINCEZA"

PRATA PRINCEZA é um metal branco coberto com tres camadas de prata pura, sendo a sua durabilidade de 30 annos, sem mudar de cor. "Prata Princeza" é fabricada unicamente por nós, sob uma marca e titulo registrados e substitue melhor que todos os outros metaes prateados. A variedade dos artigos neste metal é tão numerosa como a de prata, e para artigos de uso domestico e de mesa são de grande vantagem e economia.



MAPPIN & WEBB

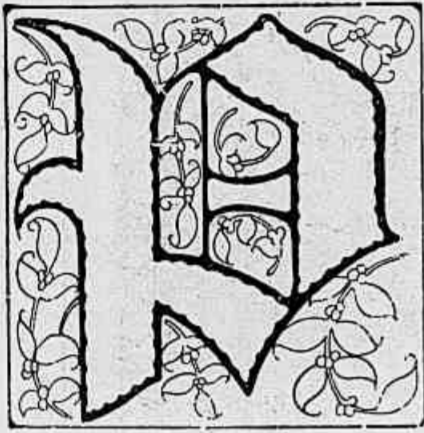
100, OUVIDOR
Rio de Janeiro

Fabrica:
The Royal Works, Sheffield.

Casas em:
São Paulo, Buenos Aires, Roma, etc.

A honrosa vida da firma Moraes & Cia.

Os seus 57 annos de existencia e a respeitabilidade das suas transacções e do seu nome



MUCHAS firmas pôdem orgulhar-se de tão honrosas tradições. Fundada em 1866, por José Joaquim de Moraes, tendo, por conseguinte, 57 annos de actividade no mesmo ramo commercial, a casa Moraes & Cia. goza, hoje, de inabalavel credito, na capital da Bahia, onde tem a sua séde. A principio, foram modestas as suas transacções, que se faziam sob a rasão social José Joaquim de Moraes & Cia., sendo seus proprietarios, além do fundador, o commerciante Henrique José Fernandes e a firma Joaquim José da Costa & Irmão.

Durante dois annos, trabalhou com essa mesma denominação; mas, em 1868, resolveram, os socios componentes, simplificar a para Moraes & Cia., denominação que, desde então, não mais se transformou, e sob a qual exerce ainda hoje a sua vasta actividade no commercio bahiano.

Em 1875, retiraram-se da firma os socios Joaquim José da Costa & Irmão, estabelecidos no interior do Estado. Recompoz-se logo a sociedade, com os dois antigos proprietarios, e mais Joaquim José da Costa e Joaquim Antonio de Moraes.

Passados alguns annos, em 1881, retirou-se o socio fundador José Joaquim de Moraes, que foi substituido, na firma, por seu irmão, Germano Augusto de Moraes. Assim se conservou a firma até 1888, quando se retiraram os socios Joaquim José da Costa e Joaquim Antonio de Moraes, e entraram Bernardo Martins Catharino, como commanditario, e José Francisco da Costa, como solidario, mantendo-se a sociedade dessa fórma, até 1892.

Nova modificação se deu nesta data, com o fallecimento do socio Germano Augusto de Moraes, voltando á sociedade o seu fundador, José Joaquim de Moraes, e passando a solidario o socio commanditario Bernardo Martins Catharino, a quem foi confiada a gerencia da firma.

Do fallecimento do socio Germano Augusto de Moraes, resultou a dissolução parcial da sociedade e a partilha judicial do capital e dos lucros do fallecido. Os seus herdeiros receberam o respectivo quinhão em dividas activas, porque o passivo era

de 847:792\$000, a existencia de mercadorias representava 212:187\$000, e as dividas activas attingiam a 888:686\$000.

Nestas desfavoraveis circumstancias, assumiu a gerencia da firma o socio Bernardo Martins Catharino, que n'ella se conservou até Dezembro de 1922, data em que se commanditou na reorganisação então realisada, e ainda hoje em vigor.

Em 1898, retirou-se da firma o socio José Francisco da Costa, entrando, quatro annos mais tarde, Alberto Moraes Martins Catharino, o que produziu uma alteração no contracto social.

Pouco depois, em 1906, retirava-se o socio fundador, José Joaquim Moraes, figura de destaque, gosando do mais alto conceito no commercio da Bahia, e que, além de legar á firma as tradições do seu nome impolluto, continuou a prestigial-a com a sua solidariedade, e a amisade que dedicava aos antigos socios, até a sua morte, occorrida em 1908.

Nova alteração se deu em 1909, ficando a sociedade constituida, então, por Bernardo Martins Catharino, Alberto Moraes Martins Catharino, e Bernardo Martins Catharino Junior.

Em 1917, entraram os socios Joaquim Martins Catharino, Joaquim Florentino Gaspar, e João Ribeiro de Sousa Magalhães, mantendo-se assim a sociedade até Dezembro de 1922, quando se deu a retirada do socio Alberto Moraes Martins Catharino, e passou a commanditario o socio solidario Bernardo Martins Catharino.

E foi n'essa data, 31 de Dezembro de 1922, que se deu a ultima alteração na firma, que ha 57 annos conserva a mesma denominação, mantendo-se no mesmo ramo commercial, e ficou reorganizada com os socios Bernardo Martins Catharino, commanditario, Bernardo Martins Catharino Junior, Joaquim Moraes Martins Catharino, Joaquim Florentino Gaspar, e João Ribeiro de Sousa Magalhães, solidarios.

Na sua longa existencia de 57 annos, não é possivel deixar de destacar o periodo de actividade do socio Bernardo Martins Catharino, que ha 31 annos dirige e orienta os destinos da firma, com superior clarividencia, e inegalavel capacidade de trabalho, devendo-lhe ella o seu actual estado de franca prosperidade, e o inabalavel credito de que goza, tanto na Bahia, como no resto do paiz, e no estrangeiro.



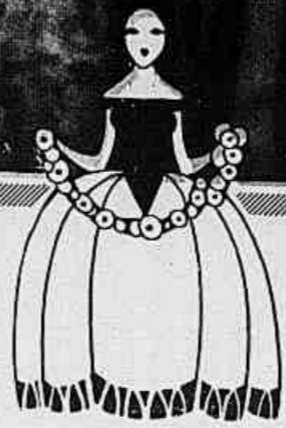
*Conserve uma historia graphica
dos seus filhos com uma Kodak*

Todas as Kodaks são autographicas

KODAK BRASILEIRA, Ltd., Rua Camerino 95, Rio de Janeiro



Senhorinha
Clotilde Santayana



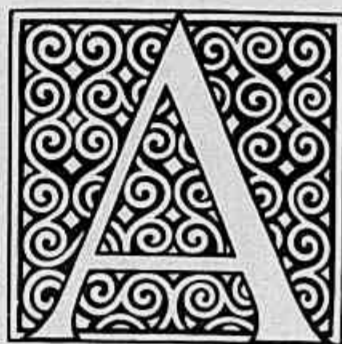
filha do Sr.
Dr. P. Santayana

ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA

ANNO IV NUM. 36

RIO DE JANEIRO, AGOSTO DE 1923

Bellas e nobres palavras de Julio de Mesquita



AGRADECENDO o discurso do Sr. Senador Lauro Müller, interprete dos amigos e admiradores que lhe offereceram um almoço nesta capital, no dia 19, o grande jornalista assim falou: "Entre as coisas felizes da minha vida, conto a de ter chegado á idade em que estou sem padecer o desastre lastimavel de vir deixando pelo caminho a noção exacta do pouco que valho. Confessar-me-ia, sem o querer, extremamente vaidoso, se me inculcasse não tocado das vaidades deste mundo, onde bem se dispensaria que uma palavra batida pelo clarão da omnisciencia divina nos tivesse ensinado, em tom aterrorador de maldição trovejante, a essencial e infinita vaidade de tudo: — não existe ser humano que o não aprenda á sua custa, em cada passo que vae dando, do berço para o tumulo. Affirmo, no emtanto, que as vaidades deste mundo, os seus enganos mais ou menos dourados, as suas illusões fugitivas ou duradouras, não gastaram, nem enfraqueceram, o espirito de justiça com que nasci e que timbro em conservar na robustez nativa, com fervoroso empenho, como quem a todo transe defende uma riqueza. Exercito-o quanto posso, de preferencia a sós commigo no tribunal da minha consciencia em julgamento estricto dos meus actos e dos meus merecimentos. Não extranhareis, por conseguinte, que eu antes de mais nada, em cumprimento de uma sentença inappellavel do tribunal a que me refiro, saia com a minha sinceridade ao encontro da bella saudação, que acabo de ouvir, para declarar, sem falsa modestia, feia e ridicula mascara habitual do orgulho exorbitante, que tudo aceito, a saudação e a bondade com que a acolhestes, de alma commovida e coração aberto, mas com as devidas restricções. Em seguida, não traçarei limites á minha gratidão, que é immensa, porque ainda muito me sobeja para legitimo desvanecimento, perca quanto perder, em cortes justiceiros a generosa apreciação de Lauro Müller, meu velho e querido amigo, vulto de relevo singular no patriciado intellectual da nossa democracia, seu servidor de invariavel fidelidade, coberto de louros, através dos quaes não se divisam cicatrizes que o não honrem, pois todas lhe resultaram de golpes recebidos em postura de impeccavel galhardia e de insuspeitado patriotismo.

Se realmente me não faltam qualidades pessoais, de temperamento, de feitio moral, de affectiva sensibilidade, que não se esquivam ao pagamento das dividas contrahidas na convivencia da sociedade, creio que me será facultado não recusar o premio, que lhes conferis, embora de ha muito eu as veja largamente premiadas por excellentes e carinhosas amizades em numero sempre crescente, e das quaes diria quasi nada, se dissesse apenas que nunca as chamei em vão: — nunca senti necessidade de erguer a voz para chamal-as; se as propouo com os olhos, já as encontro ao meu lado, espontaneas e dedicadas, por igual pontuaes, em todas as horas, tanto nas certas quanto nas incertas, assim nas minhas alegrias, como nas minhas amarguras e afflicções.

Determina mais a vossa benevolencia, que não fique inteiramente desconhecido da grande massa dos nossos concidadãos o pallido brilho com que, no meu recanto provinciano, ha mais de trinta annos, pratico o officio de jornalista, e me desempenho, na politica, dos deveres de brasileiro e republicano. Faça-se a vossa vontade. Considerae, entretanto, o que, em parte, não escapou á penetrante observação de Lauro Müller. O jornal que hoje dirijo, lançado á publicidade em

momento opportuno e em região excepcionalmente favoravel ás boas iniciativas, trazia longos annos de vida prospera, quando, succedendo a Alberto Salles, subi da minha obscuridade, pela mão de Rangel Pestana, a posto de honra na redacção em que era elle a figura culminante. O barco navegava de velas redondas, sob o ceu claro, em aguas lisas, com pulso firme ao leme e bussola admiravelmente norteada. Mais tarde, tendo o commando passado ás minhas mãos, não hesitei: — fiz-me discipulo fiel do mestre illustre, que circumstancias afortunadas me haviam deparado, e prosegui a navegação na rota em que a tinham posto um saber e uma experiencia, que só a seguir incompletamente adquiri. Note-se, além disto, que, ao entrarmos na carreira, os da minha geração e eu, os mais velhos ainda lá estavam. Alludo á denodada legião de jornalistas que começou rapidamente a organizar-se, se me não engano em 1875, ao derredor do instantaneo e enorme exito da "Gazeta de Noticias", de publicação iniciada naquelle anno, por um grupo de rapazes de talento, entre os quaes sobresahia Ferreira de Araujo, individualidade possante e gentil, que foi, durante muitos annos, o predilecto da estima publica, nesta cidade tão exigente e tão inconstante nas suas inclinações e nos seus enthusiasmos. A "Gazeta" appareceu de surpresa, em meio de geral espanto apregoadas nas ruas a quarenta réis o numero, pela voz estridente de garotos adestrados, em segredo, no exercicio da industria que iam inaugurar. Os quarenta réis da matinal gritaria infantil, até então desconhecida dos fluminenses, valiam muito menos que a leitura que proporcionavam: leitura de informação minuciosa e resolvida a não prestar attenção excessiva ás conveniencias tradicional e religiosamente guardadas; quanto ao mais, leitura facil, leve, seductora, parecendo futil, mas parecendo-o sómente, porque não brigam o bom senso e a graça, que para logo não se conciliem. Nem se tornou jámais obrigatorio que as phrases graciosas se caracterizem, quaes rebuçados de confeitaria, pela doçura innocente do conteúdo. A "Gazeta" não apparecera com programma subversivo, contentando-se de se proclamar independente e de não desmentir tal proclamação. Da independencia á rebeldia, a distancia não produz vertigens. Como quer que fosse, o que é exacto é que os cariocas acharam aquillo mil vezes preferivel á enfadonha semsaboria das estradas e solemnes dissertações doutrinaes com que até ali, os ponderados directores dos grandes orgãos regalavam as manhãs da sua conspicua, paciente e reduzida clientela de gente abastada e ordeira. Foi um triumpho e uma revolução. Vulgarizou-se a leitura dos jornaes, que se multiplicaram, surgindo de todos os lados novos jornalistas da maneira nova. Os da antiga, sem demora, abriram as janelas dos escriptorios e as do espirito aos ares espertos da epocha. Não sei se, antes, havia opinião publica em nossa terra, e tambem ignoro se, depois, na continua e tempestuosa agitação dos annos subsequentes, tudo é digno de louvor e applauso. As multidões allucinam-se, e só se alcança a verdadeira comprehensão do jornalismo como instrumento de educação popular, remontando aos distantes e placidos tempos da serena clarividencia grega. O jornalismo justifica todo o mal e todo o bem, que delle se imagine, exactamente como a celebre lingua, servida por Esopo á mesa de Xanto, seu senhor. Todavia, não se atrevam a contestar que o aspero e brilhantissimo combate pela redempção dos captivos tenha supprido da nossa historia, no esforço principiado em 1878, dez annos, sem exagero, de ignominia e de crueldade. E na radical transformação politica de 15 de Novembro de 1889? O 15 de Novembro seria uma data de envergonhar e deprimir, se na

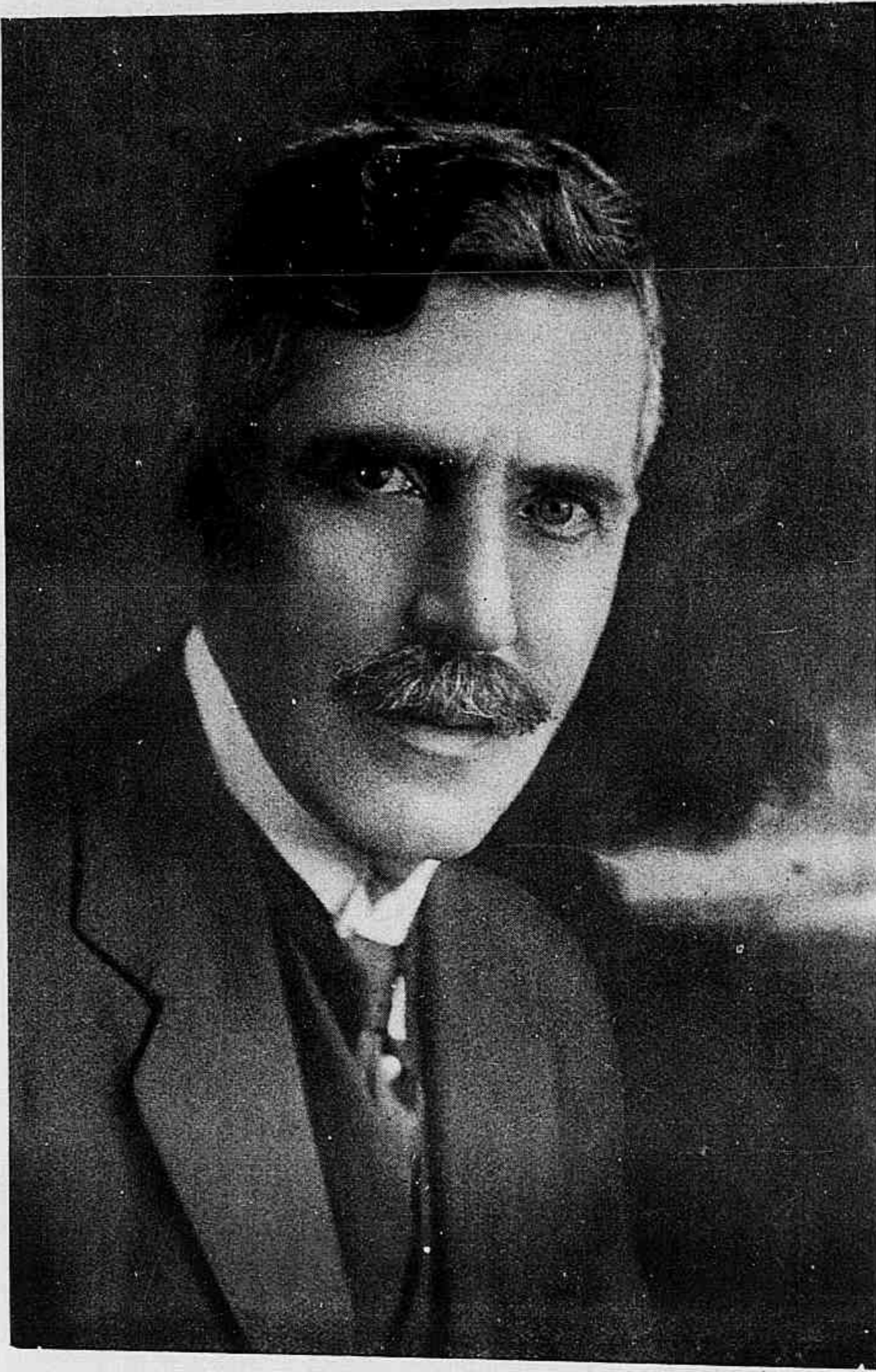
lamina da espada de Deodoro não flamejasse uma idéa que, á propaganda tenaz de uma minoria activa, se insinuara como sentimento nas sympathias, francas ou dissimuladas, de uma maioria descuidosa, presa por frouxos vinculos á instituição monarchica. Nas luctas da abolição e da propaganda republicana poude muito o verbo dos oradores.

Nabuco e Lopes Trovão são inolvidaveis. Não obstante, a penna dos jornalistas poude mais. Sem a incessante, apaixonada, terrivel campanha jornalística de Patrocínio, quanto tempo levaria a vehemente eloquencia do inspirado parlamentar pernambucano a derrear a sinistra casaria

das senzalas? O éco das arremetidas tribunicias de Trovão esbarrava amortecido nas paredes da praça publica. A imprensa jornalística levantava-o e, das suas azas formidaveis, sacudia-o, augmentado, para os quatro horizontes do territorio nacional. E' verdade que o throno bragantino desabou a um movimento de quartéis. Não se realizou, porém, uma só das decisivas reuniões secretas, que prepararam aquelle abalo destruidor, sem o intrepido e significativo comparecimento de Aristides Lobo, o rijo e impiedoso polemista do "Popular" de S. Paulo, de Quintino Bocayuva, o incorruptivel e lendario paladino no "Paiz", e do nosso glorioso morto de hontem, Ruy Barbosa, representante aureolado da vibração fertil que percorria o Imperio, á candente e atroante opposição do "Diario de Noticias".

Como vedes, não era difficil, então, o progredir na profissão em que se fermou o meu nome humilde. Abundavam os exemplos e os estimulos.

Heis de permittir, finalmente, que não vos fale



DR. JULIO DE MESQUITA, DIRECTOR DO "ESTADO DE SÃO PAULO"

de politica. Constringe-me o thema. Não o expellido pensamento, que isso seria uma triste especie de deserção. Simplesmente acontece que, ao pensar nelle, o que me acode é uma funda saudade da fé juvenil que, em 15 de Novembro de 1889, nos mostrou, no firmamento da patria adorada, uma estrella bailando: — o tremeluzir festivo em que Shakespeare, uma vez, symbolizou o destino risonho e florido de uma das mais translucidas e meigas creações da assombrosa fecundidade do seu genio. A estrella das esperanças dos moços de 15 de Novembro não se apagou, mas, de ha muito, se immobilizou, e está desmaiada. O que é

preciso é que o nosso patriotismo a reaccenda para os moços de hoje. Que elles a possam contemplar no fulgor vivaz de ha trinta e quatro annos. A Republica não tem culpa dos rudes máos tratos a que a sujeitaram a fatalidade dos acontecimentos, o erro e o crime dos homens. Nas veias do Brasil corre seiva latejante, e ninguém calcula os milagres que é licito esperar dos mysteriosos prodigios da sua defesa organica. Contando com elles, delles nos façamos merecedores, reagindo, em lance de salvadora energia, contra a influencia dissolvente, grosseiramente quantitativa, dos escuros dias que passam. Um raio de ideal! Um impulso para fóra dessas sombras asphyxiantes, que nos realente e extinga a ferocidade atacalhadora e esteril dos nossos odios pequeninos! Realize-se, na ordem e na liberdade, a união sagrada, como se estivessemos em vespuras de uma invasão. — Nem só dos revezes horrorosos de uma guerra sem victoria as patrias se despenham, das soberbas assomadas de nobres e justas aspirações, na derradeira humilhação."

Como disseminar o ensino primario no ...por... O Brasil ... O Rio...



AO dois paizes que se chocam no limite de invisiveis fronteiras, os sertões e a orla maritima do Brasil. Por mais caviloso que seja o paradoxo, é nessa diferenciação formidavel, que divide o Paiz em duas magestosas porções, que está assente a unidade brasileira. Romero, com a elegante perspectiva

do disseminador, já definira esse phenomeno, aproveitando as circumstancias para estabelecer as fronteiras dessas duas "fortes patrias", que constituem apenas uma unica patria.

Do conjuncto desses factos jorra uma suave poesia de aspectos. O homem passcia o olhar pela inquieta existencia das cidades que se vão formando e progredindo á orla do littoral; estende-o, depois, á palpitação dos logarejos que se perdem á ilharga dos planaltos centraes, e abrange o espectáculo de duas civilizações diferentes. O que existe de magnanimo, de generoso, para o doce encanto das retinas optimistas, é mais uma consequencia das circumstancias que se apoiaram sobre a intelligencia das cousas, do que, propriamente, o resultado capaz de uma politica realizadora. O empirismo, foi e continua a ser a formula dos governos que têm dirigido o Paiz. Ou porque a educação dos dirigentes se resinta daquela "perspectiva milagrosa" que ensina a ver a face e o intimo; ou porque a sua visão se restrinja ao officio quotidiano das leves soluções; ou ainda porque lhes falte, á maioria, o intellectualismo constructor, feito de idéas e de factos, a verdade é que os dois grandes problemas do littoral e do sertão permanecem esquecidos, quero dizer, continuam a esperar a mão organizadora que elabore o curso de uma disciplinada actividade.

A tradição creou o paralelo das duas grandes forças que constituem a enigmistica da sociedade futura. O sertão é uma força. O littoral é a outra força. Nem lhes faltam a elles as vozes mais bellas, as trompas por onde se escõa a palavra cantante e harmoniosa, o "pifano sibilante" onde se vê sonorizado o pensamento dos seus representantes genuinos. Duas civilizações diferentes, que fazem a unidade de uma futura e verdadeira civilização. Se desejarmos comprehender a verdade do asserto, basta evocar a obra contemporanea dos homens em cuja intelligencia mais se reflectiram os diferentes aspectos sociaes do Brasil, e que o sufrágio do pensamento critico dos nossos historiadores elegeu victoriosamente, para lhes coroar as aspirações.

Euclides e Nabuco são, por sem duvida, a "trompa sonora" e o "instrumento suave" em que se ouvem: no primeiro, o tropel daquelles capitulos de epopéa que o pudor de uma raça faz questão de occultar; no segundo, os sons da "aurora latina", vindos da harmonia gauleza de *Chantecler*.

Em qualquer dos dois ha um tudo extranho da Terra, e a energia do homem caldeado não é mais bella que a do autochtone destemido. Sertão e littoral se apresentam aos nossos olhos desafiando a poesia de uma solução feliz. E por que crearmos nós essa desencantada pedagogia dos scepticos, se ha um *amanhã* na nossa historia e o *hontem* despercebido pode ser modificado pelo *hoje* realizador? Por que estímular a velha doenca dos povos fatalistas, se ha um

principio dynamico bem capaz de uma actividade nova?

Se não assiste razão áquelles que julgam o Brasil pelo tamanho, talhando o figurino do seu optimismo no exemplo chinês, também não assiste aos que, desencantados por attitude, bradam aos quatro ventos a formula gasta do "J'accuse". Geographicamente está assegurado o nosso destino economico. Apenas os deuses que presidiram á festa das raças, dando-nos uma porção maravilhosa do planeta, semearam em nosso espirito ingenuas illusões. Nada obstante, um senso pratico e invulgar, uma energia de homens resolutos está elaborando, em alguns recantos do Paiz, uma epocha de constructiva fé.

A' voz de um joven poeta da minha geração, o Sr. Ribeiro Couto, a quem as musas fizeram de uma fina sensibilidade, vou pedir o lucido fragmento com que elle nos falla do paradoxo brasileiro e da excepção de S. Paulo, collocado á vanguarda federativa, e cujo destino economico mantem uma aureola de respeito até hoje não excedida por qualquer outra unidade. No ponto de vista dessa comprehensão bella e utilitaria, que redime todos os egoismos, S. Paulo é, com effeito, o Estado menos paradoxal, oppondo-se ao paradoxo maximo — o de Minas Geraes — onde os homens politicos já foram definidos como grammaticos eminentes, eximios latinistas e juristas classicos...

Ha mesmo no Brasil a vocação historica ou a denuncia de um "espirito paulista", feita dos milagres da vontade. "Desde os primeiros tempos, observa o poeta, a terra era pobre. Além disso a natureza não é das mais interessantes do Paiz; fóra do littoral, onde a Serra do Mar constroez na nevoa do ar os contornos admiraveis de suas muralhas e descobre, aos olhos de quem se aproxima, paisagens formosas, o resto da natureza paulista, quando se avança para o interior, é, em geral, monotono, pobre de relevo, igual, s. dição..."

O homem viu-se obrigado a fazer a terra, e como a encorajar a ficção de Buckle, imitou a parabolá do semeador: lavrou os campos e semeou. Depois sentiu a necessidade de nutrir-se e fez a colheita. Foi de esperanças realizadas que nasceram as cidades claras do interior, cortadas por vias ferreas. O problema da emigração completou alli a sábia politica dos factos. E a quem diga, protesta o articulista: — "Quem fez S. Paulo foi o italiano" — mas foi o paulista que mandou chamar o italiano, pois não seria com os negros dispersos pelo "beau geste" de 88, que a terra se cultivaria.

Com uma população de mais de trinta milhões de habitantes, não ha nas escolas primarias do Brasil senão um total de 1.180.842 creanças, segundo o testemunho do recenseamento de 1920. A proporção de analfabetos é assaz desanimadora para as nossas credencias de povo culto. Apenas 85 %, disse ironicamente um humorista. No proprio Estado de São Paulo, "leader" do novo movimento, laboratorio da nova cultura, ainda se não ministra o ensino a 50 % da população escolar.

O assumpto é, pois, delicadissimo, e está a exigir uma visão screna, que afaste para um lado a grita pessimista e para o outro lado a continuada controversia theorica, para encarrar o problema com largueza e acerto, sabendo-o complexo e latitudinario. Chamado a dirigir a pasta da Instrucção Publica de Portugal, que como nós, e muito mais erradamente, permanece no vicio das camadas incultas, desejava

o Sr. Julio Dantas em sua plataforma sincera e polida, conjugar a escola primaria com o ensino tecnico e profissional. E ao mesmo tempo em que se propunha a resolver o conflicto universitario, e reorganizar o ensino das bellas artes, o fino poeta sonhava a creação de bibliothecas escolares, modificando as leis reconhecidamente más, para fazer cumprir á risca as leis reconhecidamente boas. Nem lhe escapou á argucia um dos entraves capitaes que se agasalha na indisciplina, no desânimo, na ausencia de fé.

Padece o Brasil da mesma enfermidade que atormenta a nação-mater, com a desculpa que se não deve dar áquella. Herdando os attributos do genio lusitano, herdámos tambem aquella viciosa desidia, já definida como um phenomeno latino, pois no occidente europeu, a patria de onde sahiu a mais recente das grandes epopéas universaes, é tambem aquella que possui o maior numero de incultos, além de que os povos latinos, no confronto com os saxões, soffrem a formidavel derrota e a humilhação de serem tidos como amantes do erro.

Seja por circunstancias do tempo, como querem uns, seja pela influencia do catholicismo, que se apeçou á artificialidade universitaria, para fazer della o seu grande motivo. ao passo que os povos protestantes fizeram do ensino elementar a verdadeira base dos seus esforços liberaes, a verdade é que uma posição inferior nos obriga a redimir o equívoco da raça, abrindo um novo capitulo em nossa historia: a era da educação.

☆☆☆

No tocante ao ensino primario, disse um de nossos publicistas que a unica preocupação é diffundir escolas sem attender ás diferentes necessidades locais e ás aptidões infantis. Disse apenas uma verdade.

Nós temos, antes de tudo, de unir ao problema da educação o problema do saneamento, higienizando ao mesmo tempo o territorio e a alma. Depois, construir como Moysés, no "Decalogo", os capitulos da iniciativa geral, interessando no problema o governo da União, o dos Estados e o dos Municipios, a acção das diversas creanças que orientam a fé dos homens, a influencia exercida pelas associações particulares, pela magistratura, pela imprensa, pelas correntes immigratorias, pela industria, pelo commercio, por toda a actividade que nos rodeia.

Ao envez de manter, como mantem, um Conselho de Ensino utopico e inefficiente, que significa mais uma protecção que a Republica benevola dispensa aos ultimos abencerragens do regimen, transformando o orgão consultivo e energico da instrucção publica em um castello onde se agitam as sombras nobiliarchicas que ainda prestam fidelidade á memoria do extinto Imperador, deve a União Federal, para disseminar a cultura a que têm direito todos os cidadãos brasileiros: I) crear um Departamento ou uma Pasta de Instrucção Publica, destinada a superintender toda a educação do Paiz, e á qual estejam affectas as grandes soluções de character publico; II) abrir escolas ruraes e primarias nos Estados que, impossibilitados de o fazerem por circunstancias economicas, não tenham o numero reclamado pelas necessidades do ensino; III) fiscalizar as necessidades locais, para, de accordo com os governos das diferentes regiões, assegurar a educação que se fizer imprescindivel; IV) organizar a legalidade nos sertões, auxiliando a constituição da familia e da sociedade, isto é, integrando na expansão geographica da sociedade a expansão geographica do Estado; V) intensificar a campanha pelo desbravamento dos sertões, procurando concluir a grande obra iniciada pelos bandeirantes de todos os tempos.

A's diferentes unidades federativas cabe, antes do mais, proceder ao estudo do seu *habitat*, guiando-se pelo conceito de Lavater e Gall, segundo o qual o envoltorio cosmico comprehende, desde o solo patrio, zona climaterica, idade, sexo, estado civil, raça, alimentação, até o ponto occupado pela Terra e o systema planetario e depois: I) crear um corpo dirigente de ensino regional, composto de profissionais habilitados em obras de reconhecido merito; II) applicar uma parte maior de sua receita no aparelhamento efficaz do ensino; III) desenvolver os cursos normaes e abrir escolas domesticas onde o exijam as necessidades de ampliar os cursos infantis; IV) resolver o problema dos adultos que se conservam analphabetos, dando-lhes escolas primarias especiaes, e, bem assim, tratar da educação dos retardados e anormaes; V) crear bibliothecas de educação popular onde mais convenha aos interesses regionaes; VI) intensificar o ensino profissional e agricola nos campos e cidades; VII) reformar os methodos educativos, dando-lhes maior efficiencia pratica; VIII) estimular o magisterio com uma nobre justiça, que o integre na virtude de suas funcções, á fim de que a satisfação dos compromissos se faça reciprocamente.

Cumpra aos governos municipaes, de accordo com suas possibilidades, intensificar o amor á instrucção, fazendo com que se realizem conferencias de propaganda por todo o interior; II) organizar bibliothecas para o povo e um corpo de "professores ambulantes" que, á semelhança do instituido no Mexico, pelo eminente Don José de Vasconcellos, seja o conductor subtil das primeiras noções da escola; IV) auxiliar no que estiver ao seu alcance a propagação do ensino rural.

Estas devem ser, em synthese, as attribuições do poder publico, no encaminhamento do problema, não querendo isto dizer que sejam as unicas possíveis. Ha, com certeza, novos caminhos que levam a um resultado satisfactorio. A iniciativa particular deve, por seu lado, fazer-se sentir, não sómente na creação de ligas anti-analphabeticas, com as quaes se tem creado, até agora, uma litteratura de cartazes e uma polianthéa de facéis elogios, mas tambem no ajudar a aspiração unanime, creando escolas e formando patriotas, que melhor correspondam aos seus intuitos.

Ao simples idealismo da pedagogia latina deve unir-se agora o praticismo ordenado dos allemães e o utilitarismo dos inglezes e norte-americanos. Não é, nesse ponto, a França quem nos dá mais bellos exemplos.

Já Edmond Demolins, em obra assaz discutida e louvada, "A quel tien la supériorité des Anglo-Saxons", lamentava a deficiencia e o atrazo da puericultura que veiu do Latio, inimiga dos dominios agricolas e technicos e fascinada pelas attitudes doutoraes.

Dessa pura e fraternal associação de idéas e factos seria possível adquirir o fundamento que integrasse o Paiz na verdade da bella ordem, isto é, alargando dos municipios e sociedades para os campos cerealiferos e para os dominios ruraes e educação que a estes convenha. Tudo isso, porém, não está sómente em nossas mãos nem está sómente em mãos do governo. Todos somos, no caso, uma porção maior ou menor de argilla generosa, somos, portanto, uma força constructiva. Integremo-nos nessa luminosa realidade com que as patrias jovens realizam a poesia das conquistas.

Que nos valha, para tal conseguir, aprender o rythmo com que Froebel fez nascer a alegria da intelligencia, desde as "Conversas Maternaes" até aquelle claro processo educativo com o qual, nos *Kindergaaten*, as creanças aprendiam o entusiasmo da vida.

ILUSTRACAO
BRASILEIRA



A MARGURA

DESENHO DE
CORREIA DIAS



visita por nós feita aos *ateliers* dos irmãos Bernardelli trouxe-nos á memoria a impressão externada por Gonzaga Duque em 1887, a respeito de uma visita por elle feita ao *atelier* de João Zeferino da Costa, installado no côro

da Egreja da Candeária, n'aquella epocha em construcção. O motivo causador foi a ruga profunda que sulca a larga fronte do esculptor, característica já no tempo da sua mocidade. "Estava defronte — disse Gonzaga Duque — de um moço franzino, baixo, olhos de passarinho, testa ampla sulcada por uma ruga profunda que, sem depender dos annos, lhe dava á physionomia uma nota altamente original, e barba castanha emmoldurando o rosto, aparada em pontas, sob o mento."

Contam os contemporaneos do velho mestre que o saudoso D. Pedro II, todas as vezes que se referia ao esculptor, não pronunciava o seu nome e sim o qualificativo "Testa rachada", precisamente por causa d'aquella ruga prematura.

Ha muito tempo que nos seduzia a idéa de ir ao *atelier* dos mestres, apanhalos em flagrante actividade.

Em uma garoenta manhã de Junho puzemos em pratica o desejo. Ha seguramente seis annos não transpunhamos o limiar da grande offi-

um chapeusinho branco, á marinheira, pequenino, no alto da cabeça. Vinha do laboratorio photographico onde "copiava" uma chapa "muito dura", reproduzindo a ultima estatua executada por seu irmão: estava arreliado; vinha resmungando por não conseguir uma prova satisfactoria: "Diabo! não consigo uma copia valorizada..." Cumprimentamo-nos. Trocamos algumas palavras de cortesia amistososa.

Immediatamente subimos ao seu *atelier*. A luz fugia. O tempo tornava-se borrascoso e o oceano arremessava ondas na immensidade da praia; o arruido da agua a entranhar-se na areia chegava até nós como um zurzido de machina extranha... — "O mar está bello hoje, está rico de côr", disse-nos o pintor encaminhando-se para o terraço fronteiro á espaçosa janella do *atelier*. Realmente o ambiente estava de incomparavel magnificencia. Em graciosas curvas, a praia perdia-se, n'uma successão de planos, verdadeiramente pictorica. O encanto do scenario era convidativo, fixámo-lo na primeira placa e o resultado não desmentiu a impressão causada; anima o quadro a figura do pintor, sympathica e expressiva

Vejamos o interior do *atelier* do artista.

Bem ao fundo do vasto salão, em um cavallete, está uma tela soberba representando uma scena paulista; em plano de destaque um bandeirante, masculino, bem posto na attitude, revela mais



ATELIER

cina; d'ahi a poderosa impressão de novidade recebida. Acolheu-nos Rodolpho Bernardelli com a alegria e jovialidade do outro tempo. Dissemos ao que iamós.

Com a maior bonhomia poz todos os recantos do *atelier* ao nosso inteiro dispor. Enquanto conversávamos, iamós preparando o aparelho photographico, inseparavel companheiro em semelhantes occasiões. Avisado da nossa presença e dos fins a que iamós, mestre Henrique não se fez esperar; appareceu-nos bisarramente vestido: todo de branco com um avental de zuarte dos usados por operarios, tendo a "escondida" a grande calva



BERNARDELLI

do que nunca a pujança do pincel do artista, o rigor absoluto do seu desenho impecavel e a sábia noção das leis da composição.

Mais além, em outros cavalletes, outras telas prenes dos mesmos predicados, estudos denunciadores de uma pesquisa insaciavel. Não ha luxo em todo o grande conjuncto, tudo é simples, é medido e posto nas devidas necessidades requeridas pelo conforto indispensavel á creação da verdadeira obra de arte: em tudo se percebe a officina, a retorta em que o pintor mistura as côres, o desenho e o talento, para conseguir os primores a que todos nós estamos habituados.





Pelas paredes, enfileirados, estão pequenos quadros, documentos, *croquis* e outros rasciscos, auxiliares da criação; esbocetos que trazem saudades ao pintor, da mocidade que já

vae longe... Em todos os detalhes do *atelier* do mestre ha uma preocupação honesta da verdade, de conseguir resultados sem enganar. A infinidade de estudos, espalhados por toda a parte, assim o garantem.

Henrique Bernardelli, antes de dar um traço na tela definitiva, busca, rebusca, desenha, mancha, procura resolver o motivo minuciosamente; encontrada a linha de composição, executa em pequeno, linha por linha, mancha por mancha, o que deve ser o quadro em grande. Tal proceder deveria ser o de todos os artistas; infelizmente, porém, isso não acontece; muitos existem que atacam imediatamente o grande sem saber o que vão fazer, e o resultado de semelhante indisciplina torna-se flagrante em tudo quanto produzem.

Com a maior alegria constatámos a marcha triumphal do pintor. Na sua obra actual elle continúa firme, sem hesitações, e, por que não dizel-o? sem decadencia. Continúa a ser o pintor soberbo dos *Bandeirantes*, o decorador magnifico da cupula do velho Instituto de Musica,

zer da contemplação de uma verdadeira Babel de desenhos que o mestre fazia passar deante dos nossos olhos. Descemos novamente á officina de Rodolpho Bernardelli. O grande estatuário estava, no momento de entrarmos, rodeado de um magnifico grupo de moçoilas suas discipulas. Ouviam todos, com religião, um joven muito alto, de aspecto desengonçado como um adolescente de crescimento prematuro; com o mento enterrado na caixa do violino, o joven arrancava catadupas de sons, maravilhosos de harmonia. Haviamos ficado no limiar da officina, esperando a terminação do trecho; enquanto isso acontecia, observavamos attentamente a expressão de Rodolpho Bernardelli, vimos quanto de verdadeiro era o retrato feito por Gonzaga Duque ha 36 annos; o mestre tinha a mesma expressão e os mesmos olhos de passarinho e a ruga profunda a cortar-lhe a larga frente!

O violinista terminara. Entrámos. Vi-mol-o de frente; o seu rosto inspirava sympathia, mesmo com a grande mancha avermelhada do grande callo que tem no maxillar esquerdo, provocada pelo estudo demasiado do instrumento.

Italo Covi é o seu nome. Veiu de Florença para o Rio de Janeiro em companhia do seu violino, sem reclamos; bateu á porta do *atelier* dos artistas e ella se abriu para recebello como um bemvindo.

Quasi diariamente vae áquelle ambiente tocar o seu instrumento, sempre deante do mesmo publico: os mestres e o grupo de moçoilas suas discipulas. Elle sabe quanto o seu talento é admirado pelo grupo selecto e que os applausos sempre recebidos são sinceros.

A officina de Rodolpho Bernardelli tem um aspecto de verdadeiro museu. Os trabalhos enfileiram-se até grande altura, pelas paredes. Divide-se em sala de entrada, sala de espera, escriptorio e gabinete de leitura, compartimento das *maquettes*, laboratorio photographico e deposito do barro; ao centro do conjuncto, ergue-se o vasto salão onde o artista trabalha.

criminosamente destruida pela ignorancia e incompetencia administrativas.

Nas telas contemporaneas percebe-se a mesma emoção, o mesmo entusiasmo vivente na *Tarantella*, o mesmissimo desenho correcto dos retratos de Arthur Napoleão e Machado de Assis.

A obra de Henrique Bernardelli é vasta, excede a expectativa e os calculos mais optimistas; só quem viu o formidavel numero de desenhos por elle executados, como nós vimos, é que com segurança avaliará a sua bagagem artistica e quanto ella é honesta, de uma honestidade sem par; e, deante della, sem escrupulos, o artista póde dizer como Filippo Carcano:

— IL VERO, IL VERO... MA L'ANIMA MIA, ANCH'ESSA É VERA! —

Magnificos accordes de violino chegavam até onde estavamos, vindo arrancar-nos do pra-

ALGUNS

DESENHOS

DE

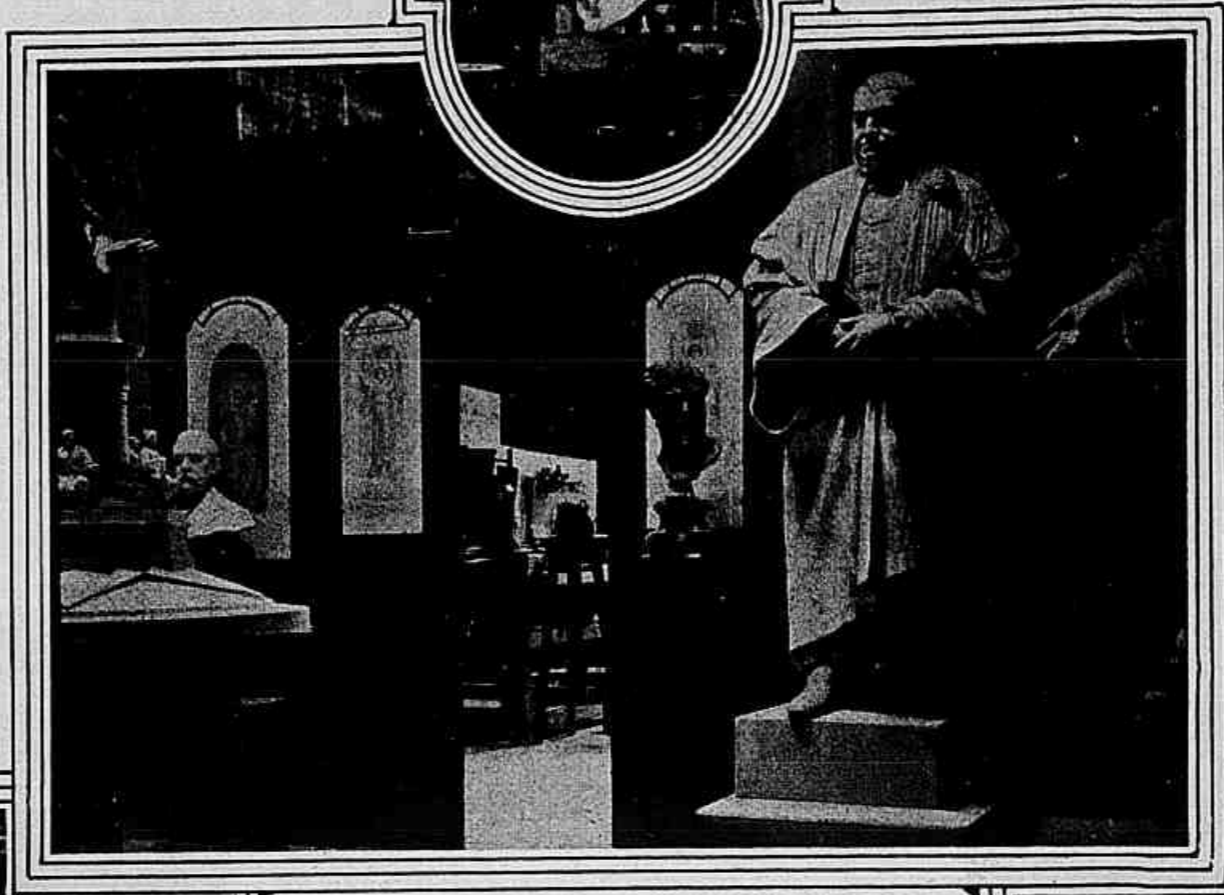
HENRIQUE

BERNARDELLI



Na sala de espera estão innumerados dos modelos executados em varias epochas: as figuras magostas de Carlos Gomes e Rio Branco destacam-se do ambiente, magnificas de technica; Teixeira de Freitas com a grande toga a esconder a gordura exaggerada do ventre, inspira sympathia; a "Faceira", figura de india, lubrica e maravilhosa de plastica, quebra a austeridade do conjuncto e illumina tudo com o seu sorriso...

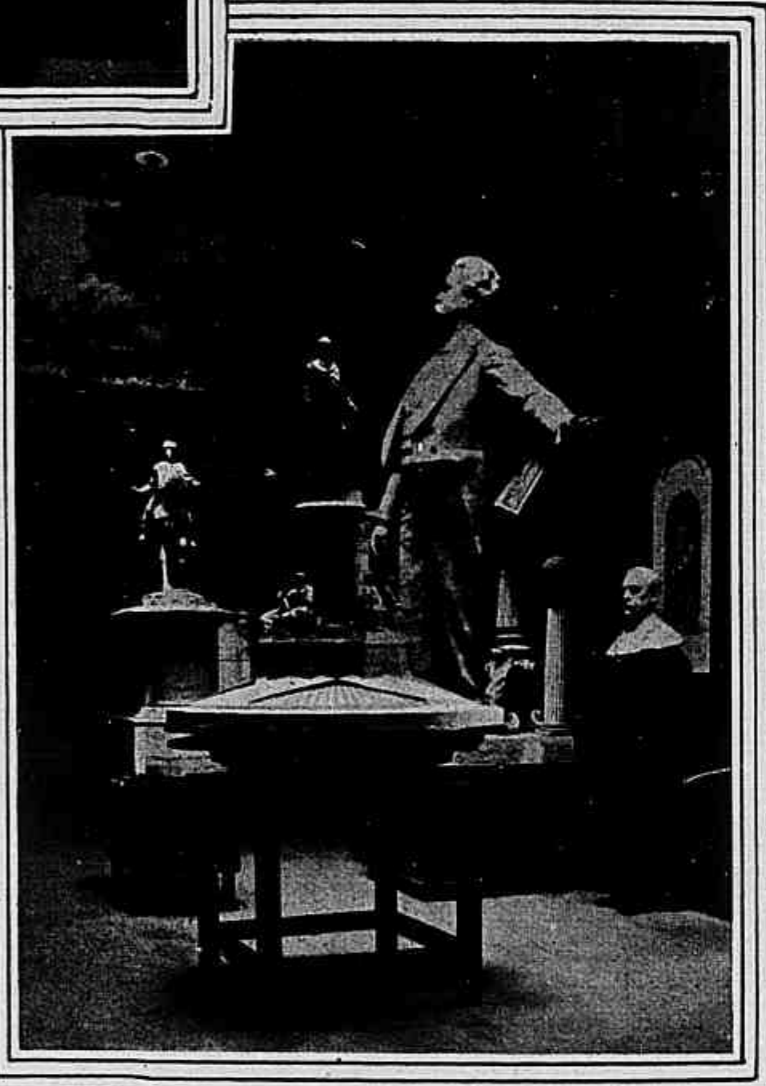
Ao centro da sala estão as *maquettes* dos monumentos a Benjamin Constant e general Osorio; bustos, fragmentos architectonicos completam o ambiente. Bem ao alto está uma grande tela de Henrique Bernardelli: é uma marinha. O oceano roja-se furioso na praia; as ondas de cristas espumarentas em grandes curvas tentam alcançar as nuvens revolucionadas pela ventania... Bem na linha do horisonte, aproando á terra, vê-se uma caravella de pannos enfumados, onde a cruz de Christo



ASPECTOS DO "ATELIER" RODOLPHO BERNARDELLI. O ESCULTOR JUNTO DO SEU ULTIMO TRABALHO

apparece vagamente. É a vedetta da frota de Cabral. O mesmo criterio de gosto artistico pauta a ornamentação dos demais compartimentos, principalmente o gabinete de leitura, refugio espiritual dos dois mestres irmãos em tudo. N'esse

está toda a verdade e toda a arte existente dentro dos *ateliers* Bernardelli, templo em que pontificam os mestres de muitas gerações, respectivamente auctores do Christo, "aquelle louro rabbino de Nazareth, aquelle pallido Jesus tão humil-



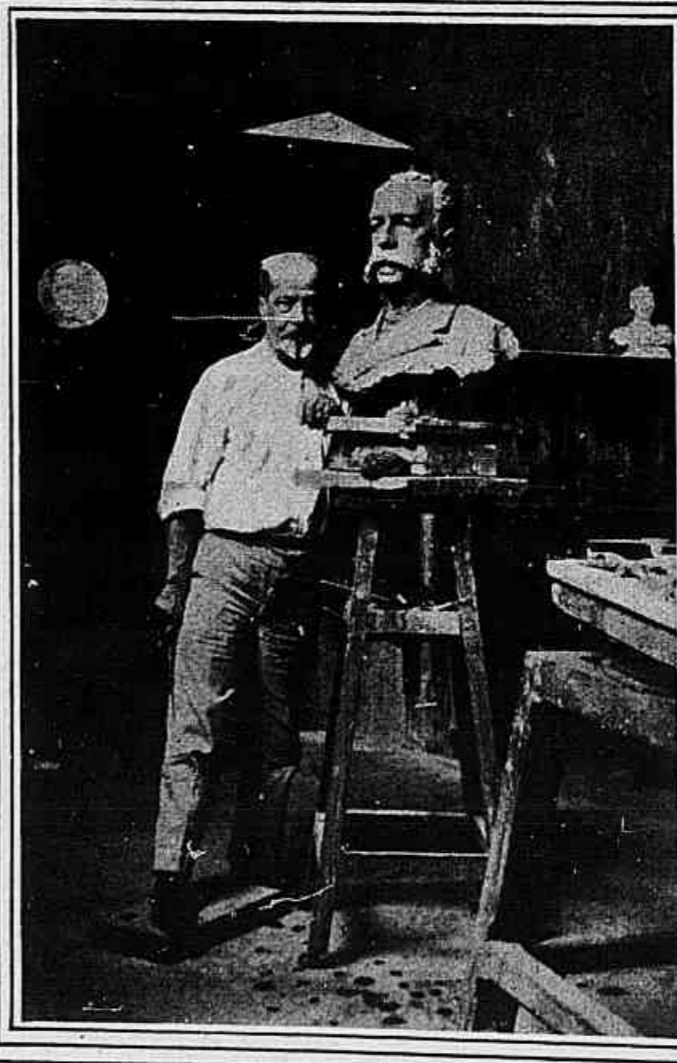
ambiente, onde existem tapeçarias, estão pequenas telas de antigos companheiros do velho mundo, recordações da primavera da vida e testemunhos de gratidão; estão os livros dos classicos, os philosophos amigos e os exemplos dos mestres do passado.

No seu *atelier* estão os modelos do primoroso busto de Pereira Passos (Praia de Botafogo), Gonçalves Dias, Ferreira de Araujo, D. Pedro II, Princesa, conde de Figueiredo; estão os originaes de quasi toda a sua formidavel obra de estatuario.

Os irmãos Bernardelli descendem de uma familia de artistas, d'ahi a verdadeira vocação e o talento grandioso que possuem. Elles pertencem ao numero dos que foram marcados por Deus para realisarem e perpetuaram a belleza que rege o mundo. Sem receio de contradicta, podiam ter nos humbraes da officina as legendas creadas por Ojetti, como na antiga Grecia:

"La forma non é solo linea e volume; é carattere.

Ogni figura, d'un uomo o d'un albero, ha un suo carattere singolare che é la ra-



gione del suo essere. Non deve cioé assomigliare a nessun'altra. Perciò a intendere la forma non basta saper vedere, bisogna saper capire".

"Non far teorie per spiegare la tua pittura, ma fá pittura per spiegare le tue teorie".

L'abbozzo é niente: l'opera finita é tutto. In arte come nella vita non il sospiro d'amore importa, ma il neonato vivo e vitale".

"Tutto puoi imparare, tutto puoi imitare, con l'uso e l'intelligenza; non il colore. I tuoi colori sono nati con te, col tuo embrione, nel ventre di tua madre, como il colori dei tuoi occhi o dei tuoi capelli, imuntabile. D'ogni pittore che sia davocere pitore, existe una escala di colori che lo idenifica como l'impronta digitale. E' il suo modo di vedere: e di pensare in pitture".

E n'estas quatro legendas

de e cuidadoso com as ternas creancinhas que vinham ao seu regaço gosar de perto o aroma da sua voz e o luar dos seus olhos...", e da *Tarantella* bella expressão de alegria, de movimentos, onde "duas raparigas, uma loura, outra morena, se bamboleiam ao rhythmmo da famosa dança napolitana. A loura, plethorica de lascivia, recúa, meneando os quadris entumecidos, uma das mãos apoiadas ao collete de belbutina côr de pinhão, o braço direito no ar, tremelicando, triumphante, o pandeiro..."

Estas palavras foram escriptas pelo maior dos criticos de arte de nossa terra, e n'ellas se apprehende quanto são valerosos os dois mestres; sem o menor esforço, percebe-se que são verdadeiros creadores de belleza, d'aquella belleza encantadora de almas, apollegada por Praxiteles e Bistolfi e pintada pelo divino Raffaello e Filippo Carcano... Bemditas existencias.

Deus que vos acompanhe sempre pela obra creada e vivida, pelo praser dado a muitas gerações! — Agosto — 1923 — ADALBERTO MATTOS.



FOLHOSO

J. Carlos
1923

DESENHO DE
J. CARLOS

Senhoras e Senhorinhas de Raul de Azevedo

CACILDA ORTIGÃO



HOI ha dois, tres annos ta vez, no lindo Theatro Municipal, do Rio encantado. A grande sala de espectaculos estava numa das suas noites gloriosas. As mulheres — as extraordinarias cariocas, duma rara e requintada elegancia, duma formosura quasi sem rival, duma linha fidalga impressionante e duns olhos soberbos que extasiam — enfloravam a sala maravilhosa. Nas frisas, nos camarotes, nas cadeiras, pontilhavam suas lindas cabeças de cabellos fartos e ondeados, negros como o azeviche ou fulvos como os raios de Sol. Pairava no ar aquelle perfume delicado que enerva doce e suavemente... Era noite de Arte. Os homens — aquelles tresentos de Gedeão assinalados na chronica memoravel do conterraneo Coelho Netto, hoje o primeiro dos nossos estylistas, — apurados no traje e nas maneiras, binoculavam. Toda a sala era um sorriso.

Já o meu, o nosso querido e infortunado amigo João do Rio — esse bonissimo Paulo Barreto, excellente e magistral chronista, — vinha na sua palestra esfusante e na sua prosa de crystal, dizendo quem era Cacilda Ortigão. A todos nós que paravamos á tarde á porta larga d'O Paiz na farfalhante arteria carioca, quasi que exclusivamente para ouvir João do Rio e o genial Carlos Dias Fernandes, o maior dos *reporters* do Brasil que era, Paulo Barreto nos dizia da voz de velludo, da vocalisação assombrosa, da modulação excepcional da artista de além-mar... E foi assim, nessa atmosphera de respeito e sympathia, que pisou naquella noite memoravel a ribalta do Municipal, debaixo das gambiarras opacas, a Senhora distincta que o nosso grande João do Rio chamara — o rouxinol de Portugal. E quando Ella appareceu, simples e natural, na cabeça de romana fulgindo um diadema, homens, senhoras e senhorinhas sentiam que tinham deante de si uma verdadeira Artista. Pouco depois era o deslumbramento.

A voz de Cacilda!... Ella é um enlevo, toda uma Saudade embaladora, e ouvindo-a concentrado, o estrangeiro terá um pensamento para a Patria querida e distante... Como ella sabe fallar á Alma, ao Espirito e ao Coração!

Annos passaram, e agora Cacilda Ortigão surge no palco do magnifico Theatro Amazonas, sempre senhora soberana da sua Arte, sa-

bendo impressionar pela affectividade e apuramento de interpretação, seja numa pagina de Schumann ou Bellini, seja em Brahms e Liszt, ou Ravel e Rey Collaço, Francisco Braga e J. Neuparth, ou Donizetti e Delibes, Bizet e Chopin, Grieg e Alvarez, David e Proch.

E' por vezes um Sonho, — um desses deliciosos Sonhos que nós, torturados da Vida procurando dentro da Vida uma alegria sempre ficticia, nós comprazemos em ter para que a illusão — doce enganadora! — não nos abandone e não nos deixe a sós na estrada longa e aspera, e sinuosa que todos palmilhamos...

Deliciosa voz, — regato a correr manso, sempre macio, nos dando a idéa que ao alto ha arvores frondosas embalsamadas por flores que desabrocham pompeantes, e de galho em galho, saltitando, dezenas, centenas de passaros pequenos e delicados, duma plumagem colorida, todos elles dum trinado caricioso e suave...

Ella é o Rhythmo, — Ella é a Alma do Brasil e Portugal, irmanadas, casadas, abotoadas dentro da mesma ternura e das mesmas aspirações, certas dum Amanhã radioso e esplendente que será a victoria eterna e triumphal da Raça.

Balladas perturbantes, canções duma pureza de virgem, romanças cavalheirescas e lendarias, como Cacilda sabe dizel-as, interpretalas, cantal-as docemente naquelle seu gorgear de passurada festiva!

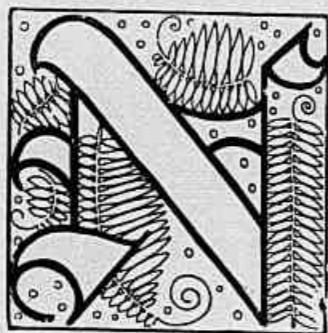
A gente que sente e que vibra ouve uma vez o bello Rouxinol, o glorioso Sabiá, e não pôde esquecel-o nunca mais!... Quando a ouvimos agora, deliciados, tivemos a impressão de que pouco antes, talvez semanas, dias talvez passados, escutaramos aquella voz, aquella vocalisação excepcional e certa modulação que é um suave milagre...

Ella nasceu Artista, e a sua Arte é espontanea e commovedora. Ella é, tem que ser entendida e adorada pelos que amam, pelos Casaes em flor, pelos Noivos apaixonados e carinhosos, por aquelles que estão distantes e se querem bem, ardente e affectivamente, pelos que têm pela sua Mãe de cabellos brancos o culto inexcedivel do Amor e do respeito, e por todos aquelles que ouvem o sonoro riso de crystal dos filhos enternecedores e das creanças joviaes, ou que num cemiterio proximo ou longinquo têm, a repousar para sempre, numa sepultura florida, certo pequenino que foi todo um Encanto e toda uma Vida...

Manaus, Junho, 1923.

A indiscreções literarias

por Isidoro Garcia Maciel



UM dos seus ultimos artigos da *Illustration Française*, estuda Paul Bourget, com a argucia e a clareza que lhe são habituaes, a interessante questão das indiscreções litterarias, e termina contestando a utilidade das mesmas, com tanto ardor defendida pelos auctores e editores de livros... indiscretos. Nega, o illustre critico e romancista, que dessa devassa que se costuma fazer, principalmente em França, na vida privada dos escriptores mortos, possa decorrer qualquer vantagem para o melhor conhecimento das personalidades litterarias. Na sua opinião, tudo o que um escriptor pôde e deve dar-nos está nas obras que publicou enquanto vivo, ou deixou preparadas para a publicação, apoz a sua morte.

Em these, não é possivel negar razão ao illustre auctor dos *Essais de psychologie contemporaine*. Ha mesmo em seu favor um argumento muito simples, e que não deixará de occorrer a quem quer que medite sobre este assumpto. E' um dos canones da boa educação o respeito á vida intima de qualquer pessoa conhecida, reservando-se os mais feios epithetos áquelles que se afastam dessa norma. Por que motivo, pois, ha de ser a existencia de um escriptor transformada numa especie de logradouro publico, onde todos têm o direito de penetrar e passear a seu bel prazer?

Além disso, na maioria dos casos, as indiscreções pouco adeantam ao conhecimento da psychologia dum escriptor. Que interesse pôde haver, por exemplo, em saber o nome da molestia que produziu, no rosto de Remy de Gourmont, aquella chaga de repellente aspecto que as photographias não dissimulam? Diminuirá isso, em alguma coisa, a incomparavel limpidez do seu estylo? Dar-nos-ha, por acaso, o segredo da sua inalteravel saude espiritual?

Mas, — e é aqui que deixamos de acompanhar a attitude intransigente de Bourget, — ha casos em que o conhecimento da vida intima de um escriptor é absolutamente indispensavel á comprehensão da sua obra, ou, pelo menos, de parte da sua obra. Não precisariamos citar senão uma prova: Verlaine. Para quem está informado de todas as circumstancias da sua vida desregrada e dolorosa, — a sua interminavel *via-crucis* pelos hospitaes, as longas noites de desenfreiada orgia, e os momentos de sincera contricção, em que, desfeito em pranto, ia lançar-se aos pés da Virgem, nas egrejas, — para quem conhece "*el alma lamentable de Lelian*", como diz Gómez Carrillo, a obra de Verlaine já não é apenas um tecido desconnexo de cantos lascivos e vehementes brados de mystica exaltação. Apparece o conjuncto dos seus livros como a confissão sincera, viva, commovedora, de uma grande alma entregue a todas as desordens da sensibilidade.

Entre os nossos escriptores, é bastante lembrar o exemplo de Machado de Assis. O conhecimento da sua existencia modesta e socegada faz comprehender melhor todos os seus livros, mas principalmente o *Memorial de Ayres*. Este livro encantador, especie de auto-biographia retocada com extremo bom gosto, aos olhos do leitor bem informado, não é apenas o diario desilludido de um velho diplomata solitario, e eleva-se, em certas paginas, á altura de um verdadeiro poema de amor, velado e discreto como tudo o que sahia da mesma penna privilegiada, mas nem por isso menos repassado de ardor e de sinceridade.

Provam estes exemplos, que poderíamos multiplicar á vontade, que a indiscreção litteraria não é sempre condemnavel, como quer o illustre auctor de *Le Disciple*. Haveria, no entanto, toda a conveniencia em se lhe imporem limites intransponiveis.

A alma do vento

por Osório Dutra.

De momento em momento,
O vento
Passa,
Batendo na vidraça.

Quem te mania correr corcel fogoso?
Qual é o cavalleiro que te affronta
Nesse galope magestoso?
Qual o jockey imperito que te monta,
Sem que possa conter as tuas redeas?

De onde vens? Onde vaes? Quantas tragedias
Armaste já,
Zingaro indomito e vadio?
Em summa, que ha
Nesse teu desafio,
No horror dos teus vesanicos projectos,
No severo rigor dos teus decretos?

Como te chamas? Hápi ou Tramontana?
Pampeiro ou Bóreas? Ábrego ou Sirocco?
De que sardanapalico Nirvana
Procedes, assim rouco?
De que archipelago oriental,
Provens, Pegaso olympico e infernal?

A tua voz afflicta,
Quem, de longe, responde?
Qual a ancia que te agita?
Quem na treva te esconde?

Surgiste, de que monte?
Brotaste, de que terra?
Correste, de que fonte?
Baixaste, de que serra?

Que idioma extranho é o teu?
Que tango novo danças?
E' contra o Sol que avanças,
Decencadeado Prometheu?

Quem te estronda, cabeça de Medusa?
Judas, quai o Messias que te accusa?
Na tua desvairada
Gargalhada,
Qual o monstro raivoso que se occulta?
Orestes, qual a Electra que te indulta?

Vens de chaos ou da Luz?
De um sonho ou de um desejo?
E's asa de que adejo?
És cinza de que obuz?

Qual a Antígona, Edipo sem destino,
Que te protege o passo?
Quem te move no espaço,
Por entre as nuvens, sob o sol a pino?

E, á noite, qual a estrella que procuras?
Pelo infinito em fóra?
Por que nessa escalada te aventuras?
Que febre te devora?

Que surpresa preparas contra o Mundo,
Cometa vagabundo?
Que vens buscar, por esta tarde morta,
Forçando a minha porta?

Que vens contar? Que vens pedir? Que vens fazer?
De onde tiraste o teu poder?
A tua gloria, ancião?
A tua força, athleta?
Teu genio, Salomão?
O teu saber, propheta?

Como se escreve a tua historia?
Vens de que Torre de Babel?
Nessa infindavel trajectoria,
Que quer dizer o teu tropel?

És filho de que fera?
Espuma de que mar?
Borlido de que esphera?
Rastro de que avantar?

Que foste ver no polo?
Que me dizes do Sahara e de Erzerum?
Por que cavas o solo,
Varrendo a poeira dos caminhos
E perseguindo as aves nos seus ninhos,
Titanico Mistral, cyclopico Simum?

Que tufão te impulsiona
Nessa doida vertigem?
Em que remota zona
Se encontra a tua origem?

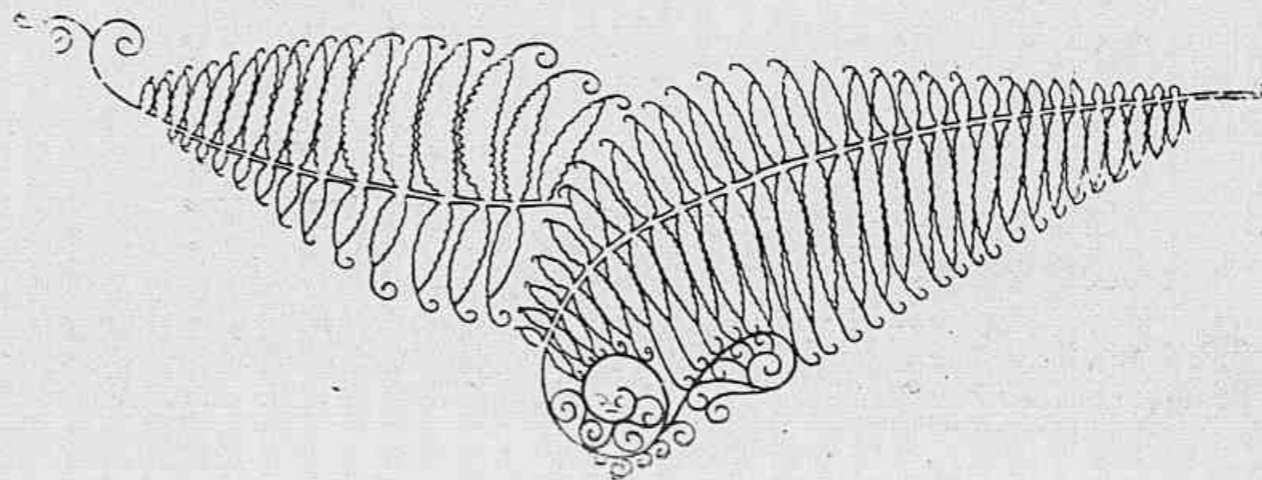
És a flecha de que arco?
Miragem de que exilio?
És vela de que barco?
Enlevo de que idyllio?

Fanal de que destino?
Echo de que regougo?
Badalo de que sino?
Anceio de que fogo?

Por que das arvores arrancas
As folhas verdes e amarellas,
E os lyrios tremulos espancas,
Formando tempestades e procellas?

Que odio fatal te guia,
Triste Judeu Errante?
Que vingança macabra te arrelia,
Neste Inferno de Dante?

Ruges como um trovão, desesperadamente,
De covil em covil, de vertente em vertente!
Em vão procuro, estes meus versos escrevendo,
Penetrar a razão do teu furor tremendo!





ASPECTO DE CAPRI

F. BOLOGNI
B. BERNARDINI

A Pintura na Bahia

por Acácio França.

Não somos artistas. — A raça. — Os Portuguezes. — Nacionalismo. — Artes na Bahia. — Theoria do meio. — Ugarte e Taine. — Historia da pintura na Bahia. — Um pesquisador. — Manuel Quirino. — Laudelino Freire e Gonzaga Duque. — Origens. — 1º periodo. — Eusebio de Mattos. — 1692 a 1795. — 2º periodo. — José Joaquim da Rocha e discipulos. — Theophilo de Jesus e Franco Velasco. — Preponderancia religiosa. — Decadencia. — Tentativas. — 1813, 1828 e 1841. — Sociedade das Bellas Artes. — Jonathas Abbot. — Projecto fracassado. — 3º periodo. — Lyceu de Artes e Officios. — Manuel Victorino. — Miguel Canisares. — Academia de Bellas Artes e suas phases. — Lopes Rodrigues. — A Propagadora das Bellas Artes. — Um amigo dos Artistas. — Presciliano Silva. — Alberto Valença. — Esperanças. — Concluindo. — Patrimonio de quatro seculos de pintura. — Realidade e Ideal. — 2 de Julho. — O altar dos artistas.



NÃO somos um povo de artistas. Ao contrario, um dos maiores defeitos nossos está justamente no descaso e desamor para com as artes. Isso não se passa exclusivamente na Bahia, mas em todo o Brasil, salvante o Rio e S. Paulo, graças a elementos estranhos e regeneradores do gosto, ali abundantes de longa data. Eis porque Matheus de Albuquerque (1) é levado a afirmar que "a arte para nós é ainda uma *advinhação*". Palavras de exaggerado pessimismo, mas, é indiscutivel, temos debilissimo o sentimento do bello.

Multiplas e varias as causas dessa anemia da esthetica nacional mais de uma vez estudadas por scientes. Os males vêm das origens. Os nossos primeiros colonisadores não foram, nem poderiam ser, gente de pro, mas de gre da dos, marinheiros, traficantes, rusticos immigrados para um meio que vinham desbravar. Depois, é o periodo de organização, quando começam de aportar a estas plagas homens de certa cultura para administrar os negocios publicos e da religião. Dahi por diante, até á nossa independencia politica, fez a Metropole tudo que em si cabia pela Colonia. E fez o melhor que pode, hoje ninguém contesta. Passaram os furores patrioticos que obscureciam o senso critico ao ponto de vermos nos Portuguezes apenas sugadores do nosso ouro, senhores de nossas pessoas, inimigos da nossa liberdade. Não. Estudemos, confrontando. Lancemos um olhar retrospectivo por sobre aquelles tempos, e a historia nos mostrará a Europa absolutista, autocrata, fanatica, onde avultam, de um lado Henrique VIII, Isabel, Felipe II, os Borgias, Luiz XIV, Catharina II, impondo aos povos seus arbitrios; de outra banda, a religião implantando a ferro e fogo seus dogmas e os caprichos de truculentos representantes — Torquemada, Dárbues,

Calvino. O altar e o throno qual a qual mais porfioso na conquista dos homens. Ora, a Portugal não lhe era possivel desviar-se do estado geral das cousas, que era, aliás, ao tempo, o mesmo da civilização occidental, e assim acompanhou o resto da Europa, recebendo com ella as idéas do seculo XVIII, que fizeram a Revolução. Comparando-se, entretanto, Portugal com outras nações criadoras do Novo Mundo, concluimos que no inventario dos beneficios concedidos ás colonias, como dos processos empregados para as manter sob dominio, não cabe aos nossos maiores a pecha dos mais avaros e crueis. Não tratam historiadores de facto no Brasil, qual o de certo vice-rei do Perú que, discursando aos alumnos dos collegios de Lima, dizia-lhes entre pedante e paternal: "Aprendei a ler, escrever e dizer vossas rezas, que é tudo quanto um americano deve saber" (2). Emquanto a Portugal, não mandava que apenas aprendessemos a ler orações, aproveitava os talentos, chamava-os, queria-os para si e delles ainda hoje se honra, como de Alexandre e Bartholomeu de Gusmão, Sousa Caldas, Basilio da Gama, José Bonifacio, Antonio Ferreira França (3) e outros. Não ha duvidas, fez pela Colonia o mais que lhe era possivel.



ACÁCIO FRANÇA
(Desenho de Presciliano)

Voltando ao nosso ponto de vista, não poderiam os Portuguezes herdar-nos pendor para as bellas artes, e isso pela simples razão de não serem raça de artistas. Em estudo ao pintor Almeida Junior, observa Monteiro Lobato (4) que a pintura jamais floriu em Portugal como em Hespanha, Italia ou Flandres e não será muito concluir que nenhuma das bellas artes teve ainda ali a sua idade de ouro. Portugal nessa materia dissente profundamente de sua irmã da Península. Florescem no esplendor do Renascimento Grão Vasco, Francisco de Hollanda e Nuno

(2) Ch. Seignobes — *Histoire de la Civilisation*, vol. II.

(3) Formado em tres cursos por Co'mbra, offereceu-lhe o governo uma cadeira na Universidade, cargo que não aceitou o notavel bahiano para vir servir a sua patria.

(4) *Idéas de Jeca Tatú*.

(1) *Sensações e Reflexões*.

Gonçalves, que não são, com verdade, da mesma estofa de Græco, Zurbarán, Murilo ou Velásquez. Portugal, modernamente, tem sido berço de pintores distintos — Silva Porto, Raphael Bordallo, Columbano, Sousa Pinto, Malhoa, Salgado, Antonio Carneiro, Carlos Reis, Roque Gameiro e outros, todavia não ha comparações com Hespanha, luzida colmeia de artistas de renome universal—Zuloaga, Sorolla, Palomero, Vasquez Diaz, Lopez Mesquita, Soto Mayor, Romero de Torres, Carbonero, Mongrell, Cubells, Anglada Camaraza, Rusiñol, Viladrich, Julio Moysés, Vila Prades, enfim, dezenas. Tal disparidade denuncia-se em tudo que é de esthetica, e assim consigna Fialho d'Almeida (5) no seu estylo de escorchador desabrido: "Tão paredes meias da Hespanha, cujas cidades e villas regorgitam de construcções graciosas ou solennes, do Renascimento ou do periodo philippino, por vezes carrancudas, certo, mas nunca ridiculas, plebeias ou banaes, a terra portugueza não conseguiu, visto as continuas discordias da guerra e a inveterada negação artistica dos filhos, transfiltrar da v'sinha irmã um pouco da elegancia e nobresa daquelles seus florentes periodos constructivos."

E' esta a causa mais importante de não ter o brasileiro, geralmente, vocação artistica. Além de que, nação muito nova, sem tradições proprias nem poesia do passado, distante do Velho Mundo, não poderá o Brasil, por muito tempo, attingir as alturas de meio propicio ás bellas artes. E' esta a condição dos demais paizes do continente americano, sem excepção de nenhum. Até agora, poucos os nossos artistas, de importação a nossa arte, apenas aspiração o nacionalismo neste assumpto, como em quasi todos. E' por isso que sem as maiores hesitações não poderíamos responder á inquieta pergunta de um critico illustre, Carlos Rubens (6): "Em que artista vibra mais o sentimento nacionalista, dando ás suas obras uma caracteristica brasileira?"

Não pôde ter arte, sua, povo que não tem um typo definido. E' o nacionalismo, certamente, preocupação muito justa, muito nobre, imprescindivel a nós americanos, ciosos de uma emancipação integral. Observa o sociologo argentino Manuel Ugarte (7) que "en la América latina se empieza ya a sentir la presión de una gran masa que espera el advenimiento de su fôrma autónoma, dispuesta a apoyar las manifestaciones conscientes del espíritu nacional". Bem observado. E' felizmente assim, a massa cresce dia a dia, porém ha de esperar por longo espaço chegue o advento dessa fôrma autoroma, que só o tempo dará numa demorada crystalisação de raças. O unico defeito do nacionalismo brasileiro é aquelle das creanças: querer apressar o tempo.

☆☆☆

Só por ignorancia da nossa historia e desconhecimento do que nos rodeia, poderíamos negar a presença da arte e de cultores della entre nós em epochas diversas. Isso parecerá paradoxo aos teimosos no proclamar a absoluta e unica preponderancia do meio como agente creador do talento, o que é quasi absurdo. Aos que sustentam, como Ugarte (8), não ser o talento phenomeno individual, mas exclusivamente social, contrapõem-se as theorias de Taine (9) com indiscutivel acerto. Não é o meio que gera os homens superiores, estes surgem como as sementes trazidas pelo ar: germinam, crescem, florescem, fructificam ou d'finham e morrem, segundo lhes é bom ou mau o terreno. De sorte que, rigorosamente, não produz vocações, influencia-as tão sómente. O meio no dizer do estheta philosopho é a temperatura moral, o estado geral dos costumes e dos espiritos, o contagio mental.

Capital politica nos tempos da Colonia, centro da sua intellectualidade, pôde a Bahia ufanar-se de ser o berço das bellas artes no Brasil. Contam as artes plasticas aqui um sem numero de obras, que attestam

(5) Estancias d'Arte e de Saudade.
(6) O Espirito Nacionalista na Pintura Brasileira — artigo da America Brasileira, num. 9 a 12 — Edição do Centenario.
(7) El Porvenir de la América Latina.
(8) Nuevas Tendencias Literarias.
(9) Philosophie de l'Art.

o merito de seus cultores durante cerca de trescentos e muitos annos. Ahi estão os templos e conventos da Capital e do interior do Estado. Para tratar de historia das artes na Bahia, outra fonte não temos que a obra de Manuel Quirino. Ao traçar estas ligeiras notas, fiquem aqui as minhas homenagens á memoria do illustre conterraneo. Nome que jamais esqueceremos. Individualidade que se ha de impor ao respeito dos posterios, como scube bem merecer a estima dos que o conheceram em pessoa. E' um dos a quem podemos chamar autodidactas, por isso que mais se educou e illustrou nos livros e com a observação propria que com professores em escolas. Humilde de origem, venceu todos os preconceitos e obstaculos, trilhando fito a estrada dos seus ideaes alcançados com victoria. Escolheu uma das mais nobres carreiras, porém das mais arduas e de dissabores entre nós — fez-se artista. Alumno do Lyceu de Artes e Officios e da Academia de Bellas Artes, obteve premios por exames acima do commum. Foi depois lente de desenho e disciplinas affins. Obedecendo a naturaes inclinações para a escripta, publicou obras, que o recomendarão aos vindouros curiosos do nosso passado artistico e dos costumes bahianos. Quem melhor que Manuel Quirino sabia da historia desse rico patrimonio de pinturas e esculpturas espalhado pelas nossas egr'jas? *Artistas Bahianos*, o melhor dos seus livros, cuja primeira edição foi feita no Rio, graças aos bons officios do eminente bahiano, amigo das boas obras, Dr. Miguel Calmon, em 1908, é um attestado esplendido de sua competencia na materia. *Bahia de Outra* revela-o conhecedor minucioso de factos interessantes do nosso viver antigo á Vieira Fazenda. Outros trabalhos de não menor utilidade hão de honrar-lhe o nome de incansavel realisador: *As Artes na Bahia, Colono Preto como Factor da Civilisação Brasileira* e varios outros. Juntem-se a tudo isso grandes qualidades de coração e de character, eis o que foi Manuel Quirino. Falleceu nesta cidade em Fevereiro do corrente anno.

E', pois, *Artistas Bahianos* o unico registo de arte que possuímos. Não é livro de estylista nem de critico, mas de subido valor historico.

☆☆☆

Applicando na Bahia as duas phases que Laudelino Freire (10) marca para a pintura no Brasil — precursora e organica, podemos antecipar outra, seguindo o methodo anterior de Gonzaga Duque (11). A primeira ind'cisa, de puras manifestações; a segunda mais definida, ass'gnalada pelo estabelecimento de artistas que constituiram nucleos, formaram discipulos; a terceira vem da criação do *Lyceu de Artes e Officios* e da *Academia*, hoje *Escola de Bellas Artes* até o dia presente.

Não são precisas as origens. Presume-se que entre 1568 a 1589 importaram os jesuitas um professor de desenho. Ignora-se o nome de tal professor, mas é de crer tenha vindo, não fosse o unico e tivesse successores, dada a providencia dos filhos de Loyola, que de nada descuravam em beneficio da educação e propaganda, de que é a arte um bom elemento. A prova disso é que o primeiro pintor brasileiro de que se tem noticia sah'u da Companhia de Jesus — Eusebio de Mattos, depois monge carmelita sob o nome de Frei Eusebio da Soledade, nascido na Bahia, em 1629, de onde nunca se afastou. Do seu talento multivario — mathematico, philosopho, prégador, poeta, musico e pintor, fallam os biographos com os maiores encomios, affirmando seu mestre, o Padre Vieira, que "Deus se apostara em o fazer em tudo grande, e não o fôra maior por não querer". Mais tarde, quando desgostos forçaram Eusebio a deixar a ordem, assim invectivava o celebre tribuno: "Pois fizeram muito mal os jesuitas, que tarde se crião para a companhia outros Mattos". Lê-se em Barbosa Machado (12): "Pintor engenhoso, do qual conservam, com estimação particular, muitos debuxos". Onde? Ninguem

(10) *Las Bellas Artes en el Brasil* — artigo de *La Nación* de Buenos Aires, numero de commemoração ao centenário da independencia do Brasil.
(11) *A Arte Brasileira*.
(12) *Bibliotheca Lusitana*.

o sabe. Não tem razão Manuel Quirino (13) dando Eusebio como discípulo de algum dos pintores flamengos trazidos por Nassau, Franz Post, provavelmente, uma vez que os holandeses na Bahia, tidos por inimigos sempre e, o que é peor, como herejes, poucos ou nenhuns tratos de amizade teriam com a população e, muito menos, com gente da Companhia de Jesus. Ao certo, apenas sabemos dos batavos, que nos deixaram fortificações, unico signal de sua permanencia aqui. Quanto à contribuição artistica, estamos com Laudelino Freire (14) "Prozado, embora, que muito trabalharam e foram os primeiros em reproduzir com o pincel varios aspectos da natureza brasileira, não exerceram nenhuma influencia nem contribuíram em nada para a formação da pintura." Tudo nos demonstra que Eusebio teve por mestres a Portuguezes e aprendera nos jesuitas, onde ingressara de pequeno.

Em novo engano elabora Manuel Quirino, suppondo serem do primeiro pintor brasileiro dezeseis quadros pintados a oleo sobre cobre, existentes na sacristia da cathedral. Chegamos a essa conclusão: 1º pela perfeição, impossivel no meio e num discípulo, cujos mestres não seriam dos mais perfeitos na terra de origem; 2º não terem os quadros nada da pintura portugueza; 3º possuírem ffrsantes características da escola veneziana. Pelo que, tudo denota serem de importação italiana, cousa muito frequente por aquelle tempo. Era essa a opinião de Lopes Rodrigues e a mesma tenho ouvido do illustre historiographo nacional Dr. Theodoro Sampaio. Conheço, entretanto, uma capella interna do convento do Carmo, cujo tecto, em excellent estado de conservação, creio fôra pintado por Frei Eusebio da Soledade. Representa a apothose do *Senhor dos Martyrios*. Christo, em cujo rosto se estampa uma piedade extrema, coroado de espinhos, em tunica azul, offrece, de joelhos, a cruz do supplicio ao Padre Eterno, que o recebe ás portas do ceu. O recinto, magestoso, ostenta galerias, columnas, arcadas e grandiosa ornamentação. Anjos testamunham a recepção por entre flores. Mais abaixo, bustos de Jesus nos diversos *Passos da Paixão*. Ha riqueza de colorido, embora a tudo envolva um tom azulado, que imprime no ambiente mysticismo sem preudicar a nota festiva. Admira nessa obra a clara comprehensão que o artista possuia da pintura decorativa, cousa difficil de encontrar entre os seus successores. Salvo pequenas incorrecções no desenho das figuras, é um trabalho magnifico. O jovem Frei Pedro Margallo, espirito culto e dado ás cousas de arte, dos mais distinctos dentre os distinctos monjes carmelitas, ora, na Bahia, tem, como eu, a convicção de que o alludido tecto fôra pintado por Frei Eusebio da Soledade. Estou, assim em boa companhia nessa presumpção.

Fôra de Frei Eusebio, não se sabe nominalmente de outros pintores bahianos ou que na Bahia vivesses, no seculo XVII e primeira metade do XVIII, mas o facto é que elles aqui floresceram, pois ali estão produções, sejam religiosas ou retratos de personagens, positivamente, daquellas epochas. E são essas as origens da pintura na Bahia e no Brasil.

☆☆☆

Começa, então, o segundo periodo, assignalado pelo estabelecimento de José Joaquim da Rocha na Bahia. Desto pintor, que se educara na Europa, variam as opiniões respeito ao ponto de nascimento, dando-lhe uns, por Berço, Minas ou Rio e Manuel Quirino a Bahia. Discordam, ainda, quanto á epocha da sua vinda querendo uns fosse em 1740, ao que contesta o auctor dos *Artistas Bahianos*, adduzindo com argumentos felizes que tal só poderia haver occorrido de 1775 em diante. O facto porém mais transcendente é ser mestre Rocha o primeiro de quem se sabem as obras e os discipulos, com positivos dados. Pintou em diversas egrejas, como seiam: S. Pedro V lho, hoje demolida, N. S. da Conceição da Praia, Ordem 3ª do Rosario, Ordem 3ª de S. Francisco e Matriz de Cachoeira. Em

seus trabalhos, nota-se o artista consciencioso se bem que incorrecto, por vezes, no desenho e de colorido um tanto monotono. Fez discipulos, que se distinguiram, e, como elle, pintores sacros: Verissimo de Sousa Freitas, Manuel José de Souza Coutinho, José Theophilo de Jesus, Antonio Joaquim Franco Velasco e outros menores. Desses, e a quem mais quer a mestre Rocha, era Theophilo de Jesus, tanto que o mandou para a Europa, concorrendo elle com as despesas. Isso demonstra o seu altruismo e amor das vocações. Theophilo de Jesus fez grandes progressos em Portugal e, de volta, mostrou-se infatigavel no trabalho, produzindo, consideravelmente, em varias egrejas, decorações, paineis em numero inestimavel, o que, felizmente, ainda pôde ver-se. Porém de mais genio que o precedente era Franco Velasco que ultrapassou o mestre e ao condiscipulo. Não fôra á Europa embeber-se na contemplação dos grandes mestres, mas, dotado de prodigiosas facultades inventivas, supprira victoriosamente essa falta. Dos seus trabalhos, basta um para o immortalisar, elevando-o ás alturas de muitos europeus — a decoração do tecto da Capella do Senhor do Bomfim, que não tem simil em nenhum dos nossos templos. O assumpto é quasi banal, mas foi tratado por quem conhecia esse segredo que só a arte possui — tirar grandezza da simplicidade. Uma familia de naufragos vem em romaria cumprir a promessa feita ao Thaumaturgo na hora da tormenta. Mas, em tão pouca cousa o mestre revela uma technica impecavel, superior espiritualidade, tanto na expressão dos romeiros como no ambiente em geral. Tudo feito com largas pinceladas á Velásquez. E' Franco Velasco o maior pintor desse periodo. Trabalhou muito e tinha gosto pelo ensino.

Tal como Joaquim da Rocha, fizcram os seus discipulos outros muitos discipulos, mas é sincero confessar que á maioria delles não poderemos chamar artistas na expressão cabal do termo. Mediocridades, uns, dotados de habilidade, alguns, vocações atrophiadas pelo meio, outros, quasi que não passavam de meros copistas de seus mestres ou uns dos outros, restrictos nos motivos religiosos ou fazedores de retratos, que, na maior quantia, não recommendam muito as caras de nossos avós. Ha, todavia, honrosas excepções — Bento Capinam (15), José Rodrigues Nunes, João Francisco Lopes Rodrigues, pae do notavel pintor Manuel Lopes Rodrigues, Tito Nicolau Capinam, José Antonio da Cunha Couto e poucos mais, de quem se podem ver obras apreciaveis.

Nota-se forte preponderancia religiosa em nossos artistas de cutrora, que pareciam cegos a tudo mais, estranhos de todo á arte puramente esthetica. Onde os paisagistas, marinhistas ou pintores de genero? Como ainda no seculo XIX estava a arte entre nós longe de alcançar a liberdade conquistada na Europa desde a Renascença! E não podia ser de outra forma, como argumenta Gonzaga Duque (16): "Partindo, pois, das primicias eras colonaes, não podia deixar de ser um producto da fé religiosa, transplantada do velho mundo e vicejando á sombra da rude intelligencia desse tempo. Para que ella tomasse um character elevado, como tomou a pintura religiosa na Italia, para que tivesse a importancia que teve na Hespanha, para que fosse original como foi a afamada escola dos pintores do seculo dezecis na Hollanda, fôra preciso que se tivesse manifestado em um estado organizado, tendo tradições, tendo historia, tendo outras influencias mesologicas". E prosegue o Ruskin brasileiro: "Deante, pois, desses barracões azachapados, desses mosteiros frios, acanhados, mudeis; d'ante dessas casas mal construidas, no meio dessa existencia sem horizonte, dessa vida sem aspirações como formam-se uma arte superior? Impossivel. A manifestação artistica deveria forçosamente participar dessa influencia, partindo do convento e amoldando-se a elle". Dos conventos

(15) Fez em 1830 um desenho, que representa a passagem do exercito libertador por baixo do arco triumphal, erigido pelas freiras da Soledade, em frente ao convento, no dia 2 de Julho de 1823. Esse desenho, que figura nesta revista, irá illustrar os seculos commemorativos do 1º centenar daquelle data.

(16) Loc. cit.

(13) *Artistas Bahianos*.

(14) Loc. cit.

partiu a nossa civilização. E' tão verdade isso que, enfraquecidas as instituições religiosas, fallida a sua interferencia na politica e, conseguintemente, na educação do povo, as artes cahiram numa languidez de morte. Faltou-nos o elemento religioso, unica fonte de estímulos, e que o succedeu? Nada. Não havia mais conventos nem egrejas que construir e pintar, mas não se levantavam palacios nem se promoviam exposições. Quem sustentaria os artistas num meio pauperrimo, desorganizado, de população de escravos e analfabetos, cujos dirigentes eram acima de tudo politicos ciosos da propria carreira e nada mais? E como poderiam estes curar de negocios, de que apenas tinham noticia se não ignoravam em absoluto? Nem nos pôde valer o estulto preconceito de ser a arte incompativel com o viver intenso caracteristico dos grandes centros, em meio á agitação do commercio e da industria, disparate manifesto, que a arte não é inconciliavel com o progresso. Mas seria ao menos uma desculpa. Que grande centro fomos ou somos nós? Ao revéz disso, o prejuizo deriva, não da febre de actividade, *molestia* que nunca nos tocou, mas, do inteiramente opposto, da apathia muito nossa. Apathia dissolvente e estagnadora, que amollenta todas as fibras, quebranta a vontade, afoga as aspirações, annulla as tentativas, faz abortar as mais promissoras empresas. RENOVAR-SE É VIVER, conceito muito antigo, e entre nós tanto custam as renovações, são tão lentas, morosas, *capucas* as reformas, tão á distancia nos arrastamos empós a evolução geral, que não é preciso ser pessimista para sentir vivemos uma vida muito mal vivida. E tudo tem sido assim. A Bahia chegou a ser mortalha das boas artes, não merecendo seus cultores respeito, quanto mais admiração para o commum da nossa gente.

Ha, entretanto, intermittencias de reacção. O terreno é rebelde, mas ensaiam cultivá-lo. Surgem tentativas a medo, fracassando aqui e renascendo ali, em phases diversas:

- 1813 — Cria-se uma aula publica de desenho, regida primeiro pelo portuguez Antonio da Silva Lopes, depois pelo illustre Franco Velasco.
- 1828 — Cadeira de desenho no Convento de São Francisco, inaugurado pelo mesmo mestre.
- 1841 — Paul Geslin, pintor de historia da Academia de Paris, annuncia leccionar desenho e pintura por processos facéis.
- 1845 — Curso de ciroplastia, como de desenho e pintura do natural, pelo professor Luiz Antonio Dias.

Não poderiam medrar esses elevados intentos, entregues tão sómente a iniciativas isoladas, fazia-se mister que os arimasse o espirito de agremiação. Um punhado de homens cultos, de ideias superiores, dando costas á rotina da maioria, esmagando preconceitos inferos, superando difficuldades de toda sorte, faz-se o arauto do movimento reformador. Aparece em 1856 a SOCIEDADE DAS BELLAS ARTES. São fundadores cidadãos que, ao tempo, eram o escol da intellectualidade bahiana — cientistas, litteratos, artistas, nomes que ainda perduram em nossa veneração — Cons. Dr. Jonathas Abbot, Dr. João Barbosa de Oliveira (pae de Ruy), Dr. Antonio José Alves, Dr. Francisco Muniz, Dr. Agrario de Menezes, Guilherme Baldoino, Embirussú Camacan, José Rodrigues Nunes e Paulo Bittencourt. Propunha-se a SOCIEDADE a desenvolver as artes entre nós e proteger os artistas, comprando-lhes as produções. O presidente, Cons. Jonathas Abbot, homem de gosto apurado, possuia boa collecção de pinturas, hoje espalhada por diversos estabelecimentos. Foi realmente um grande estímulo, mas os resultados praticos ainda longe estavam de manifestar-se.

☆☆☆

Os poderes publicos continuavam sempre estranhos ás necessidades estheticas do povo, a ponto de rejeitar, em 1864, a Assembléa Provincial, bem redigido projecto do Dr. Antonio Alvares da Silva, com grande numero de assignaturas, em que se au-

torisava a creação de uma escola de artes e officios. Mas as aspirações perduravam e havia amantes do bello, que agiam em prol dellas. Um acaso feliz favoreceu-nos: a passagem do Imperador por esta capital, em 1872. Em conversa, lembrou Pedro II, ao presidente da Provincia, Cons. Freitas Henriques, a idéa de uma escola para a educação dos artistas. Convidou, então, o presidente a João de Sousa Romão, pessoa de boas lettras, para traçar um projecto organisador do lembrado estabelecimento. E' o LYCEU DE ARTES E OFFICIOS, inaugurado em 20 de Outubro de 1872, que com a nomeação do professor castelhano Miguel Canisares para reger o curso de pintura em 1876, dá vida nova a esse ramo das bellas artes na Bahia. Ahi começaram as primeiras exposições. Teve o LYCEU a sua phase de ouro quando pela administração do Dr. Manuel Victorino de 1886 a 1890. Dizer desse bahiano seria ocioso, pois o conhece a patria, como um dos seus eminentissimos filhos, de talento multiplo, grande medico, cientista, professor, orador, litterato, jornalista, politico de largos horisontes. Foi esse homem extraordinario quem transformou a orientação do ensino naquella casa europeisando-o, enriquecendo a pinacotheca com quadros estrangeiros e brasileiros, reproduções e originaes, como o *Sacrificio de Joanna Angelica*, a martyr bahiana, e *Lealdade de Martin de Freitas*, ambos do celebrado Firmino Monteiro. Importou consideravel numero de gessos artisticos, de que se destaca a *Pietà* de Miguel Angelo. DO LYCEU DE ARTES E OFFICIOS sahiram profissionaes de merito.

Uma desavença de Canisares com a directoria, fel-o retirar-se do LYCEU em 1877. Mas o illustre professor tinha amigos e discipulos entusiastas, esses insistem pelos não abandonar, e é assim que se funda a ACADEMIA, hoje ESCOLA DE BELLAS ARTES, em Dezembro daquelle anno. São obreiros da nova instituição, além de Canisares, os Drs. Virgilio Damazio, José Alioni, professor Austricliano Coelho, os artistas João Francisco Lopes Rodrigues e seu filho Manuel. Conta Manuel Quirino (17) dos primeiros dias da ESCOLA, cujo mobiliario se compunha de caixas de pinho e lanternas de folha de Flandres: Não obstante essa penuria, trabalhavam os alumnos com animação, graças á competencia e boa vontade dos mestres. Melhora a situação, devido a favores dos Presidentes Barão Homem de Mello e Barão de S. Francisco, em cujos exercicios foram respectivamente concedidas uma subvenção de dois contos de réis e a casa, onde ainda funciona. Prosegue a actividade, o numero de matriculas cresce, fazem-se annualmente 600 a 800 desenhos. Foi um verdadeiro periodo de vida para as bellas artes na Bahia. Da Escola sahiram artistas que grangearam renome no paiz. Depois, com a retirada de Canisares para o Rio em 1881 começa a decadencia daquelle instituto em que se arrasta, quasi inactiva, até á directoria do Dr. Braz do Amaral e governo no Estado do Dr. Rodrigues Lima, em 1895. Augmenta-se a subvenção. Incumbe-se a Manuel Lopes Rodrigues de contractar em Paris o pintor Mauricio Grum, que, numa permanencia de quatro annos, plenamente preencheu o cargo. Outro bemfeitor da ESCOLA foi o Governador Cons. Luis Vianna, concedendo-lhe, além de um credito especial de trinta contos para o *Conservatorio de Musica*, mais outro de seis contos para gratificação ao encarregado de esculptura, J. G. Sentis, tambem contractado na Europa. Taes melhorias, com o esforço de professores nacionaes e os estrangeiros contractados, deram, como fructos, os trabalhos ali expostos e um bom numero de alumnos desse tempo, hoje nomes feitos.

Novos revezes. O Governador José Marcellino, a titulo de economia, supprime as subvenções do LYCEU e da ESCOLA, e de então para cá é de miséria o ensino organizado de desenho e pintura na Bahia, que prima por desorganizado, desintelligente, falho de amor e dedicação.

(Continúa no proximo numero)

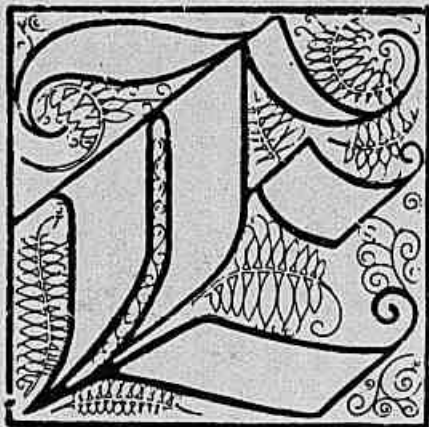


Richard Strauss.

O GRANDE COMPOSITOR E REGENTE DE
ORCHESTRA QUE ESTEVE, HA POUCO, NO
RIO. COM A PHILARMONICA DE VIENNA

Ella e Elle

por Vina Centi



ELLES eram, então, duas forças que se atrahiam, duas almas que se chamavam, dois espiritos feitos de phantasia, de illusões e de desejos. A mocidade aureolava-os com a sua grinalda de petalas de felicidade e a vida, que lhes sorria aos seus vinte e dois annos, era uma vida perfumosa, macia...

Encontraram-se em um salão burguez de um baile provinciano... Foi n'um recanto de Minas. Elle, que era mineiro, fôra passar com a familia aquêl'e mez, e

tambem tentar alguma coisa, da politiquice do logarejo. Ella fôra passar aquelle mesmo mez com uma irmã que morava alli. Um baile, offerecido a um chefe politico que passava por lá, reuniu-os no salão teo do cub mais importante do logar.

Ella não podia deixar de ir. O cunhado morava alli... dependia de politicos... Era preciso ir. Mandou buscar no Rio um dos seus vestidos, e foi ao baile.

Elle, deslumbrado, approximou-se d'ella... Foi-lhe apresentado... e um sorriso trocado, e dos olhares que se misturaram, e dois corações que se uniam...

Eram lindos, todos dois. Lindos de belleza, de elegancia, de vigor, de mocidade e de alegria. Foram dançar. Um grande abraço os enlaçou. As mãos se acariciavam em silencio... A musica embalava-os... Dir-se-hia a Marcha Nupcial transformada no rhythmo dolente do tango argentino... E a orchestra ondulava... e um violino se destacava em gemidos torturados... espargindo pelo salão um fremito sensual...

— A senhora está aqui ha muitos dias?

— Não, senhor. Cheguei ha quatro dias.

— Ha quatro dias que a senhora está aqui? Oh!

— ... E o senhor?

— Minha familia mora n'este logar. Eu sou d'aqui, tambem. Fiz o meu curso de direito, na Escola de Sciencias Juridicas e Sociaes do Rio de Janeiro, e agora vim passar algum tempo com os meus. Mas, como eu me aborreço muito, não saio de casa nunca, e fico com minha mãe todo o dia, recebo os amigos... Dou-me muito com o seu cunhado...

— Eu saio todos os dias a cavallo com o meu cunhado, pela manhã. E, a tarde, costumo passear a pé, á toa... sento no jardim...

A orchestra, silenciando, silenciando, parou... deixando, no ar, o perfume do ultimo accorde, que violento, fôra atirado em um impeto nervoso...

Laura — ella se chamava Laura — sentou-se perto da irmã e perguntou-lhe quem era o homem tão bonito com quem dançara. Não ouvira bem o nome, no momento da apresentação...

— E' o Dr. Flavio Mello Dias... filho de um dos nossos mais importantes chefes politicos, e muito afortunado. E' muito bom rapaz, o Flavio. Um pouco prosa... Pensa que é melhor do que os outros...

— E elle é mesmo melhor que todos os outros...

— Melhor?... Por que?!

— Mais bonito que todos, o unico elegante, o unico que se sabe ter em salão, o unico, enfim, em tudo.

— Elle é bonito, irnegavelmente; mas como valor, ha muitos outros que lhe são superiores.

— Ora... os outros são uns velhotes... Quando elle fôr mais velho, terá, tambem, esse valor que falias, e muito mais do que todos estes que estão aqui...

— Estás encantada! hein? Vê lá isso...

Envergonhada, Laura riu uma risada exquisita, metallizada por uma emoção nova...

Stella, a irmã de Laura, riu tambem...

Elle, porém... sorriu... elle a olhava... e com que carinho... com que amor...

Foi assim que começou a grande paixão de Flavio. Elle só teve alma, desde então, para Laura. O seu pensamento viveu de pensar n'ella. Elle a arrou, como só se ama uma vez na vida. E elle tinha vinte e dois annos...

Ella, porém, era casada... O marido não era mau. Dava-lhe con-

forto, tratava-a com carinho e era educado. Ella o amara muito... mas, quando soffrera a primeira traição, chorara tanto... Vencida pelas exigencias sociaes e pelos conselhos das pessoas de familia, perdoara com toda a alma. A segunda traição doeu-lhe mais... Fôra com uma hespanhola que dançava no Palace Theatre...

A terceira... Depois, ella se habituou. O que podia fazer?! O melhor, mesmo, era calar... A vida era assim mesmo, dizia-lhe a mãe... e o pae ralhava:

— Minha filha... A mulher criteriosa, que é intelligente e tem bom senso, não procura saber onde vae seu marido, depois que elle vira a esquina. Todo homem, na rua, é solteiro. O dever da mulher sensata e honesta é não esmerilhar a vida do marido fôra de casa. Você tem sua filha, viva para ella e seja boa esposa. E' o teu dever.

Um grande beijo... um beijo intenso... enorme...

Laura sentia, pela primeira vez, que não era só esposa, que não era só mãe, que não era só creatura...

Laura sentiu que era mulher...

Ella estava sentada no banco do jardim... um pouco longe da casa... Ella estava lendo Verlaine... Elle a viu... e pisando na grama silenciosa, approximou-se d'ella, e, prendendo a cabeça adorada entre as mãos tremuias, beijou-a na bocca, infinitamente... que horror!

E um dia...

— Laura... que será de mim, sem ti? Por que partes? Por que não és minha?...

— Meu marido... minha filha... minha familia... Flavio, meu amor... Como ha de ser?

— Laura, eu te amo, Laura, eu não supportarei a vida sem ti, sem a esperança de te possuir um dia, sem essa promessa muda, exquisita, que o teu olhar, o teu sorriso, a tua mão gelada, a tua perturbação promettem ao meu amor abrasado, á minha paixão... Laura, se minha... Não poderei viver um dia, sabendo-te de outro homem, com outro homem... Laura, meu amor... Sim?...

— Vem ao Rio... — e o olhar d'ella pensava além...

— Irei aonde quizeres... Não supportarei, porém, que te encontres com teu marido... quero-te para mim... Laura, ouve... Eu não quero ver-te com elle... Minha Laura... Sim? Se minha, só minha...

— E minha filha?

— Iremos para longe... Terás tua filha, terás o meu amor...

— E a minha familia, a sociedade, o que dirão de mim as amigas?... Que escandalo! Não... Flavio... Não... Se houvesse divorcio, seria facil... Meu marido é tão infiel... Mas, que fazer?

— O nosso amor, Laura, o nosso grande amor será mais completo, mais grandioso, mais imponente, coroado com os louros do sacrificio. Nós nos perenceremos mais, porque trocaremos, por nós, todas as conveniencias da lei.

— Não, Flavio... Não é possivel...

— E então, vamos nos separar para sempre?...

— Não... meu amor, não!

— Mas... se o queres, Laura... Não comprehendo...

— Flavio... Vem ao Rio... Arranjaremos... Sem escandalo... sem sacrificios... Como toda a gente...

— Laura...

— Sim...

Pobre Flavio! A lamina da vulgaridade lhe atravessava a alma... Elle não sabia o que aquillo era... Parecia-lhe um pedaço de gelo, o que elle sentia dentro do seu amor... Um torpor extranho... Sim... Elle comprehendeu... Para que sacrificios?... Sim... Ella tinha razão... Elle partiu para o Rio...

Hoje ella lhe diz:

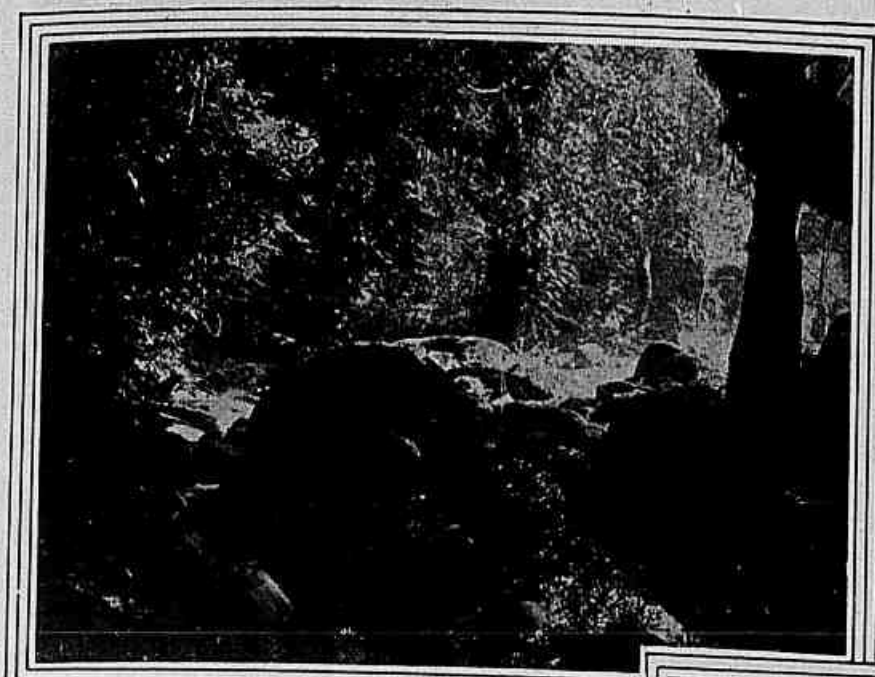
— Flavio, não me amas... por que?

E elle a arara tanto! Não... Elle amara um lindo vulto de mulher, em que elle pousara o sonho da sua illusão...

Flavio, hoje em dia, sorri, amargamente... E gosa a vida, como toda a gente... E ella pensa:

— Como são voluveis, os homens!

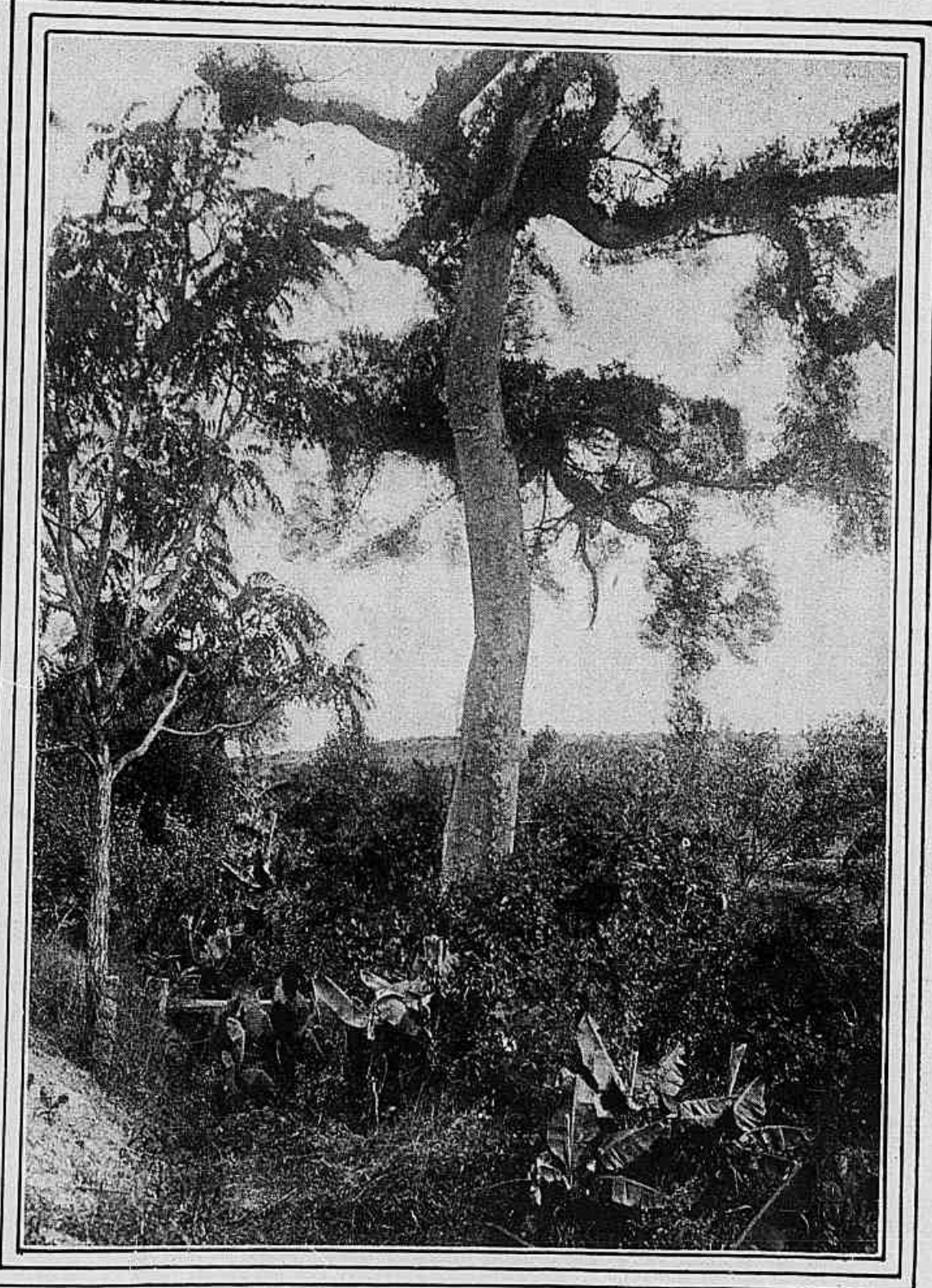
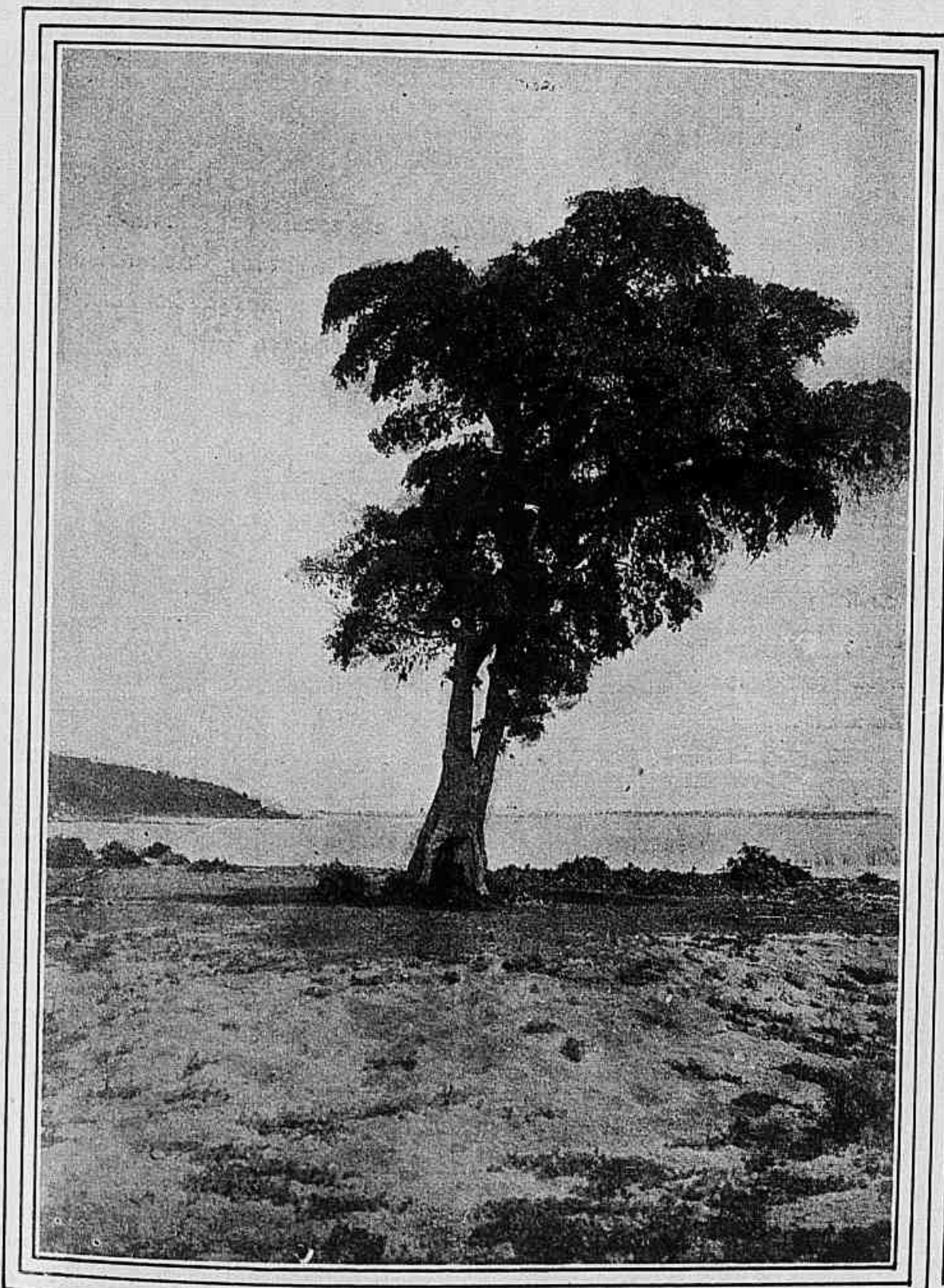
E ella soffre, mesmo...



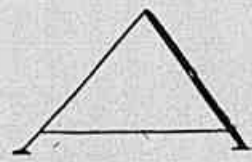
RIO DE JANEIRO
BAIRRO
DA
FABRICA DAS
CHITAS



VARIOS ASPE-
CTOS DO
RIO TRAPICHEI-
RO E DA FLO-
RESTA



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL--PORTO ALEGRE
À BEIRA DO RIO GUAHYBA—VELHA FIGUEIRA, NA TRISTESA



Lembrança do Paraíso

(Uma lenda do Talmud.)

por Cesario Prado.



PARTANDO-SE da sua real comitiva e tomando por um largo atalho de estrada, Alexandre tencionava entregar-se por certo tempo a uma absorvente meditação sobre o resultado das suas vastas conquistas.

Como foi diverso o emprego d'esses instantes de solidão, com o pensamento distraído pelos aspectos do sitio a que o levou o atalho, afastou-se cada vez mais do caminho que seguiam suas hostes.

Depois de estereis e incultos terrenos, seus olhos enfim descobriam a verdura de uma planície illuminada por um bello sol, como o sol das suas victórias. Muito ao longe, esmaecido, o azul de apraziveis montanhas. Na exuberancia da vegetação, na transparencia e suavidade do ar parecia que o paiz recebera do ceu o dom de uma eterna primavera. E que leve aroma de matta virgem, de plantas silvestres, que a aragem da manhã trazia em seu seio! A's vezes as franças das arvores ramalhavam derrubando a olente chuva de suas flores em bctão e outras vezes os galhos achaparravam-se vergados com a abundancia de fructos avelludados... Grinaldas de liana debruçavam do alto os calices rubros de orchideas em flor; de vez em quando enchia-se o ar de um turbilhão de cores e de sons: era um bando de aves que de um souto perto levantava o vôo com alacre tatarar de asas ruidosas e cambiantes na luz da manhã. A' frente de Alexandre surdiu um soberbo cervo de galhos arrojadados e com olhar de desafio ás flechas de Alexandre, se Alexandre trouxesse aljava... Depois zarrou em desabrida, aos galões ageis de selvatica alegria...

A custo se via uma ou outra rocha, tão coberta andava de hera e toda banhada de aguas cantantes e crystallinas. Já o sussurro d'agua indicava a Bucephalo a delicia de um ribeiro e o nobre animal alargava as narinas no goso de se desalterar.

De facto, alli andava um regato, mas depois de abrir grandes circulos n'agua com o focinho bufante, recusou sorvel-a. E foi Alexandre que, admirado, quiz provar d'aquella lympha, tão leve e tão fresca. Era de sabor a principio exquisito, mas de resaiho delicioso. E aquelle ribeiro que fugia debaixo da sombra, com seu esperto cardume de esmeralda, de topasio e rubis das escamas, de certo retel-o-hia alli por todo o seu encanto. Mas o dia ia alto e era preciso proseguir. E o filho de Philippe continuou a jornada feerica, ja d'ahi sentindo a alma como alliviada dos pesados e rubros cuidados das suas guerras sem fim. Com o esquecimento das façanhas, das victórias, das ambições e da gloria, parecia-lhe que uma dormente serenidade balsamisava seus prazeres humanos.

Agora um largo portão abria-lhe as folhas de par em par, como o convite de entrada para um lar amigo.

Com os olhos cheios de curiosidade, Alexandre desejou vagar tambem pela campina florida que se descortinava adeante e já chegava a meio do arco abobadado, quando sentiu a entrada como embargada por invisivel muralha contra a qual seu animal se estacava. E o grande homem de guerra teve que se apeiar deante do gesto do formal negativa de um lindo soldado que se pestou em sua frente.

Alexandre admirava attonito tanta feminina belleza de par com energia tão varonil, suppondo-se em presença de uma creatura do Olympo, quando o sobrehumano guarda com humana voz lhe respondeu:

— E' esta a casa do Senhor, aqui não és admittido.

Deu-lhe gana de rir, mas polidamente e com disfarçado orgulho, Alexandre replicou-lhe:

— Eu sou o Senhor, o senhor do mundo. Sou o maior vencedor.

— Aqui entram outros vencedores, redargu'u-lhe o archanjo — os que vencem as suas paixões.

Então Alexandre se convenceu que de facto se achava ás portas do Paraíso.

☆☆☆

Existia pois esse logar de delicias sobre o qual ouvira narrar pittorescas lendas na imaginosa Judéa.

Segundo interessantes versões, era a habitação dos justos e dos bons, e com que magoa Alexandre bem sentia em sua consciencia que muitas vezes lhe faltavam a serena justiça e a sincera bondade.

Consoante outras noticias, era tambem a mansão do repouso e Alexandre ainda almejava encher o mundo infinito e os seculos sem fim, com o seu excelso nome soprado pelas cem trombetas da fama. Não, o logar de certo não era para elle, nem pelo proprio merecimento — nem pelo proprio desejo.

Mas seria glorioso levar qualquer testemunho de que seus passos, sob os quaes a terra abaiava, sepultando cidades, tambem chegaram até alli.

Talvez até lhe fosse de prestigio uma lembrança do Paraíso perante os povos religiosos daquella Asia exotica nas suas tradições, nos seus costumes opulentos e nas suas crenças innumeradas, cheias de semelhanças no fundo como divergentes nos ritos.

Pedi e obteve a desejada lembrança.

— Eis aqui, leve-a, disse-lhe o archanjo formoso, que sem duvida a simples meditação sobre este objecto bastará para curar-te os attribulados cuidados da alma. Este simples resto te ensinará mais sabedoria do que todos os livros de philosophia da tua Grecia civilisadora.

☆☆☆

Agora na sua tenda, o grande rei se enfurecia examinando a lembrança do Paraíso. E os aulicos, astutos de agrados, concluíram com mostras de sabedoria que, certamente, se ella era mesquinha para qualquer d'elles, para o grande rei constituia affrontoso ridiculo. Ella era simplesmente um pedaço de osso, um pedaço qualquer de esqueleto humano.

Mas um velho, que nem era admittido no conselho e apenas guardava a tenda real com a fidelidade de um cão, julgou dever intervir.

Com o emperlar-lhe os olhos de lagrimas e enfraquecer-lhe e mirar-lhe o corpo, o tempo dobrando os annos, se fizera Venus abandonal-o era para enriquecel-o com os conselhos de Minerva. Julgando possuir a sabedoria da experiencia, procurou acalmar a irritação do amo, ponderando-lhe com magestosa serenidade:

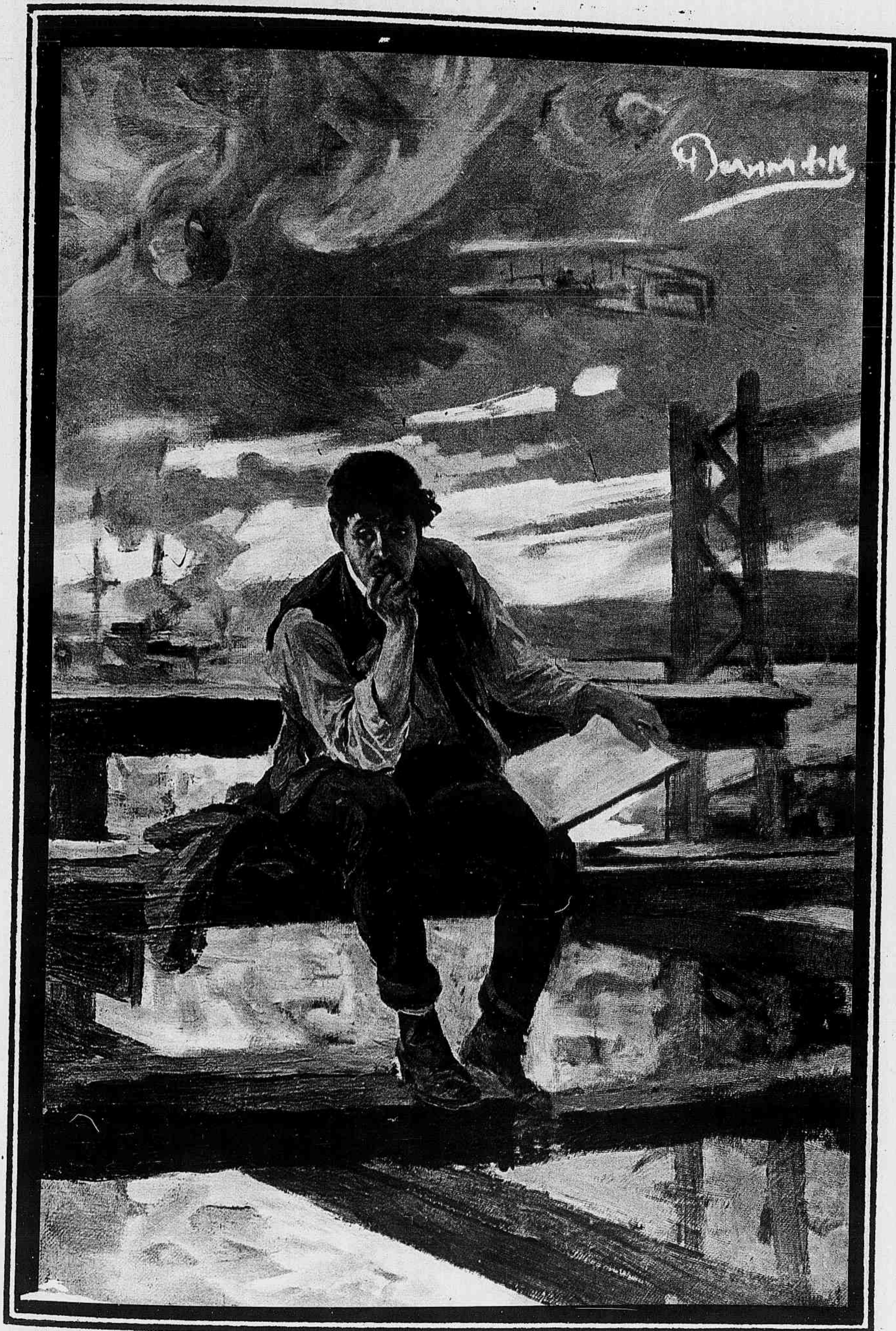
— Grande rei, não desdenhes o presente. Talvez seja elle mais valioso do que o ouro e do que a prata, o que podemos verificar comparando-lhes o peso.

Trazida então uma balança, foi inverosimil o que occorreu: o pequeno osso pesava mais do que quanta joia de ouro e prata se collocava n'outro prato, parecendo até que se fazia ainda mais pesado quanto mais ouro se punha de outro lado.

— E' possivel que não reconheças que pedaço de osso seja este? Vejamos, cubramol-o com um pouco de terra.

Maior admiração: com um pouco de terra em cima o osso tornou-se leve e o prato das joias desceu immediatamente, bruscamente, rompendo por pouco o fiel da balança.

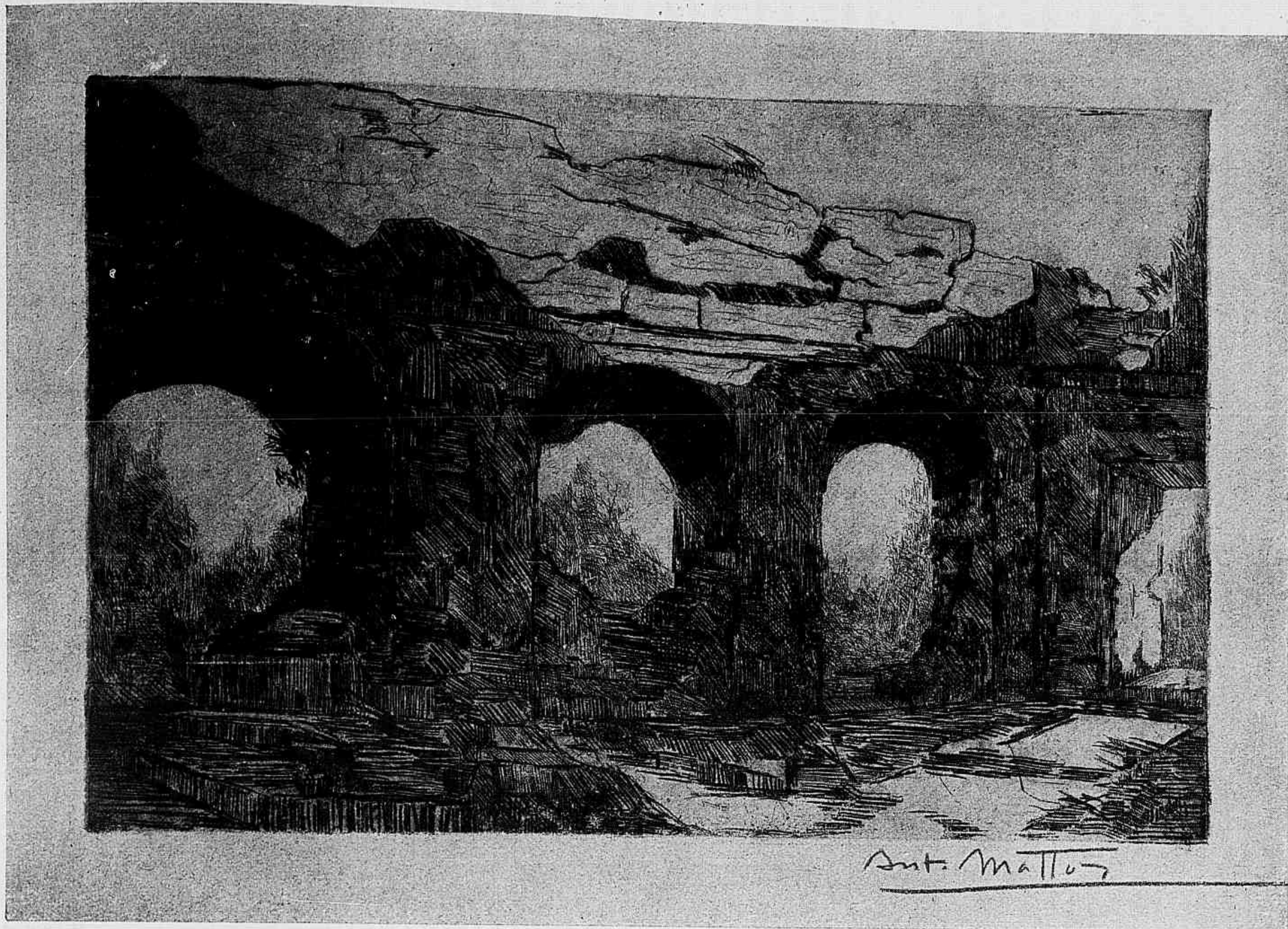
— Grande rei, esse osso é o da cavidade do olho humano. Limitadissimo no tamanho, o olho humano é illimitado na sua ambição. A riqueza não o satisfaz. Nada na verdade o satisfaz. Parece até que quanto mais vê mais deseja. Descendo ao tumulo um punhado de terra é que põe termo á insatisfeita cubiça. Creia-me, o Paraíso, a Felicidade é o repouso absoluto.



O ENGENHEIRO



HENRIQUE
BERNARDELLI



“RUINAS” — TRAPICHEIRO—AGUA-FORTE DE ANTONINO MATTOS

Memórias de um fraque preto.

por Luiz Palmeirim

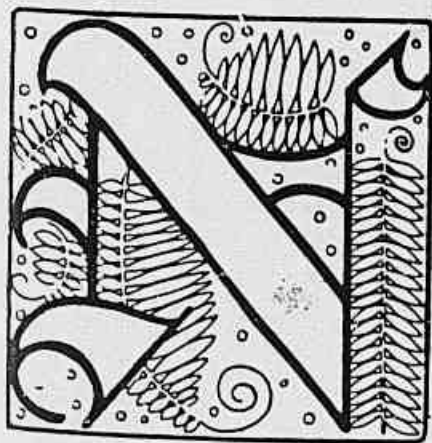
Meu caro Alvaro Moreyra.

Casualmente, encontrei n'um bonde um rolo de papel que apressadamente desembrulhei. Era um manuscrito. Título: “Memórias da minha vida”. Assinatura: “Fraque preto”. Tentei traduzir as frases de amargura e humorismo que ali ficam ao seu cuidado, para que as dê á publicidade, querendo satisfazer a vontade do auctor.

E' uma historia triste e humana, a historia d'esse “fraque preto”. Mando-lh'a convencido de que todos nós, os que andamos na lucta por este mundo, temos muito que aprender na miseria alheia. Li essas folhas com attenção. E garanto-lhe que senti essas tristezas, como se minhas fossem. Sim, porque, afinal, quem não tem sido “fraque preto” n'esta vida?

Desculpe a pobreza da offerta e disponha do seu amigo

LUIZ PALMEIRIM.



Nasci em Birmingham, na Inglaterra. Vim muito cedo para o Brasil, mas nunca perdi a nacionalidade; antes pelo contrario: a meu lado estavam collocados varios outros que nunca tinham feito outra viagem mais que a de São Christovão á rua do Ouvidor e eram tão inglezes quanto eu. Pelo visto, a nacionalidade alheia, pelo menos nas fazendas, é coisa facil de tomar. Muito me mexeram e me esfarelaram entre os dedos. Comi varios kilos de poeira e de quando em quando uma tesoura le-

vava-me um pedaço para amostra. Contra essas mutilações jámais protestei, pois que, como bom inglez, sou sisudo e commedido nos commentarios.

Namorava eu por esse tempo uma gravata amarella com riscas pretas. Era linda!... Um dia levaram-n'a juntamente com um paletot e

uma calça de flanela. E nunca mais a vi; nunca consegui tel-a de volta do meu pescoço, afagando-me, cahindo por meu peito abaixo. O meu primeiro amor, o meu unico amor...

Um dia tiraram-me de onde estava e levaram-me para dentro. Estenderam-me sobre uma mesa muito comprida. Encheram-me de traços feitos a giz. Olhei e na minha inconsciencia não comprehendi o fim d'aquelles riscos. Metteram-me a tesoura e cortaram-me. Tomei outra fórma, fórma de gente. Fizeram-me “fraque”. E estava bonito; gostei de me ver ao espelho, flammante, elegante, n'um corpo que eu não conhecia, mas cujas mãos me acariciavam. O alfaiate elogiava as minhas qualidades. E eu, todo satisfeito, todo lampeiro, dava alegremente com as abas sentindo-me pavão. Comecei a ter vaidade. E não era para menos: “Póde V. Ex. ficar descansado. Melhor do que este não encontra. A fazenda, a qualidade, côr fixa... é inglez e basta.” E mostrou a minha certidão de idade. “Nascido em Birmingham, Inglaterra... pelo “Almanzora... V. Ex. comprehende... E' garantido... E quanto a elegancia, o Sr. Dr. está vendo: é uma luva!” Impei de contentamento, confesso. E o homemzinho maneiroso e de palavra facil con-

tinuava: "E para um casamento é distincto... é chic... é o *up to date*". Ouvia fallar inglez! Eu, n'um casamento! E nunca mais pensei na gravata amarella de riscas pretas, a gravata burguesa que tinha ido fazer companhia ao *pa dot* e á misera calça de flanela.

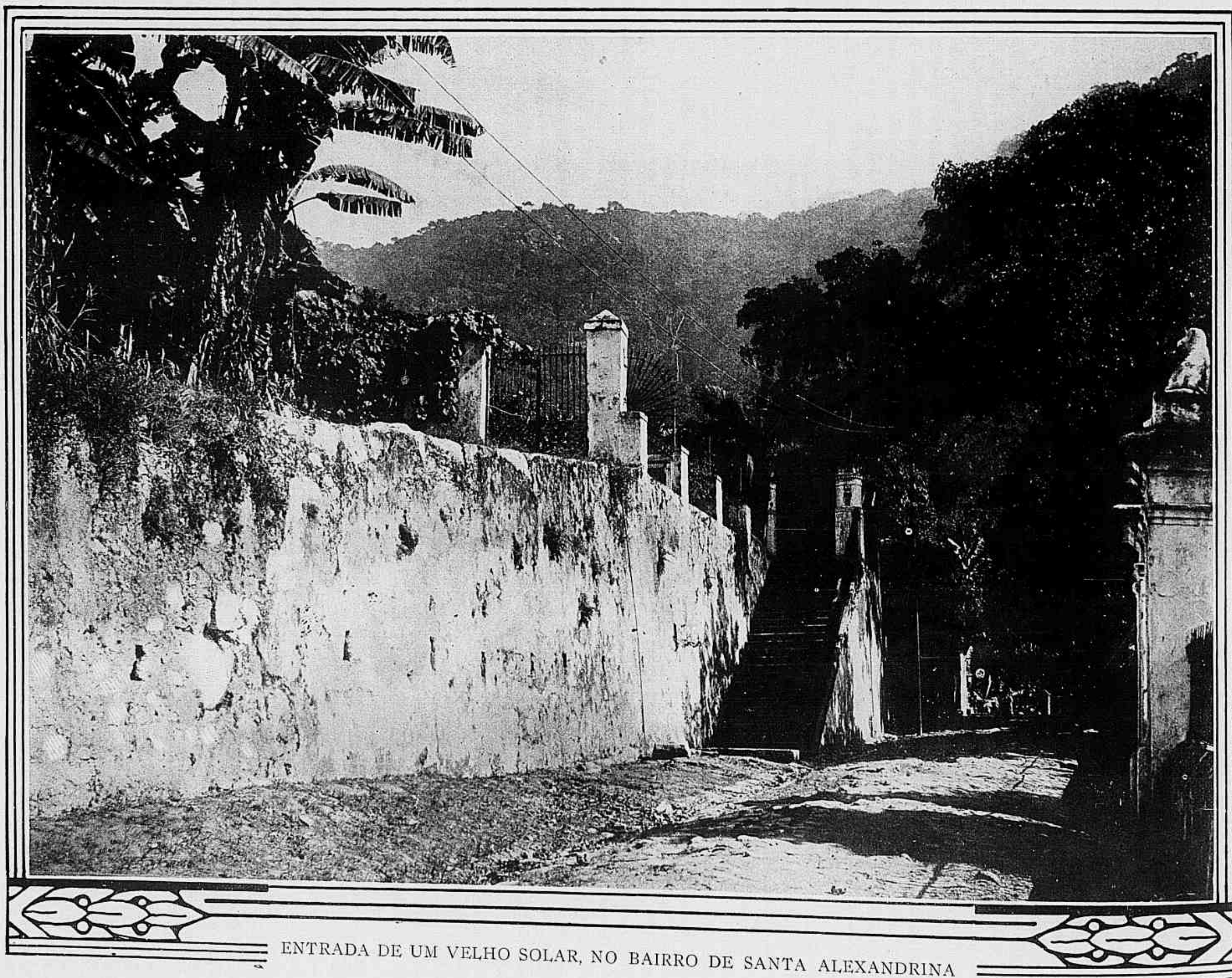
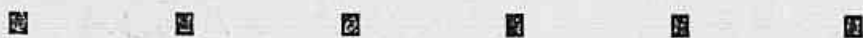
Na vespera do casamento eu estava radiante. Calculava os mil olhares, as atenções das pequenas que não faltariam como amigas da noiva e aquelle *champagne* embriagava-me já. E depois as scenas intimas, as intimidades mais sinceras que apenas seriam olhadas por mim. Mas no dia marcado, duas mãos brutaes vieram arrancar-me de onde estava e fui atirado ao chão com força e espesinhado com brutalidade. O meu dono não casava mais e vingava-se de quem não tinha culpa. Andei feito n'um frangalho, mas não perdi a linha. Como bom inglez comentei apenas: "Shocking!". Uma creada velha apanhou-me, escovou-me e metteu-me n'um quarto escuro chamado guarda-casacas. Parece que os doros não estavam em casa pois meus unicos companheiros eram um pyjama de riscado e um terno já edoso. Por muito modesto que eu fosse, francamente, não podia manter relações com gente de tão baixa estirpe... Um pyjama e um terno usado e surrado... Passei alli muito tempo e, palavra de honra, recordei a vida alegre e feliz que andaria levando a minha primeira namorada: a gravata amarella e preta. Devia com certeza ser mais feliz, muito mais feliz do que eu, mettido alli, sem ar e sem luz, cheio de aspirações e ainda novo. Quatro me es, quatro mezes, sem ar e sem luz! Um dia, de dentro da minha prisão, ouvi vozes a pronunciar o meu nome. Tirei um botão de dentro da respectiva casa e elle escutou... "Pois sim... Empresto-te o fraque, mas olha que elle tem asar!" Que raiva me deu, dizerem que eu tinha urucubaca! "E' para ir a um baile... Tu comprehendes... Vae a pequena e eu não posso ir assim..." "Então leva." Tiraram-me para fóra. Eram seis horas da tarde mais ou menos. Respirei o ar suado de um dia de calor, mas respirei. Escovaram-me direitinho e sahi embrulhado n'um papel.

Esperei a hora do baile com anciedade. Como eu estava alegre aquella noite! Esqueci todas as miserias passadas, a negrura da minha

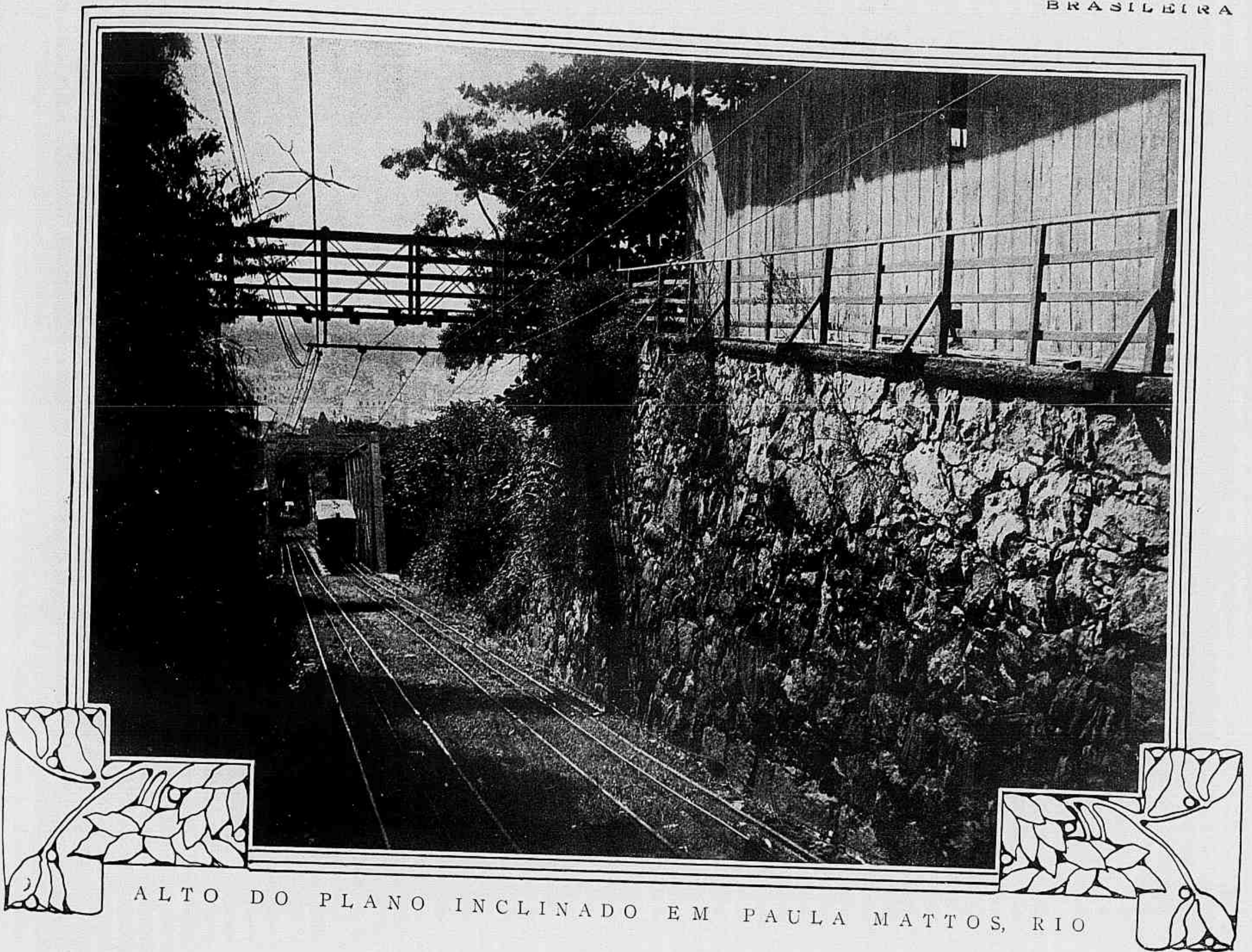
prisão, a gravata preta com riscas amarellas, os pontapés que soffrera. Mas ia a um baile. Ia ver mulheres bonitas, ia sentir contra o meu peito o farfalhar das sedas e a meiguice carinhosa dos velludos. Ia encostar o meu peito a outros peitos nus, ia ser abraçado por mãos perfumadas, tocado talvez por labios vermelhos sedentos de paixão. Sobre mim viriam cahir cabellos louros e pequeninos flocos de pé de arroz viriam perfun-ar-me todo. E sentia crescer o meu amor proprio, a minha anciancia pela vida. Um baile! Ir a um baile... Como era generosa aquella alma que se lembrara de mim e me levava a divertir-me...

Encontrei a minha gravata preta com riscas amarellas. Tive ciumes. Andava abraçada a um collarinho sujo, encardido, e vinha cahir fóra do collete na camisa suada de um sujeitinho qualquer. E n'uma volta mais apertada atirei-me a ella. A ingrata nem me conheceu. Mas aquelle que eu estava forrando de gente, atirou-se ao dono da gravata e agarrando-a com força, arrancou-a, matando-a. Sahiram as tripas da minha linda gravata amarella e preta. Que horror! D'aquelle corpinho franzino sahiu uma massa branca, ás tiras, pedaços de algodão encaçoado... Olhei melhor! Não tinha coração a infeliz! Mas um instante depois eu rolava escadas abaixo, aos pontapés, e vinha cahir na rua, n'um mar de lama. Aquelle que eu cobria, fóra escorraçado da sala por ter dado ouvidos ás minhas queixas de ciume. E voltei a casa dois dias depois, tendo sido agredido com uma vara, depois de ter estado ao sol. Deram-me um pucuo de café e voltei para a prisão.

Passaram mezes. Não ouvi mais nada. Vivia alli e comecei a sentir-me doente. Um picadas pelo corpo, um mal estar e uma comichão tiravam-me o somno e durante muitos dias soffri horrores. Mais tarde vieram buscar-me e fui medicado pela mesma velha creada que me apanhara do chão. Escovou-me, tornou a bater-me e julgando-me talvez carne secca, encheu-me de pimenta, mas parece que se arrependeu e poz-me naphtalina. Indaguei do velho terno qual seria minha molestia e disse-me que era traça. Realmente não tornei a soffrer aquellas dores, mas as fistulas ficaram abertas até hoje.



ENTRADA DE UM VELHO SOLAR, NO BAIRRO DE SANTA ALEXANDRINA



ALTO DO PLANO INCLINADO EM PAULA MATTOS, RIO

— Mais tempo soffri ainda. Raramente sahia e uma tarde entrecu a fazer-me companhia uma velha casaca que andava fóra de sua casa — o guarda-casacas — havia muito tempo. Disse-me, — porque nos tornamos bons amigos, — que faltara tantos mezes, porque estivera empenhada. Empenhada em que? Vá lá saber-se! Naturalmente empenhada em descoirir o n.oto-contínuo, a quadratura do círculo ou a mudança da Capital Federal para o planalto de Goyaz... Sei lá.

E foi a minha alegria durante os ultimos tempos de captiveiro. Contou-me mil coisas deliciosas, fac.os passados com ella, em *soirées*, em bailes elegantes, em jardins alta noite á sombra das arvores banhadas pelo luar. Disse-me coisas phantasticas, encantadoras, estonteantes. As voltas de velludo ainda cheiravam a beijos de amor — um cheiro de Jasmim do Cabo embrulhado em angelica; — os braços tinham sido elegantemente beliscados por mãosinhas donas das mais enceradas unhas; contra o lado direito haviam pulsado e batido mil coraçãozinhos de vinte annos e... e o que ella escutara! Contou-me tudo: “Hoje não, que elle está ahí!”. N’outra noite: “Meu Deus, que imprudencia!”

E n’otra ainda: “Como eu gosto de ti. Se não fosse cá por coisas...” Quantas coisas me contou a velha casaca que andara na moda e agora estava para allí, condemnada á escuridão e ao abandono! Fallou-me dos espectaculos do Municipal e com o cuidado de toda a velha que se presa, era minuciosa nos detalhes, diplomata nas confidencias... mas ia contando tudo. Os segredos das ante-salas dos camarotes luxuosos, os joelhos ornamentados de ligas de seda cara, os collos de jaspe, os braços despídos e, que sei eu para poder fallar do que nunca vi? de mil coisas que me faziam babar de gozo e de prazer. Depois cahia em mim e chorava. E de tanto cahir em mim, uma noite cahi do cabide, senhando, com um pesadello horrivel! Sonhei que era casaca tambem!

Correram os tempos e eu comeci a envelhecer sem ter tido mocidade. A minha confidente, aquella a quem eu contara os amores com

a gravata amarella e preta, já me não ouvia mais, cançada talvez de mim. E n’uma manhã de sol, manhã dourada e linda, manhã de um d’estes dias em que não ha frio nem calor, de primavera esplendente, eu tornei a sahir. A casaca olhou-me de soslaio, manhosamente, e viu-me pela porta aberta da nossa prisão commum. Riu. Deu-me raiva. Um hon.em gordo e grande, enfiou-me no corpo. Quasi rebento. Os botões negam-se a entrar nas casas. (Como tudo é paradoxal na vida: hoje são as casas que não deixam entrar os botões!)

Sahimos. Um taxi. Uma casa. Uma igreja. Um baptisado. Um almoço. *Champagne*. Uma creança. Meu Deus, que horror! Uma creança... E depois tres mezes no tintureiro miseravelmente esquecido e mais dois mezes para tirar a maior nodoa da minha vida. E essa nodoa ainda hoje me acompanha... Que mal teria eu feito para me terem... troçado em cima?

Venderam-me por 15\$000 a um belchior da rua da Carioca. Ha dias tornei a sahir, miseravelmente alugado por 20\$000 para entrar n’um cordão carnavalesco. Que supplicio pavoroso! A poeira, os lança-periunes, as mil porcarias da rua... As minhas pobres abas serviram de redeas a uns quantos desengraçados animaes que dellas tiravam... E desgostoso da vida, mortificado, aborrecido, resolvi suicidar-me: enforquei-me! Estou, sem ter feito mal a ninguem, dependurado por um cordão á porta do belchior da rua da Carioca. Choro as minhas misérias e não ha ninguem que de mim se compadeça.

E afinal, ás vezes, em momentos de serena calma, eu penso não ser tão infeliz assim como julgo. Quantos homens, quanta gente, têm sido fraque preto na vida!

Fraque preto como eu, é servir a todos menos a si e ao seu dono. E quando vejo passar um cavalheiro imponente dentro de uma roupa de preço caro, eu pergunto para os meus botões:

“De quem será aquella fraque preto?”

Cromos tropicales

De Remigio Tamayiz Crespo
(Ecuatoriano.)

Sonetos premiados con la FLOR NATURAL en la Fiesta de la Lira celebrada en Cuenca en 1922.

MATINAL

I

Bajo la comba fúlgida, la Aurora surge, embocando su clarín sonoro, y el bosque virgen se estremece y dora y al Sol saluda en soberano coro.

Al beso de la lumbre bienhechora, la Vida ostenta su inmortal tesoro, y en la embriaguez de la ansia creadora baña su seno en un torrente de oro.

Queda la augusta selva fecundada, y, fingiendo celeste carcajada o loco aplauso a la victoria de Eros,

cae sobre las frondas primitivas el enjambre de loros vocingleros, como una lluvia de esmeraldas vivas.

EL RIO

II

Entre densos follajes se recata y espejea, tremando, en la llanura, y su radiante majestad dilata hasta el límite azul de la espesura.

Trenza cristales de oro y escarlata con floridos festones de verdura, y en paralelos ángulos de plata se riza ante la proa que fulgura.

En linfas como espejos escendidos ondula el firmamento idealizado y tiemblan los paisajes invertidos.

El barco estrella tumbos en las rocas, y el Sol se rompe en el cristal rasgado y se deshace en llamaradas locas.

LAS ALGAS

III

En el misterio del remanso crecen corao una glauca cabellera viva y, blandamente, sin cesar se mecen con el temblor del agua fugitiva.

Las corolas de luz en que florecen besan de la onda la beldad esquiva, y, etéreas y nostálgicas, parecen flores del cielo que el raudal cautiva.

Entre el dedalo de hojas y de lamas, serpean como flechas diamantinas raudos peces de fúlgidas escamas.

Y el agua azul en el frondal se pierde y se oye secretar a las ondinas en la quietud de una penumbra verde.

LA GARZA

IV

Al resplandor del orto y del poniente, cual una flor de espuma, en la ribera mira pasar la rápida corriente que entre algas y juncales reverbera.

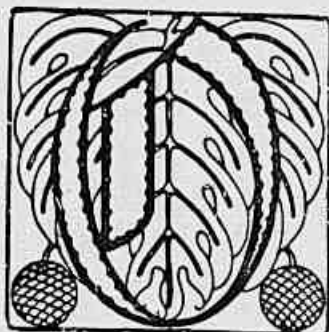
Tal vez evoca en éxtasis doliente de su bosque natal la primavera o está implorando misteriosamente un bien que tarda y sin cesar espera.

Quizá le llega arcano llamamiento en los alisios de una playa ignota y, súbita, se eleva al firmamento.

Y cuando yende el sideral vacío, bien se diría que en el viento flota el alma melancólica del río.

Pequenas constatações...

por Alvaro Moreyra



S maus exemplos dos quaes tanto se queixam as pessoas sérias, não vêm da gente sem juizo, — da gente desequilibrada, como lhe chamam. Não. Os maus exemplos são espalhados precisamente pelas pessoas sérias. O que ellas dizem, o que ellas fazem, a gravidade das suas attitudes, a vehemencia das suas opiniões, tudo que constitue o modo e a razão de existir dos "homens de caracter", das "senhoras impollutas", tudo isso desperta a mania da contradicção, muito espalhada entre os mortaes. Se ha vicios neste mundo, a culpa é dos que se manifestam contra elles. Se não escrevessem nos jornaes coisas alarmantes sobre a cocaína, se a policia não perseguisse os vendedores da "poudre folle", pensam que a cidade estaria cheia, tal qual está, de cocainomanos?... Não estava. Eu, por exemplo, até aos vinte annos, não fumei. Mas, num inverno, adoecei da garganta e o medico, a quem fui procurar, prohibiu-me o fumo... Desandei a fumar, desde ali. E não tenho motivos de queixa... Tambem não me arrependo de pensar ao envez de numerosos moralistas... A moral commum parece-se muito com os proverbios... Ai de quem se fia nos proverbios...

☆
A dor é util! — assegurou-me, ha dias, um philosopho, que foi dentista e enriqueceu...

☆
As mulheres feias acham sempre as modas exageradas...

☆
O meu jardineiro teima em chamar aos lyrios "copos de leite". Tentei, varias vezes, revelar-lhe, incutir-lhe a verdade, a pequena verdade. Elle respondeu que toda a gente diz que é "copo de leite" o nome daquella flor. Ali está a razão por que não ha lyrios neste paiz...

☆
Não convem contrariar ninguem...

☆
Artista! Esta palavra é a que mais nobremente qualifica um homem. Artista! E logo todas as honras lhe são concedidas, e logo se cria em torno d'elle um ambiente de admiracão e respeito. Entretanto, num certo meio, artista é synonymo aproximado de inutil, quando não é de coisa peor... Ora, isso me entristece um pouco. Não p.los artistas. Mas, pelos que lhes julgam os trabalhos com uma especie de superioridade sardonica, que é, em silencio, a forma viva e visivel de um relincho...

☆
Os cretinos são insupportaveis ás segundas-feiras...

☆
A verdadeira capital do Brasil fica entre a rua São José e a rua do Ouvidor... E' alli, á sombra

dos palacios e das arvores, o agitado mostruario da população carioca. A politica, a litteratura, a elegancia, a intelligencia, a tollice, a riqueza, a miseria e outros substantivos mais ou menos femininos passam sobre aquellas pedras miudas das tres quadras fataes, todos os dias... Passam... Só ficam os guardas-civis ensinando a andar na mão...

☆
Confia em ti. Mas, antes, trata de saber se podes. Se não pudeseres e confiarestes, ficas aborrecido para o resto da existencia...

☆
Só as pessoas que não gostam de nós sabem, na verdade, como somos. As outras andam sempre a descobrir defeitos que ainda não temos...

☆
A felicidade assemelha-se a um bilhete de loteria, antes de andar a roda...

☆
Quando uma mulher que tu conheces ha muito tempo, sem outras intimidades, — de repente, um dia, conversando contigo, endireitar a tua gravata, — podes fazer della o que quizeres...

☆
Ainda se discute a proposito da utilidade dos criticos. Os escriptores louvados são a favor. Os outros são contra. O publico, felizmente, não se interessa pela discussão.

☆
Parece-me que os criticos não deixam de ser uteis. A alguns, eu, por exemplo, devo a ampliação dos meus conhecimentos litterarios... Se elles não houvessem constatado a profunda influencia exercida sobre mim por certos auctores, com certeza eu nunca leria esses auctores...

☆
Já Jesus Christo dizia, e a sociedade republicana provou: somos todos eguaes. Agora, principalmente, depois da guerra, com a integral democracia realisada, não ha mais differenças. A sem cerimonia passou por cima da multidão uma plaina afiada e rapida... Somos todos semelhantes... Isto, por displicencia sentimental, não deixa de ser bonito. Mas, para os encontros da vida quotidiana, é terrivel...

☆
E' costume affirmar-se que o Brasil tem poetas demais. E é um mau costume. Os poetas nunca são demais. Elles descansam dos aturdimentos quotidianos, dão a ingenuidade e dão o sorriso, tornam melhores quem os encontra, numa hora de fadiga, num instante de pesar. Irmãos daquelles que, outr'ora, sob o sol novo, na chamma das alvoradas e no fumo dos occasos, fallavam de amor e de sabedoria, os poetas são, dentro do tempo, as vozes do silencio, vozes que sobem, eternas, ensinando aos homens desencantados um desejo mais perfeito, uma bondade mais universal...

☆
No outro tempo, quando os rapazes não davam mesmo para nada, os paes, que haviam tentado fa-

der d'elles homens notaveis, desesperavam-se deante de tanta incomprehensão e resolviam mandal-os para o commercio.

Hoje, o jornalismo absorve todos esses rapazes. Lucrou o commercio, que se encheu de gente atilada. Os negocios, de uns annos para cá, segundo ouvi dizer, exigem intelligencia e noção das coisas...

☆

O bem supremo é o bom humor... Democrito tinha razão. Mas no tempo d'elle, o bom humor era facil. O mundo andava no encanto de uma raça contente. A vida bella sorria em tudo, desde o ceu, que não punha terrores nas idéas, até ás fontes, onde a imagem de Narciso se reflectia. Hoje, a agua das fontes é triste. Narciso morreu... E para além das nuvens, está o Deus da nossa infancia, o Deus que castiga...

☆

Uma das mais teimosas preoccupações da humanidade moderna é a photographia em jornaes e revistas: o retrato, espalhado, visto por muita gente, no bonde, nos cafés, dentro de casa... Mulheres, homens, velhos e creanças, todos querem apparecer... Ha quem se mate para realizar, assim, o desejo da vida inteira... Innumeras pessoas só casam para isso... Agora mesmo, acabo de ver, numa folha diaria, o cliché de um cavalheiro, ferido pela amante, com cinco tiros ferozes. Deitado na maca da Assistencia, elle já tem um dos olhos fechado pela morte; mas, com o outro, ainda vagamente aberto, fixa, enternecido, um ponto no espaço, pozando para o photographo...

☆

Pierre Nozière, que é um disfarce amavel de Anatole France, conta de certa creada, vinda para o seu serviço, do fundo ingenuo da Bretanha, com o mar nos olhos, um vôo de gaivota preso nos cabellos e a purissima simplicidade na alma. Como a rapariga nunca sahira, Pierre Nozière deu-lhe férias, um dia: — que ella fosse visitar Paris... E ella foi. Voltou, á tarde, maravilhada. A grande capital não lhe pareceria feia, mas tinha visto, numa quitanda, uns rabanetes sublimes...

Ignoro se essa creada de Pierre Nozière casou. Mas, sei que deixou uma enorme descendencia...

Pensar não é, de certo, um habito dos nossos poetas. Se aquelle principe da comedia de Shakespeare resuscitasse no Brasil, ficaria contente por ter voltado á vida, elle que, na sua bibliotheca, queria apenas livros bem encadernados e fallando de amor... Mandaria fazer as encadernações na Europa, e os livros, achal-os-hia aos milhares aqui, sob o Cruzeiro do Sul... Raro será o livro brasileiro que não falle de amor...

☆

Para as mulheres, pentear é um verbo importante, tão importante que o substantivo vindo d'elle faz parte das victorias femininas... O penteado, na offensiva da paixão, ficou sendo a grande arma irresistivel. E' o penteado que dá á physionomia *aquelle não sei quê* logo transformado pelos homens em sentimento, nas suas almas sempre abertas... A imagem que os homens guardam das mulheres, é a imagem de um penteado...

☆

O que aborrecia, nos versos das nossas poetisas de antes da guerra, era a masculinisação dos seus sentimentos, a fórma rija de que os vestiam, impeccaveis... Versos de fraque... Agora, nas musas novas já reveladas e nas que vão apparecendo, as mulheres andam sem presentes, e dizem da vida com aquella sabedoria ingenua e a mesma graça deliciosa que têm quando não escrevem.

☆

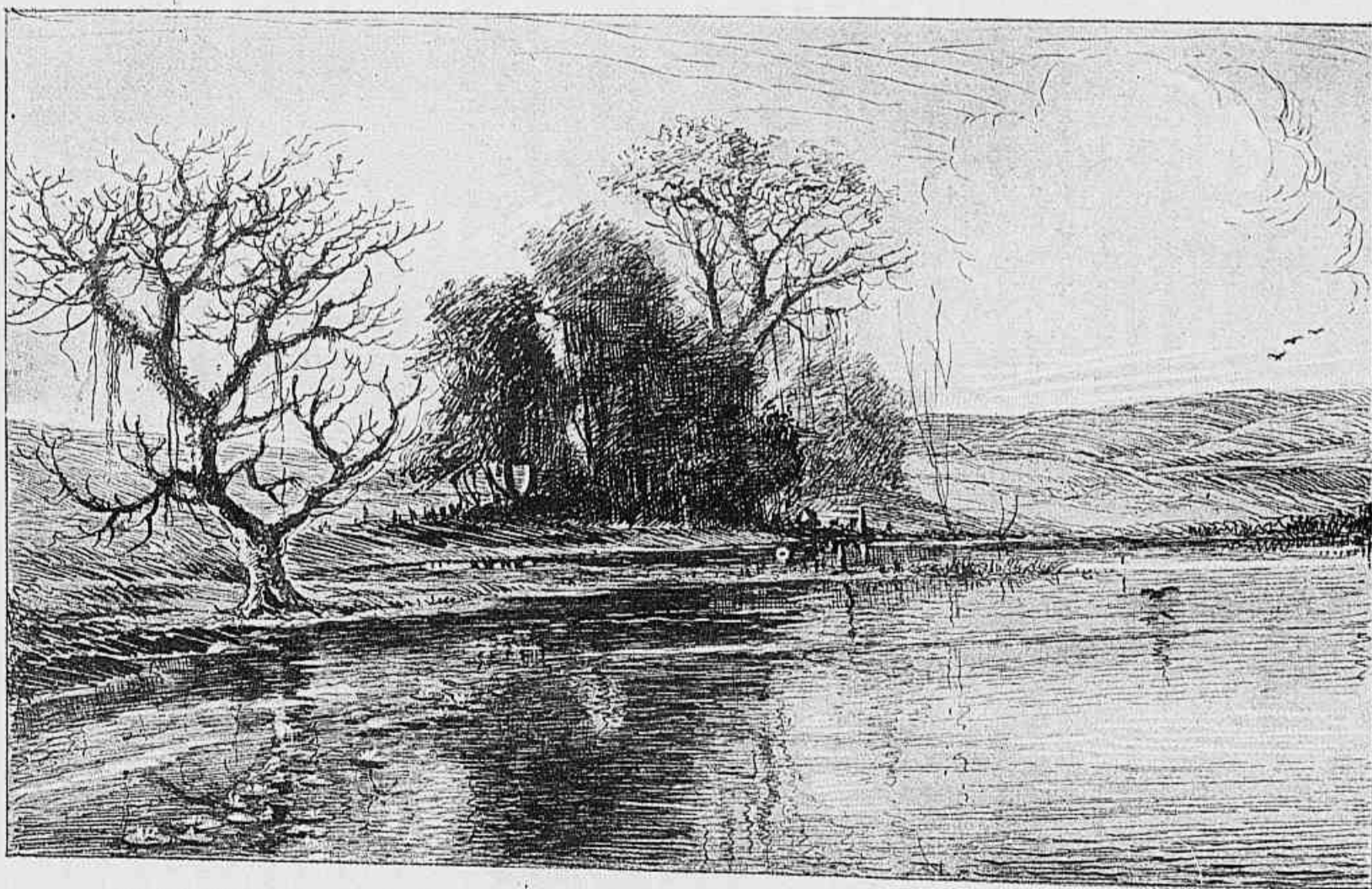
Toda felicidade que faz fallar é sempre vinda de uma grande tolice...

☆

O meu maior prazer é mudar de opiniões. Mudando-as, evito tel-as. E assim consigo a maneira mais alegre de não envelhecer...

☆

Eu gosto de adiar. Deixo sempre para amanhã o que posso fazer hoje. Enquanto não faço, ensaio. Enquanto ensaio, d'virto os que estão ao meu lado. O grande publico que espere.



PAYSAGEM — DESENHO DE JULIO VAZ

Julio Vaz
— Rio, Maio 1923 —

Criança, meu amor...

— por Cecilia Meirelles. —

BONECA



minha bonequinha Singú veio ha seis mezes do Japão, com muitas irmãs-nhas maiores e menores.

A minha bonequinha Singú tem o kimono amarelo e os olhos obliquos das meninas orientaes.

A minha bonequinha Singú não se move, não falla, o dia inteiro, aqui sobre a mesa, muito quieta, muito séria, vendo, em silencio, o pedacinho de paysagem preso ao rectangulo da janella...

A minha bonequinha Singú parece que sofre... Parece que tem saudades do seu paiz, e das mãos que a fizeram e das que a vestiram...

A minha bonequinha Singú parece que pensa...

E eu tenho medo que ella, um dia, levante os bracinhos para mim e diga:

— Tens uma casa muito bonita e és muito boa... Mas eu quero ir-me embora para lá onde as creanças se parecem commigo, as creanças de kimono e de olhos obliquos...

E eu terei de ficar sem ella!

CARNAVAL

— Mamãesinha, o Carnaval deixou-me triste porque passou...

— Querias, então, que o Carnaval durasse a vida inteira?

— Não sei, mamãesinha... Mas eu estava tão bonito com a minha roupa de rei, não estava?

— E desejavas trazel-a sempre?

— Sempre, sempre, mamãesinha...

— Mas tu sempre és rei, quando és bom...

Rei da tua mamãesinha, rei d'este coração que te criou, rei d'esta vida que te serve...

Quando te faço as roupinhas, em cada ponto que dou, pocho tanto, tanto amor, que não ha nenhum rei na terra que tenha melhores roupas...

E quando te beijo, meu filho, quando te beijo na frente, recompensando-te, quando te beijo nas mãos, adormecendo-te, — acreditas que haja sceptro ou coroa melhor?

Fica abraçado commigo, meu amor, meu filhinho, rei da minha vida, senhor de tudo que é meu!...

— Mamãesinha!...

VIAJANTE

Ha muitos annos que o paesinho, o meu paesinho querido viaja. Ninguem sabe onde elle está, ninguem sabe por onde elle anda. Mas todos dizem que nos quer fazer a surpresa de apparecer inesperadamente, trazendo coisas maravilhosas das terras por que viajou.

O paesinho, o meu paesinho nem sabe a saudade que eu tenho d'elle, e que falta o seu carinho me faz; senão, voltaria bem depressa, embora não trouxesse nada nas mãos...

Ha muitos annos que viaja o meu paesinho querido!

Todos os dias observo o horisonte, a ver se avisto lá longe o meu viajante.

Mas não vejo ninguem.

Um dia, eu tomarei tambem um navio bem grande, um navio muito bonito, cheio de mastros e bandeiras, e irei procurar pelo mundo o meu paesinho.

E hei de encontral-a, e abraçal-o, abraçal-o tanto!...

E só então se saberá com que amor eu o amava!

DIALOGO

O menino rico fallou:

— Meu pae tem muito dinheiro e pôde dar-me o que eu quizer.

Quem traz melhores roupas que as minhas? Quem tem brinquedos mais bellos que os meus?

E elle estava todo vestido de seda, e apontava, orgulhoso, os brinquedos esparsos...

Então, o menino pobre levantou o rostinho triste, e fallou:

— Meu pae tem muito pouco dinheiro e nada me pôde dar do que se compra...

Mas, quando vem do trabalho, beija-me e abraça-me tanto que eu fico todo enfeitado de festas...

E, como não tenho brinquedos, divirto-me com o sol, com as creanças eguaes a mim e com os animaes que encontro pelo caminho...

A' noite, amontôo carneirinhos, de nuvens e brinco de esconde-esconde com a lua...

Nesse instante... — era o instante em que os passaros do crepusculo vinham chegando...

(Do livro no prelo: *Criança, meu amor...*)

O herói do madrigal

Por Jayme de Altavilla

SCENARIO: — Crepusculo. Uma rua antiga de Sevilha. Balcões floridos. Passam raparigas de mantilha e rosa ao cabello. D. João Tenório, ves tido á velha moda hespanhola, de pluma ao gorro e espada á cinta, conversa com um fidalgo provincia no, de garboso porte.

D. JOÃO

— Então, viestes de longe ouvir de minha bocca
A minha propria historia? Ingenuidade louca!
Nunca devieis ter transposto o nobre humbral
De vossa casa austera e vir, para meu mal,
De perto conhecer este Don João Tenório
De um feminil prestigio apenas illusorio.
Lá, bem longe, ficou vosso manso rincão,
Vossa torre feudal, vosso altivo brazão.
Se me ouvirdes, por certo, haveis de regressar,
O passo a maldizer que aqui vos fez chegar.
Voltae...

FIDALGO

— Não voltarei. Quero ouvir vossa historia,
Cheia de seducções, de duellos e de gloria.
Amo a aventura, a audacia, as emoções violentas.
O brilho do florete e as batalhas sangrentas.
Sou fidalgo hespanhol, como vós, D. João,
E trago, como vós, ao labio, o coração.
Quero saber compor, com arte e subtilsa,
Um madrigal de amor á heraldica belleza
De uma dama por quem, morrendo de desejo,
Eu daria a existencia em permuta de um beijo.
Quero, tal como vós, D. João, dedilhar
Minha guitarra de ouro á luz branca do luar.
Quero saber ondear meu manto de velludo
E retirar com graça o sombreiro felpudo.
Quero ter a maneira, o donaire gentil,
De um perfeito galã, sincero e varonil.
Fallae-me, D. João. A minha mocidade
Quer perfume de amor, sorriso, alacridade.

D. JOÃO

— Insensato que sois! A mim vindes pedir
Lições de menestrel e, emtanto, ides ouvir
Que a minha fama está mais no meu proprio nome
Do que em minha pessoa. E isto amarga e consome.
Ah! ninguem mais do que eu, (vol-o juro e assevero!)
Ha sido, n'este mundo, a um puro amor, sincero.
Para meu mal, amei...

FIDALGO

— Amastes?!

D. JOÃO

— Por que não?
E' privilegio acaso o ter-se coração?
E' que eu amei de mais e o amor é uma cicuta
Que dá vida, tomada em porção diminuta,
Mas aquelle que tem de um grande amor a sorte,
No proprio coração traz o germen da morte.

FIDALGO

— O amor é a vida.

D. JOÃO

— A vida é uma ancia de belleza.
Mas a belleza é inatingida, é chamma accesa
Na montanha do ideal. Debalde estendo os braços
Ao seu fascínio. E sei muito bem que os meus passos
Jamais attingirão ao desejado cume.
Fidalgo: na anciedade a vida se resume.

FIDALGO

— Em vós cuidei achar esperanza e alegria.
Mas vossa historia, enfim?

D. JOÃO

— A minha historia? Ouvi-a:
Tive, como Romeu, minha doce Julieta.
Foi meu primeiro amor, minha ultima grilheta.
Amei como se póde amar perdidamente,
N'um delirio infernal, n'uma tortura ardente.
E por ella não fui e não serei amado,
Mau grado haver até aos seus pés me ajoelhado.
Soffri. Meu coração hoje é um rubim sangrento,
Crystallizado, sem calor, sem movimento.
Então, fui a cantar minha propria desgraça,
Nas outras procurando a luz da sua graça.
Se finjo acaso amar toda mulher que vejo,
E' que do meu amor eu distingo um lampejo;
Esta imita-lhe a voz, aquella o gesto grave,
Aquell'outra a expressão do seu olhar tão suave...
Em cada qual encontro uma recordação:
Traços da que me fez volúvel, sem paixão.
Levo, de cada bocca onde pouso o meu labio,
Um profundo, um amargo, um odiento resabio,
Beijo para esquecer...

FIDALGO

— E vive a recordar...

D. JOÃO

— Aquella que se foi para não mais voltar.
Reparae. Crepuscula. Esta é a hora suprema
Para um poeta rimar do amor o eterno poema.
O idyllio, assim na sombra, é uma leve caricia.
Ide, do vosso amor ter de um beijo a primicia.
Um conselho levae, mas um só, de D. João:
— A maior lei da terra é a lei do coração.

FIDALGO

— De hoje em deante, D. João, quem me ouvir
de certo ha de
Conhecer vosso amor, vossa sinceridade.
Vou-me. Anoitece. E vós? Por que ficae calado?

D. JOÃO

— Fico o crime a expiar de um dia haver amado.



PALACIO DO GOVERNO
DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

PLENILUNIO

JOÃO BAPTISTA
DA COSTA —

A remota Capital

por Cesario Prado

O forasteiro que levado por interesses de ordem diversa, fôr buscar o grande Estado do nosso far-west, quando, após d'as continuos de desabalada carreira nos trens da Central e da Paulista, tomar os da Noroeste e fizer a travess'a do Paraná, já sentirá a impressão indefinivel do longinquo Matto-

a Porto-Esperança e inicia a viagem pelo Paraguay, desfructando o encanto de magnificos panoramas marginaes, e, alcançando Corumbá, terá a surpresa de defrontar um lindo porto, com numerosas embarcações ancoradas, assentando-se no alto de um comoro calcareo, uma cidade de primeira ordem, com



CUYABÁ — BAIRRO DA BOA MORTE

Grosso, como se em sonho se transportasse a pagagens lendarias e ignotas.

A' proporção que as fitas de aço forem-n'o levando atravez da onda glauca dos nossos campos interminos, o viajante terá surpresa com a realidade de Tres-Lagoas e Campo-Grande, cidades erguidas como de improviso naquelles ermos distantes. Mas, uma vez passadas as estações de Aquidauna e Miranda, aos solavancos dos carros nos trilhos frouxos sobre o aterro dos pantanaes, penetrar-lhe-ha de novo o animo, o sentimento da solidão, do vasio e mysterio dos sertões, renteando aquelles alagadiços extensos donde apenas emerge a espessa matta dos tristes carandás que, na esbelteza de seus caules a prumo, farfalham os leques das suas palmas, amenisando a comburencia daquelles ares. Chega

o aspecto modernissimo de suas construcções. Mas, subirá de ponto o seu pasmo, quando, uma vez vencido o S. Lourenço e o dedalo do Uacorotuba, de inextricavel apparencia, encontrar-se emfim na remota capital do meu Estado.

Em 1862 Bartholomeu Bossi escrevia ácerca de Cuyabá:

" Não póde o viajante deixar de ficar agradavelmente surprehendido ao se lhe deparar no coração da America Meridional, aos 15° 37, S de latitude e 58° 23" de longitude, uma cidade de doze a quinze mil almas que, se não é positivamente commoda e carece de não

poucas regalias creadas pela vida civilisada, é pittoresca pela sua elevada situação e bastante consideravel, apesar do afastamento da sua existencia."

Ora, se tal era a impressão daquelle geographo, por aquella epocha, parccendo-lhe recta a rua



ENCHENTE DO RIO PARAGUAY, SUL DE CORUMBÁ

Bella, ornada de edificios que já podiam ser capitulados de elegantes, de certo mais favoravel seria hoje que a capital mattogrossense conta triplicada população e já pôde offerecer relativos confortos, com o melhoramento de todas as suas condições urbanas: hydraulica, iluminação a electricidade, viação publica por automoveis, etc.

Entrando no jardim ha pouco construido sobre a esplanada do antigo caes do Trem Naval, á espera de um Ford ou de um auto-omnibus que o transporte para o centro commercial, o forasteiro sentirá o mesmo encanto de um passeio por um qualquer jardim das maiores metropoles e mais adeantadas: são as mesmas alamedas floridas, abertas sobre o macio do macadam, as mesmas bouças de folhagem e canteiros olentes e lagos tranquilos sob a sombra de variegado arvoredo. Nem lhe falta a linha elegante de um monumento de *Luqsor*, um soberbo obelisco, talhado de um só bloco de granito, erguendo-se a meio da praça. A paisagem ribeirinha, que se descortina de um coreto, é de singular magnificencia de côres, casando-se o sanguineo do nosso céu tropical com os tons argenteos do rio em effeitos de luz, sem exaggero, deslumbradores, principalmente nos longos crepusculos das nossas tardes estivaes.

Logo o aspecto da primeira rua virá exceder-lhe toda a expectativa, com a sua arborisação moderna, ampla e recta como uma avenida, de seductora perspectiva, realçada pela elevação do terreno, contando os melhores predios da capital.

Mais agradavel ainda será a impressão da praça da Republica, centro do commercio e das repartições esta-doaes, com o seu transito bem animado mórmente de manhã ou á tarde, com a sahida das normalistas e creanças da escola modelo do Palacio da Instrucção. São, neste anno, para mais de mil e duzentos alumnos, cuja matricula e frequencia ás aulas depõem muito a favor da instrucção em Matto-Grosso, com visível admiração dos estrangeiros. E os *footings* do jardim Alencastro, que saibo especial não possui ali essa nota de requintada civilisação... Oliveira Vianna observa em uma das suas obras, creio que "MINAS DO LUME E DO PÃO", a pouca frequencia dos mineiros aos seus jardins e praças. Pois a esse respeito os filhos da remota capital de Matto-Grosso vencem em gosto os filhos das alterosas; são concorridissimos os seus jardins, especialmente o Alencastro, aos domingos e feriados, tendo parecido a von Den Stein um recanto de uma estação balnearia da Europa, um parque de luxo como possuem as grandes metropoles, taes já eram os seus aspectos de actualidade e o seu feito encantador.

De alguns pontos elevados dos arrabaldes é que se avista o panorama da capital, pequeno é certo, po-

rém bastante pintoresco sob o flabello das graciosas palmeiras reacs e no longo amplexo do seu rio somnolento.

No verde escuro dos pomares alvejam as copas dos laranjaes em flôr e as paredes caiadas do casario, sob as irradiações de um sol offuscante, rebrilhando ao mormaço o calçamento das ruas, de pedra do mais branco crystal, como fitas estendidas pelos morros, repontando, como senhoras da cidade, as torres singelas das egrejas coloniaes.

Taunay, cuja obra é em grande parte uma apologia sincera e elevada de Matto-Grosso, assim consigna uma das suas impressões:

"Muito enlevam as perspectivas que de varios pontos da cidade desfructa o olhar embevecido — a do Rosario, tão melancolica e saudosa, a do actual Seminario, que descortina largos horisontes e sobretudo aquella que do Arsenal de Guerra domina a baixada toda, emmoldurada, ao longe, pela serra da Chapada, cuja linha extrema de longo planalto resalta no fundo sempre anilado e puro daquelles limpidos ceus.

E' essa serra da

Chapada, tão graciosamente descripta por Hercules Florence, "onde o frio ás vezes é tão intenso que chega a matar gente, como na Russia", que se destina á nossa futura estação de verão.

Que dizer sobre a vida social de Cuyabá?

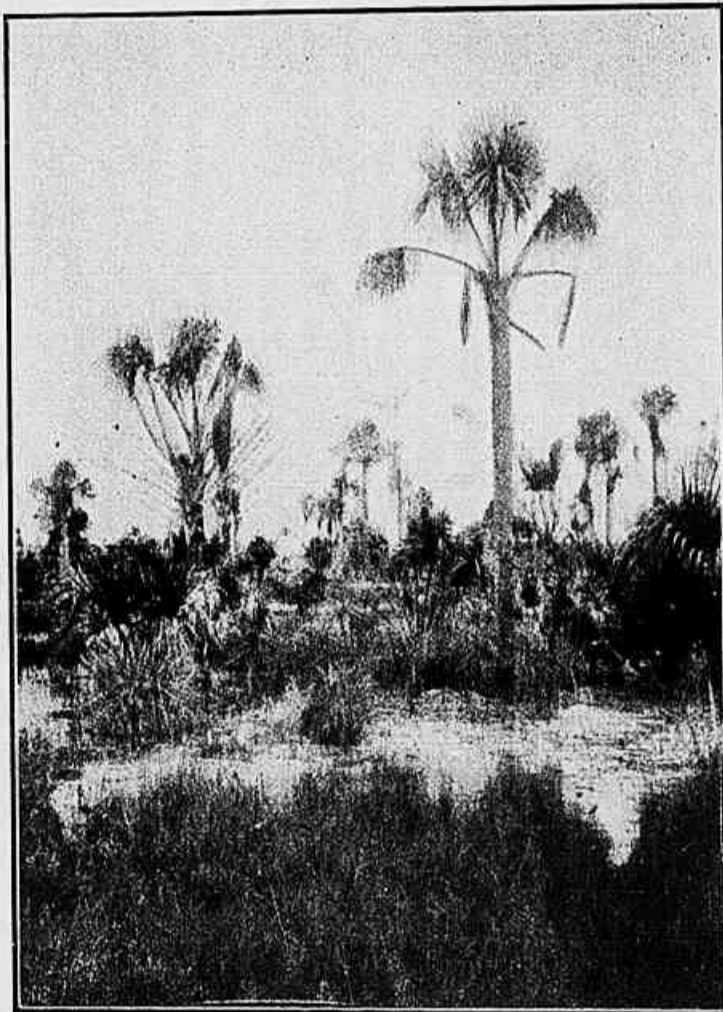
Do que é presentemente, o litor poderá ter idéa cabal pela indole do seu povo e neste ponto ainda nenhuma palavra mais autorizada do que a do glorioso creador da INNO-CENCIA: "... é sabido o quanto a gente de lá, grandes e pequenos, é amavel, cheia de carinho e meiguice no trato, com uma vivacidade de modos e espirito natural, um chiste de peculiar resaiho e desembaraço sem affectação nem estudo, que muito encanto dão á sociedade cuyabana." (1 e 2).

"E' uma gente amiga de diversões e que sabe se divertir como pouca, accrescenta noutro passo, e ninguém fica tres annos em Cuyabá sem se sentir agar-

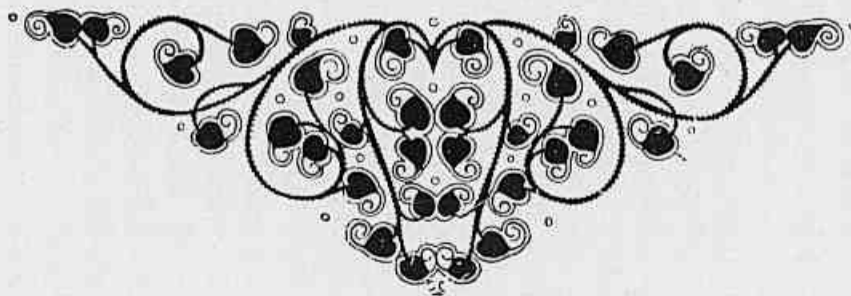
rado áquella terra." E' bem verdade, e a remota capital, fundada pela *aura sacra fames*, embora ex-gottados os veios auriferos de sua primitiva opulencia — sem uma via ferrea que lhe facilite a ligação com o paiz, mantem seguras condições de longa vida, mercê dos constantes elementos que a procuram, nella se radicando de uma vez, emprestando-lhe novas energias e imprimindo-lhe novos surtos de progresso.

(1) Revista do Instituto Historico Brasileiro, tomo XXXVIII, pags. 449 a 469.

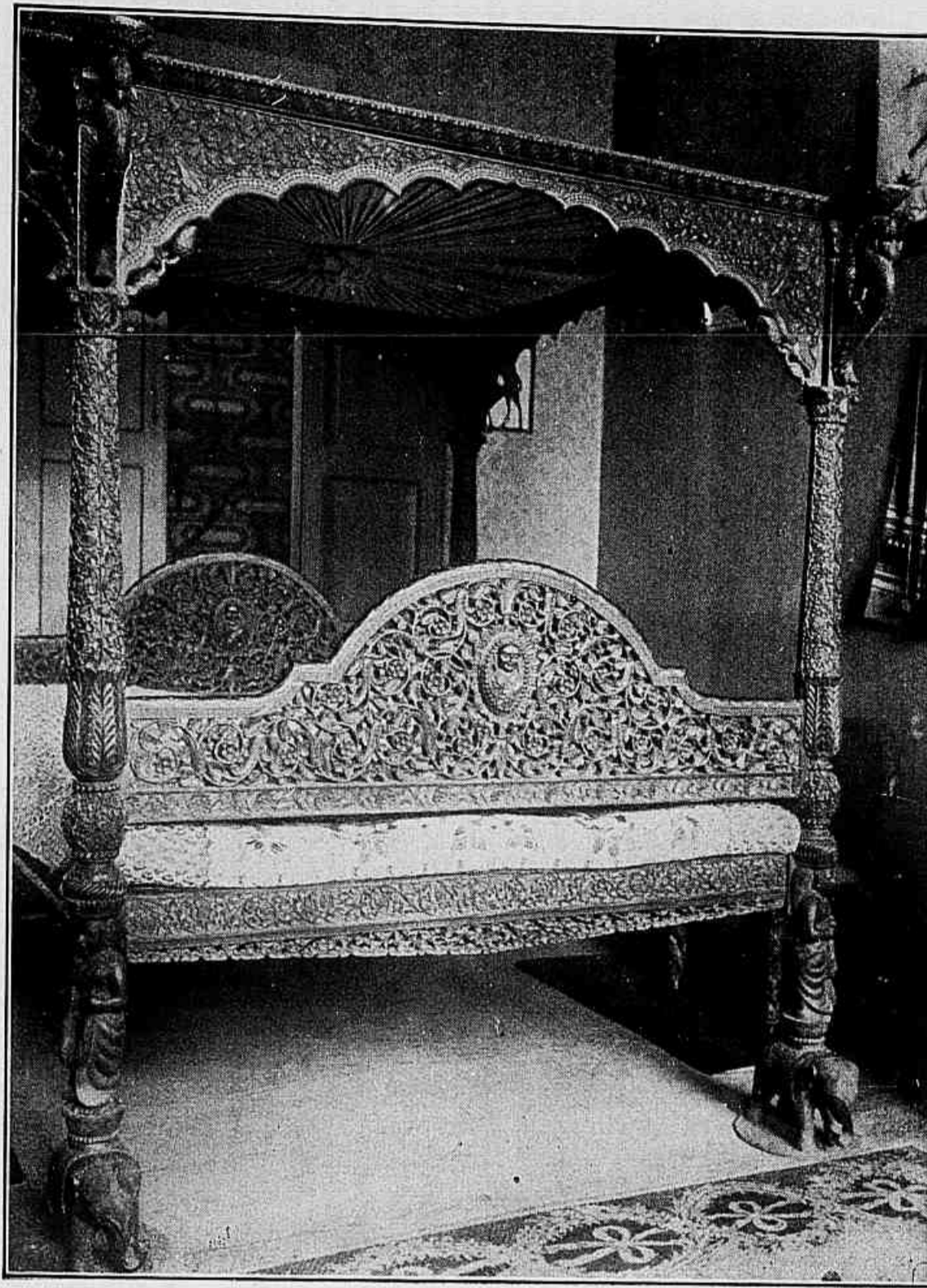
(2) Revista Brasileira — 1898, tomo XIX, pagina 226.



SETE LAGOAS

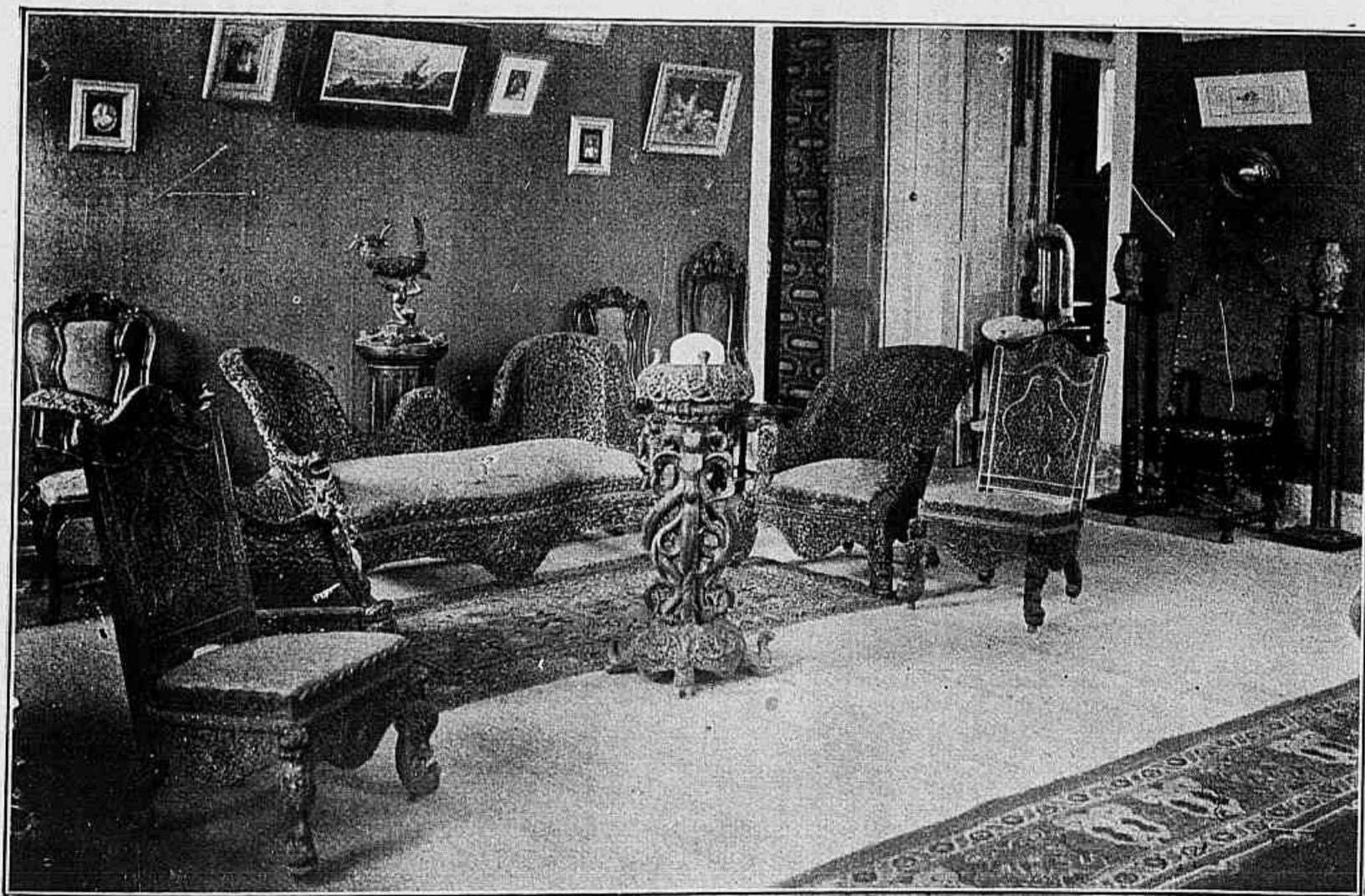


No "Museu Simoens da Silva", instalado em Botafogo, existe um mobiliário de dormitorio, o que de mais rico e interessante pôde existir, composto de 24 peças todas feitas de jacarandá das Bombaim, ha madeiras adquiridas em mais de 30 annos passados e em completo estado de conservação. Todo a berto á mão, representando o rito da procição do "Elephante Branco" nas Indias Orientaes, possui, em bellos lavores, deusas, elephantes, passaros, eunuchos, cobras, leões, folhas, flores, etc. A

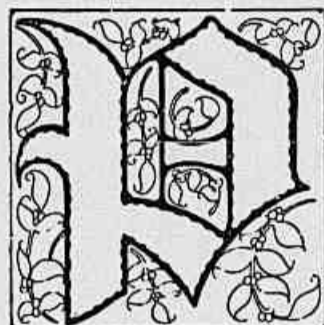


cama repou-
sa sobre os
hombros de
4 virgens
que se dei-
xam trans-
portar por 4
elephantes,
tendo ao
alto, nos 4
angulos, 8
bellos passa-
ros orientaes.
As cobras que
adornam
quasi todas
as peças são
denominadas
vajas, ophidios
asiaticos dos
mais venenosos,
que exterminam
dezenas de
milhares de
habitantes da-
quellas regiões
anualmente. A
cabeceira e
os pés da
cama, todas
as cadeiras,
sofá, floreiras,
toucador e
lavatorio são
totalmente
vasados por
flores e
figuras, de
perfeita
execução
ar-
tística.

MOBILIARIOS HINDÚS NO BRASIL



A língua portuguesa em Portugal e no Brasil



PUBLICAMOS a seguir a comunicação feita á Academia de Sciencas de Lisboa pelo Sr. Dr. Oliveira Lima:

"Srs. academicos e meus prezados consocios:

Agradeço de todo o coração as palavras de generoso acolhimento que acaba de ter a bondade de dirigir-me o nosso presidente, homem de letras de larga reputação, o qual é uma antiga, não quero dizer uma velha admiração para não offender a sua juventude de physionomia que tão bem condiz com a sua mocidade de estylo e tem a grande vantagem de ser authentica. Não menos agradeço a saudação carinhosa em que o meu querido amigo o Sr. Fidelino de Figueiredo, applicando os processos da sua mentalidade essencialmente critica — de uma critica tão admiravelmente organisadora e de tamanha elevação — que nenhuma outra actualmente supera na nossa lingua, quiz descobrir um alcance social no que intitulou com requintada gentileza a minha obra, quando eu por extremo favor pensava que a minha produção espirital apenas obedecia a uma justa preocupação moral.

Egualmente agradeço as carinhosas palavras pronunciadas pelo Sr. J. Lucio de Azevedo; as do Sr. Antonio Ferrão, que tão bem mostra conhecer o movimento historico do Brasil; as do Sr. Jayme Cortesão, que relembrou uma grata quadra da minha vida, que foi a minha missão na Belgica, e o nome de um amigo meu, Paul Otlet; finalmente as do Sr. Joaquim Leitão, cheias de erudição como cheia de sensibilidade foi a dedicatória de um livro seu que hoje recebi e que reza: "Ao descendente de um homem bom do Porto um escriptor tripeiro".

Foi com profunda emoção que ouvi todas estas allocuções, pelo muito que ellas valem, partindo de quem partem, e pelo facto tambem, todo pessoal mas que eu não posso arredar neste momento, desta casa trazer-me á alma as mais vivas e saudosas recordações. Na vossa bibliotheca tão magestosa passei muitas tranquillias e delectosas horas de estudo e nunca olvidei o seu ambiente a um tempo solemne e amigo, sobre que pairam tão grandes sombras, desde a do Duque de Lafões, cujo espirito curioso, var-til e cosmopolita o marca como um antepassado intellectual de Fradique Mendes.

Se aqui recebo hoje em pessoa a investidura da immortalidade academica, fragil e precaria muito embora, e especialmente no meu caso, como quanto é humano, com que me brindastes ha 15 annos, daqui sahi ha 35 annos preparado para o trabalho. Fui alumno antigo do Curso Superior de Letras e portanto de alguns dos mais eminentes homens de saber que Portugal tem gerado — Jayme Moniz, Pinheiro Chagas, Adolpho Coelho, Vasconcellos Abreu, Theophilo Braga — e foi aliás um dos meus mestres de então, dos mais illustres e acatados, dos que mais fascinação exerciam sobre os discipulos, Consiglieri Pedroso, a quem coube escrever o parecer approvando a minha eleição para socio correspondente desta abalizada companhia, que tanto tem por si nascimento, tradição e serviços.

Se de mim houvesse dependido, a Academia Brasileira teria sido fundada como uma projecção ultramarina da Academia Portugueza, pois que ambas cultivam a mesma lingua com o mesmo afan, e os mesmos propositos. A vassallagem politica passou e tinha de passar, fez um seculo, porque a maioridade compete ás nações como aos individuos, mas os laços do pensamento devem perdurar entre o tronco de uma

raça e os seus rebentos, e a expressão melhor e mais adequada dessa ligação mental é certamente a unidade do idioma. Se o Brasil conquistado ao deserto e á diplomacia pelos seus colonisadores é reconhecida a obra mais grandiosa do genio portuguez, elle por sua vez se orgulha da sua estirpe, que deu á Europa e ao mundo tamanhas lições de empreendimento e de heroismo.

Todo o interesse para as duas nações reside em constituir-m moralmente — não digo politicamente — as duas faces, europeia e americana — de uma mesma racionalidade zelosa de independencia e ambiciosa de grandeza, e esse interesse falharia se a lingua viesse a differenciar-se no futuro ao ponto de se scindir em duas. Os braços de uma lingua estão estampados na sua antiguidade e no esmero com que foi ella sendo buriada atravez dos seculos, porquanto isto requer tempo e esforço, pelos artistas da penna e da palavra. O valor e a importancia de uma lingua medem-se pelo numero dos que a fallam.

Não me insurjo, é claro, contra os denominados brasileirismos. Vocabulos novos e vocabulos archaicos ou resuscitados enriquecem um thesouro lexicographico. O que não desejo é ver o bellissimo idioma tradicional de um grande povo abaçado entre os seus descendentes pelos neologismos barbaros de toda a especie, pelos vicios de syntaxe erigidos em distinctivos de antonomasia, pela deturpação do vocabulario e da grammatica.

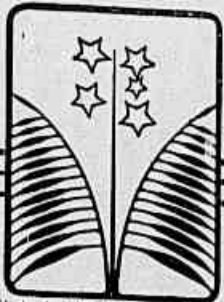
Desta faz parte a orthographia, que tambem lucrava com respeitar a tradicao, mas neste ponto já se fez obra de separação que espero não será intangivel. Ha toda, ha absoluta conveniencia em que a orthographia seja identica entre portuguezes e brasileiros, e com pequenas modificações, quero dizer simplificações, a orthographia etymologica que foi a de João de Barros, a de Viera e a de Herculano, poderia ter continuado a servir-nos a todos, assim mantendo e robustecendo a continuidade philologica.

Neste capitulo foi o Brasil mais conservador do que Portugal, e o gosto publico lá se revoltou contra a adulteração, que chega a ser graphica, do idioma dos nossos maiores, com todas as suas innovações de accentos e de tremas, tratos a que elle nunca estvera sujeito. Pareceu-lhe uma musica nova, muito complicada, e preferiu apagar-se ás velhas melodias. Este lyrismo, excellentemente preconizado pelo nosso consocio e meu velho amigo José Antonio de Freitas, é que é de raça e importa que não deixe jámais de ser commum á sua florescencia. Que significação historica e de cultura teria a expressão de "raça brasileira" se não estivesse sub-entendido que se trata da "raça luso-brasileira"?

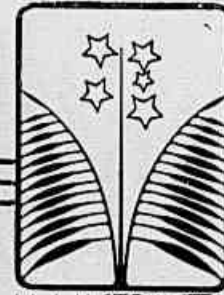
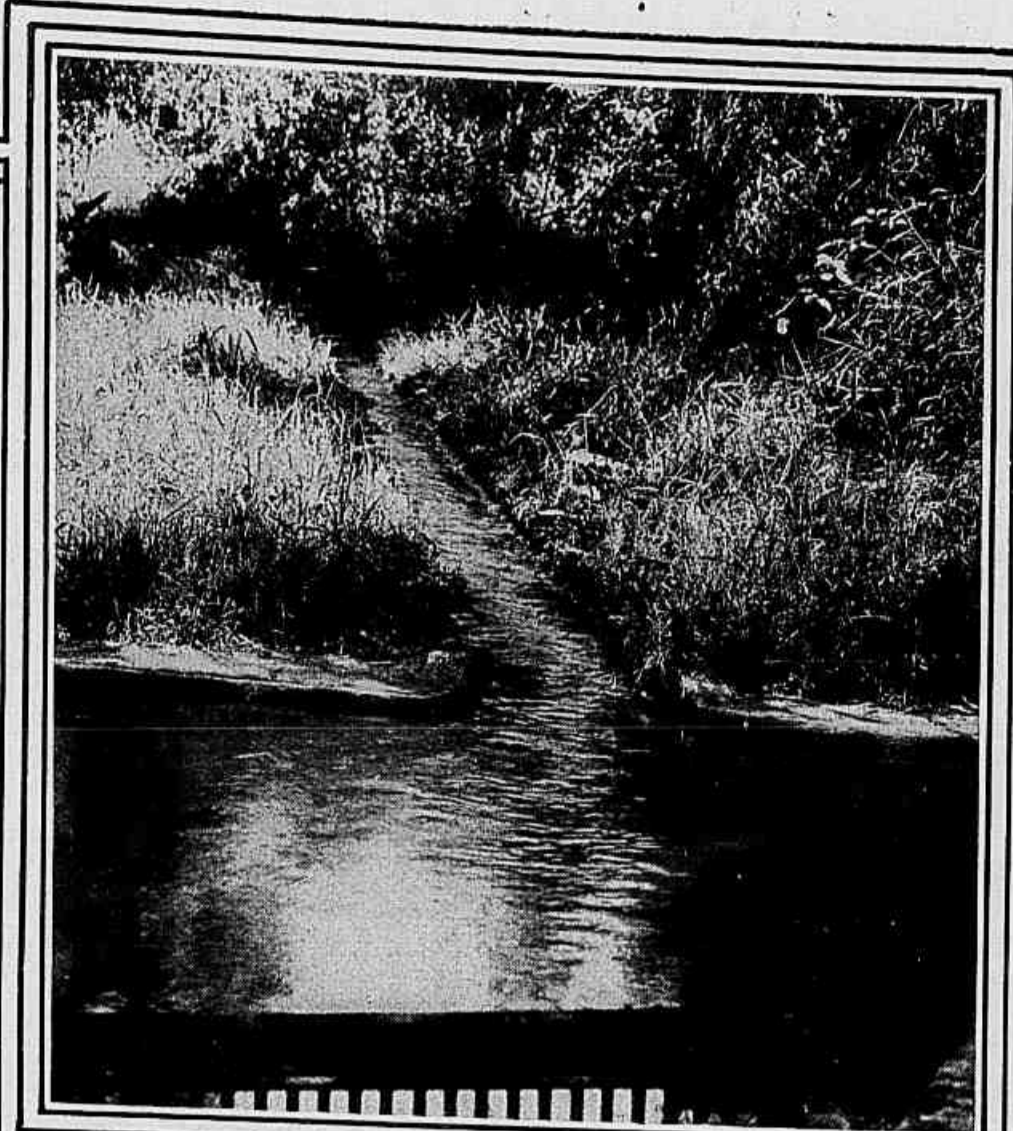
Estes aspectos do problema os comprehendiram melhor do que nós os anglo-americanos e igualmente os hispano-americanos, aqui tão bem representados pelo Sr. Planas Suarez, que praticam identica orthographia e cujas Academias nacionaes têm velado pela pureza do idioma castelhano, da lingua em que escreveu Cervantes, com o mesmo fervor com que no Brasil seguiu tal culto com relação á lingua de Camões a escola romantico-indianista, que foi até agora a mais brilhante manifestação litteraria nacional e que sublimou o selvagem como prototypo de virtudes naturaes, mas não lhe cortejou a lingua fraco instrumento de exteriorisação intellectual, conservando-o no seu character subalterno e quando muito nos seus fóros de accessoria dentro de determinados limites.

Prezo por demais as glorias do nosso passado para que consinta de boa mente no esbulho, em detrimento desta ou daquella parte, desse patrimonio commum, e esbulho consideraria qualquer partilha. Dar-

(Termina no fim da revista)



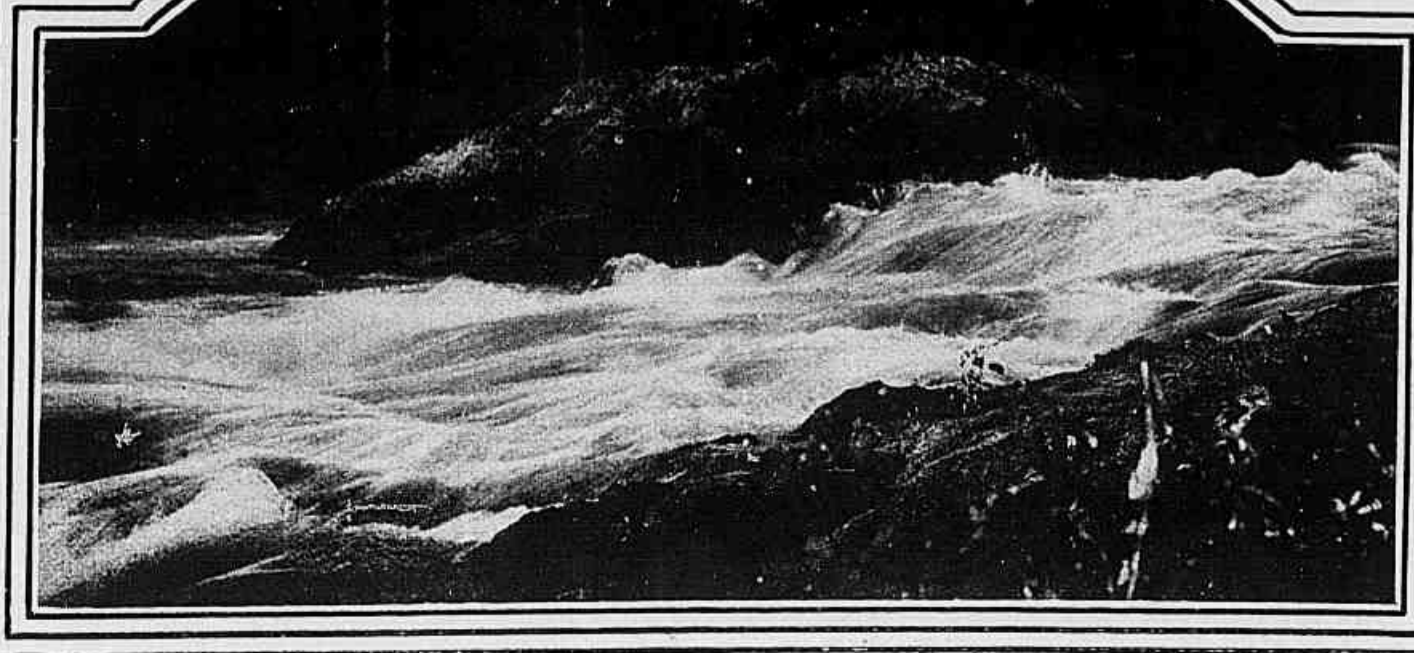
ILUSTRACAO
BRASILEIRA



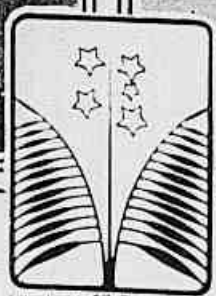
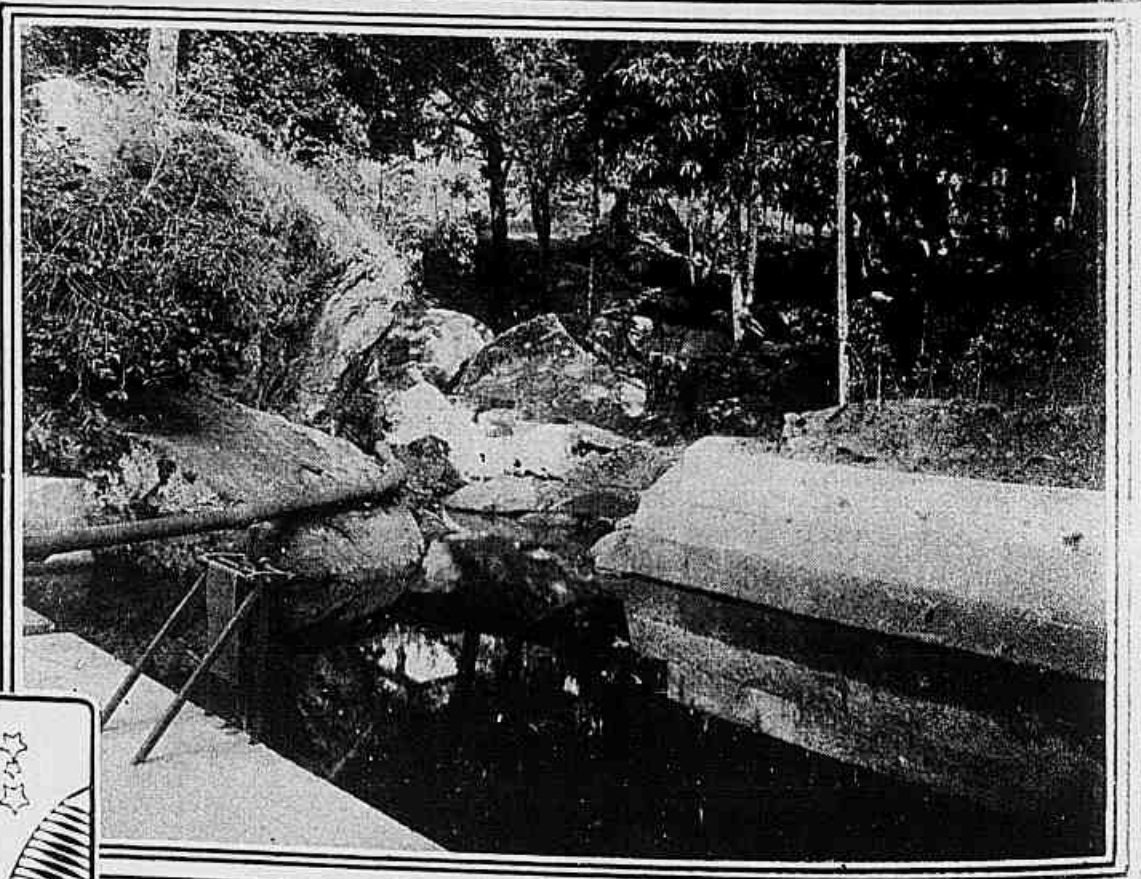
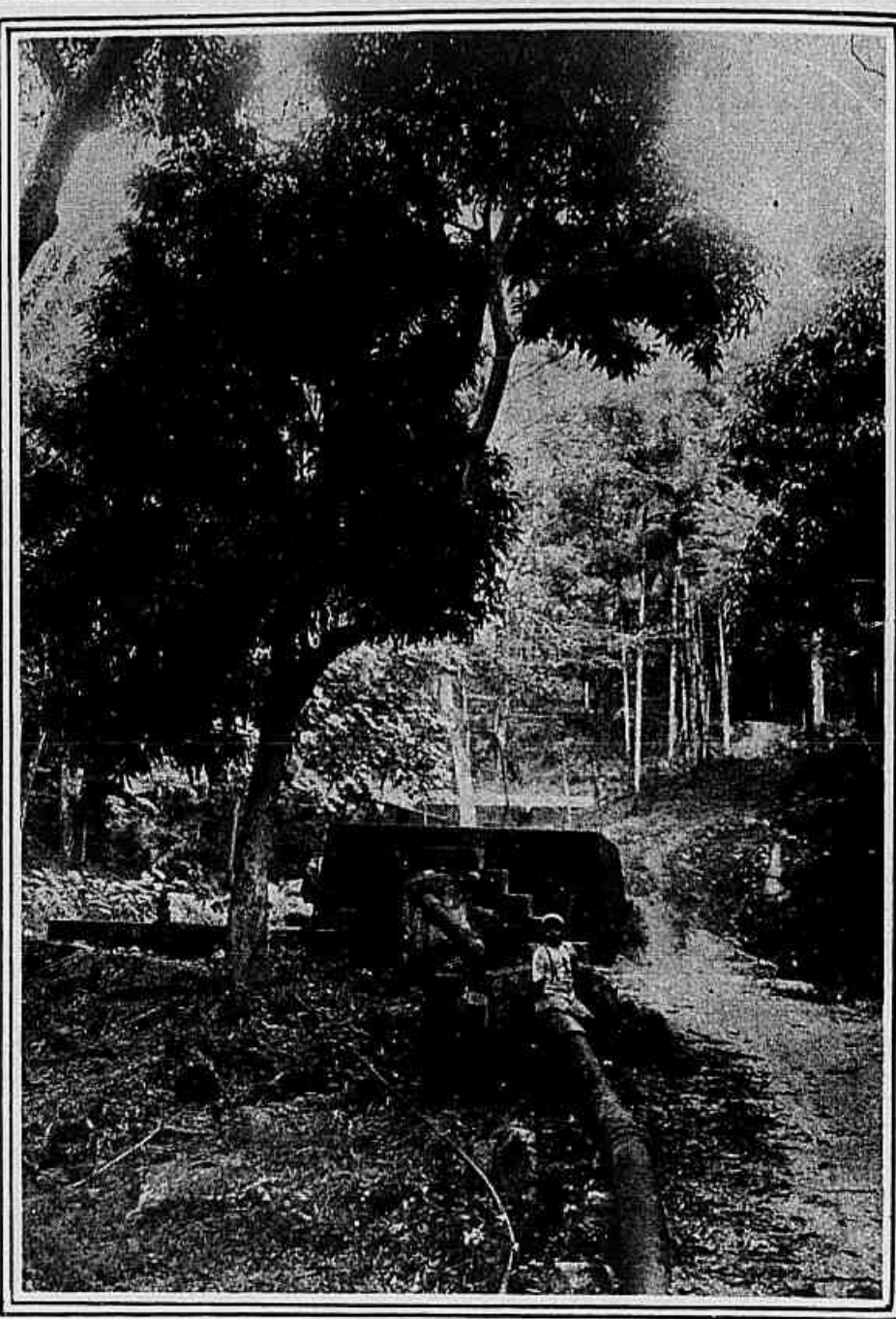
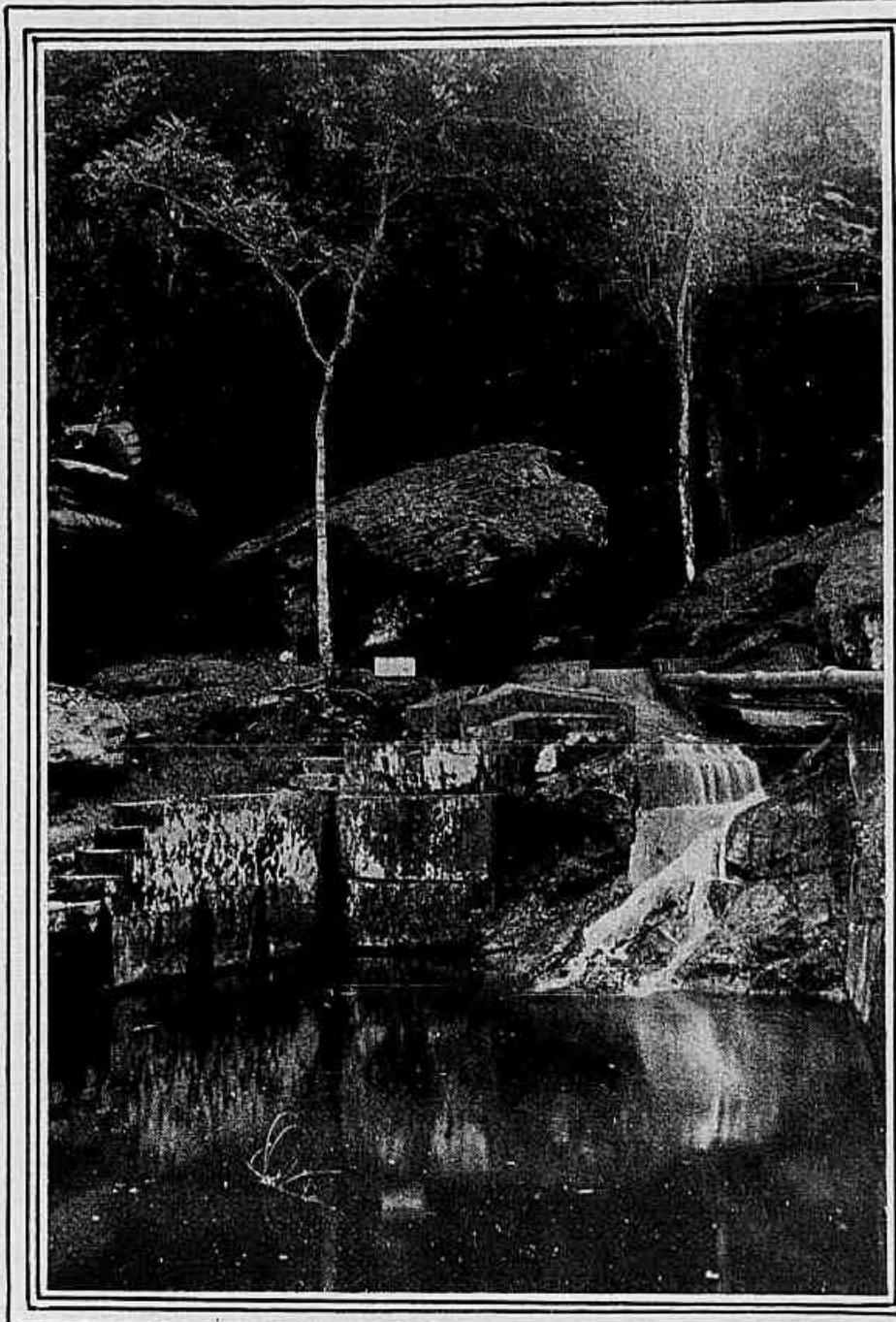
ILUSTRACAO
BRASILEIRA



O INTERIOR
DO
BRASIL

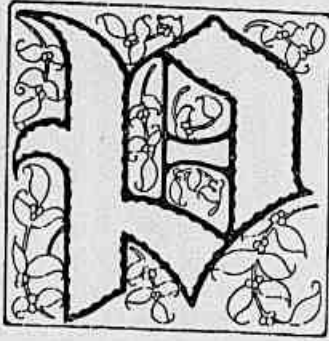


PAISAGEM
DE
ITATIBA



Luiz Aleixo Boulanger, Escrivão da Nobreza
por R. Mendes Ribeiro

A RAUL BARRETO



ARECE-ME ainda agora que estou vendo curvado, com a cabeça coberta por uma lanugem branca muito fina, os olhos de azul *nattier*, brilhantes, a face corada, a tremer o corpo roliço e a sorrir amora-

velmente áquelles que o buscavam no velho sobrado aos Arcos, o artista Luiz Aleixo Boulanger, Escrivão da Nobreza.

Não o conheci. Mas a narrativa de seu filho que ainda hoje arrasta uma velhice duas vezes desgraçada, familiarisou-me tanto com elle, que o trago na memoria, tal qual foi na vida, que o vejo á banca de trabalho trabalhando a nossa fidalguia fim de raça.

Não foi só nesses instantes de rapida conversa que eu aprendi a conhecê-lo e a amal-o, como os que o amaram e conheceram no lar ao redor dos filhos.

Esboçado apenas o seu auto-retrato, tambem me ajudou a animar-lhe a figura adormecida ha mais de cincoenta annos, num punhado de documentos varios, guardados no archivo do Instituto Historico e no Archivo Publico Nacional, esquecida na nevoa longinqua do passado.

Esses documentos são a prova do merito artistico de Boulanger, que ninguem conhece hoje, porque a historia o esqueceu para só lembrar áquelles que tiveram linhagens e outros meritos exigiveis ao ingresso na fidalguia para teor das cartas de nobreza.

Mas é injusto esquecê-lo. Se a cada passo, por força da nossa historia, nos occorre um titulo dessa nobiliarchia, nascida com os primeiros albores da Independencia, mercê da dignidade de barão ao patriota Antonio Joaquim Fries de Carvalho e Albuquerque, morgado da Torre de Garcia d'Avila — cujas ruinas recordam Catharina Paraguassú e Diogo Alvares — por que esquecer o mais notavel escrivão que serviu doze annos a essa geração de nobres e fidalgos?

Chegado ao Brasil em 1829, tres annos depois Boulanger assumia no paço da Boa Vista as funcções de mestre de D. Pedro II e suas irmãs, a convite de José Bonifacio. E as provas de calligraphia e portuguez e copias de cartas escriptas nessa epocha pelo imperador menino, conservou-as o mestre no seu exiguo archivo historico-artistico.

Na França, onde nasceu a 2 de Abril de 1798, notabilisou-se como retratista.

Entre nós retratou toda a sociedade galante de 1830 a 1850.

O seu livro de *Décalques* tem surpresas agradaveis. Quantas figuras venerandas de palacianos, da mais alta nobreza, de politicos, artistas, rolam no manuseio com aquellas paginas brancas mescladas de quadrilateros transparentes desenhados a nankin. Os primeiros imperadores, D. Pedro II na infancia e mocidade, as princezas, a trindade patriarchal da Independencia, Conego Januarario, Lopes Gamma e outros vultos da velha guarda estão debuxados com extraordinaria exactidão. Entre os artistas figuram a Candiani, notavel e deliciosa cantarina, que fez perder a cabeça aos frequentadores do Provisorio, e numa noite de delirio, sob chuva de rosas, inspirou a Maciel Monteiro, esse poeta elegante da sociedade do segundo Imperio, o magnifico soneto que começa: — “Em que fonte de canto ou de doçura bebeste, ó Candiani, a voz divina...”; — a encantadora Rosina Stolz, que appareceu quando empallidecia a voz da Candiani; apesar disso, tornaram-se rivaes, trinaram ambas num desafio no mesmo Provisorio ao Campo da Acclamação, que sei mais, e outras tantas cantarinas e bailadeiras que passaram por nós, despertando paixões “cantando e sorrindo”.

E' um livro de arte e recordações, começado antes de apparecerem os primeiros trabalhos de Mr. Daguerre e ensaios lithographicos.

* * *

Vagando o cargo de Escrivão da Nobreza com a morte de Possidonio Machado, que o occupava desde a maioridade, o imperador quiz nomear seu antigo mestre. Pelo talento e saber, Boulanger, que tinha estudos especiaes de heraldica, desempenharia bem o cargo.

Era, entretanto, necessario que elle, já retratista da Casa Imperial, se naturalisasse brasileiro.

O mordomo-mór, Paulo Barbosa da Silva, escreveu-lhe uma carta (*Ms: do Instituto*) declarando-lhe o motivo que o impedia de occupar o logar. A Boulanger custou preencher a exigencia da lei, e D. Pedro II conservou a vaga até 1862, em que poud nomeal-o Escrivão da Nobreza e Fidalguia do Imperio.

No acurado trabalho quotidiano de desenhos microscopicos, na leitura de compendios e documentos de heraldica portugueza, na organização de cartas de nobreza e de brazões d'armas — que despertam ainda hoje uma commovida recordação — gastara-se-lhe a vista. Envolvido na penumbra espessa da cegueira, arrastava num supremo esforço o seu venerando espectro palaciano até ao salão nobre do Instituto Historico, nas noites de sessões.



Maria Victoria
Filha do Sr.
Trajano de
Faria

Boulanger foi um filho extremado do Brasil. Creou o seu lar com uma brasileira e teve prole. Seu filho Ernesto, o unico sobrevivente por sua morte em 1874, passou a ocupar o seu cargo, extinto com a queda do Imperio. Ainda agora as illuminuras de Boulanger — que tomou parte no movimento intellectual e artistico do Brasil — conservam o mesmo fulgor; os seus arabescos, a mesma graça, a mesma frescura.

Da sua vida atarefada, referia o seu discipulo, de nome Mondain, que morreu muito velho, um episodio interessante. Quando fallava do Mestre, turvavam-se-lhe os olhos de lagrimas. Contava que ao correr do dia era o velho artista procurado insistentemente por nobres e palacianos que lhe iam pedir desenhos e arvores genealogicas.

Boulanger apressava-se em attendel-os. Tirava os oculos enquanto fallava, mas desimpedido, voltava ao trabalho, oculos ainda na mão, e remexia os papeis, esgaravatava ner-

vosamente, procurando-os. Depois de algum tempo, interrompia o discipulo com má pronuncia de portuguez: — “Mondain, onde estão os meus oculos?”

— “Eu, dizia o discipulo, levantava a cabeça, via-o agarrado aos oculos sem atinar, e respondia-lhe: Estão na sua mão, Mestre!”

— O velhinho, verificada a atrapalhação, murmurava sorrindo: — Oh! oh! oh!

Mondain affirmava que a scena se repetia amiudadamente durante o dia. — “Alguas vezes não encontrava os oculos e outras a penna de desenho.” Eis tudo quanto eu sei de Boulanger, da sua epocha.

Tenho agora a illusão de que não ficará de todo esquecido o illustrador de uma nobreza que, a sessenta e sete annos do berço, desaparecia, deixando de si uma suave recordação. Baixando os olhos á historia, parece-me que essa epocha longinqua ainda revive e que resplandece, com a mesma graça, essa extincta nobreza.

A festa de Joanna d'Arc em Paris.

por Afonso Lopes de Almeida.



HOJE, Paris acordou cedo. As 9 da manhã já as ruas se enchiam de multidões rumorosas e alegres. As *grisettes*, as *midinettes*, as *cousettes*, as *petites-mains* (synonymos com que a cidade ternamente designa os "modelos" e as operarias de costuras e chapéus), enroladas nas capas de inverno, os chapéusinhos minúsculos enterrados até aos olhos, aligeras, levipedes, aos bandos, abriam caminho por entre as gentes, falando e rindo, borrifadas da chuva, coradas do frio.

São ellas, modestas e lindas, a graça, o encanto maior da cidade perturbadora! E é porque o proprio governo francez bem o reconhece, que ainda ha poucos dias se inaugurava aqui, ao centro de praça a'ardinada, a estatua da *grisette* parisiense, dessa *grisette* sem a qual os sumptuosos *boulevards* seriam tão tristes como são tristes as aéas dos jardins a que faltam passaros.

Foi o alarido das suas vozes, o cascadear do seu riso que me fez chegar á janella, descer á rua:

— *Pourquoi tout ce monde? Que se passe-t-il donc?*

— *Mais c'est la fête de Jeanne d'Arc, monsieur!*

Paris festejava Joanna d'Arc. Paris? Não: as parisienses. A heroína de Orléans, que é talvez a figura mais perfeitamente representativa da nação franceza, bem merece o culto das mulheres da sua raça! E se aqui são sobretudo as mulheres que formam as multidões, hoje o numero dos homens parecia ainda menor que de costume nas ruas da capital...

Das sacadas altas, dos postes, entre festões de flores, as bandeiras da virgem guerreira, branco-azul, — pendiam.

Na praça das Pyramides, a sua estatua equestre (em Paris ha tres estatuas de Joanna

d'Arc), tinha aos pés uma corôa de hortensias e lyrios, alli collocada ás primeiras horas da manhã pelo presidente da Republica, outra de hortensias e rosas brancas, offerecida por Poincaré em nome do governo, e outra, ainda, de hortensias e jacinthos, offerecida pelo municipio. As 10 horas, nessa praça, que fervilhava de gente, os primeiros batalhões appareceram, precedidos de fanfarras e tambores, saudados pelo povo com aclamações longas. E' a tropa de linha, que toma posição. A um signal do ministro do Interior, quatro generaes avançam em direcção ao monumento, perfilam-se em frente a elle, aos quatro cantos, e, ao romper triumphal da *Marselheza*, desembainham a espada em continencia, montam durante dez minutos guarda á heroína, que recebe assim a maior homenagem que lhe poderia prestar o exercito...

Depois o desfile começa.

☆☆☆

No largo de Sto. Agostinho é á santa, a Sta. Joanna d'Arc, que se dirigem as homenagens do povo e do clero.

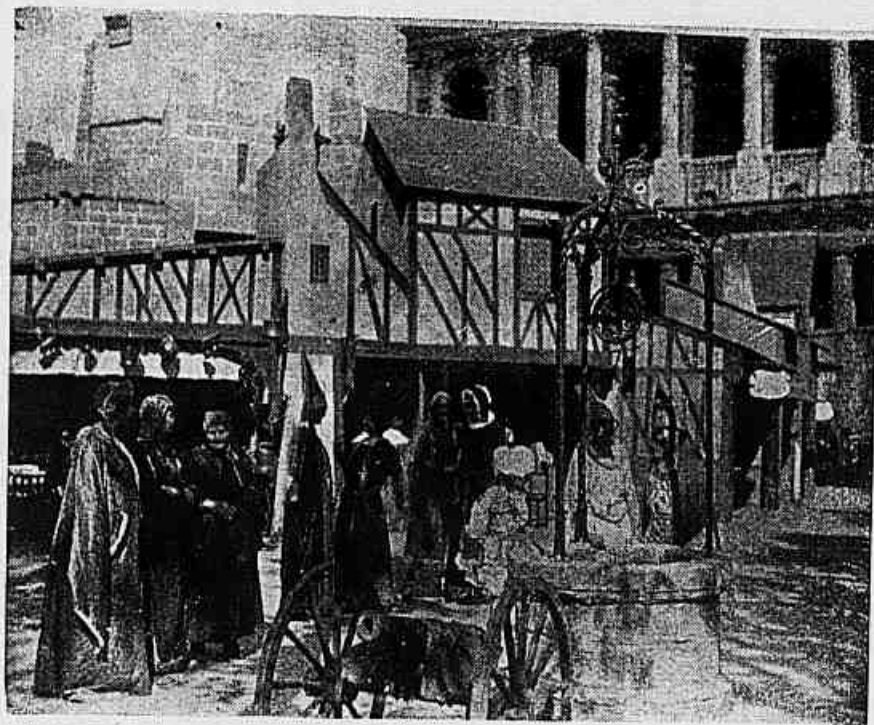
A estatua da virgem-martyr, erigida ao centro da praça, em face á igreja, está também ornamentada de flores azues e

brancas. O cardeal Dubois, arceb'spo da cidade, sob sumptuoso pallio, revestido de larga "capa", rodeado do clero da parochia, apparece ás 10 1/2 na escadaria do templo, ergue a mão, abençôa a plebe... As sociedades civis e religiosas, formadas em torno do monumento, baixam os seus estandartes em homenagem á santa. O povo descobre-se...

— *Mais c'est ce soir que ça va être beau!*
E eu espero a noite.

☆☆☆

A' noite, na praça de S. Sulpicio, organisa-se um cortejo historico. A feira de antiguidades e objectos de arte, que agora alli se realisa, havia preparado o recinto da melhor maneira: um muro, um torreão feudal, uma ponte



UM ASPECTO DA FEIRA DE ST. GERMAIN, EM PARIS

levadiça, um poço... A praça está cheia de servos e escravos, de castellões e castellãs, gentishomens, margraves e burgraves, de monges e monjas, bufões, bufarinheiros e homens d'armas — plebe heterogenea e variegada, vestida a caracter.

A certo momento, um arauto anuncia a aproximação de *messire* Jean de Metz, que chega logo apoz, revestido da armadura brilhante, a lança em punho, seguido de um troço de cavalleiros aguerridos. Apoz o heroe, vêm os arautos de Orléans, o porta-chaves, o porta-espada, rodeados por pagens adolescentes, que empunham archotes de resina... Depois, são as fiandeiras de Domrémy, as artesãs e as *demoiselles* orleanesas, as *porteuses du mai fleuri*, e os escolares barulhentos e turbulentos...

Agora, os applausos crescem: "Viva a nossa donze'la, que Deus envia!" E, rodeada dos seus arautos, entre os seus pagens Raymond e Minguet, empunhando a bandeira e o pendão, Joanna, commandante em chefe dos exercitos da França, apparece, erguida firmemente sobre os louros, a viseira levantada, o busto erecto, os olhos grandes volvidos para o ceu.

A plebe corre ao seu lado, aos gritos: "Gloria á libertadora! Gloria! Gloria!" e um truão simiesco, as pernas curtas, a cabeça enorme, segue, ás cambalhotas, fazendo chocalhar os guisos da roupa verde e encarnada...

Apoz a libertadora, é Arthur de Bretanha, conde de Richmond, *connétable* de França;

é João de Dunois, o bastardo de Orléans; são os marechaes de Retz e de Boussac; são os duques de Alençon e de Tremoille; é *messire* Bertrand de Poulengy, são Pedro e João d'Arc que avançam, ao lado dos escudeiros e porta-estandartes, precedendo os soldados gascões, os *routiers* bretões, os cavalleiros bearneses...

Fecham a marcha os rudes soldados de Orléans, armados de piques e de achas e commandados por barbudos capitães, altos como torres.

☆☆☆

Uma hora depois eu conseguia fallar á virgem guerreira que, já sem armadura, pallida e fatigada, me disse chamar-se Joanna Luce, ter 20 annos e ser, por sua mãe, originaria da Lorena.

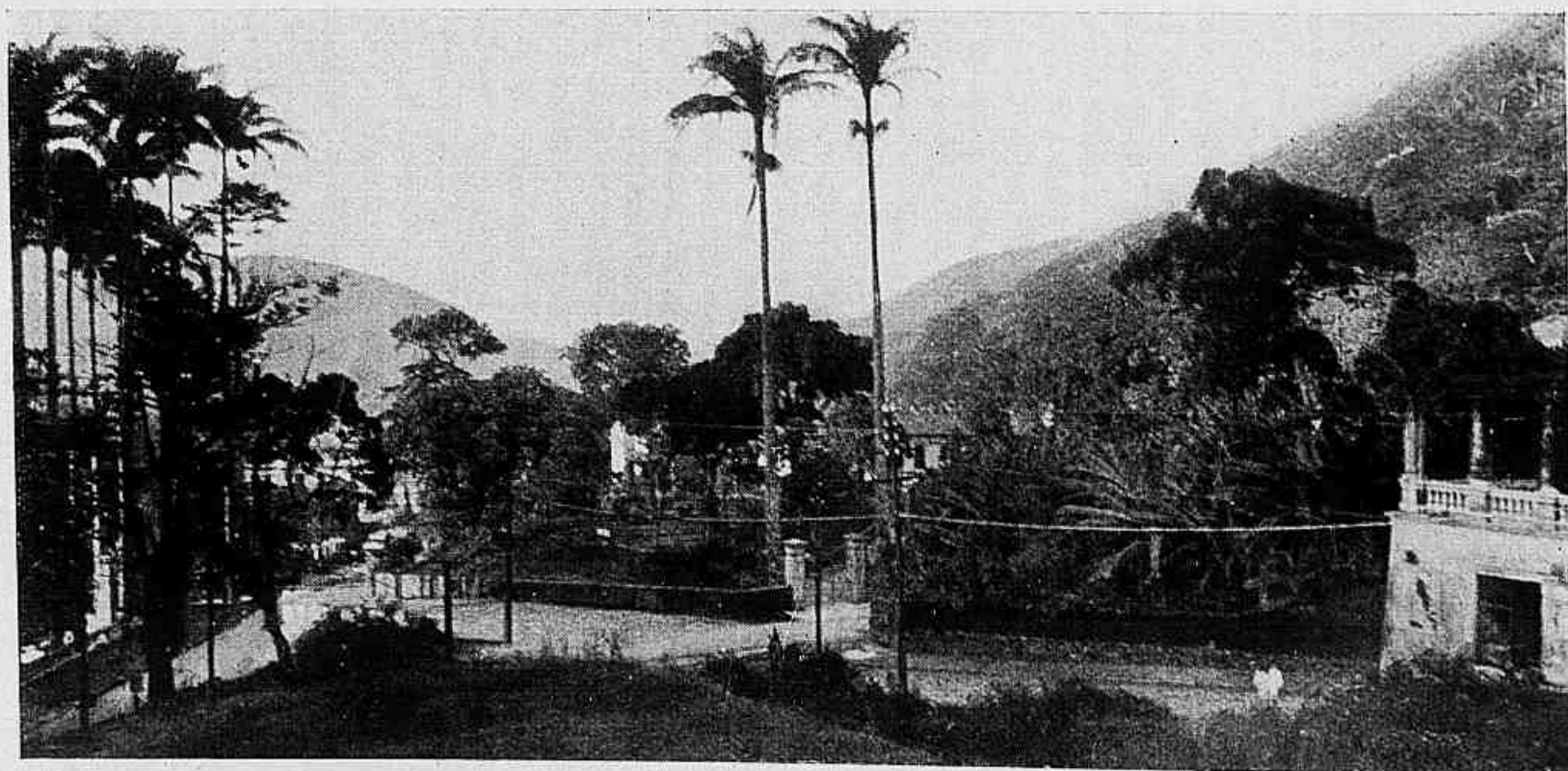
— Estou contente, embora muito, muito abatida... Antehontem, ao fazer um exercicio de equitação, cahi do cavallo, quebrei um braço á altura do punho — fractura dolorosa que não me impediu, entretanto, de figurar no cortejo. Bastou-me um pouco de boa vontade...

E enquanto ella ergue a manga, me mostra o braço mettido no apparelho de gesso, eu fico a fital-a, pensando que, na verdade, a fractura de um braço ou de uma perna é para estas heroicas mulheres francezas coisa que as não impede, quando occasião se apresenta, de montar a cavallo e ir commandar exercitos, ou mais simplesmente, de tomar o "metro" — e ir trabalhar!

Maio de 1923.



O CARTÃO DA FEIRA



RIO DE JANEIRO
ENCONTRO DA ESTRADA NOVA COM A ESTRADA VELHA DA TIJUCA

Sanque azul

peça em 1 acto, de Eustorgio Wanderley.

(CONCLUSÃO DO NÚMERO DE JULHO)

DR. SILVA — (*entrando em trajo de viagem: botas de montaria, esporas, etc.*): Onde estão Don'Anna e Dona Emilinha?

TIA MANUELA — (*impondo silencio com um dedo nos labios*): Fare baxo, siô doutlô; sinhásinha ta ari drumindo na cama... (*indica a D. B.*). E sinhá véia ta zunto déra. Qué qui vá samá?

DR. SILVA — (*muito nervoso*): Vá, sim... Espere... Não! Não vá. Deixe-as. Não é preciso incommodal-as. Diga-lhes depois, tia Manuela, que eu vim lhes apresentar as minhas despedidas... Será melhor assim...

TIA MANUELA — (*surpresa*): Eh! êh!... Siô doutlô vae zimbóla?!

DR. SILVA — Sim, tia Manuela; sou forçado a deixar hoje e, talvez, para sempre, este lugar.

TIA MANUELA — E sinhásinha cuma fica, condo sabê qui siô doutlô foi zimbóla?

DR. SILVA — (*desalentado*): Não sei!... Não sei que será d'essa pobre menina, tão confiante na sua felicidade, e que, repentinamente, vê todo o seu sonho desfeito!... Eu devia ter previsto logo o que hoje succede, e me afastado emquanto era tempo. Fui, também, confiante de mais.

TIA MANUELA — Siô doutlô, néga véia divinha as coisa derêto: Siô véio non qué dá sinhásinha pla casá cum siô doutlô, e siô doutlô vae zimbóla.

DR. SILVA — Quem lh'o disse, Tia Manuela?!

TIA MANUELA — Ninguém; mas néga véia desconfia... Siô véio é munto soblého, oguioso... Qué casá sinhásinha cuns palente derê, siô dinzenho... néga véia sabe...

DR. SILVA — A' vista disso, nada mais me resta a fazer aqui...

TIA MANUELA — Siô doutlô é inglato...

DR. SILVA — Eu, ingrato, tia Manuela?!

TIA MANUELA — E' inglato, inhô sim. Sinhásinha gosta de siô doutlô; siô doutlô gosta de sinhásinha; mãe déra qué casamento, e siô doutlô vae zimbóla...

DR. SILVA — Sim; mas o pae della não quer, e, sendo assim...

TIA MANUELA (*concluindo*): — Siô doutlô róba sinhásinha...

DR. SILVA — Raptal-a?!... Nunca! Seria uma acção indigna de minha pessoa. Se algum dia o pae della mudar de opinião...

TIA MANUELA — O pae déra!... (*Rindo ironicamente e meneando a cabeça*): Eh! êh!... êh!... O pae déra, coitado!...

DR. SILVA — (*curioso*): Que quer dizer, Tia Manuela?!

TIA MANUELA — (*mysteriosa*): Siô doutlô guarda seglêdo?...

DR. SILVA — Um segredo?!

TIA MANUELA — Sim; é seglêdo... (*baixando a voz*): Siô doutlô non dize nara a ninguem, e eu conta a siô doutlô o seglêdo tudo. (*Vae até á porta do fundo e repara se alguém a escuta; depois volta, leva o Dr. Silva até á ribalta onde lhe falla baixinho*): Néga véia nunca dixe seglêdo de sinhá a ninguem; dize a siô doutlô plaquê qué bem a siô doutlô e á sinhásinha. Escute aqui no ouvido... (*Falla ainda mais baixo, porém bem claramente*): Naquêre tempo sinhá véia era moça qui nem sinhásinha é hóze. Tinha seu page de confiança, que era o Pêdlo, elia de estimação, — murato bonito, — non é plu sê meu neto, mas era monto bonito. Zêre se gostaro tóros dois. Pêdlo predeu o juizo e num d'á surudiu a estralada... Sinhá Don'Anna foi mandada plo inzenho do tic, que é siô véio, e Pêdlo, coitado, foi plo tlon-

co, e non sahiu maze vivo de lá: manheceu mlôto e foi terrado na bagacêla.

CORONEL — (*apparece á porta da E. A. e, vendo o Dr. Silva, fica meio occulto, escutando o dialogo*).

DR. SILVA — Mas isto é uma monstruosidade!... TIA MANUELA — Fare baxo. No inzenho de siô véio, Sinhá Don'Anna casou com êre e, no fim de sete mez, nasceu sinhásinha menina glande, "de tempo"...

DR. SILVA — Basta! Não quero ouvir nem mais uma palavra a esse respeito!

TIA MANUELA — Eu conteu seglêdo a siô doutlô pla dizê qui pae de sinhásinha era Pêdlo, meu neto... Siô véio non sabe de nada...

DR. SILVA — E Deus permitta que nunca o saiba!... (*sahindo*): Adeus, Tia Manuela! Guarde, para sempre, seu segredo, porque de mim ninguem o saberá. (*Sahe pelo fundo*).

TIA MANUELA — (*acompanha-o, abençoando-o*): Noss'siô vá na sua companhia, siô doutlô; e a Vige Malia... (*Sahe pelo fundo*).

CORONEL — (*que tem ouvido o fim do dialogo precedente, entra, como um louco, dirige-se á D. B. espreita pela porta entreaberta e sahe por ella, voltando logo depois, a arrastar pelos pulsos Don'Anna estupefacta*): Dize, miseravel: por que zombaste de mim até hoje?...

D. ANNA — Que quer dizer, senhor?!

CORONEL — (*soltando-a*): Vamos! Tira a mascara, hypocrita, e confessa tua falta! Com que fim me illudiste durante vinte annos, fazendo com que eu acreditasse ser minha filha, a filha do teu amante?!

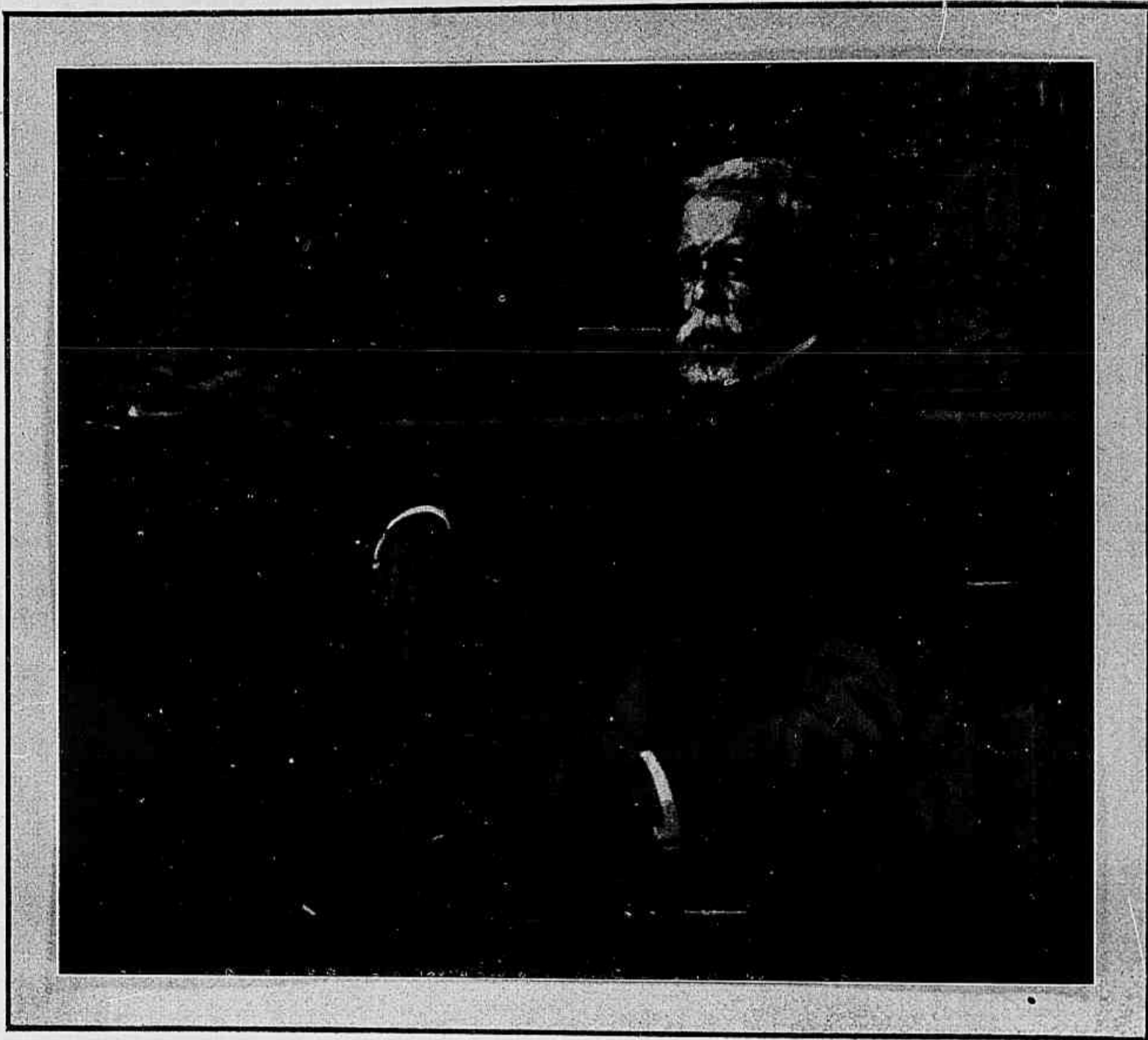
D. ANNA — (*supplice*): Perdão!... Eu não fui culpada. Depois da falta que commetti, fui desterrada para o seu engenho. Lá, o senhor me propoz casamento, e deve se lembrar da minha reluctancia contra a sua pretensão. O senhor dirigiu-se a meus paes, fazendo-lhes o pedido da minha mão. Elles é que tiveram a culpa de aceitar seu pedido, como se eu ainda fosse digna do senhor; e, o que mais é, de me constringerem a accètal-o por marido, quando eu já me sentia grávida de outro!...

CORONEL — Miseraveis!... Agora comprehendo o motivo por que me embriagaram na noite do casamento!... E porque não me confessaste, em tempo a tua falta, antes de enlameares meu nome, ligando-o á tua deshonra e ao fructo dos teus amores infameis?...

D. ANNA — Quantas vezes não estive eu prestes a lhe confessar tudo, franca e lealmente, antes do nosso casamento!... Mas, além do natural vexame de semelhante confissão, eu tinha, sobre minha cabeça, a ameaça de morte do meu pae e irmãos se tal fizesse. E eu não queria morrer... Sentia já pelo pequenino sêr que trazia nas entranhas, um profundo e curioso amor. Queria viver por eile e para elle. Aquella creança deu-me a coragem do silencio contra a minha consciencia que se revoltava, porque o silencio era a vida.

CORONEL — E depois, quando livre dessas ameaças pelo facto consummado do casamento, por que não confessaste tudo?

D. ANNA — Depois, quando ainda não conhecia bem o seu character, eu, cada dia, me enchia de coragem para lhe fazer a confissão da minha dupla falta. E essa coragem ia me faltando aos poucos, á proporção que ia conhecendo seu modo de encarar estas questões de honra. Sabia que não me perdoaria, e faltou-me de tçdo a coragem para arrostar a sua colera.



MACHADO DE ASSIS. OLEO DE HENRIQUE BERNADELLI, PERTENCENTE À ACADEMIA BRASILEIRA DE LETTRAS

CORONEL — Ainda bem que o confessas agora. E... esse teu amante quem era?...

D. ANNA — Para que quer saber-o?

CORONEL — Quero, sim; exijo-o!...

D. ANNA — Pois bem. Era Pedro, o meu pagem...

CORONEL — (*perplexo*): Pedro?!... Aquelle escravo que era neto da preta velha?!...

D. ANNA — (*submissa*): Sim. Perdão!... Se não confessi ha mais tempo, foi porque receava que me matasse... Perdão!...

CORONEL — (*terrível*): E não eram vãos esses receios! Desgraçada, que deeste tão baixo, arrastando-me contigo na tua queda!...

D. ANNA — Perdão!...

CORONEL — (*com desprezo*): Amante de um escravo!... De um mulato!... Sem querer surpreendi este segredo quando era confiado a alguém que agora, talvez, esteja rindo de mim! (*desvairado, sacando de um punhal*): Ah! Prepara-te que vaes morrer, miseravel! (*avança para Don'Anna*).

D. ANNA — (*recuando, grita*): Não! Não! Piedade! Socorro!... Acudam! Minha filha!...

CORONEL — (*allucinado, segura e crava-lhe o punhal no peito*): Morre!...

EMILIA — (*entra da D. B. e grita, procurando intervir*): Ah!... Socorro! Meu pae!...

CORONEL — (*afastando-a*): Deixa-me! Não sou teu pae!

EMILIA — (*reparando no punhal e correndo a socorrer Don'Anna que tem desfalecido no sofá*): Assassino! Assassino!...

CORONEL — (*ao pagem que aparece, com outros, correndo do fundo*): Traz-me o cavallo sellado! (*Sale pelo fundo acompanhando o pagem*).

EMILIA — (*em desespero*): Prendam-n'o! Prendam o assassino!... Não o deixem fugir!... (*Cho-*

rando e procurando reanimar D. Anna): Minha mãe!... Minha pobre mãe!...

TIA MANUELA — (*entrando do fundo*): Que desgraça, meu Deuze!...

EMILIA — Depressa, tia Manuela! Mande chamar o doutor!... O medico!...

TIA MANUELA — Siô doutlô tava conveçando ali!... Vem zã ahí! Vem zã! (*Sale pela D. B.*)

DR. SILVA — (*entra do fundo, apressado, afastando os curiosos aglomerados á porta*): Que succede, Emilia?!...

EMILIA — (*em pranto*): Mataram minha mãe!...

DR. SILVA — (*sondando o ferimento e fazendo um tampão e ligaduras com um lenço que rasga em tiras*): E' um ferimento gravissimo!...

EMILIA — (*ansiosa*): E' mortal?...

DR. SILVA — (*com um dedo nos labios*): Silencio!... Ella se reanima...

D. ANNA — (*faz um movimento com o braço comprimindo a ferida do peito; depois abre os olhos*): Minha filha!... Doutor!... Sinto-me morrer... aos poucos...

EMILIA — (*amparando-lhe a cabeça*): Minha mãesinha...

D. ANNA — Adeus!... Morro feliz... por velos aqui... junto a mim... (*desfalecendo*): Não culpem ninguém... pela minha morte... Eu o perdoo...

DR. SILVA — Não falle. Descance...

D. ANNA — (*tomando as mãos de Emilia e do Dr. Silva e juntando-as*): Meus filhos... sejam... felizes!... (*Morre*).

EMILIA — (*num grito*): Morta!...

TIA MANUELA — (*que tem trazido uma vela acesa cerra, piedosamente, os olhos de D. Anna*): Foi plo céo!... (*Faz o signal da cruz e fica rezando ajoelhada*). Tem anoitecido completamente. Emilia e Dr. Silva choram abraçados enquanto o panno desce devagar.

Dantalo

por José do Patrocínio, filho.



OM aquella mania de jogar no "treze e quatorze", elle ficara sem um vintem:

— Nem p'ra o bonde! disse com os seus botões.

Aliaz, n'aquelle dia, os dados do Jagunço pareciam de "ampulheta" — estavam "cantando as paradas"...

Na sala, embora apinhada, não viu nenhuma "cara" com fé". Resolveu "cahir na

que pudesse "fazer rua".

Iria a pé para casa.

Desceu.

Naturalmente, quasi ás onze da noite, a rua da Quitanda estava deserta. Ap' sar d'isso, seguiu-a, em direcção á rua Larga, com a cabeça pendente, a passos nervosos que echoavam no silencio que o envolvia.

Fazia um pessimo juizo de si mesmo. Por que diabo é que não podia "dobrar" uma parada? Era praga? Era azar? Estava então destinado a ser sempre mais infeliz que os outros?

Já não tinha o que perder. Perdera a tranquillidade em casa onde a mulher descobrira de que provinham as necessidades que os assobravavam. Tendo sabido que jogava, o patrão despedira-o, n'aquelle mesmo dia. E era o saldo do seu ordenado, que deixara ficar no panno verde.

Então, empolgado pela emoção que o affligia, monologou rua afóra:

— Mas eu nunca fiz mal a ninguem! Só fui jogar para ver se arranjava um pouco mais para levar p'ra casa! Deus não existe!...

O guarda nocturno olhou-o espantadissimo. Seria um doído?

Elle passava agora por entre os edificios em que funcionam bancos, escriptorios do alto commercio, casas a'acadistas. E pensou que, por traz de qualquer d'aquellas portas, havia muito mais do que carecia para endireitar a sua vida...

Como havia de ser no dia seguinte? Que dizer á mulher, quando ella o visse chegar a pé, faminto, escaveirado? Como abrandar o scnhor'o, a quem já devia tres mezes de alugueis, se elle descobrisse que perdera o emprego?...

Tinha chegado á rua Larga. Dobrou. Seguiu em direcção á estrada de ferro.

A que horas chegaria a Villa Isabel?...

Ah! se ao menos tivesse o dinheiro do bonde!...

Adeante, reparou n'um mendigo, que contava a sua féria de esmolos, fazendo pequenas pilhas de nickéis, á soleira da porta de uma igreja, a que estava sentado.

Possuia menos que um mendigo!...

Era de facto o escarnio do destino!...

Mas não podia ficar n'essa situação. Custasse o que custasse, precisava levar para casa algum dinheiro. E ap' sar de já estar proximo ao Campo de Sant'Anna, retrocedeu pelo mesmo caminho.

Tornou a encontrar o mendigo, que ainda estava empilhando moedas á porta da igreja.

Notou, passando por elle, que devia ter mais dez mil réis, se os montes fossem de dez tostões cada um.

Entretanto, o desgraçado a'inda lhe estendera a mão!

Sentia-se exausto. Nem tinha coragem de ir para casa, nem de voltar para a cidade, a ver se algum conhecido lhe emprestava qualquer cousa...

Final de contas, era até melhor que ficasse na cidade, evitando ter de voltar a pé, no dia seguinte. Mas estava com tanto somno!...

Onde ir dormir?

Lembrou-se do albergue nocturno, que então ainda existia no caes do porto.

Encaminhou-se para lá.

Ao que chegara!... — ia pensando pelo caminho.

Um ultimo preconceito fel-o hesitar á porta.

Entrou, por fim. E logo á entrada do barracão, em que func'nava o albergue, sentiu um bafio agudo de suor antigo, que subia das tarimbas alinhadas perpendicularmente ás paredes de madeira...

— Boa noite.

— Boa noite.

Julgou-se na obrigação de se explicar com o "encarragado". Fôra roubado, era de Nictheroy, não podia voltar para casa.

— Pôde dormir ahi... — respondeu o outro indifferente, sem prolongar a conversa.

E elle foi escolher uma tarimba para deitar-se. Uma penumbra funebre reinava. Ouvia-se o ressonar dos albergados, guttural e nasal. Dormiam todos.

Tirou o collarinho. Deitou-se. O acre cheiro de suor incommodava-o. Repugnava-lhe o travessilho de serragem e não encontrava commodo sobre as rudes taboas encardidas. Não podia dormir.

N'isto, viu que se encaminhava para si um ser chimerico, inacreditavel, com um ruido secco de mulletas.

Era um alcijão horrndo. As pernas flacidas, arrastavam-se como mortas cartilagens pelo chão. Enterrava-se-lhe a cabeça entre os hombros e exhalava um soluço secco a cada passo.

Phantasmagorico e sinistro, dir-se-hia que o mostrengo levava um seculo a chegar!

E, magnetizado de horror, seus olhos fixos n'elle reconheceram, aos poucos, o mendigo de havia pouco, na rua Larga.

Accommodou-se na tarimba junto á sua.

Era hodiando de perto. E os seus andrajos tresandavam uma catinga intoleravel.

Coçou-se todo.

Estirou-se com um suspiro de conforto, como se recolhesse a um leito macio e fresco.

Não dormou a adormecer. Roncava...

Então, sorrateiramente, elle sentou-se. Olhou em torno, perscrutando tudo. E esgueirou-se, como uma sombra, até á tarimba do alcijado.

Palpou-o, com mão subtil, entre os andrajos. Sustinha a respiração. Puxou de leve um sacco que os seus dedos encontraram. Mas sentiu resistencia. Examinou. Estava preso a um barbante. Olhou de novo, a ver se algum despertara. Nada. Baixou a cabeça, mergulhou o rosto entre os farrapos fetidos. Cortou com os dentes a presilha...

Ergueu-se. Metteu no bolso o collarinho. Apanhou o chapéu.

(Conclue no fim do numero)

SENHORINHA BELKISS BARROSO DO AMARAL E SENHOR GUI-
LHERME DE ALMEIDA, CUJO ENLACE SE REALISARÁ BREVE



A NOIVA É UMA DAS MAIS DISTINCTAS FIGURAS DA SOCIEDADE
BRASILEIRA ; O NOIVO, O POETA QUERIDO E TÃO ADMIRADO

"Poema da Saudade"

Tito Osório Torres

ADORAÇÃO

A' minha mulher Alayde Fialho.

Numa suave indecisão teu vulto
Sempre a meus olhos lúcido aparece
A' intensa invocação de minha prece
Na sagração diuturna de meu culto.

E á Apparição radiosa, que entenece,
Quero fallar-te e, apenas, um singulto
Expressão de recondito tumulto
Fóge ao labio que trémulo emmudece.

Présto, exaurido de intimos refólhos,
Sóbe o pranto que a vista me invalida
Refrangindo e irizando á luz dos olhos!

E assim, compondo essa Visão, que adóro,
Vejo-te sempre mais embellecida
Pelo prisma das lagrymas que choro!

IMPASSIVEL

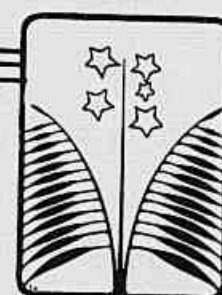
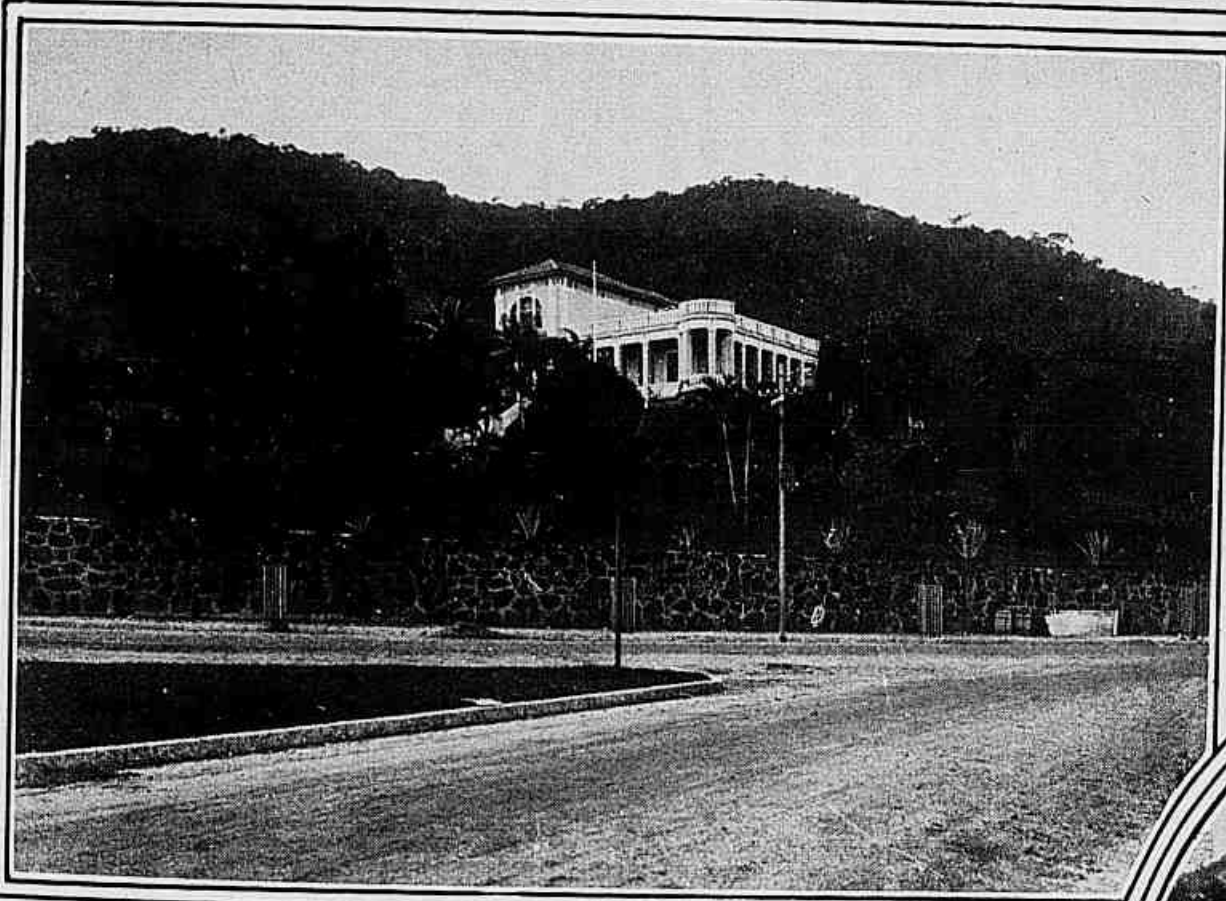
A Alvaro Moreyra

Parece que, afinal, desvendei o motivo
De tua indiferença ante toda a paixão:
Cresceste ao pé do mar, que foi exemplo vivo,
Pelo qual te educaste e fizeste, á feição.

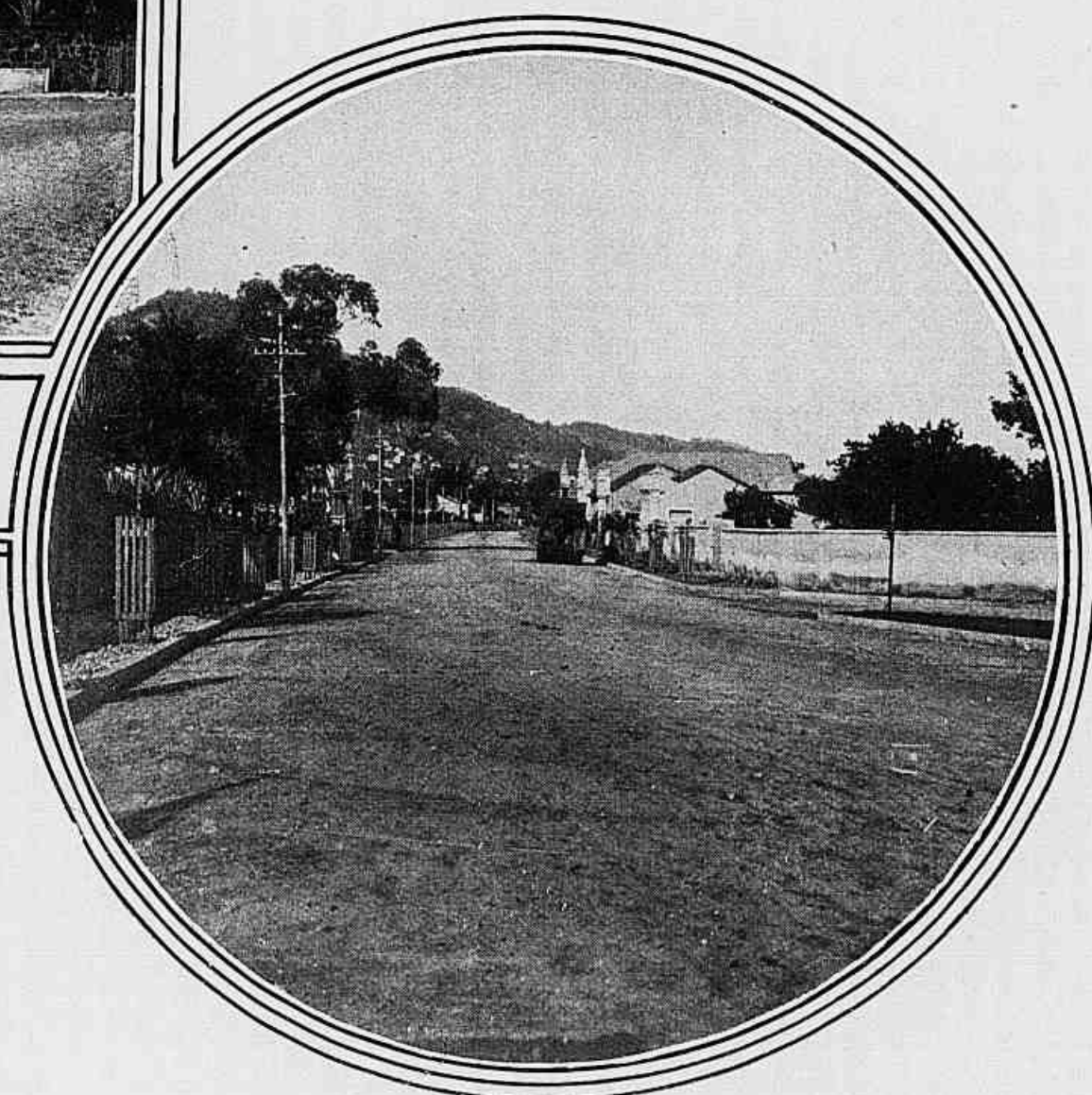
Multivio, desigual, libertario e captivo,
Na inconsciencia brutal da propria perfeição,
Eil-o, ás vezes humilde, as mais vezes altivo,
Porém sempre abysmal a exaltar a Emoção...

E das ondas guardaste, em pura resonancia,
No marulho fallaz o culto da Incerteza
E a attracção perennal do encanto da Distancia.

Soberba, evocadora, insensivel e fria,
Amortalhada em luz pela propria belleza
E's, portanto, infeliz, uma concha vasia!

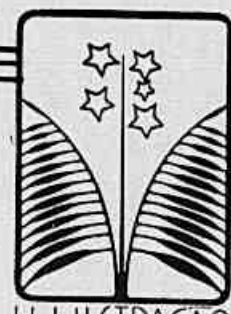
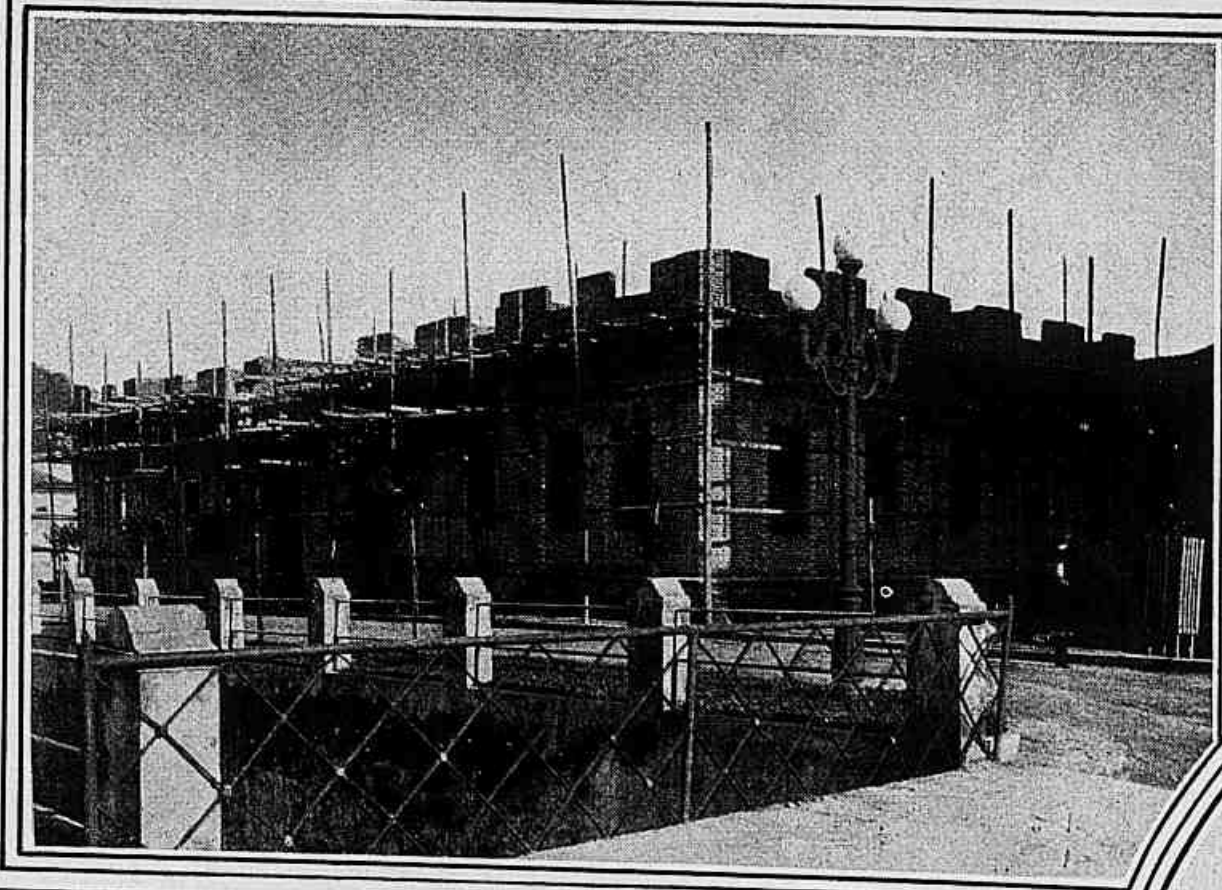
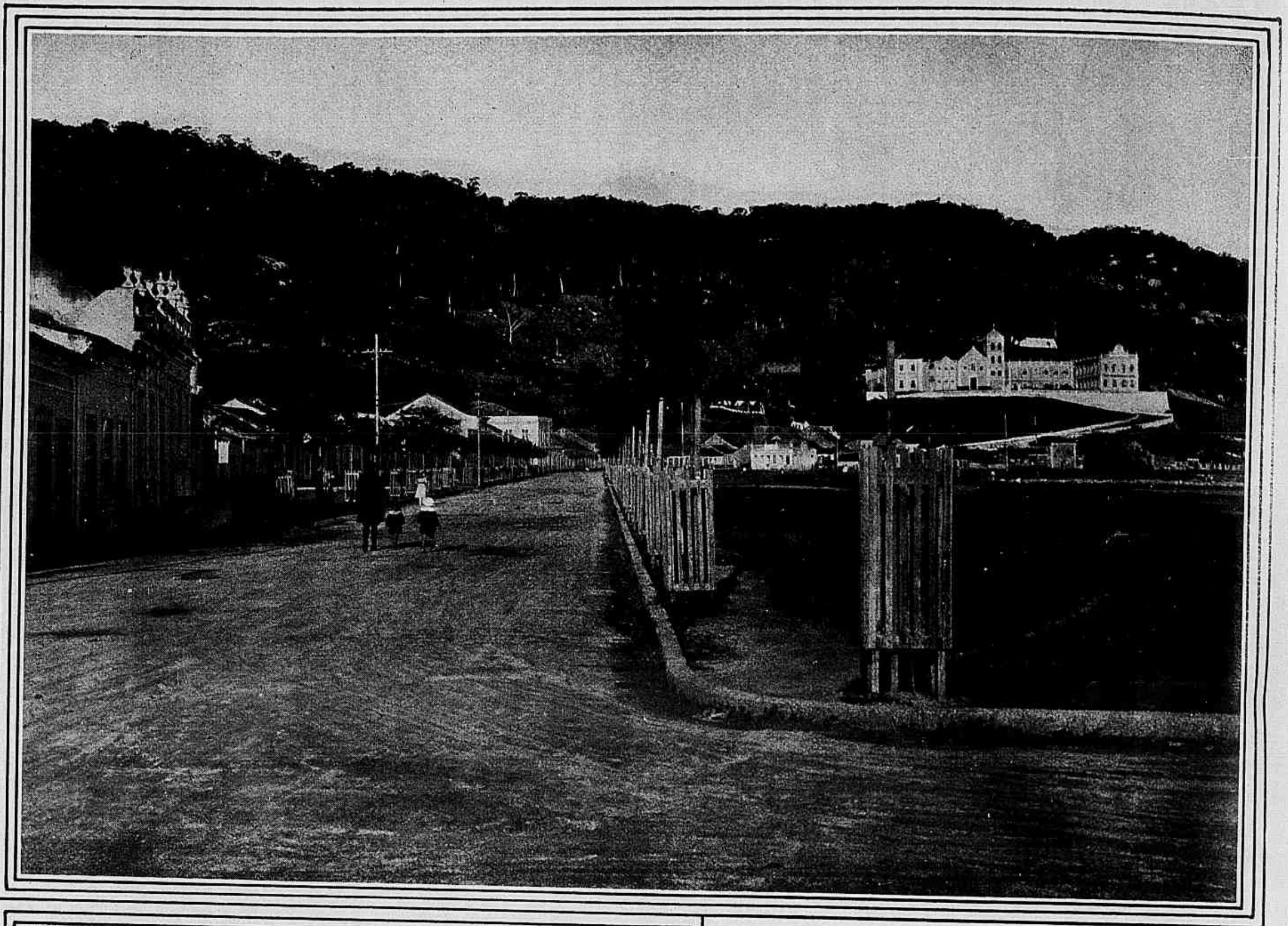


ILLUSTRAÇÃO
BRASILEIRA

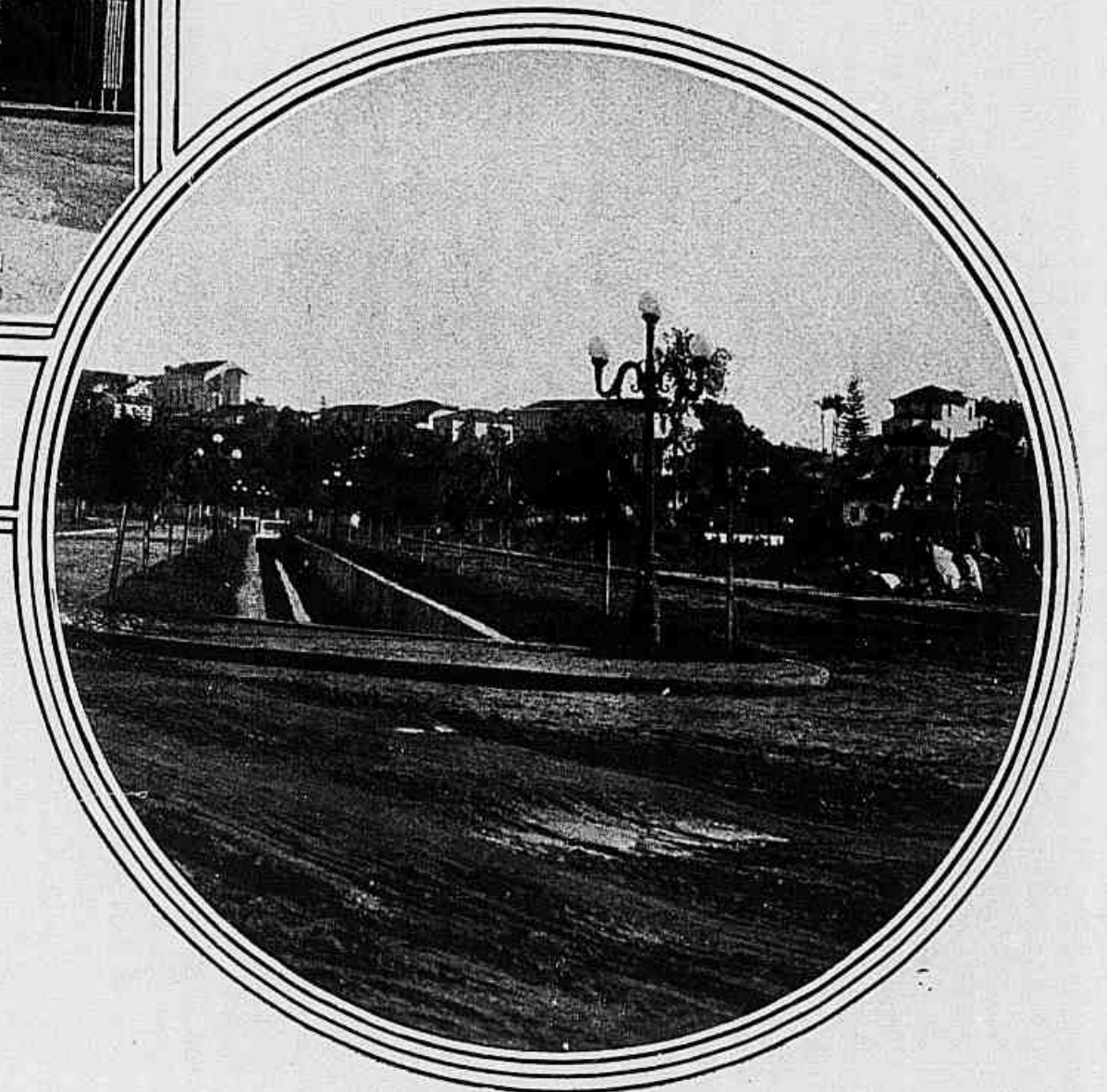


ESTADO DE
SANTA CATHARINA

DEPENDENCIAS DA ESTAÇÃO AGRONOMICA DE FLORIANOPOLIS
CASA DE MORADIA DO EXMO. SR.. DR. HERCILIO LUZ — A RUA
JOSÉ VEIGA, EM FLORIANOPOLIS, ARBORISADA E MACADAMISADA



ILLUSTRAÇÃO
BRASILEIRA



ESTADO DE
SANTA CATHARINA

HOSPITAL DO SENHOR DOS PASSOS — INSTITUTO POLYTECHNI-
CO: OBRAS DO PREDIO PROPRIO — EIXO DA AVENIDA HERCILIO LUZ

FLORIANOPOLIS

Movimento literário



RES livros: um romance, um de contos e o ultimo de versos, todos lindamente editados pelo "Anuario do Brasil". São elles: "O que tinha de ser" de Mario de Alencar; "Noite de Caliban" de Teixeira Soares e finalmente "Ronda Crepuscular" de Silveira Netto. E' evidente que o Brasil precisa antes de poetas, visto que de poetas temos já um numeroso e bom grupo capaz de formar ao lado dos poetas menores de França, de Inglaterra, de Italia, de Portugal, etc...

Na prosa infelizmente pouca cousa temos. Principalmente no romance, que embora seja um genero muito procurado aqui por escriptores, está ainda em atrazo consideravel.

Assim, devemos dar uma menção especial ao livro do Sr. Mario de Alencar que produziu um bello romance tão fiel á vida que parece foi adoptado por esta. Seus personagens, bem estudados, bem imaginados e perfeitamente logicos, são esplendidos. Basta dizer-se que todos elles occupam um mesmo plano. Não ha um que seja secundario. O que não quer dizer que não haja culminancias. Mas simplesmente que sendo todos tão perfeitos, tão naturaes, e de tanta vida que têm parecem todos levar consigo o papel principal do romance. Qualquer delles, apanhado de surpresa e retirado isoladamente do livro, poderia fazer de protagonista de outro romance.

Porque todos elles são animados. Porque cada um tem uma existencia que lhe é propria. Além disso, é o livro do Sr. Mario de Alencar muito bem escripto, muito correcto e real na linguagem e a acção do romance é das que mais attrahem e prendem, e tanto que, acabada a leitura, e a fatalidade tendo destruido a vida de alguns e atirado para a sombra uma existencia boa, simples, meiga e grande na sua simplicidade, que nada fizera para ser desgraçada, antes merecedora de todos os bens — ficamos a sentir toda a tragedia do romance, e sentindo-a bem verdadeira, ai de nós! bem igual ás tragedia da vida, bem humana.

Assim consegue commover quem, como o Sr. Mario de Alencar, que é um escriptor de raça, por herediatariedade até, digamol-o, escreve um romance por todos os titulos recommendavel.

☆☆☆
"Noite de Caliban" é o titulo do livro de contos do Sr. Teixeira Soares, que se bem seja um moço, muito moço mesmo, já escreveu um bom livro, já tem uma maneira propria, quer de escrever quer na feitura, no *modus faciendi* do conto, que é um genero bem difficil hoje.

Visto que tem sido muito explorado e, ás vezes, com perfeição.

Em "Noite de Caliban" assim, está tudo muito bem. Salvo (e é com um sorriso amavel e subtil que o dizemos) a ingenuidade antes commovente que condemnavel, do auctor mostrar leituras, erudições pelo modo menos culto, que é o das citações no começo de cada conto. Para que? Para que ser tão intencional?

☆☆☆
E finalmente temos "Ronda Crepuscular" do Sr. Silveira Netto, um poeta que se fez successo com o seu primeiro livro "Luar de Inverno" apparecido em 1900, o mesmo não poderá fazer com este novo livro, que é mediocre e já *démodé* com os seus *tics* de poesia symbolista, decadente, ou emiliopernetteana.

Salvo o começo da poesia inicial do livro, *Re-*

quem do occaso, e mais o soneto *O mais feliz* e a traducção do Canto III da Divina Comedia, que está muito bem feita e é o melhor trabalho do livro, salvo isso e alguns versos esparsos aqui e alli nas poesias, "Ronda Crepuscular" é um livro mediocre, indigno de um vate que, segundo nos consta, promettia, ao seu apparecimento em 1900, ser alguem.

O. P.

Temos de registrar ainda a offerta de varios volumes, que evidenciam, insophismavelmente, a magnifica vitalidade da nossa litteratura, nos dias que correm. Para que o leitor possa ter uma rapida informação do genero e do valor desses trabalhos, transcrevemos, de cada um, uma pagina suggestiva.

DESCOBERTA DO PARAISO (Contos) — por Oliveira e Souza — Edição Monteiro Lobato & C.

— Pois hoje, toda a vez que o vejo, ponho-me a pensar na vida.

— Acaso é elle um elixir de... juizo?

— Penso e sinto. Prevejo um futuro muito frio, gelado...

— Da cor das suas mãos?

— Sim, se é que futuro tem cor. Acho que a Natureza é ingrata para conosco, os moços. Não deveria haver velhos. Velho é traste que só serve para atrapalhar os outros.

Dissimulei de novo o espanto, embora saiba que uma espirituosa ás vezes tem humor demasiado. E como é de bom alvitre fingir, fingi naturalidade:

— Por que essa maldade, senhorinha?

— A Natureza não devera conserval-os. Os anciãos é que nos estragam a sorte, a nós, as moças.

— Estragam a sorte! Como!?

— Simplicissimo! Teria percebido, se fosse mais subtil e arguto.

— Perdão! Por sobrehumana que fosse a minha argucia, não estaria á altura do seu espirito...

— Detesto a ironia... Olhe: se não fossem os velhos, que atravancam os altos cargos, esses cargos pertenceriam naturalmente aos jovens, occupariam estes as primeiras posições, e dahi as consequencias para as moças...

E os olhos d'amethysta de Annette, profundos e meio mysteriosos, pregaram-se nos meus."

RIMAS — por Euclýdes Lobato. — Edição da Livraria do Globo — Porto-Alegre — 1920.

"NIZE"

Como me sinto cheio de ventura
Quando tomo nos braços com cuidado
O teu roseo corpinho delicado,
O' mimosa e innocente creatura!

Em ti os olhos fixo enlevado,
Acarinho-te as mãos e a face pura,
E beijando-te a fronte com ternura,
Uno-te ao seio, ó anjo idolatrado.

Filha do meu amor! que aos meus abraços
Leda sorris, meu coração confia
Que ha de a Virgem do Céu guiar teus passos

Olhar sempre por ti, que vieste ao mundo
Banhar toda a minh'alma de alegria
E encher meu coração de amor profundo."

OS SERÕES DE DONA BRANCA (Contos) — por Paulo de Freitas. — Edição Monteiro Lobato & C. — S. Paulo — 1923.

"João Ribas nasceu com a bossa musical. Cedo, bem cedo, quando garoteava pela escola, circo de carrinhos ou mercado, não havia como elle para as-

sobiar. Musica ouvida, musica decorada. Dois minutos depois era capaz de repetil-a com todos seus *scherzso, crescendo, fuoco, fermata*, tudo. Como só era um, conciliava a harmonia com a melodia, fazendo o contra-canto, as corridas, os trinados. Marchas, valsas, tangos, eram com elle. Se o logar ou as circumstancias lhe não permittissem reproduzir a musica, armazenava-a bem e, na rua ou em casa, era um gosto ouvir-lhe a execução.

De muita gente sei eu que em Calamy por vezes se quedava absorta a escutal-o na esquina do Correio, preferindo-o á zanguizarra do bandolim do barbeiro ou do gramophone do barão.

— Um talento!

Com o perpassar dos annos tão apaixonado se achou pela arte divina que muitas vezes, auxiliando o pae na distribuição da correspondencia, quando vinha de entregar cartas trauteava um *dobrado*. Si se esquecia do logar alteava os sons da rouxinolada garganta, e os transeuntes, que acontecia cruzavam-no em seu caminho, sem querer pegavam da cadencia da musica e lá se iam com o pasmo:

— Um talento!

ROSAS MALDITAS (Tragedia em 4 actos) — por I. Roméro. — Edição da Livraria do Globo — Porto-Alegre — 1923.

“SCENA III

MARCELLO, (só)

Eis, por fim, tudo acabado! Agora, sim, minha querida Lucia, não sei quando nos tornaremos a encontrar, ou, melhor, si Deus permittirá que nos tornemos a vêr. (*Recita*).

“Pobres amores, sem destino,
Soltos ao vento e dizimados!...
Inda vos choro. E, como um sino,
Meu coração dobra a finados!...”

Só mesmo o grande Bilac poderia pintar ao vivo uma dor como a que me punge n'esta hora. Oh! as convenções sociaes, e os mesquinhos interesses que as rodeiam!... (*Sôa o tympano da porta, e Marcello vae ver quem se annuncia. Uma mulher vestida de preto e com um manto, da mesma côr, sobre a cabeça, apparece á porta*).

SEARA (Poesias) — por Oscar Cunha. — Edição Monteiro Lobato & C. — São Paulo — 1923.

“IDYLLIO

N'uma casinha modesta,
A' sombra amiga de arvores em flôr,
Ouvindo o chilrear dos passarinhos
Que em seus ninhos
Sempre em festa
Cantam maviosas canções de amor;
De um logarejo distante
Lá, junto á curva da estrada,
Por entre verdes montes
Desdobrada,
Qual faixa d'oiro rutilante;
Como seria bom, minha querida,
Vivermos ambos, na alegria honesta
Do nosso grande amor, tranquillamente!...
Sentir, em tudo, o desdobrar da vida:
Nos rosas que florescem á beira dos caminhos,
No azul do ceu resplandecente,
No oiro do sol, no murmurar das fontes
E, vibrando no espaço alegremente,
Nos risos de crystal dos nossos dois filhinhos!...
Como seria doce a vida assim: —
Feliz, sem ambições, correndo ao léo...
Vendo tudo o que adoro junto a mim!...
Mais distante da terra — e mais perto do ceu!”



MONUMEN-
TO A EÇA
DE
QUEIROZ,
NA AVE-
NIDA
RUY
BAR-
BOZA

TRABALHO
DO ESCUL-
PTOR
PINTO
DO
COUTO,
HA POUCO
INAU-
GURADO

A actualização da imprensa na formação da nacionalidade brasileira.

por Angyone Carter



AO é exaggero dizer que foi a imprensa que creou, no Brasil, o bom gosto litterario, o amor ás coisas de intelligencia, iniciando a educação do povo.

A principio, os poucos jornaes que existiam, excepção do "Jornal do Commercio", não tinham

sahida diaria e, ou se occupavam de noticias que interessavam propriamente os negocios, publicando relatos de chegadas e partidas de navios á vela, que demandavam a immensa costa brasileira, notas sobre contractos e distractos de firmas, ou então, o que era mais commum, faziam mo-finas contra o governo ou contra o partido de cima, descurando toda e qualquer preocupação elevada, que pudesse auxiliar a formação da nova sociedade que as instituições monarchicas creavam n'esta parte do Novo Mundo.

O publico era escasso e não estava acostumado á doutrinação, por isso mesmo que não houvera até então imprensa capaz de realis-a. Haviamos atravessado o periodo do vice-reinado immerso na mais absoluta ignorancia, sendo prohibidas, pela côrte de Lisboa, a industria da impressão e a dos typos de antimonio e de madeira, que então se usavam, assim como a divulgação de todos os papeis impressos, especialmente os vindos de França, no fim do seculo XVIII, de onde já começavam a soprar os fortes ventos da Revolução.

A chegada de D. João VI com a sua côrte de padres e madraços de Lisboa, funcionarios publicos e lambareiros do paço, um pouco alterou este estado de coisas. Se é innegavel que o estabelecimento, no Rio de Janeiro, da familia real portugueza, trouxe beneficios á cidade e ao paiz, beneficios, em sua quasi totalidade, de ordem material, representados pelas medidas administrativas indispensaveis para justificar a existencia e o aparelhamento no Brasil, de uma côrte que fôra das mais sumptuarias da Europa, força é confessar que, no mundo moral, bem pequenas se fizeram sentir as conquistas obtidas com a presença de D. João VI, o qual, batido pela rajada napoleonica, que não era mais do que a projecção do movimento de 1789 a arrasar thronos e dynastias, nutria contra a mesma todos os odios susceptiveis de se accumularem na alma de quem se via jogado de sua patria á incertesa de um novo destino, em terra longinqua e pouco conhecida, para onde tão precarias se faziam as communicações, como difficeis se tornavam os recursos para implantar, de prompto, uma civilização.

No mundo propriamente das idéas, a acção de D. João VI pouco tinha ido além dos decretos vindos logo apoz o de 5 de Abril de 1808,

que creava a Intendencia Geral de Policia, não tendo o Principe Regente caracterizado a sua acção de estadista, contemporaneo da Encyclopedia e da Grande Revolução, por actos outros que demonstrassem o seu interesse pela educação do povo, quer no ponto de vista da desanalphabetisação da massa, quer propriamente na formação da mentalidade dirigente, que seria, mais tarde, a preocupação de todas as horas do governo de Pedro II.

E' facto que, logo apoz a sua chegada ao Brasil, o Principe Regente decretava a criação do Jardim Botânico, destinado a iniciar, no paiz, os estudos de historia natural, fundando, tambem, a Academia de Bellas Artes, que confiou a um illustre grupo de artistas francezes, emigrados voluntarios de sua patria, então trabalhada pelas mais violentas paixões, capazes de alterar o curso de uma civilização; mas, a verdade historica manda reconhecer que só muitos annos depois uma e outra d'essas instituições conseguiram, effectivamente, iniciar a realização de um programma, passando a ter vida propria que justificava a intenção de D. João VI ao creal-as, no momento de seu estabelecimento no Rio. O mesmo é possivel affirmar sobre a existencia da Imprensa Régia e do Archivo Militar, instituições, como aquellas, creadas pelo principe portuguez immigrado no Brasil. A primeira apenas servia para os pequenos encargos da côrte, muito embora publicasse, durante algum tempo, a "Gazeta do Rio", jornal a que se procurou dar, mais tarde, uma irradiação que, em seu tempo, effectivamente não teve. Tal afiançamos, por isso que se a "Gazeta do Rio" inseriu em suas columnas alguns trabalhos notaveis, como fossem o "Diccionario da Lingua Portugueza", de A. Moraes e Silva; a "Chorographia Brasilica", de Ayres de Casal; a "Historia do Brasil", de Southey, e outros mais, não agitou, jámais, nenhuma idéa que visasse esclarecer a Nação, educal-a, corrigir-lhe os defeitos, reconhecer-lhe os direitos. Não valia a pena franquear ao povo, como o fez D. João VI, a Bibliotheca Régia, que tinha, até esse momento, exclusivamente, o seu accesso permittido á familia real, para, tres annos depois, em 1817, suffocar em ondas de sangue, sem nenhum espirito de equidade ou de justiça, a esse mesmo povo, que, em Pernambuco, Rio G. do Norte, Parahyba e Ceará, se batia pelo ideal de liberdade já n'esse momento victorioso em quasi todo o continente americano.

E' por isso que o papel da imprensa, fundada por D. João VI, em nada concorreu, como força creadora, para a nova nacionalidade, servindo, apenas, como discreto elemento informativo dos actos officiaes. A publicação mesma, d'aquellas e de outras obras que taes, ficava sem repercussão, por isso que os lettrados, vindos de Lisboa, morriam de saudades e tempo não

tinham para empregar na leitura de trabalhos que diziam respeito á terra, por todos elles, excepção de D. João VI, cordialmente detestada. E dos outros, os que poderiam ler, nenhum interesse seria possível arrancar, porquanto estes, com as pequenas excepções comprehendidas nas grandes generalidades, não liam, porque não sabiam ler, porque não tinham escolas onde estudar e livros em que aprender.

De sorte que, nos primeiros tempos da nossa nacionalidade, como taes comprehendidos os precusores da independencia, que a mudança da côrte, de Lisboa para o Rio, incontestavelmente apressou, a acção da imprensa no Brasil foi quasi nulla, nunca tendo exercido influencia decisiva no drama cujo introito começava a se desenrolar.

A campanha da nossa emancipação politica foi feita nos pulpitos e nas maçonarias, onde então se reuniam os primeiros elementos da sociedade e, coisa notavel, o unico jornal que, verdadeiramente n'ella tomou parte, o "Correio Brasileiro", dirigido por Hippolyto José da Costa Furtado de Mendonça, e que teve prolongada duração, de Junho de 1808 a 1 de Outubro de 1822, era publicado na cidade de Londres. De lá vinham impressos exemplares, que conseguiam burlar a argucia do nosso Pina Manique, o desembargador Paulo Fernandes Vianna, intendente geral de Policia, durante todo o periodo que o Rio de Janeiro foi a capital do Reino Unido do Brasil, Portugal e Algarve, conforme resam os documentos officiaes do tempo.

Só mais tarde, muito mais tarde, a imprensa iniciou verdadeiramente o seu papel civilizador em nosso paiz, muito embora varios jornaes apparecessem e se arrastassem em vida mofina, servindo apenas para a divulgação de pequenas noticias, de interesse pessoal ou restricto, ou então, o que era muito peor, prestando-se a tecer intrigas entre familias, quando mesmo não as infamavam, sob a capa do anonymato, de que não raro surtiã discussões ou desforços pessoaes das victimas contra seus presumidos auctores.

Só muito depois, nas campanhas pela abolição, pela federação, pelo voto directo e pela Republica, a imprensa tomou parte relevante na obra constructiva do Brasil, não sendo exaggero affirmar que coube, justamente, á "Gazeta de Noticias", a "O Paiz" e, mais tarde, ao "Diario de Noticias", á "Imprensa" e á "Cidade do Rio", o papel importante de interessal-a n'essas grandes batalhas, pelas quaes ella tomaria gosto e das quaes faria, no futuro, o seu programma de acção.

Desde esse momento, porém, nenhum historiador poderá explicar a formação da sociedade brasileira, sem que tome em consideração o papel saliente que a imprensa passa a occupar. De 1870 para cá, as massas começam a receber instrucção mais methodisada, abrangendo todas as classes sociaes. O ensino vae perlustrando a vasta extensão do littoral, em demanda dos sertões. Os illetrados diminuem de numero. As communições mais constantes com a Europa carregam para a nova sociedade elementos de cultura feitos do Velho Mundo. Moços das principaes familias cursam universidades, de preferencia em Portugal e em França, trazendo, de regresso á patria, idéas que muito ute's vão ser ao desenvolvimento acelerado da Nação. E'

quando o valor da imprensa começa a se fazer impor. Domina justamente no instante em que a nacionalidade incipiente, sahindo mais senhora do seu proprio valor, da sua incontestavel grandesa, dos campos do Paraguay, onde havia affirmado, com o sacrificio de milhares de filhos e o desbarato da sua economia, o principio de que a America precisava integrar-se na civilização, dando fim ao caudilhismo que a segregava do convivio dos povos policiados, necessitava de crear e manter uma força que fosse a tribuna permanente por onde a Nação educasse o povo, orientasse, instruisse, plasmasse as gerações que teriam mais tarde a responsabilidade do poder.

N'estas condições, a imprensa tinha de ser o que foi, uma tribuna não só puramente de idéas politicas, como de orientação generalisada, que abrangesse a litteratura, incentivasse as pesquisas scientificas, despertasse o amor á arte, tão vivo nas populações equatoriaes, descerrasse, em summa, aos olhos da Nação, que começava a sentir a consciencia da propria força, os novos caminhos que, d'aquelle momento por deante, tinha que perlustrar. E outra não podia ser a attitude a tomar. O Brasil sahira da guerra do Paraguay com a visão do importante papel que ia desempenhar na historia. As virtudes da raça, tão nobremente expostas na lucta porfiosa, creavam-lhe uma situação excepcional, a de um paiz novo, que se sentia grande, mas tudo precisava organizar para transformar em força util esta grandesa dispersa.

Era a força que se procurava plasmar em energia creadora. Basta saber-se que, em 1875, apenas existiam no Brasil, officialmente, 5890 escolas primarias, com a matricula de 187.915 alumnos, para que tenhamos a idéa exacta do estado em que se encontrava o paiz, n'aquelle momento historico.

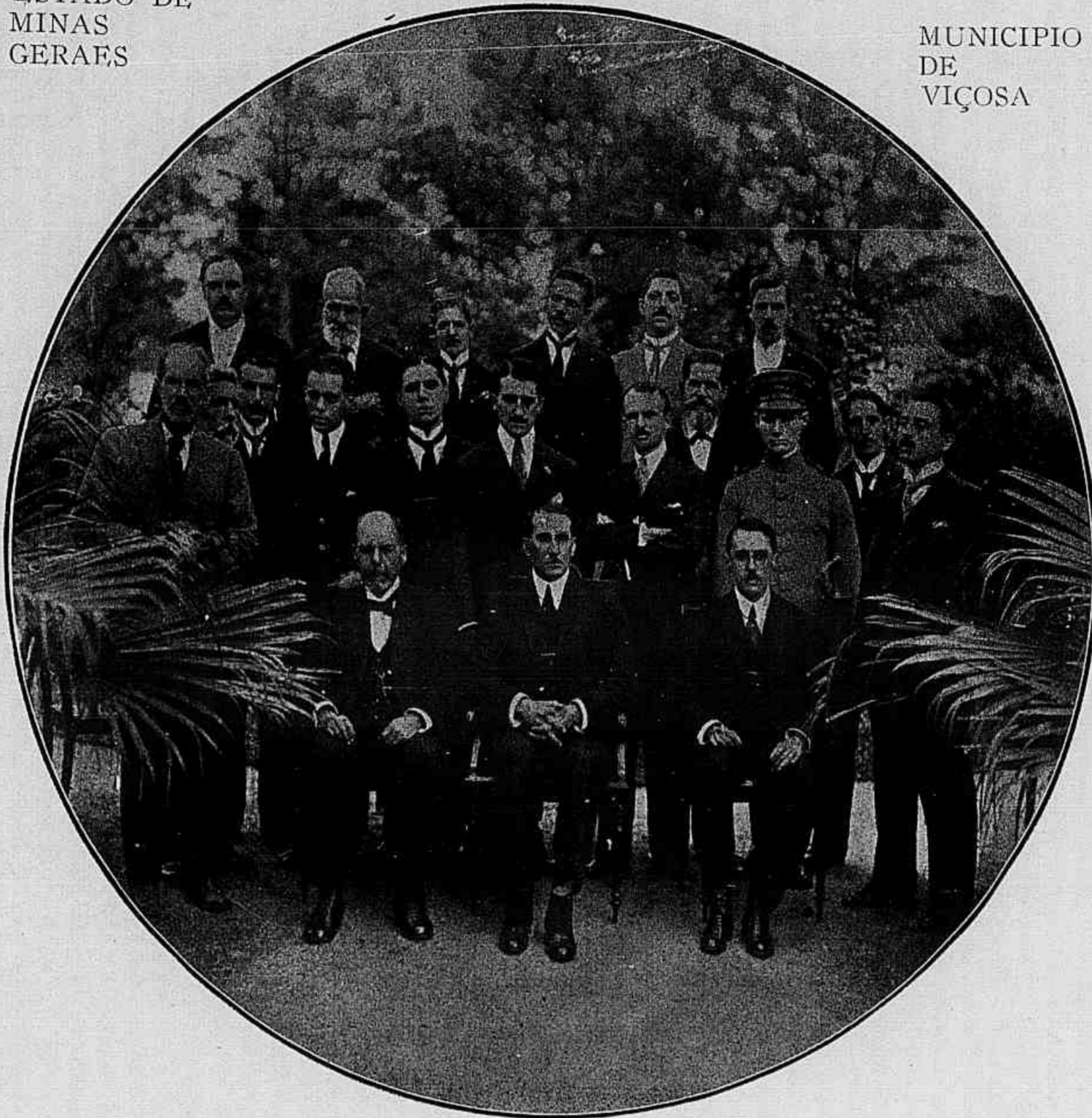
O aparelhamento da imprensa foi, então, uma necessidade nacional inadiavel, um serviço reclamado por todas as forças vivas da Nação. Homens esclarecidos souberam movimentar essa arma e, em pouco tempo, nada se fazia sem que, primeiramente, nas columnas dos jornaes ou na satyra dos caricaturistas, as idéas se depurassem, os projectos fossem discutidos, as boas lembranças semeadas. Tornou-se a imprensa o vehiculo, por excellencia, do pensamento nacional, a tribuna que educava, o livro que ensinava, o mestre que corrigia. Pelas columnas dos jornaes, ao mesmo tempo que se fazia a propaganda das idéas generosas de liberdade, de patriotismo, e de outras convenções mais ou menos tão impressionaveis quanto estas, divulgavam-se, tambem, os bons escriptores, nacionaes e estrangeiros, os melhores poetas que surgiam, as inclinações artisticas, na musica, na pintura, na esculptura, que appareciam todos os dias.

E' possível affirmar, sem favor, que a imprensa passou a exercer papel relevantissimo na historia da moderna civilização brasileira, estando tão intimamente ligada ás nossas conquistas que, de 1870 para cá, a sua actuação se confunde com as iniciativas tomadas pelos dirigentes da joven nacionalidade, não sendo mais possível discriminar onde começa ou onde termina a influencia do jornal.

Apenas n'um ponto collidem: quando os governos se excedem e ella lhes retira o seu apoio, visando evitar maior mal.

ESTADO DE
MINAS
GERAES

MUNICIPIO
DE
VIÇOSA



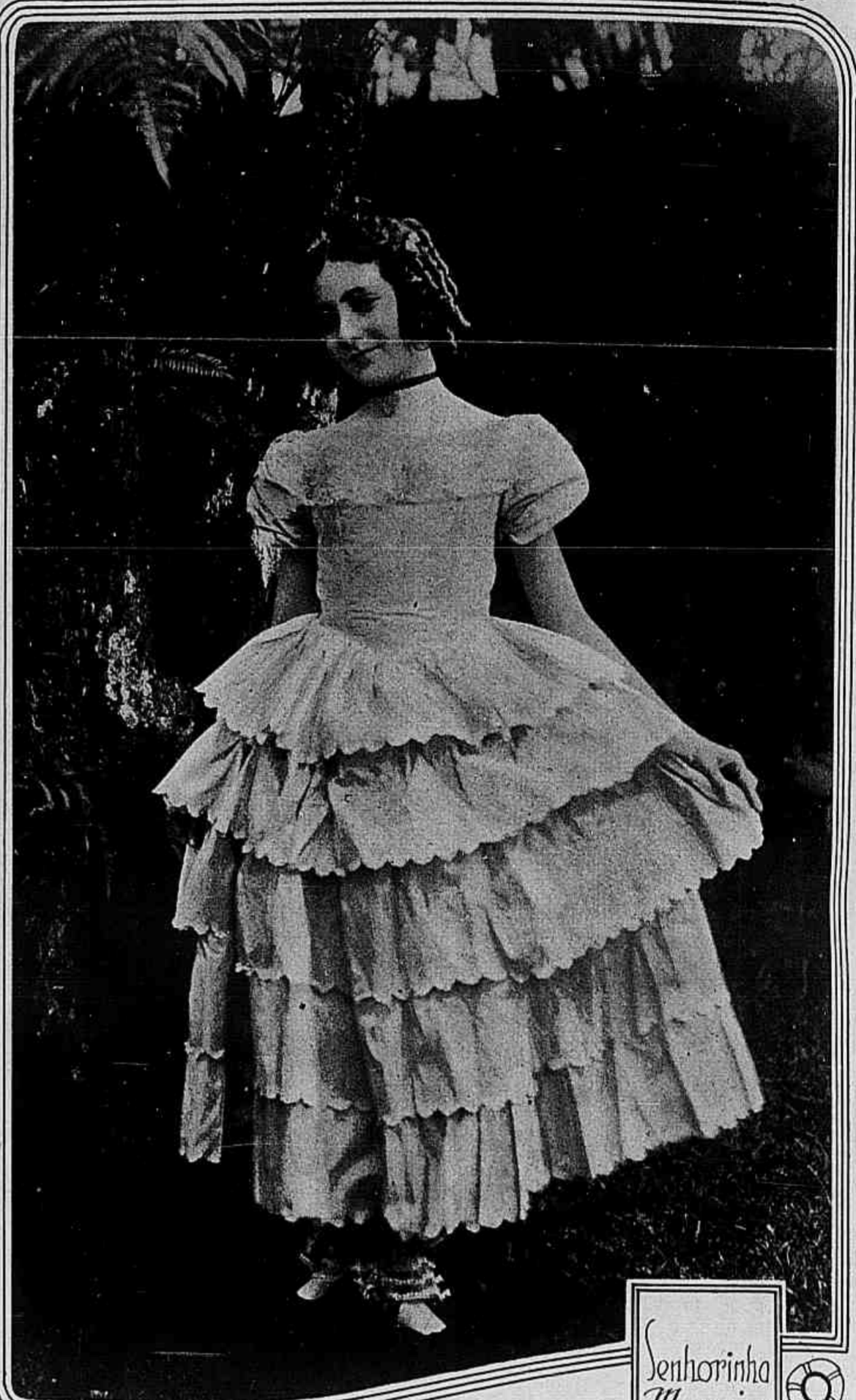
O DR. ARTHUR BERNARDES, ENTÃO PRESIDENTE DO ESTADO DE MINAS, EM VISITA Á SUA CIDADE NATAL, ENTRE OS SEUS ANTIGOS COMPANHEIROS DE FÔRO, VENDO-SE SENTADO AO LADO DE S. EX. O DR. FRANCISCO MACHADO, JUIZ DE DIREITO E O DR. EMILIO JARDIM, ADVOGADO E DEPUTADO FEDERAL E DR. ANTONIO BARBOZA, ESTIMADO ADVOGADO E ACTUAL PRESIDENTE DA CAMARA



VISTA GERAL DO JARDIM DE VIÇOSA, TIRADA EM 1916



Senhorinha
Nair



Senhorinha
Maria
Alice

Filhas do Dr. Estacio Coimbra
M.D. Vice Presidente da Republica

Registro Mundial

PROTECÇÃO AO TALENTO



vida do escriptor que começa, nos Estados Unidos, foi sempre içada de dificuldades e está ainda na memoria de todos um curioso artigo que appareceu na *Atlantic Monthly*, intitulado: *Precisa-se de um Mecenas*, no qual o auctor dizia espirituosamente que pensava ter talento para ser litterato, mas que lhe faltava o gosto para solver os problemas praticos da vida. E não sem azedume, criticava a sociedade que tão mal apreciava a litteratura, terminando por pedir um "patrão" no sentido romano e primitivo da palavra.

Agora, porém, appareceu na figura do Sr. Raymond Molyneux Hugues, reitor da "Miami University", senão o Mecenas desejado, pelo menos um remedio... animador. Em principio, o

sr. Hugues, admite que os artistas creadores, sobretudo os poetas, precisam de ser liberados das preocupações economicas para produzirem obra superior e que a protecção privada que, nas grandes epochas do passado, tão bem serviu ás artes e aos artistas, é cada vez mais rara. E d'esse principio é que nasceu a sua generosa idéa da *Universidade protectora do poeta, do musico e do pintor*.

E' sabido que as Universidades dos Estados Unidos são quasi sempre ricas e que gosam de uma grande liberdade por parte do poder geral e das auctoridades locais. Mantidas pelos fundos da instrucção publica ou pelas egrejas ou ainda pelas fundações particulares, recebem frequentemente legados, donativos e são dispensadas dos impostos. São, portanto, o meio de estabelecer numerosas *fellowships*. (1)

O Sr. Hugues fez votar seu projecto "auxilio aos artistas" pelo conselho governante de Miami em 1921 e chamou immediatamente para Oxford (Ohio) o conhecido poeta e dramaturgo

(1) Sociedade que admite alumnos graciosamente.

Percy Mac Kaye, que aceitou o convite. Construíram para o poeta uma linda cabana de estudo, no *back campus*, o grande parque, com densa floresta, que existe por detraz do agrupamento principal dos edificios da Universidade.

Mac Kaye trabalha ali quasi todos os dias, gosando uma tranquillidade desconhecida dos seus confrades das grandes capitães. Uma vez por semana, á tarde, os estudantes que se interessam pela litteratura são recebidos pelo poeta, que lhes dá conselhos sobre os trabalhos apresentados, não como professor, mas como amigo. E' assim, n'aquella paz, animando as esperanças da mocidade, onde têm apparecido vocações e talentos decididos, que Mac Kaye escreveu já alguns livros admiraveis.

O successo da tentativa do Sr. Hugues encorajou outros reitores a imitar-lhe o gesto nobre e altruista. Uma escola superior de moças, *The Western College for Women*, também estabelecida em Oxford, concedeu uma *fellowship* semelhante ao eminente compositor Edgar Stillman Kelly, auctor da interessante *Symphonia da Nova Inglaterra*.

A Universidade de Michigan, uma das maiores dos Estados Unidos, convidou o sr. Robert Frost, moço poeta de altos meritos, a ir passar uma larga temporada na villa d'Anna Arbor.

Se um dia os moços escriptores americanos se metterem a caminho á busca de uma universidade protectora, tão naturalmente como o poeta romano que escolhia o *patrão* ou como o trovador da idade média que viajava de castello em castello para achar um senhor que, em troca de trovas e xacaras, quizesse sustentá-lo e protegê-lo, se um dia elles o fizerem e acharem o amparo desejado, devel-o-hão, em grande parte, á feliz iniciativa do previdente presidente de Miami.

BILBOQUET E DIAVOLO

Ora ali estão dois brinquedos que, actualmente, constituem attracções nos *music-halls* e nos circos e cujo passado de glorias pouca gente conhece.

O bilboquet é historico, teve uma extraordinaria voga, no tempo de Henrique III e o seu successo prolongou-se até ao reinado de Luiz XIII. Em 1626, no Louvre, dançou-se um *bailado de bilboquet*, marcado pelo duque de Nemours, que, ao que parece, era tão dextro no innocente jogo, como no manejo da espada.

Um seculo mais tarde, renasceu a moda d'esse brinquedo, não se sabe como, nem porquê, e segundo diz Edouard Fournier, era *bilboquet*, marcado pelo duque de Nemours, que, ao que parece, era tal o furor que até as actrizes, em scena, quando não tinham que fallar, se entretinham com o bilboquet. "O bilboquet e o trocadilho. — para gloria de Bièvre, que era invencivel nos dois exercicios, — iam endoicendo metade da França."

O diavolo surgiu na Inglaterra, em 1794, provindo da China. Foi lord Macartney que o viu nas ruas de Pekim, nas mãos dos pequenos negociantes ambulantes. Exercitou-se no jogo do diavolo e, quando regressou a Londres, para se divertir, apresentou o brinquedo nos salões. Nasceu a moda n'esse dia e não tardou que passasse á França e se espalhasse por toda a Europa.

A voga do diavolo, no fim do Imperio e sob a Restauração, tinha sido precedida e preparada em Paris, na epocha do Directorio e nos primeiros annos do Imperio, pela do jogo do "corrupio" — uma especie de duplo disco de marfim que sobe e desce graças a um fio enrolado em volta do *pivot* que lhe serve de centro.

CENTENARIO MUSICAL

A epocha é dos centenarios e os musicos deverão lembrar-se que foi ha nove seculos, em 1023, que o padre beneditino Guy d'Arezzo imaginou dar um nome a cada nota musical. Não foi preciso queimar os miolos para achá-los; o acaso favoreceu-o, pondo-lhe deante dos olhos os sete versos do hymno composto em honra da festa de S. João Baptista.

Serviu-se da primeira syllaba de cada verso.

Ut quente laxis
Resonare filiis
Mira gestorum
Famuli tuorum
Solve polluti
Labii reatum
*Sanc*te Johannes.

Só muito mais tarde é que o *ut* se transformou em *dó* e o *san* em *si*.

PREMIO DE VIRTUDE CONJUGAL

Um costume tão antigo, que a sua origem é quasi desconhecida, manda que, em cada segunda-feira de Pentecostes, se reuna em Ilford, Inglaterra, um tribunal presidido por um magistrado.

Essa audiencia especial tem por fim premiar o casal mais feliz da região, com o quarto de uma manta de toucinho.

Esse costume — assaz comico, — d'antes só estava em uso em Dunmow, mas ha cerca de dez annos a população de Ilford achou que era evidentemente muito original para continuar a ser privilegio de uma só municipalidade.

Este anno, o jury, composto de seis celibatarios e de igual numero de velhas solteironas, teve que escolher entre tres casaes. Os candidatos declararam não se ter desavindo no decorrer do anno e juraram que jámais se haviam aborrecido da vida commum.

O premio foi concedido a Tom Groves, deputado trabalhista de Stafford e a sua mulher, cuja vida conjugal era, ao que os visinhos affirmavam, sem nuvens.

O juiz, trajando o manto de arminho bordado a ouro, entregou ao feliz casal, com a maxima solemnidade, o quarto da manta de toucinho enfeitado com fitas de côres diversas.

Os laureados recebêram o premio da sua ventura, muito comovidos, e, ao retirarem-se do *tribunal da felicidade*, a multidão dos casaes menos unidos, applaudiu-os com enthusiasmo.

Sempre ha usos muito engraçados, para não dizermos ridiculos.



SENHORINHA HELENA RIBEIRO (SANTINHA)

AS NOSSAS TRICROMIAS



ENTRE os auctores dos quadros reproduzidos em trichromia, no presente numero, figuram nomes da mais alta responsabilidade.

Entre elles está o do nosso maior escultor, o professor Rodolpho Bernardelli. Naturalmente extranhará o leitor, vendo semelhante coisa;

porém, é a expressão da verdade. Pela primeira vez vem a publico uma tela do velho mestre da estatuaria no Brasil; e pôde o leitor verificar a superioridade do trabalho, incontestavelmente portador de optimas qualidades, qualidades que collocam o escultor do mesmo plano dos nossos melhores pintores, contemporaneos.

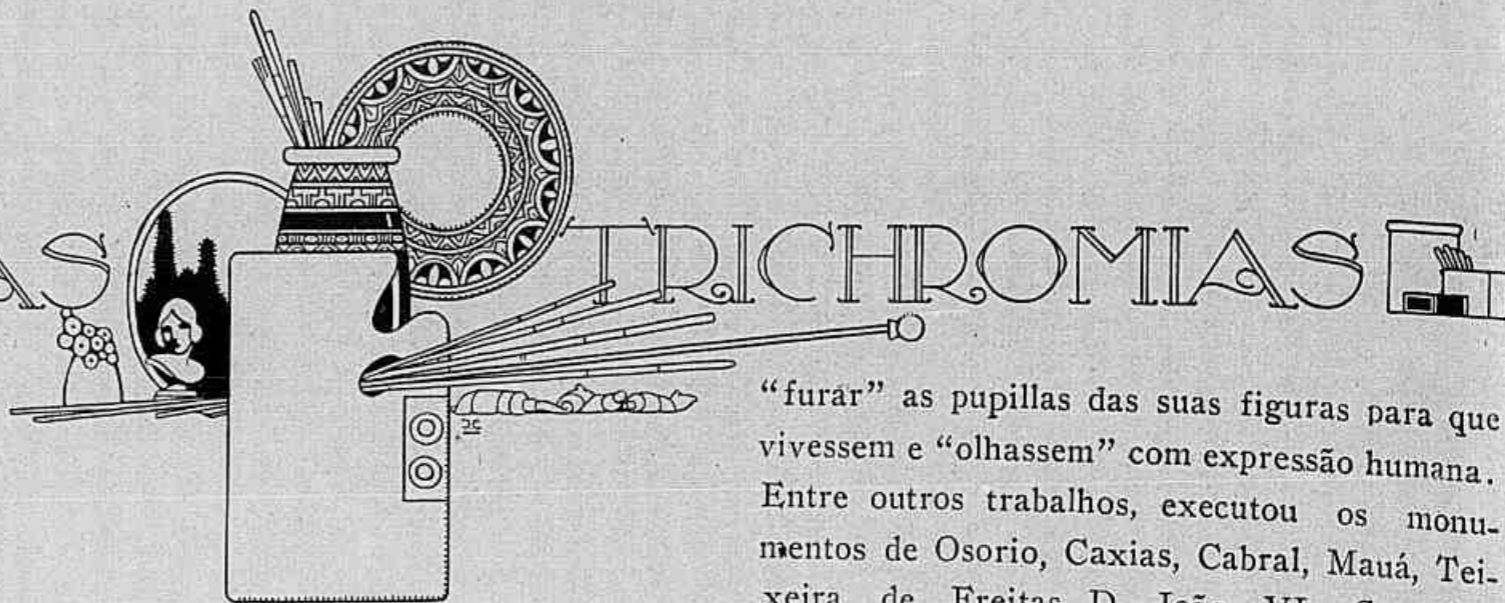
Representa a tela um aspecto de Capri, pittoresca ilha proxima ao golfo de Napoles, onde Tiberio fazia a sua estadia de repouso.

Na tela ha sol e alegria, muita côr e um côrte bem encontrado. Os planos se succedem em comprehendida perspectiva, os valores emprestam ao conjuncto uma justesa de ambiente, onde o espectador vê a verdade atravez a interpretação do artista. Rodolpho Bernardelli, não sendo pintor, realisou com segurança uma obra digna, que mostra quanto a sua alma é bem formada na comprehensão da natureza nos seus minimos detalhes. Quantos pintores existem, portadores de nome e recompensas valiosas, e que são incapazes de executar uma tela com a emoção da de Rodolpho Bernardelli!

Ella é simples na feitura, não tem atrevimentos de technica, mas possui sentimento, traduz um estado de alma do artista.

Attente o leitor como é comprehendido o primeiro plano, como a luz é bem distribuida nas muralhas das typicas construcções e como as sombras são precisas de observação. Reproduzindo a tela do mestre que nos deu o "Christo e a adúltera", a "Fabiola" e "Santo Estevão", estamos certos de ter prestado á historia da arte no Brasil um bem inestimavel; o subsidio aqui fornecido, além de tudo, é a revelação de uma modalidade inedita da vida do notavel escultor. O quadro foi nos fornecido por seu irmão Henrique, outra gloria da arte brasileira, sem que o seu auctor o soubesse. Rodolpho Bernardelli é possuidor de uma bagagem artistica consideravel e é um desenhador formidavel: os seus desenhos á penna são verdadeiras obras primas pela correcção e technica. Como escultor é a figura mais completa desde remotos tempos; nunca tivemos um escultor que o igualasse; d'elle, são quasi todos os monumentos existentes nas nossas praças e jardins. De sua auctoria são ainda os mais bellos trabalhos funerarios das necropoles do Rio de Janeiro.

"Nasceu em 1852. Começou a estudar arte em 1870; é descendente de uma familia de artistas. No Brasil foi discipulo de João Zeferino da Costa e Chaves Pinheiro. O seu primeiro trabalho foi a estatua "David", gesso que se acha na Escola de Bellas Artes; em 1874 e 1875 plasmou as figuras "Saudade da Tribu" e "A espreita". Conquistando o premio de viagem em 1876, partiu para Roma onde se conservou durante nove annos, recebendo de vez em quando os conselhos de Macagnani e Monteverde. Na Italia executou as suas obras primas: "Christo e a adúltera", "Fabiola" e as copias em marmore das Venus; todos estes trabalhos pertencem á Galeria da Escola de Bellas Artes. Durante 30 annos dirigiu a Escola Nacional de Bellas Artes, dotando-a com o palacio que hoje possui; como professor, tem um numeroso grupo de discipulos, já em contacto com a gloria; entre elles figuram Benevenuto Berna, Corrêa Lima, Moreira Junior, Antonino Mattos e Leão Velloso. Rodolpho Bernardelli tem na escultura brasileira o mesmo papel que Carpeaux teve na estatuaria franceza; como o grande mestre, foi no Brasil o primeiro a ousar



"furar" as pupillas das suas figuras para que vissem e "olhassem" com expressão humana. Entre outros trabalhos, executou os monumentos de Osorio, Caxias, Cabral, Mauá, Teixeira de Freitas, D. João VI, Gonçalves

Dias, Ferreira de Araujo, os bustos de Pereira Passos, em Botafogo, as figuras ornamentaes do Theatro Municipal e edificio d'"O Paiz". Apesar da velhice, continúa, como na mocidade, a produzir obras de grande valor. Henrique Bernardelli é o auctor da tela suggestivamente intitulada "O Engenheiro". O pensamento do pintor collocando um engenheiro no alto de um andaime é significativo e traduz uma percepção acertada; o artista symbolisou o intellectual identificado com a profissão. A attitude da figura é contemplativa, cheia de observação e percebe-se no olhar do homem o trabalho do cerebro; preocupa-o qualquer problema complexo nos trabalhos que dirige; d'ahi, não hesitar em tirar o casaco, subir a grande altura, para comprehender e achar a solução satisfactoria. Ao fundo, n'um turbilhão, as nuvens emmaranham-se; rasgos de luz cortam o ceu, como que a illuminar a marcha do aeroplano, ligeiramente envolvido em fumaça... No quadro ha ambiente e uma perspectiva maravilhosa; percebe-se com justesa o precipicio existente sob o vigamento onde a figura está assente.

Henrique Bernardelli pertence ao numero dos velhos mestres, daquelles mestres que fizeram gerações de artistas. Foi durante muitos annos professor da Escola Nacional de Bellas Artes; é portador de uma bagagem consideravel, toda grandesa, perfeição e belleza. A gloria é sua velha companheira.

Na Pinacotheca da Escola, possui os melhores attestados do seu grande talento. Entre as telas que têm a sua assignatura estão: "Tarrantella", "Bandeirantes", "Estudo de Nu", "Volta do trabalho" e duas extraordinarias cabeças de velhos.

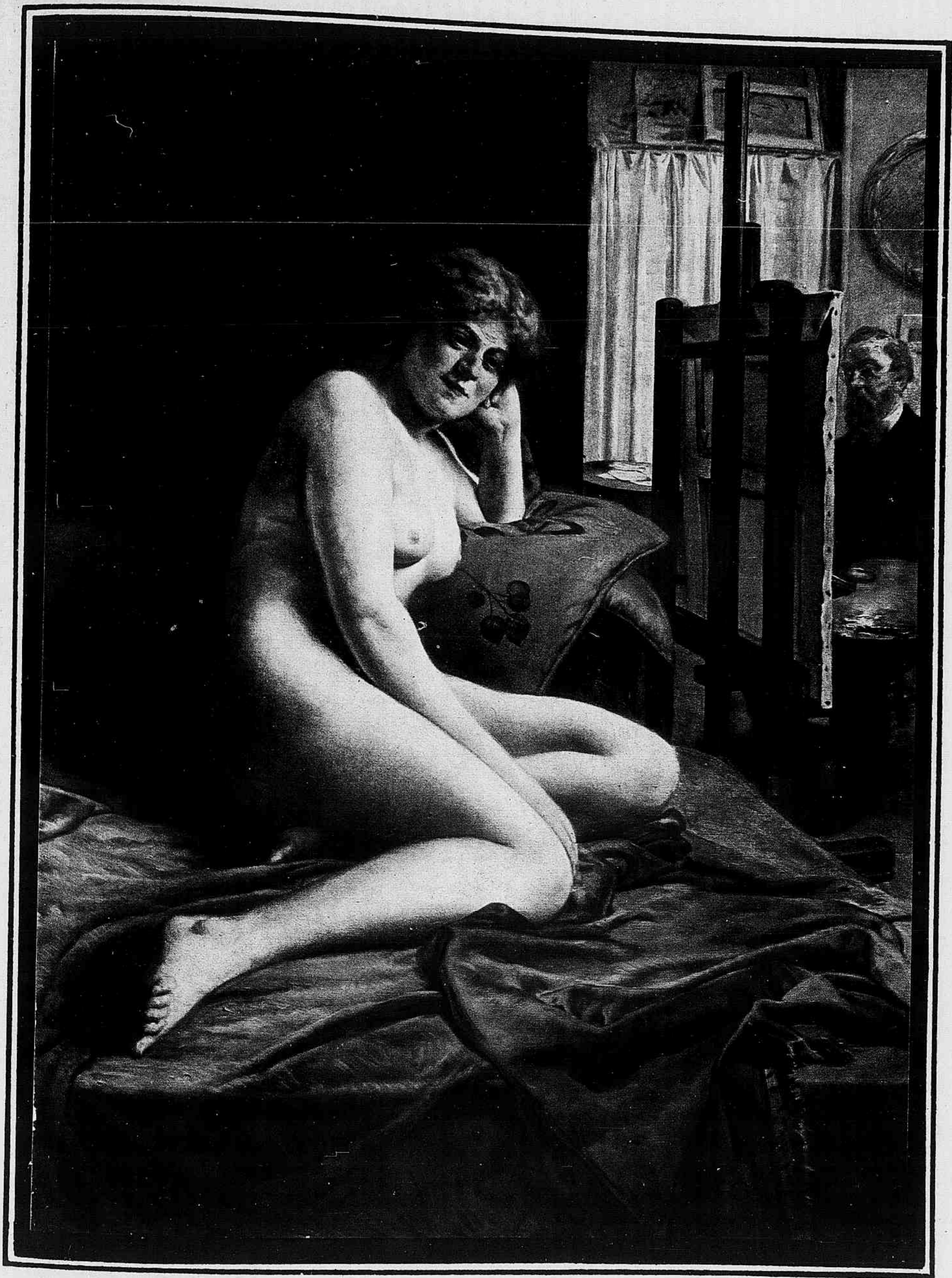
De Oscar Pereira da Silva é a tela "O Modelo", interessante de linha, cheia de magnificas qualidades de technica. Outras telas do artista foram já por nós reproduzidas, merecendo todas, do grande publico, as referencias mais encomiasticas.

A tela que reproduzimos está na Pinacotheca do Estado de S. Paulo.

Baptista da Costa, o encantador paysagista de sempre, é o auctor do "Plenilunio", paisagem rica de ambiente, emotiva no mais alto grau. E' um quadro singelo que possui tudo: technica, sentimento, côr, desenho e encanto. "Plenilunio" pertence ao Palacio do Governo do Estado do Rio. A individualidade de tão completo pintor tem sido estudada aqui, bem uma dezena de vezes, porém não se tem dito tudo que um artista de tal ordem merece. O seu nome já atravessou as fronteiras e é acatado no estrangeiro com certo respeito.

Ha bem pouco tempo, Sylvio Rangel de Castro, em magnifica conferencia em Buenos Aires, estudando a nossa arte, teve para o illustre director da Escola de Bellas Artes as mais carinhosas palavras: "Nunca houve entre nós quem como elle sentisse, tão sinceramente, e interpretasse a natureza com tanta força, sobriedade e exactidão. Nunca houve quem como o incomparavel mestre fosse capaz de reproduzir os infinitos matizes, os aspectos variados, as nuanças da côr, as tonalidades do verde, o brilho da luz e o nosso ceu azul, que fazem o desespero dos artistas. As bellas naturaes do Brasil regalam a vista e são um festim perpetuo para os olhos, mas perturbam pelo deslumbramento e atraioam o pintor, ao fixal-as na tela. O Sr. Baptista da Costa é dos eleitos, dos raros que lhe conhecem os segredos. Fino colorista, mestre em perspectiva, senhor das meias tintas, suas composições são admiraveis, os "verdes sempre ternos e brilhantes, a luz derrama-se quente e harmoniosa por sobre o horisonte e os ceus raramente assumem aspectos carregados."

As linhas do joven diplomata dizem a grande verdade, retratam fielmente o pintor do "Fim de jornada", "Caminho do Cural", "Prisioneira", "Recanto saudoso" e de todas as bellas de Westphalia.



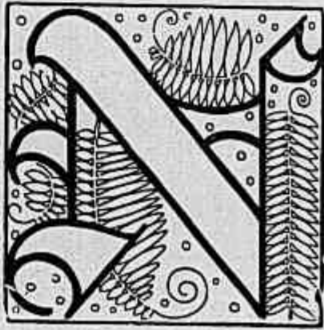
OSCAR PEREIRA
DA SILVA

O MODELO

PINACOTECA
DO E. DE S. PAULO

Educação e Ensino

por Leoncio Correia,



O meio dos desfalecimentos e das continuas desillusões que caracterizam a vida d'estes tempos, ha um phenomeno que não pôde passar despercebido em parte alguma, porque revela a perfeita confiança dos espiritos na soberania das grandes leis que regem

o mundo moral, e que regulam a situação das sociedades humanas; é a sol'citude sincera com que se trata de instruir o povo, como se fosse esse o problema fundamental, entre todos os que o extinto seculo nos deixou.

E não é exclusivamente o esforço dos governos que se multiplica na organização do ensino e no estabelecimento de institutos, que se tornem outros tantos alcaçares da nova cruzada, mais vasta e mais fecunda, porventura, do que as antigas, dirigidas contra o barbaro infiel pelos devotos do Deus triumphante. O infiel, hoje, é a massa ignorante e inexperta — escrava da miseria e escrava do vicio. Isso, porque a grande campanha não se destina a combater e a eliminar apenas a ignorancia, mas tem um ideal mais alto e mais completo, mais nobre e mais proficuo, pois aspira, antes de tudo, a elevar a multidão, em vez de abaixar até a ella as classes mais felizes, como pretende uma falsa ou calculada sciencia de demagogos.

E, elevar a multidão, redim'la da penuria e do soffrimento, da degenerescencia, de todos os males, emfim, que acompanham a miseria — é uma obra formidavel, gigantesca, que tem de ser fundada no sentimento e na intelligencia, nas condições economicas e na situação moral de todos, mas principalmente dos desprotegidos, dos fracos, dos desamparados, pois que é da força collectiva que se hão de formar o poder das nacionalidades e a grandeza das patrias futuras.

Na Europa, ainda combatida pelos resultados d'esse duello cyclopico que a ensanguentou e enluctou por mais de quatro annos, onde a alma humana soffre, ruge, tempesteia, se apura, se santifica, e aneia e sonha, ao lado dos governos que cuidam de augmentar o poder do Estado e assegurar a posição de primeira plana ou de supremacia na formidanda concorrência universal — ha forças respeitaveis consagradas á grande causa, á custa de cuja victoria ha de o presente affirmar e resalvar interesses altamente humanos, que ficarão sempre acima das luctas internacionaes.

Emquanto, lá, as velhas nacionalidades parecem victimas ainda do horrendo pesadello que se não quer desfazer, e vivem atormentadas pelo espectro de uma nova e, talvez, mais terrivel guerra, de devastação e de exterminio; emquanto, pelas armas, os governos europeus procuram sustentar, no continente, a preponderancia ou o prestigio de seus paizes, e, fóra d'elle, os interesses coloniaes e os projectos de expansão militar, —

a alma pacifica e piedosa dos novos cavalleiros da Fé, que resurge, voltada para os horisontes abertos da civilisação, institue o magnifico apostolado da era que vem. E todos os dias a imprensa registra a fundação de novos institutos, de academias de asylos, de hospitaes, de associações destinados a recolher a infancia, para educal-a; a mendicidade, para erguel-a e libertal-a da miseria; a invalidez, que vem do desastre ou vem do nascimento, para confortal-a na amargura de sua desgraça.

Nada pôde haver de mais bello e commovente. Dir-se-hia que já se tem uma comprehensão mais exacta da sociedade e da vida — porque o que se procura é eliminar todas as inferioridades que vêm da violencia, da falsa organização social e de todas as iniquidades da ordem economica dominante.

Pouco antes da grande guerra fundou-se em Paris, e fóra da esphera official, uma vasta confederação de almas sonoras e limpidas, sob o titulo, altamente suggestivo, de "Aliança das Mães". Compreendeu-se que preparar mães de familia, dignas de virem a ser no futuro os verdadeiros oraculos de toda a existencia da sociedade, não será menos que iniciar uma das grandes reformas sobre que tem de assentar a vida collectiva de amanhã; e sob essa nobre inspiração congregaram-se os melhores nomes da Cidade Luz, reorganizando esforços e elementos para a realisação da excelsa iniciativa.

De sorte que a acção moral de todas as classes representa, n'esta obra de redempção da miseria, uma aspiração immarcessivel para o Bem.

Se lançamos um olhar sobre a America, e que temos a observar não menos nos edifica. Pelo que nos toca e falla, nada invejamos ao Velho Mundo. Entre nós, também a tarefa mais excellente das nossas energias é a que se dirige contra o infortunio, contra a ignorancia, contra o soffrimento. Todos os dias estamos dando testemunho irrecusavel do nosso coração; e não se passa um momento da nossa vida sem que uma bella obra de caridade venha dar uma expressão da nossa fortaleza moral.

Ahi estão as numerosas instituições de origem popular — confrarias, hospitaes, clubs, collegios, escolas, asylos, etc. — dando a medida da nossa solicitude em soccorrer a desgraça, do nosso carinho com a infancia desvalida, com os velhos desamparados, com os indigentes, com os infelizes de toda a especie, que padecem, ou que se perdem para a vida social.

Uma estatistica mister se fazia, que nos habilitasse a ter uma idéa exacta da obra que vae sendo construida. Bastaria que nos indicassem, ao menos na parte relativa ao ensino, qual o numero de alumnos que se prepara nas escolas que são mantidas por diferentes associações, d'entre as quaes sobreleva notar a benemerita e gloriosa "Promotora da Instrucção" — nucleo de

almas luminosas, nascidas para a Piedade e para o Amor.

Força é confessar, entretanto, que os poderes publicos brasileiros correm ao encontro de nobres e altruisticas iniciativas, aproveitando as occasiões em que se possa fazer um grande bem immediato, com a comprehensão nitida e exacta de que ellas não implicam sómente uma obra de misericórdia, vivendo apenas nos corações, fóra das cogitações dos governos. Começam a perceber claro que ellas são mais de natureza social do que do dominio affectivo simplesmente: que são mais obra de justiça e de ordem do que propriamente de Amor; que entendem mais com os interesses reaes da sociedade do que com as tendencias, com os intuitos da nossa philanthropia e da nossa caridade.

E é bem de ver que, no caso, não se trata da causa popular, nem de servir á grande maioria anonyma, que vive do trabalho, que se submete ao sacrificio, mas que vive, emfim: — trata-se de um relativo numero que anda no abandono e na desgraça, que vem da miseria e vae para o crime.

De que outro modo pôde mostrar um povo que possui qualidades solidas, assecutorias de viver dignamente no meio da civilisação actual? Podem criticar os nossos erros, censurar os nossos desvarios, fazer das nossas coisas os commentarios mais impiedosos: acima de tudo, n'uma refulgencia astral, pairarão esses symptomas dos superiores predicados moraes, em que se funda a nossa existencia de povo.

D'entre esses, justo é se destaque, primeiramente, a face humana da caridade, estudada á luz dos problemas sociaes, e que se prende á instrucção da infancia. Certo, é hoje pueril qualquer controversia tendente a evidenciar a necessidade de instruir o povo.

Temos, incontestavelmente, vencido esta face do problema: ha um accordo perfeito dos espiritos, em todas as nações, quanto á obra que constitue o interesse superior das sociedades humanas, quaesquer que sejam os climas, as vicissitudes historicas, os horisontes moraes de uma aggriação politica. Podem controverter-se systemas, escolas philosophicas; podem pôr-se em contraste methodos scientificos, principios de arte, processos de trabalho, organizações sociaes; po-

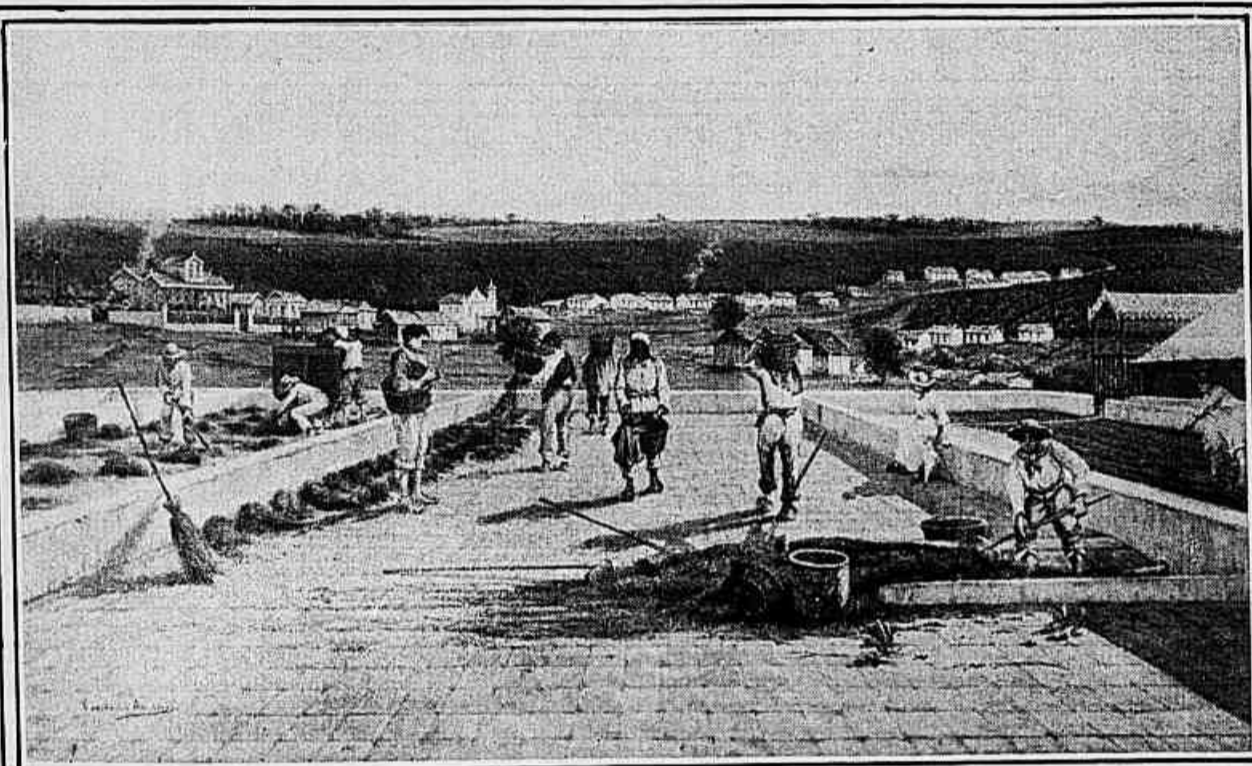
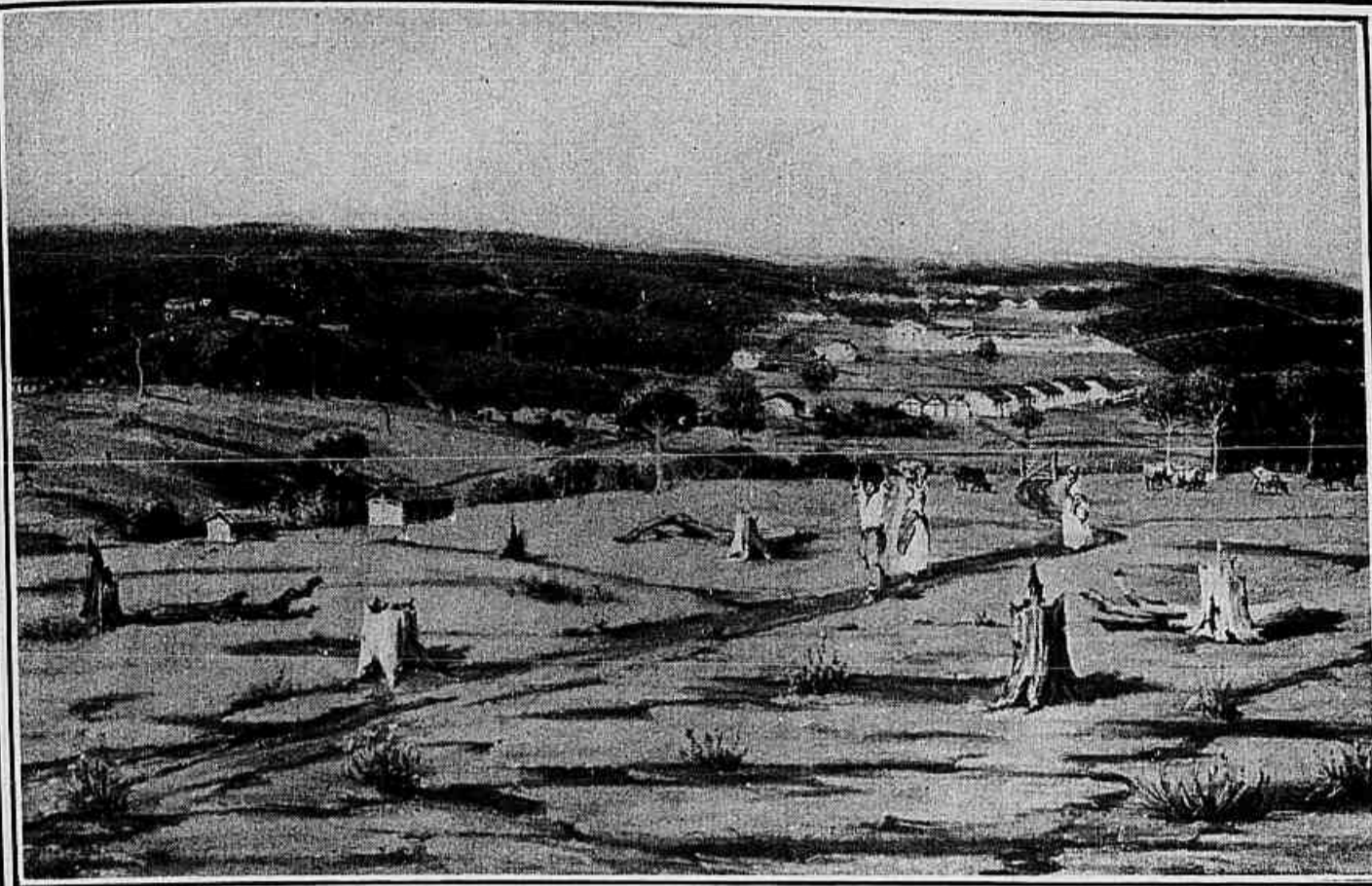
dem submeter-se á dialectica as idéas mais contradictorias em materia de justiça, de religião, de direito, de bem publico: a proposito de tudo isso podem os homens dissentir, e até se combater. Mas ha uma questão em que coincidem todos os espiritos, e a respeito da qual não subsiste mais discrepancia entre os homens: é a questão do ensino, isto é, o dever a que se não pôde furtar sociedade alguma, de transmittir ás gerações futuras tudo o que de mais excellente tiverem as presentes gerações. Não ha, portanto, sobre isto, que esclarecer a mais ninguem; todas as consciencias estão esclarecidas, todas as vontades estão conciliadas. Vida de povo, hoje, não ha, que não seja um grande apostolado: no meio de todas as luctas, o pensamento do destino ha de encher todas as almas, e enche-las de alguma coisa que é eterno, porque ha de sobreviver a todas as contingencias.

Ha, no entanto, tratando-se do ensino, alguma coisa que é preciso estudar e discutir, uma face do problema que temos de submeter a analyse profunda e segura: é a orientação de todos os esforços que se tiverem de consagrar a esta causa suprema: é a natureza da instrucção que convem ás massas, e o modo como tem de ser ministrada essa instrucção. Como faz ver um auctor dos nossos dias: "isto não quer dizer que admittamos um genero de instrucção para as classes ricas e outro para o povo; é, aliaz, exactamente, o contrario d'isso. O que inquestionavelmente é preciso, antes de tudo, (desde que colloquemos devidamente o problema) é habilitar o homem do povo a sahir da contingencia dolorosa a que o reduziram na vida moderna as complicações de natureza social, complicações que affectam, sem duvida, todas as classes, mas que opprimem e torturam, sobretudo, e de modo crescente, o proletariado. Emquanto estiver na triste condição em que se acha, não poderá o homem de trabalho cuidar de seu espirito: o seu destino ha de ser sempre sacrificado, até que alguma organização social venha permittir que o homem possa realizar no trabalho o implemento da grande missão da vida". Este modo de entender a causa ha de dar um criterio seguro para decidir qual o genero de instrucção que devemos ministrar á infancia. Fazemos, assim, questão da natureza de cultura.



SANTA CATHARINA — ESTRADA CIRCULAR DA ILHA — CAMINHO DO SACCO DOS LIMÕES

ASPECTOS DA VIDA
NAS FAZENDAS DE
SÃO PAULO



As quatro reproduções de quadros de Rosalbino Santoro, artista italiano que viveu muitos anos em São Paulo, nos mostram a vista geral de uma fazenda, a colheita pelos colonos, os terreiros de seccar o café depois de lavado e a entrega do café depois de colhido á beira do carreador. Actualmente na cidade de Roma, tem esse pintor mais de vinte quadros em exposição e todos sobre assumptos genuinamente brasileiros que muito contribuirão para estreitar ainda mais as nossas relações com o povo italiano.

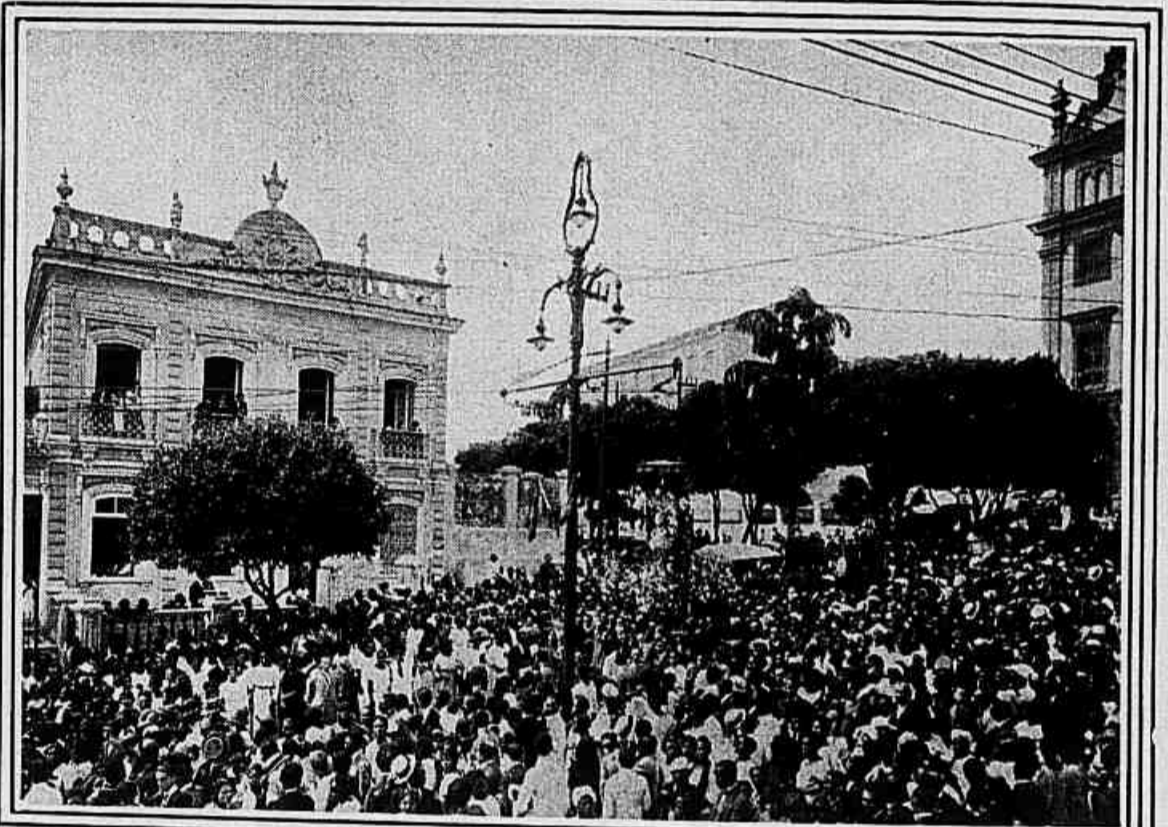
NA CIDADE
DO SALVADOR



CEM ANNOS DE
INDEPENDENCIA

O DR. J. J. SEABRA, GO-
VERNADOR DO ESTADO,
CARREGANDO O ANDOR
COM A IMAGEM DO SE-
NHOR DO BOMFIM, NA
GRANDIOSA PROCISSÃO DE
4 DE JULHO

OITENTA MIL PESSOAS
ACOMPANHARAM A PRO-
CISSÃO, DA VICTORIA Á
BASILICA, NUMA BELLA
DEMONSTRAÇÃO DE FÉ

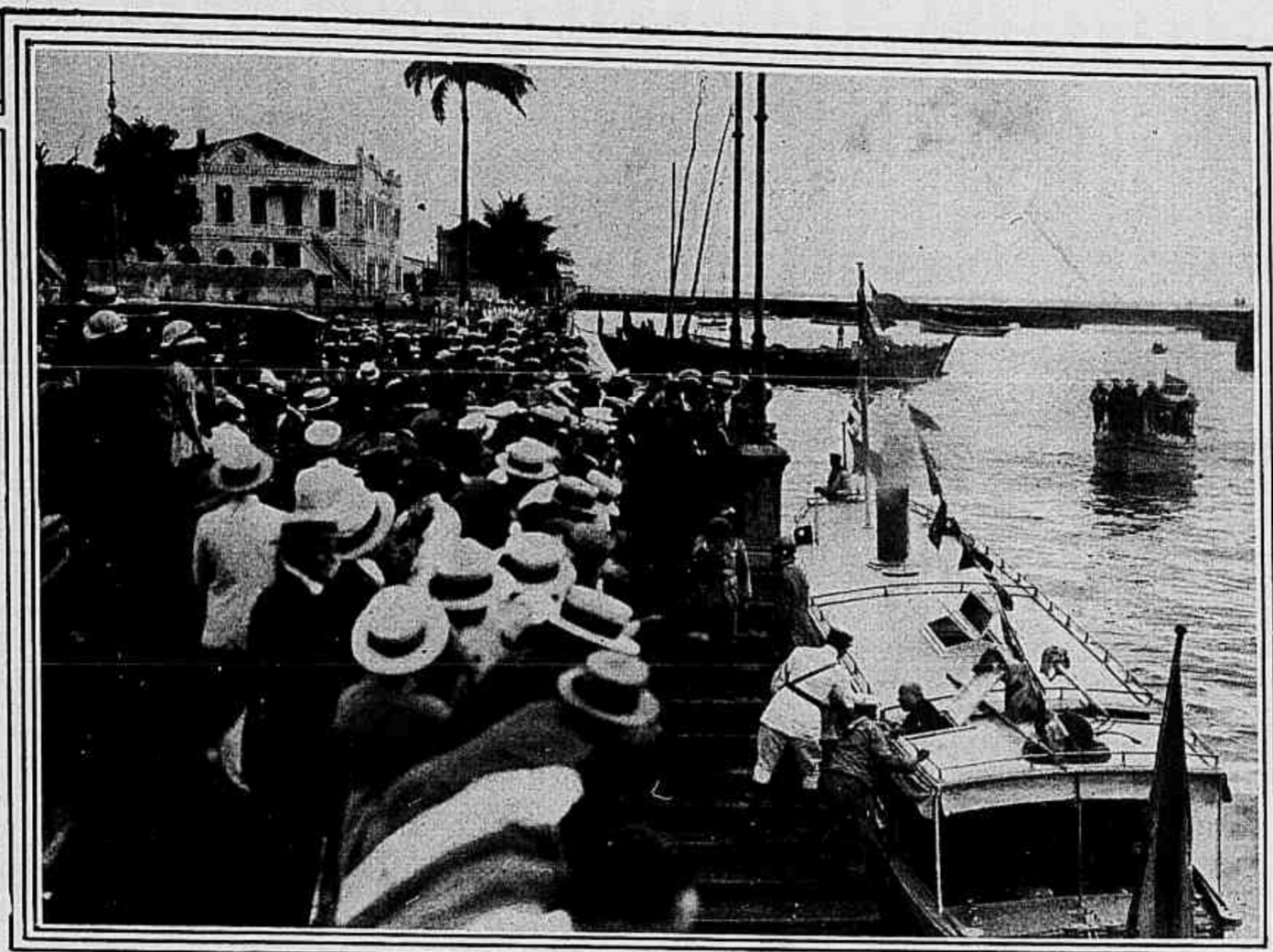


TRECHO DA PROCISSÃO —
O DESEMBARQUE, NA VIN-
DA PARA A CIDADE, DA MI-
LAGROSA IMAGEM.

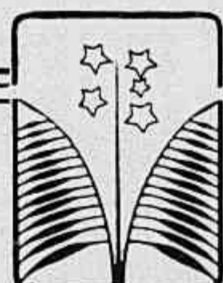
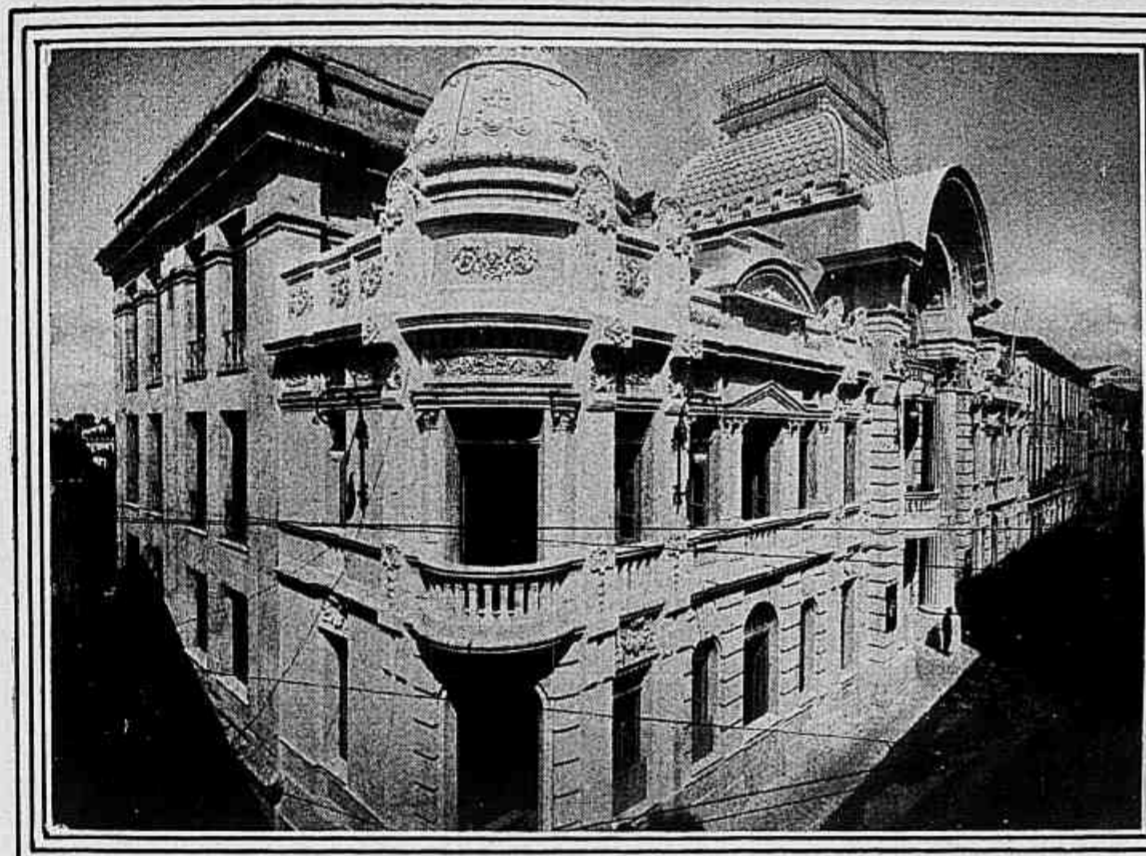
OUTROS ASPECTOS DO ME-
MORAVEL CORTEJO RELI-
GIOSO. PASSAGEM PELA
CIDADE BAIXA E PELA
CIDADE ALTA

NA BAHIA

A CHEGADA DOS AVIADORES. O COMMANDANTE PROTOGENES DIRIGINDO AS PRIMEIRAS SAUDAÇÕES AO GOVERNADOR J. J. SEABRA

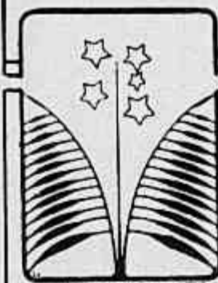


ASPECTO DA PROCISSÃO EUCARISTICA, O MAIS BRILHANTE NUMERO DO PROGRAMMA RELIGIOSO COM MEMORATIVO DO CENTENARIO DA INDEPENDENCIA



ILLUSTRAÇÃO
BRASILEIRA

FACHADA DO NOVO
EDIFÍCIO DO THESOURO
DO ESTADO



ILLUSTRAÇÃO
BRASILEIRA

VÊM-SE NA PHOTOGRAPHIA OS SRS. DRS. J. J. SEABRA, EPAMINONDAS TORRES E CORONEI, MANUEL DUARTE

O PAVILHÃO DE BRINQUEDOS, DO PARQUE DAS DIVERSÕES, OFFERECIDO ÀS CRIANÇAS BAHIANAS PELOS SRS. DAUDT, OLIVEIRA & C.



INSTANTANEO BATIDO QUANDO ERA INAUGURADA A ESTATUA DE CASTRO ALVES, NO LARGO DO THEATRO

A BAHIA

EM

FESTA

O PRIMEIRO

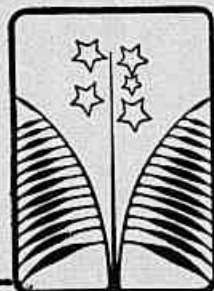
SECULO DE

LIBERDADE



EM CIMA: A PRA-
ÇA DO PALACIO
COM A SUA ILLU-
MINAÇÃO DE S-
LUMBRANTE

EM BAIXO: BI-
BLIOTHECA PU-
BLICA E EDIFICIO
DOS TELE-
GRAPHOS



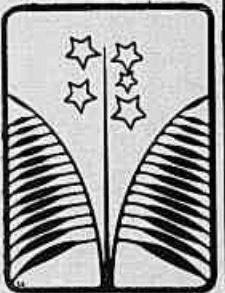
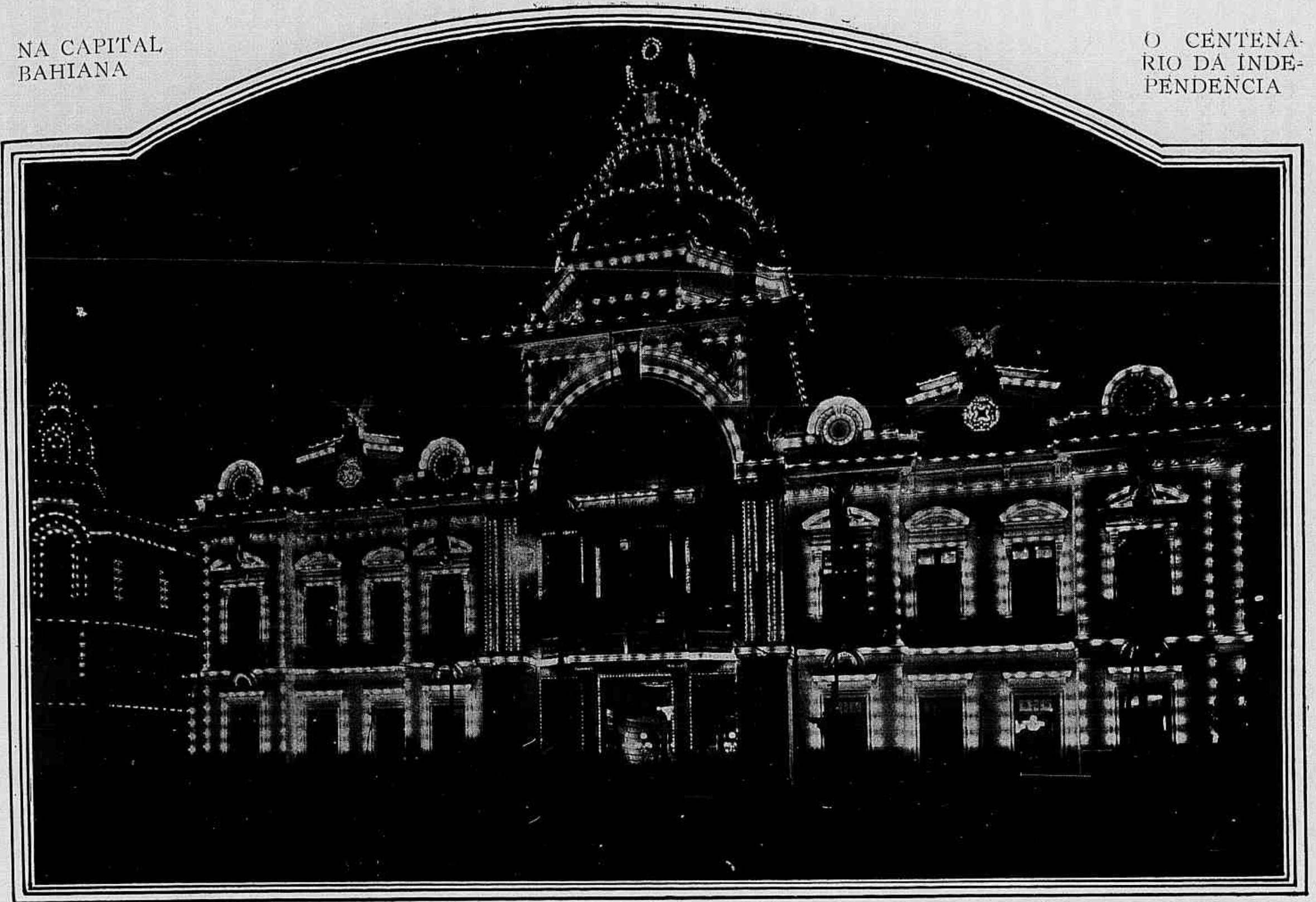
ILLUSTRAÇÃO
BRASILEIRA



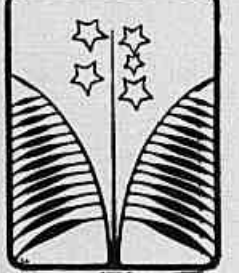
R. A. Read
Bahia

NA CAPITAL
BAHIANA

O CÉNTENÁRIO
DA INDE-
PENDÊNCIA



ILLUSTRAÇÃO
BRASILEIRA



ILLUSTRAÇÃO
BRASILEIRA

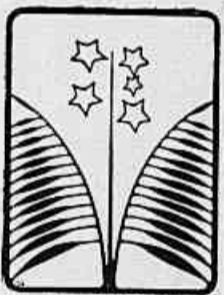
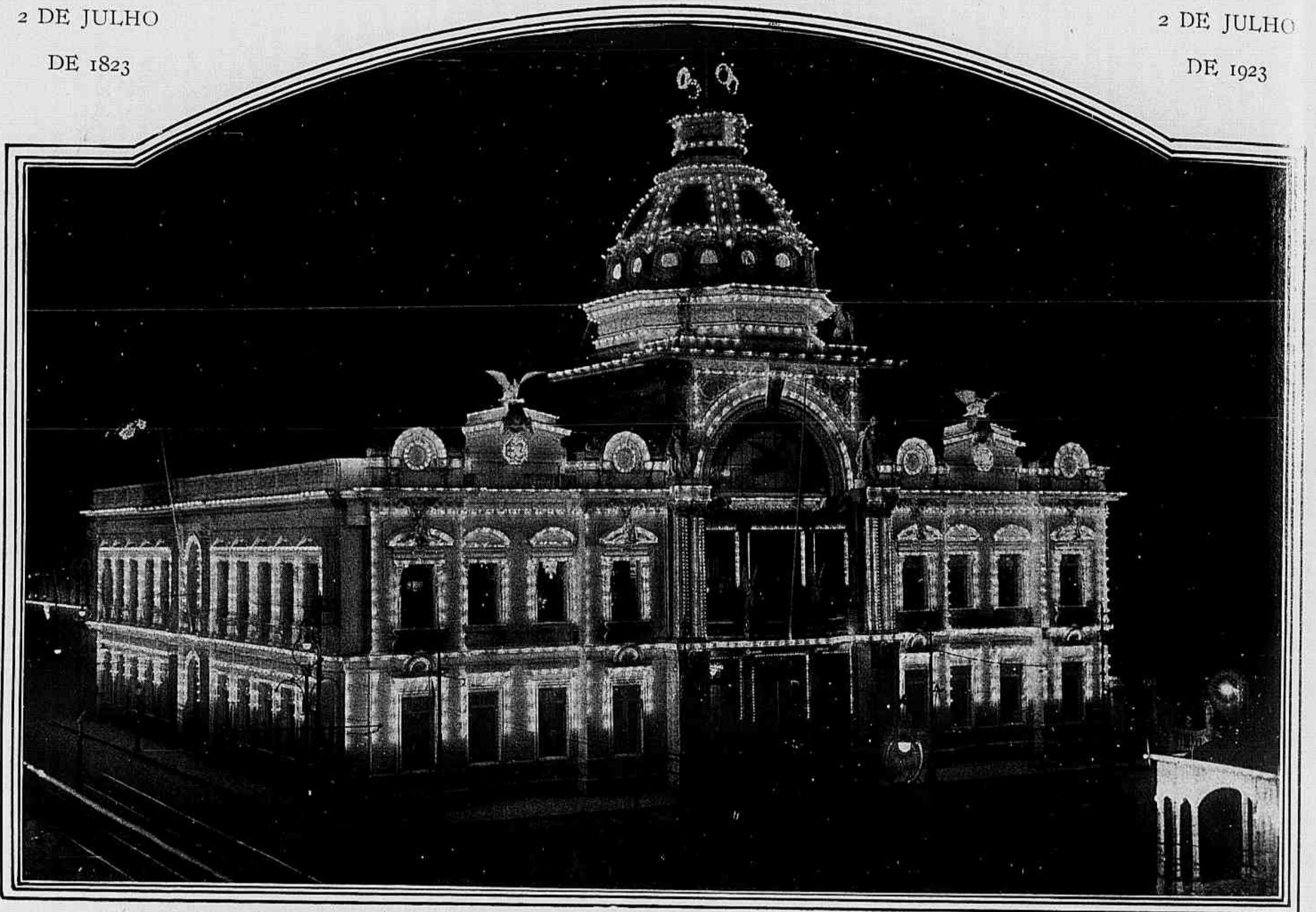


O PALACIO RIO
BRANCO, Á NOITE,
DURANTE A QUIN-
ZENA DAS FESTAS
INESQUECIVEIS

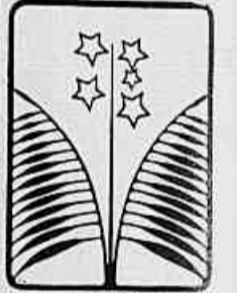
O PALACIO DA AC-
CLAMAÇÃO, RESI-
DÊNCIA DO GOVER-
NADOR. A' ES-
QUERDA, A EN-
TRADA DO PARQUE
DAS DIVERSÕES

2 DE JULHO
DE 1823

2 DE JULHO
DE 1923



ILUSTRACÃO
BRASILEIRA



ILUSTRACÃO
BRASILEIRA

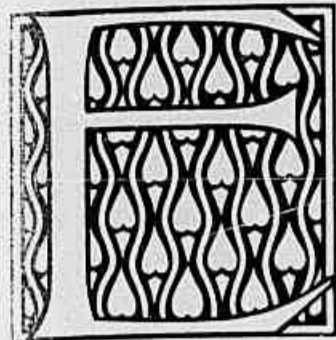


O PALACIO DA AC-
CLAMAÇÃO

A INTENDENCIA,
NAS NOITES FES-
TIVAS

Movimento musical

SOCIEDADE DE CULTURA MUSICAL



ESTA sociedade realizou o seu 18º concerto no dia 14 de Junho, no salão do Instituto Nacional de Musica, sendo executado o seguinte programma: Algumas palavras sobre a arte nacional, pelo Dr. Francisco Laraya Filho. I — Trio para piano, violino e violoncello, op. 28, Henrique Oswald, a) Allegro moderato, b) Scherzo, c) Adagio, d) Presto, senhorinha H. Accioli de Brito, professor Chiaffitelli e A. Gomes. 2 — a) Num leque, F. Chiaffitelli; b) Olhos, F. Chiaffitelli, senhorinha Marietta Bezerra. 3 — Variações para piano, Alberto Nepomuceno, senhorinha Accioli de Brito. 4 — a) Soneto, Nepomuceno; b) Cantiga, Barroso Netto, senhorinha Marietta Bezerra; 5 — Terceiro Quartetto, para 2 violinos, alto e violoncello, H. Villa-Lobos; a) Allegro non troppo, b) Scherzo (Pipócas), c) Molto adagio, d) Final, professores F. Chiaffitelli, H. Spedini, Gualter Lutz, e Alfredo Gomes. Os acompanhamentos ao piano foram feitos pelo professor Gumerindo Ramalho.

O Dr. Francisco Laraya Filho fez uma prelecção sobre a arte nacional, lembrando os seus principaes representantes, e o desenvolvimento que a musica tem tido no nosso paiz. O Brasil já tem produzido muitos compositores, e *virtuosi* de grande valor e que podem figurar, honrosamente, em qualquer das grandes nações europeas, nas quaes a arte tem alto cultivo, podendo-se affirmar que o Brasil não necessita invejar nenhum paiz, a esse respeito, pois que os seus filhos têm talento sufficiente para conduzir a arte ás mais elevadas espheras. Quantas composições, bellas e preciosas, os artistas brasileiros têm produzido, desde epochas remotas, até os nossos dias, e em todos os generos: Operetas, Symphonias, Musica religiosa, Musica para piano, violino e outros instrumentos, Musica de camera, Musica para canto, Operetas, etc.

O Trio de Henrique Oswald é uma bella mostra do seu talento, e dos seus conhecimentos da sciencia da harmonia e do contraponto. Oswald tem escripto, em varios generos como: Symphonias, Musica para piano, Musica de Camera, Operas, *Suite* para orchestra.

As duas composições para canto, de F. Chiaffitelli, são trabalhos de um distincto violinista e profissional laborioso, que tem promovido o desenvolvimento da musica de Camera nesta capital.

As "variações para piano", de Alberto Nepomuceno, das suas mais importantes composições, mostram o seu conhecimento da technica do piano adquirida com professores notaveis, durante a sua permanencia na Europa.

O Soneto de Nepomuceno é uma das suas composições para canto em que elle revela a sua habilidade para esse genero, contendo as expressões e os coloridos adequados.

A Cantiga de Barroso Netto é obra de um distincto pianista e professor do Instituto Nacional de Musica. Barroso Netto tem escripto musica para piano, e realizado bem organizados concertos de musica de Camera, nesta capital.

O Terceiro Quartetto de Heitor Villa-Lobos é composição de um artista que, tendo adoptado a escola modernista para os seus trabalhos, tem produzido muitas obras de valor, devidamente apreciadas. A nova escola musical conta inimigos acerrimos, que, de fórma alguma, querem aceitar-a, e que nao perdem occasião de critica-la acremmente, e, entretanto, ella vae vencendo, vae conquistando terreno todos os dias, sendo hoje innumerous os compositores que a adoptaram máo grado as opposições. E, essa victoria nada mais é do que a affirmação de que, de facto, ella tem realmente valor, e que esta predestinada para vencer.

Todos os executantes foram muito festejados. A senhorinha Heloisa Accioli de Brito, pianista, e a senhorinha Marietta Bezerra, cantora, mostraram, mais uma vez, os seus meritos de eximias cultoras da arte, recebendo ambas fartos applausos da assistencia.

SOCIEDADE DE CONCERTOS SYMPHONICOS

Esta sociedade realizou a sua 79ª audição, 3º concerto da 1ª serie de 1923,

no Theatro Municipal, sabbado, 16 de Junho, ás 4 horas da tarde, sendo a orchestra regida pelo maestro Francisco Braga. Foi executado o seguinte programma: I — Beethoven — Op. 138 — Leonora n. 1 — Ouvertura. II — Agnello França — a) Reminiscencias (cordas e harpa); b) Réverie. III — R. Wagner — Entrada dos Deuses no Walhalla. IV — R. Strauss — Op. 16 — *Aus Italien*. Phantasia Symphonica (1ª audição). I — Na campanha (Auf der Campagna). II — Nas ruínas de Roma (*In Rom's Ruinen*). — Nas praias de Sorrento (*Am Strande von Sorrent*). IV — Vida popular napolitana. (*Napolitanisches Volksleben*).

Dizer que uma symphonia, ou uma ouvertura, é de Beethoven, é o mesmo que affirmar, que é uma obra prima, uma joia de valor incalculavel. Beethoven escreveu tres ouverturas para Leonora, e, dahi o facto dellas serem numeradas. A obra symphonica de Beethoven mostra o genio do mestre, em todo o seu esplendor e magnificencia. Os seus 17 quartettos são, tambem, entre muitos outros trabalhos, um dos seus maiores titulos de gloria. Os seis primeiros quartettos, dedicados a Rasmowsky, e o quartetto em dó sustenido menor, estampam, em paginas de ouro, a grandza incommensuravel do genio do immortal mestre.

Agnello França, o autor das Reminiscencias, é professor de harmonia, no Instituto Nacional de Musica, e, nesse trabalho, patenteia os seus conhecimentos na sciencia da harmonia, que hoje está tão ampliada, com a escola musical, moderna, dando ao compositor vastos elementos para expandir, infinitamente, a sua imaginação de artista.

A Estrada dos Deuses no Walhalla, de Wagner, é uma das obras mais extraordinarias e mais empolgantes desse genio colossal, e que sempre causa profunda sensação, quando é ouvida. Wagner, o grande revolucionario da arte, enriqueceu a instrumentação e a arte symphonica de uma fórma incrível. A Tetralogia é uma das mais frisantes manifestações do seu genio incomparavel, contendo, as quatro operas que a compõem, um mundo de bellezas, de idealismo, de poesia, e de arte musical, na mais alta esphera. Wagner, encerrou a carreira de artista com a opera Parsifal (26 de Julho de 1882).

A Phantasia Symphonica, "Aus italien", op. 16, de Richard Strauss, é obra de um compositor notavel, que, sendo adepto da escola de Wagner, tem imprimido, nos seus trabalhos, os preceitos do genial musico allemão. Richard Strauss nasceu em Munich, em 1864, e é filho do musico Franz Strauss. Exerceu o cargo de director de orchestra, em Munich, Weimar e em Berlim, sendo que, nesta última capital, elle regeu a orchestra do theatro da Opera, cargo que fôra exercido por Weingartner, Berlioz, Wagner e Liszt, os tres gigantes da arte symphonica, cujas obras monumentaes servirão, em todos os tempos, de proficuos exemplos e ensinamentos preciosos, têm infuido, tambem, nas obras de Strauss, que adopta, nos seus trabalhos, as normas desses colossos. No poema symphonico, "Aus italien", op. 16, Strauss mostra o seu grande talento de symphonista, de primeira ordem, encontrando-se nesse trabalho a arte maravilhosa que provoca grande entusiasmo, e admiração, sendo os varios assumptos que o compõem bem caracterizados pela musica. "A vida popular italiana" é composta de varios temas populares, entre elles a canção intitulada "Funiculi-Funiculá", que foi creada em 1880, a proposito da construcção da Estrada de Ferro Funicular. Essa canção é de estylo brejeiro, e trata tambem de assumptos amorosos.

A Sociedade de Concertos Symphonicos conseguiu, com esta audição, mais um successo. A composição de Wagner agradou extraordinariamente, tanto que foi bisada, e "A vida napolitana", do poema de Strauss, foi tambem estrepitosamente applaudida.

GUIOMAR NOVAES

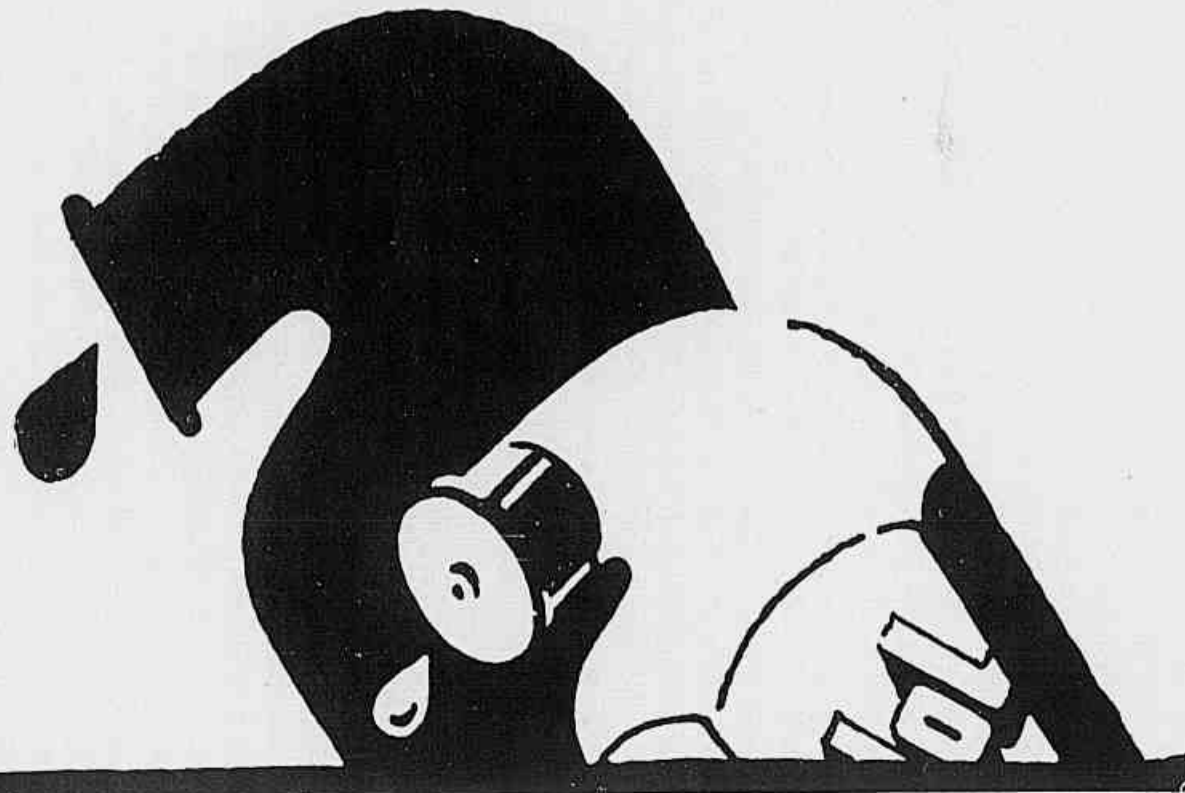
De volta de sua excursão artistica aos Estados Unidos, chegou ao Rio esta notavel pianista brasileira. Effectuou 18 concertos na California, obtendo brilhante exito, e, em Los Angeles, visitou os studios de Norma Talmadge e Mary Pickford, onde recebeu as homenagens que mereceu, e, em New York, tomou parte no banquete que a Sra. Steinway offereceu ao pianista Paderewsky.

O Odol é sem contestação o dentifricio mais diffundido no mundo!

Aos apreciadores de uma pasta dentifricia pode-se recomendar conscientemente

A PASTA ODOL.

Ella limpa os dentes com perfeição, os faz sadios e fortifica as gengivas. Além disso, evita com o seu uso quotidiano que os mesmos fiquem sujos e feios, impedindo tambem a formação do tartaro. O sabor é deliciosamente refrescante.



E. G. CALDERON DE LA BARCA

Esteve nesta capital este compositor hespanhol, autor das operas "Celia" e "Gilote", de varias operetas e zarzuelas, e de algumas obras didacticas.

INSTITUTO NACIONAL DE MUSICA

O Sr. Dr. João Luiz Alves, Ministro da Justiça, ordenou a revisão dos cursos de solfejo e harmonia desse Instituto. Por acto de 17 de Julho, foi nomeado o professor do Instituto, Frederico Nascimento, para fazer esse trabalho em comissão, tendo assumido a regencia da cadeira de harmonia o respectivo auxiliar Oscar Fernandez Lorenzo. A cadeira de solfejo será regida pela senhorinha Sylvia G. de Brito e Cunha durante o tempo em que o professor Nascimento estiver encarregado daquela incumbencia.

CONCURSO

Realizou-se no Instituto Nacional de Musica o concurso de canto ao premio de viagem, tendo obtido o mesmo a senhorinha Antonietta de Souza, alumna do maestro Sylvio Piergili. O jury foi constituido pelos Srs. Pertin de Vasconcellos, presidente, e Francisco Braga, Arthur Napoleão, João Nunes, João Rocha, e as Sras. Lydia Salgado e Vera de Albuquerque. Concorreram mais ao premio as Sras. e senhorinhas Maria de Bulhões Pedreira, Emma de Almeida Guimarães, Dolores Belchior, e o Sr. Roberto Vilmar. A senhorinha Antonietta de Souza, meio soprano e vencedora do premio, cantou a Prece, de Francisco Braga, e o 1º quadro do 4º acto da *Aida*, tomando parte o tenor Del Negri e o baixo João Athos, e coros. A orchestra, composta de 37 professores, foi regida pelo maestro Sylvio Piergili. Os outros concorrentes ao premio receberam um voto de louvor que foi consignado em acta. A senhorinha Antonietta de Souza foi contractada pela empresa Walter Mocchi, para fazer parte do quartetto brasileiro da companhia que virá fazer a temporada lyrica em Setembro, nesta capital.

ZOLA AMARO

Esta notavel cantora brasileira, natural do Estado do Rio Grande do Sul, conseguiu uma serie de triumphos, na Italia. Cantando a "Norma", o seu trabalho agradou sobremaneira. Amaro, nessa opera, tambem conseguiu successo, nesta capital. Na opera "Aida", no theatro Massimo de Palermo, onde tambem ella fez a "Norma", conseguiu novo triumpho, interpretando admiravelmente, desde a aria do 1º acto, até á romanza do terceiro. Zola Amaro cantou tambem a opera "D. Carlos", sendo essa serata de gala em honra á chegada da Princesa Mafalda a Palermo. O Conde Luigi Cabrinski-Broglio, de Milão, propoz á artista patricia fazer um contracto importante para um grande theatro, e com um dos principaes empregarios. O Conde Broglio é o presidente da "Società italiana fra gli artistici lirici", que goza de muita reputação entre os artistas lyricos. Zola Amaro chegou a esta capital, e seguiu para Pelotas, no d'a 26 de Julho, devendo regressar á Europa, a fim de cumprir diversos contractos com empresas theatraes.

ALVARO MOREIRA

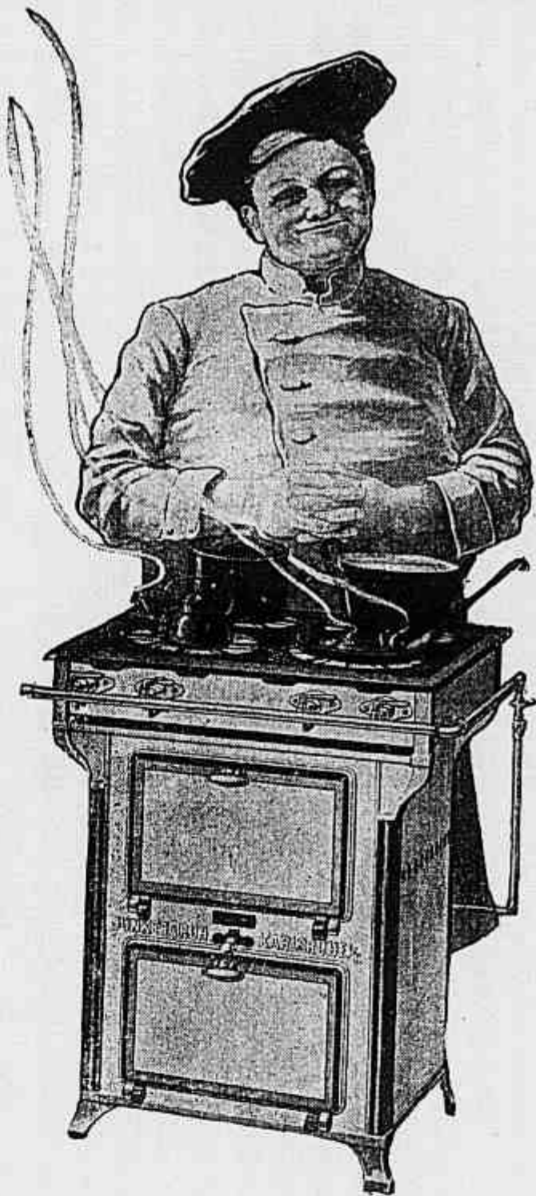
A CIDADE MULHER



BENJAMIM COSTAIA
& MICCOLLI EDITORES

LVI 923

A' VENDA EM TODO O BRASIL



FOGÕES A GAZ,
ALLEMÃES

(DE JUNKER & RUIH - KARLSRUHE)

Com os afamados queimados economicos patenteados. Esmaltados de Branco, Nickelados, Elegantes e Solidos, Limpeza absoluta.

Universalmente conhecidos como os mais economicos.

Unica casa que tem pessoa habilitada para lidar com os fogões e que possui sobralentes para os mesmos.

A uecedo es a gaz para banheiros

Vendas a dinheiro e a prestações

Geladeiras de todos os tamanhos.

Sabonete SANITOL É O PREFERIDO PARA BANHO E TOILETTE

Unicos depositarios: OTTO SCHUBACK & Cia.

Rua Theophilo Ottoni n. 95. Telephone N. 6773

— RIO DE JANEIRO —

Edições

Pimenta de Mello & Cia.

Rio de Janeiro -- SACHET, 34.

ACABAM DE APPARECER

Castellos na areia, DE OLEGARIO MARIANNO

Leviana, DE ANTONIO FERRO

Alma Barbara, DE ALCIDES MAYA, da Academia Brasileira

Terra bemdita, POEMAS DE OSORIO DUTRA

Um dia a casa cae, e Assumpção DE J. M. GOULART DE ANDRADE, da Academia

PARA BREVE:

Colmeia, DE VINA CENTI

A Renuncia, DE CLAUDIO DE SOUZA

Cocaina, DE ALVARO MOREIRA

Perfume, DE ONESTALDO PENNAFORT

Botões dourados, DE GASTAO PENALVA

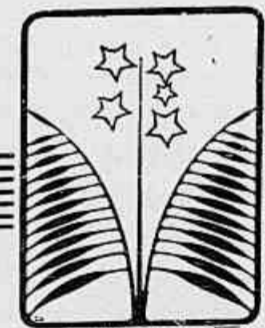
COPACABANA

PALACE

HOTEL



Residência ideal para famílias. Preços especiais para temporadas longas. Os hóspedes deste hotel podem indistinctamente tomar suas refeições no Copacabana ou no Palace. Auto-omnibus para serviço dos hóspedes, e de qualquer



ILUSTRACÃO
BRASILEIRA

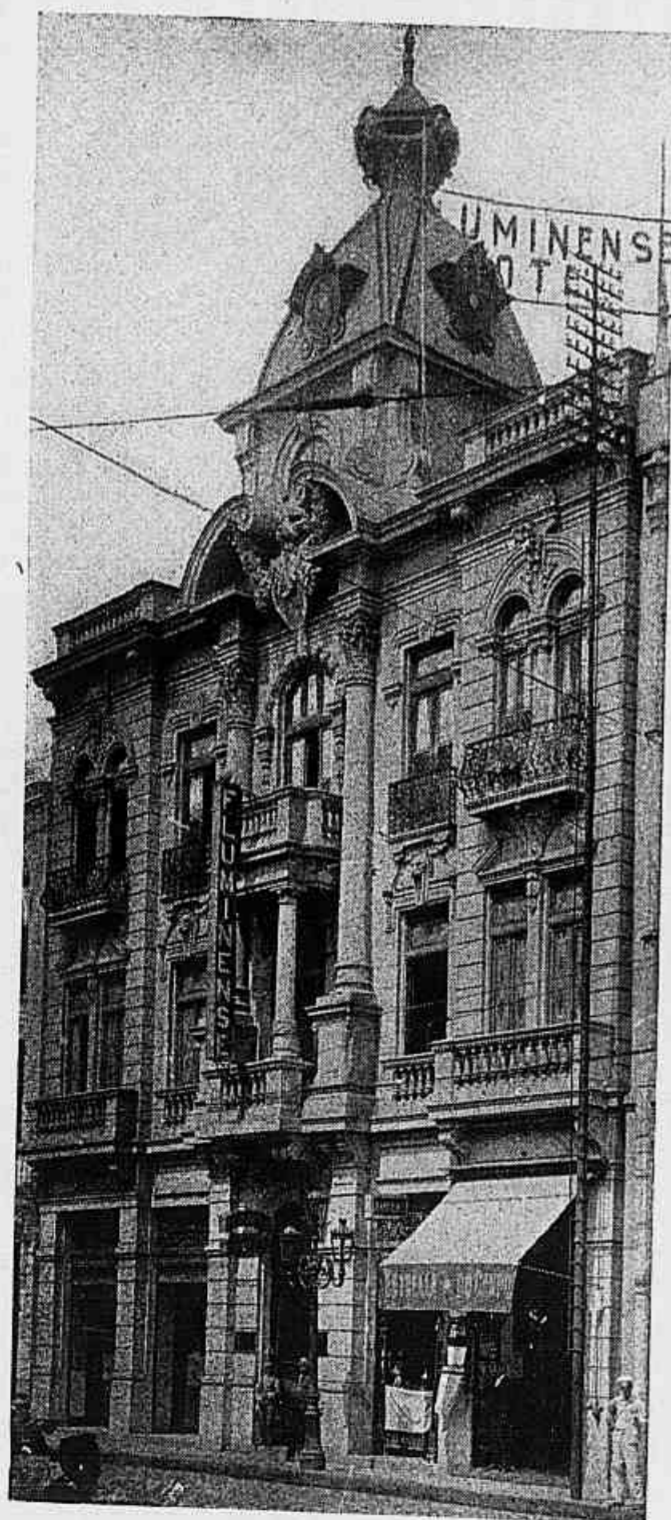
passageiro, parando em qualquer ponto do percurso. Local delicioso para almoçar, jantar; chá, aperitivos, etc. Luxuosos salões de banquetes e festas. Restaurante sob a direcção de afamado chefe francez.

ILUSTRACÃO
BRASILEIRA

PHILIPS

SÃO PRODUCTOS DE QUALIDADE
RESISTENTES - ECONOMICAS E
DE UMA DURABILIDADE
EXTRAORDINARIA

A VENDA NAS PRINCIPAES CASAS DE ELECTRICIDADE



Fluminense

∴ Hotel ∴

PRAÇA DA REPUBLICA,
207 E 209

Estabelecimento de 1^a
ordem, situado em
ponto magnifico, ao
lado da E. F. Cen-
tral do Brasil.

Agua canalizada nos
quartos, elevador ele-
ctrico, mesa de liga-
ções telephonicas.

Restaurante

irreprehensivel

Aposento com pensão
desde 12\$000

Aposento sem pensão
desde 7\$000

End. Telegraphico :
FLUMINENSE
Rio de Janeiro

A indigestão não é uma doença

A indigestão *não* é uma doença. A dyspepsia é uma doença. A indigestão é simplesmente o aviso de que a dyspepsia se desenvolve. Ao primeiro signal de indigestão,—gazes no estomago, perda de appetite, inabilidade para digirir os alimentos,—tome

PASTILHAS do Dr. RICHARDS

Estas scientificas pastilhas alliviam—hão immediatamente de suas indigestões,—e obstem a que a dyspepsia venha. Recorde isto: Tome Pastilhas do Dr. Richards immediatamente aos primeiros signaes de desarranjo estomacal. Vá a sua pharmacia hoje e compre um vidro. Guarde-o em sua casa para o primeiro signal de incommodos—e nunca terá dyspepsia.



DR. JORGE FRANCO

Nutrition

Tonico Poderoso — Fortificante



DR. EMILIO GOMES

de se recommenda á confiança dos clinicos e do publico pelo prestigio de seu auctor, Dr. Julio Novaes, da Academia Nacional de Medicina, um nome notavel, portanto, da sciencia medica brasileira. O *Nutrition*, como seu nome indica, é o "Elixir da Nutrição", o restaurador, por excellencia, da força e do vigor organicos.

Por seu valor scientifico, o *Nutrition* se impõe como o "melhor dos reconstituintes" e como "o mais poderoso dos tonicos". Um vidro de *Nutrition* restitue as forças perdidas, faz nascer forças novas, estimula a vontade e desperta todas as energias que vêm da boa saude.

O *Nutrition* é indicado com successo incomparavel para magreza — baixa de peso — fastio — fraqueza geral — exgotamentos — anemia — pallidez — falta de memoria — convalescencias das molestias infecciosas — neurasthenia — debilidade — crianças fracas — crianças magras — crianças rachiticas.

Na pratica medica, os resultados do *Nutrition* são os mais animadores, como se verifica nos seguintes casos de experimentação clinica.

EXPERIENCIAS DO PROF. MIGUEL COUTO

O professor Miguel Couto — o grande mestre da medicina no Brasil — emprega em sua clinica o *Nutrition* com resultados felizes. Por observações repetidas, o professor Miguel Couto chegou á conclusão de ser o *Nutrition* o fortificante mais eficiente entre os congeneres e com valores scientificos de molde a justificarem a preferéncia que lhe dá o grande mestre, conforme declara no seguinte attestado:

"E' ao *Nutrition* que dou preferéncia na minha clinica sempre que preciso activar a nutrição e levantar as forças nos doentes que por qualquer causa as têm depreciadas. — Julho de 1922. — Miguel Couto."

OUTRAS EXPERIENCIAS IMPORTANTES

Além do professor Miguel Couto, outros cientistas notaveis experimentaram com successo este poderoso tonico.

O Dr. Jorge Franco, empregando em sua clinica o *Nutrition*, chegou ás seguintes conclusões:

"Attesto, sob a fé de meu grau, ter prescripto convenientemente a os doentes o Elixir organico-metallico *Nutrition* (formula do Dr. Julio Novaes) em casos de tuberculose, de adenopathias traqueobronchicas da infancia, em casos de syphilis de desnutricao, carencia ou deficiencia de metabolismo, sempre com exito aprecia-



DR. PEDRO ERNESTO



DR. AMARAL PEIXOTO



DR. MARIO MARTINS DE MELLO



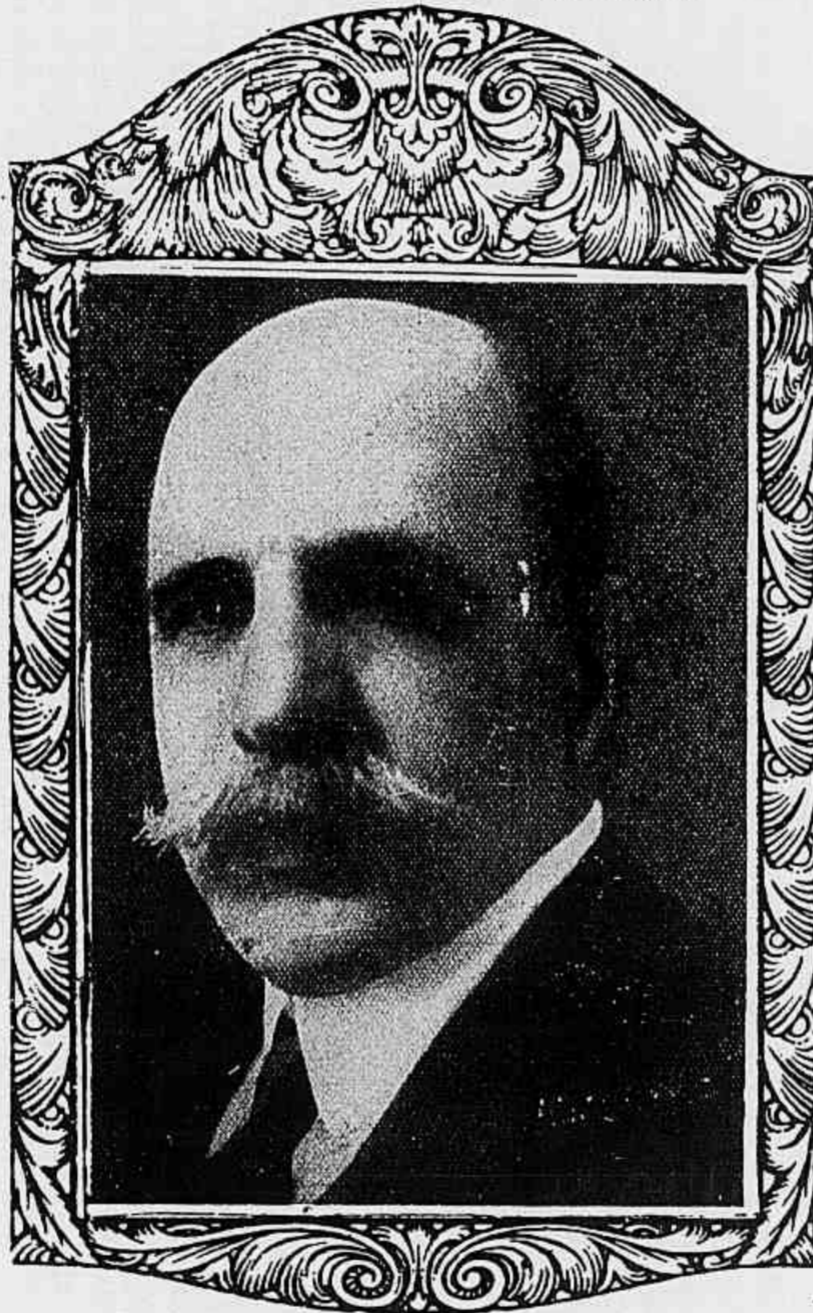
DR. HUMBERTO DE MELLO

vel e muita vez controlado pelos raios X no meu serviço de radiologia clinica. O *Nutrition* é um preparado scientifico e de efficacia therapeutica real, segundo a associação de seus componentes chimicos e colloidais.

Firmo este attestado em letra de punho e uso para todos os efeitos legais e de direito.

Rio de Janeiro, 22 de Julho de 1921.

Dr. Jorge Franco."



PROFESSOR DR. MIGUEL COUTO

O *Nutrition* foi tambem experimentado na "Casa de Saude e Maternidade do Dr. Pedro Ernesto", com absoluto successo. O illustre director e os demais medicos deste notavel estabelecimento, Drs. Pedro Ernesto, Mario Martins de Mello, Humberto Mello e Annibal Amaral Peixoto, reuniram num attestado colectivo a sua opinião, que põe em marcado relevo as virtudes therapeuticas do *Nutrition*. Eis, na integra, o attestado em questão:

"Attestamos, in fide gradus, medicos

e clinicos com exercicio profissional em a "Casa de Saude e Maternidade do Dr. Pedro Ernesto", a eficiencia comprovada do preparado medicinal complexo *Nutrition*, cujas indicações espedias ás mulheres gravidas, ás creanças rachiticas, a desnutridos e convalescentes, a tuberculosos, syphiliticos, anemicos e obstipados habituaes (prisão de ventre) etc., etc. trazem resultados excellentes, immediatos e consecutivos, em cada tratamento systematisado e persistente. Firmamos o presente attestado com letra de punho e uso para todos os efeitos legais e de direito.

Dr. Pedro Ernesto, Dr. Mario Martins de Mello, Dr. Humberto Mello, Dr. Amaral Peixoto."

O Dr. Emilio Gomes, director do Laboratorio Bacteriologico Nacional, ensaiando o *Nutrition*, chegou aos brilhantes resultados transmittidos no attestado abaixo:

"O *Nutrition*, formula do Dr. Julio Novaes, — dada a sua composição scientifica de valor não commum em preparados officinaes — despertou-me interesse e por isso resolvi estudalo no terreno experimental. No curto prazo de minhas primeiras observações, pude verificar, de um modo francamente animador, as qualidads tonicas e reconstituintes do *Nutrition*.

N'uma fabrica, a que presto serviços profissionais, escolhi 7 operarias das mais fracas (algumas em deploravel estado de miseria physiologica) e submettia-as ao uso diario do medicamento em questão. Havendo feito tomar-lhes o peso inicial e depois mandando proceder a tomadas de peso semanaes, adquiri os elementos necessarios para o seguinte quadro demonstrativo:

NOMES	Peso inicial	Duração do tratamento	Peso posterior	Aug. total peso	Média do augmento do peso por semana
Tracema	39,500	3 semanas	40,900	1,400	466 grs.
Alzira..	48 kg.	2 semanas	48,900	0,900	450 grs.
Carmen	40,200	3 semanas	41,400	1,200	400 grs.
Tareilla	41 kg.	3 semanas	42,100	1,100	366 grs.
Cassia..	44,900	4 semanas	46,100	1,200	300 grs.
Aurora.	40,600	4 semanas	41,800	1,200	300 grs.
Amelia.	48 kg.	4 semanas	49,200	1,200	300 grs.

Considero, pois, o *Nutrition* um reconstituinte que se recommenda á classe medica pelo accentuado valor scientifico da sua formula e se impõe á confiança do publico pelos resultados seguros que o seu emprego apresenta. — Capital Federal, 26 de Julho de 1922.

Dr. Emilio E. Gomes."



O SOCIO DA AGUA

(L e n d a)

A agua, desejando, um dia, estender as suas relações ao genero humano, pôz-se a pensar como e com quem se associaria para pôr em execução esse projecto, que já se estava transformando em obsessão, no seu espirito fluente.

Os refrescos e bebidas, que a humanidade consome, graças ao agradável consorcio do liquido elemento, não agradavam muito. As pessoas pouco bebem, em relação ao que comem, mas em troca, todo mundo faz grandes gastos de agua, na hygiene pessoal e limpeza de suas roupas. Ahi estava solução, pensou a agua. Bastaria encontrar um outro elemento que, suggestivo, agradável, irresistivel, tornasse o genero humano mais, e muito mais, apaixonado pela agua, que se converteria n'uma necessidade imperiosa e, ao mesmo tempo, de agradabilissimo uso.

Andava a agua n'essas cogitações quando, certo dia, alguem fez correr por suas ondas uma perfumada e delicada onda do delicioso Sabonete de Reuter. A agua, mal que a sentiu opalisando e perfumando sua crystallina lymph, riu doidamente em flocos de alvissima espuma.

Havia encontrado o socio de seus sonhos. Desde então, a agua e o Sabonete de Reuter têm-se apropriado da vontade das pessoas asseadas e elegantes. O povo procura esses associados, as creanças os amam, os velhos se deleitam com elles e as mães abençoam a agua e o Sabonete de Reuter, que lhes perfumam e tornam delicados os corpos de seus filhinhos.

O Sabonete de Reuter e a agua formam o maior protector da saude e bem estar, que se pôde imaginar. Com a agua e o Sabonete de Reuter, não ha mais enfermidade, miserias e fealdades; a doença em geral, é filha da falta de asseio; a miseria, do descaso e desleixo, e a fealdade da falta de ordem e compostura, que a agua e o Sabonete de Reuter vencem.

Edições Pimenta de Mello & C. — Rua Sachet, 34 — Rio de Janeiro

A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS:

CASTELLOS NA AREIA, poemas de Olegario Marianno.
LEVIANA, novella de Antonio Ferro.
ALMA BARBARA, contos de Alcides Maya, da Academia Brasileira.

TERRA BEMDITA, poemas de Osorio Dutra.

ASSUMPCÃO e UM DIA A CASA CAE, theatro de J. M. Goulart de Andrade, da Academia Brasileira.

O "PILOGENIO" serve-lhe em qualquer caso

Se já quasi não tem, serve-lhe o PILOGENIO, porque lhe fará vir cabello novo e abundante.

Se começa a ter pouco, serve-lhe o PILOGENIO, porque impede que o cabello continue a cair. Se ainda tem muito, serve-lhe o PILOGENIO, porque lhe garante a hygiene do cabelo.



AINDA PARA A EXTINCÇÃO DA CASPA

Ainda para o tratamento da barba e loção de toilette O PILOGENIO.

TYPHO UREMIA, INFECCÕES intestinaes e do aparelho urinario, evitam-se usando UROFORMINA, precioso antiseptico, desinfectante e diuretico, muito agradável ao paladar.

Em todas as pharmacias e drogarias. Deposito: DROGARIA GIFFONI, rua 1º de Março, 17. Rio de Janeiro.

Às vezes um pequenino corte pode transformar-se em ferida, que se poderá arruinar, tornando necessaria, mesmo, uma intervenção cirurgica... Entre tanto, desde que se tenha lavado o lugar do accidente com

DUPLOZON

misturado com agua, fica-se livre de todo perigo. É a unica agua oxygenada absolutamente livre de impurezas. Unico depositario - Ambrosio Lameiro Rua S. Pedro 270 — Rio de Janeiro

o CREME de PEROLAS de BARRY
DÁ EM POUCOS SEGUNDOS UMA BELLA CÔR BRANCA NATURAL

TANTALO

POR JOSÉ DO PATROCÍNIO FILHO

(Fim)

Pé ante pé, encaminhou-se para a porta, onde o "encarregado" tomava fresco.
— Estou me sentindo mal. Vou tomar um pouco de ar: talvez me faça bem.

O outro, estava fumando — nem respondeu: "si fosse dar trela áquella sucia, estava bem arranjado..." Atirou fóra a ponta do cigarro e voltou para o interior

Elle, lá fóra, com o sacco do mendigo na algibeira, esteve um momento irresoluto.

Quanto teria?

E se fosse arriscar? Talvez ganhasse...

Por pouco não desatou a correr até a praça Mauá. Seguiu pela Avenida até a praia. Ahi, sobre o paredão contou o dinheiro: onze mil réis.

Na Lapa os automoveis iam e vinham businando, e os bondes passavam quasi vazios.

Entrou num club, em que as menores fichas custam dez tostões.

Jogou todas as que comprara, de uma em uma...

E tornou a perder.

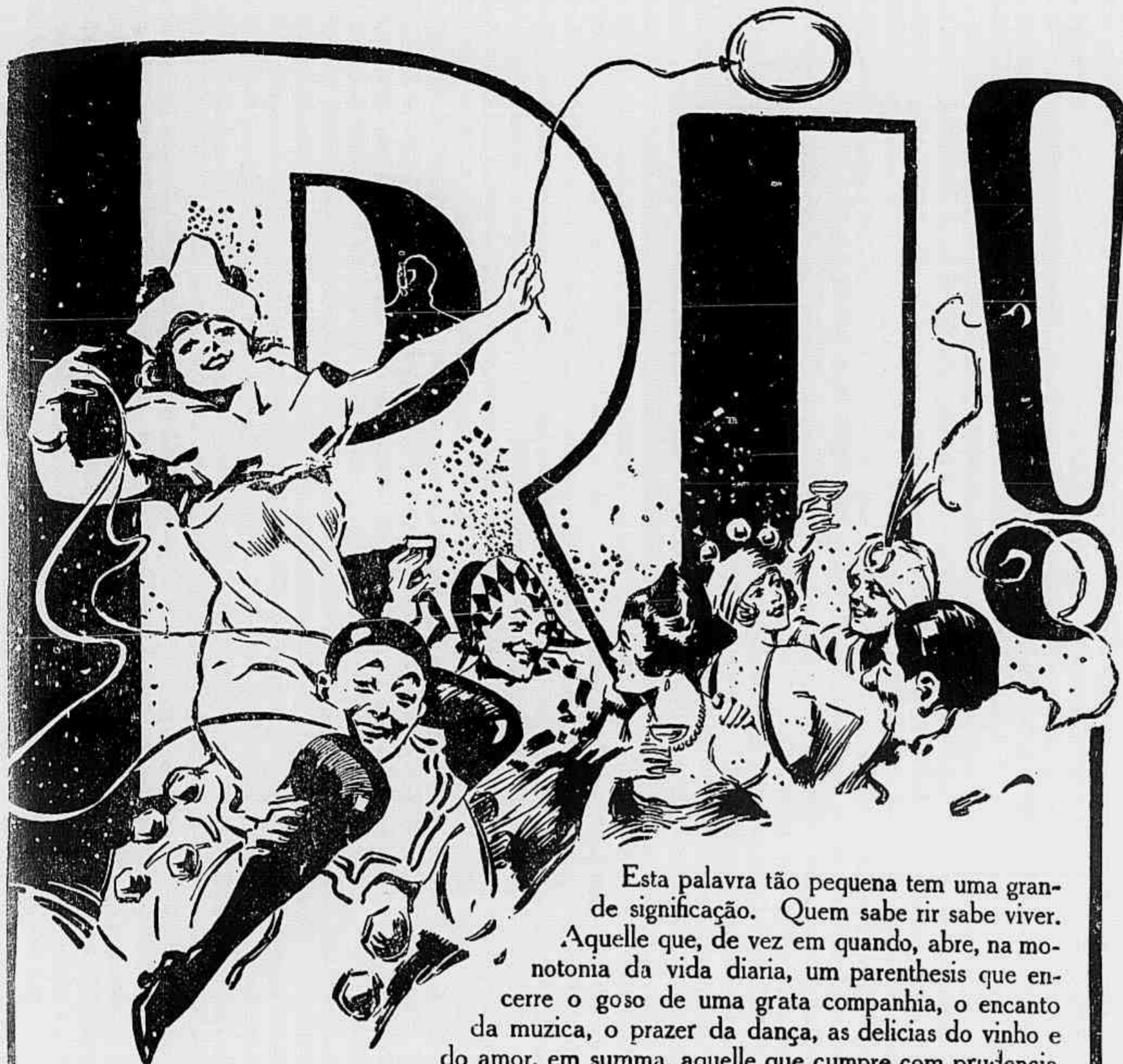


A LINGUA PORTUGUEZA EM PORTUGAL E NO BRASIL

(Fim)

me-ha, por certo, razão o meu respeitavel amigo o Sr. João Lucio de Azevedo, que melhor do que ninguem presentemente fixou nos seus excellentes livros sobre os jesuitas, sobre Pombal e sobre o Padre Antonio, o espirito dessa historia portugueza que é tambem brasileira.

Meus votos, formulados nesta casa veneranda com a mais vibrante sympathia, são para que o Brasil nunca desaprenda o português dos bandeirantes e dos missionarios e para que Portugal não torne mais difficil no Brasil o amplo conhecimento dos seus escriptores pelas anomalias da sua orthographia.



Esta palavra tão pequena tem uma grande significação. Quem sabe rir sabe viver. Aquelle que, de vez em quando, abre, na monotonia da vida diaria, um parenthesis que encerre o goso de uma grata companhia, o encanto da muzica, o prazer da dança, as delicias do vinho e do amor, em summa, aquelle que cumpre com prudencia

esta ordem: Ri! é quem mais forças accumula para affrontar a luta pela existencia.

receio de que a um desses momentos de expansão succeda uma dor de cabeça, um pouco de malestar e nervosismo, não mais existe desde que appareceu a CAFIASPIRINA.

Dois comprimidos bastam para aliviar, em poucos minutos, a dor de cabeça e para que todo o organismo experimente uma agradável sensação de calma e bem estar.

Identica efficacia tem a CAFIASPIRINA nas dores de garganta e ouvido, nevralgias, resfriamentos, rheumatismo, etc.

CAFIASPIRINA não affecta absolutamente o coração.

Vende-se em tubos de 20 comprimidos e em Enveloppes de uma dose, um e outros identificados pela Cruz Bayer.

C 51 Bz. Size I



TRATAMENTO CONTRA A SYPHILIS
EM REGRA:

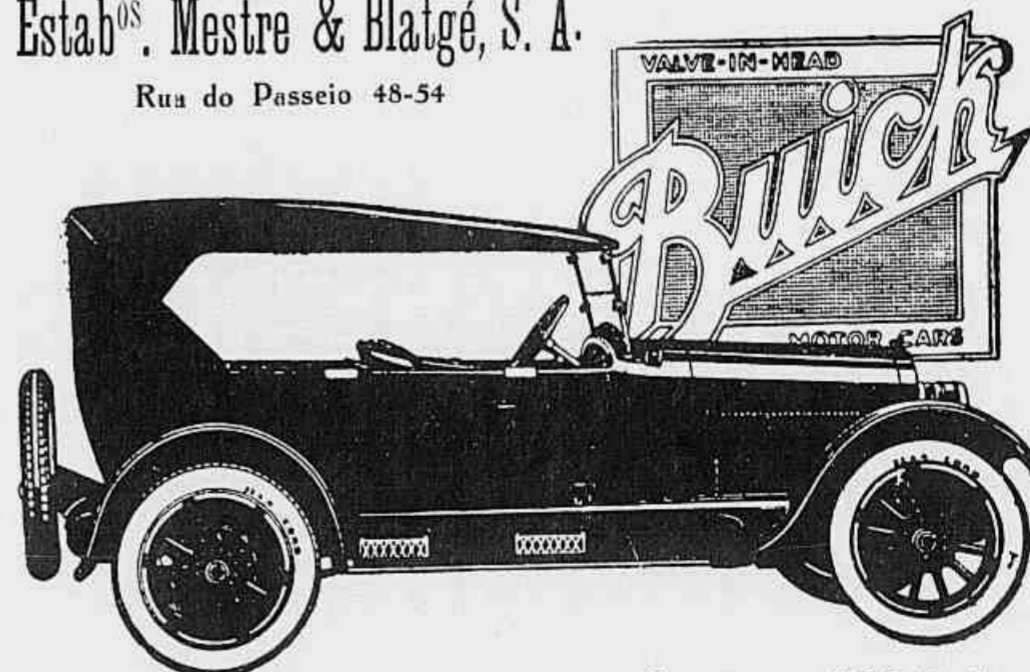
"Sulfarsenol"

ARSENO-BENZENE
SEM PERIGO.

ESTE sal arsenical é de uma constituição soberanamente efficaç. Preenche uma lacuna que o especialista em doenças venereas tem sentido muitos annos, pois dispensa de preoccupações de ordem importantissima. Não precisa receiar crises nitritoides, reacções e outros abalos, nos seus doentes, tira logo um resultado animador e pratico e não precisa de desgostar as clientes com regimens, descansos e outras muitas precauções necessarias no tratamento com os antigos arsenobenzoes. Consultar o medico.

Estab^{os}. Mestre & Blatgé, S. A.

Rua do Passeio 48-54



JÁ EXISTE MAIS DE UM MILHÃO PELO MUNDO!

o XAROPE DE REUTER

ROBUSTECE EM
POUCO TEMPO AS
PESSOAS DEBEIS OU ANEMICAS



A Lealdade de um Cabelleireiro



— Minha senhora, queira-me ouvir: — As senhoras dão-nos lições, até aos proprios artistas, em coisas não só de bom gosto, como de applicação pratica. Minha senhora, queira acreditar que n'este instante a maioria das clientes pensa com a senhora em materia de loções para o cabelo!

— O quê! Que me diz?

— Sim, minha senhora, as nossas casas estão abarrotadas d'este artigo, das marcas mais famosas que agora são invendaveis.

Todas querem pura e exclusivamente friccionar a cabeça com o tão famoso *Tricofero de Barry*, do qual, fallando com inteira franqueza e inspirado pela inteira confiança que tenho na discreção de tão distincta dama, confesso que nós lhe temos feito sempre uma guerra sem treguas, porque o seu uso, assegurando a perfeita conservação dos cabellos naturaes, contrariava as nossas vendas de postiços, que é onde está o nosso verdadeiro negocio.

Outr'ora aconselhavamos todas as outras loções damninhas, que, queimando com as suas composições chemicas o bolbo capillar, convertiam em aboboras as cabeças das mais bellas e illustres damas, as quaes tinham que appellar para o salvador postiço, para supprir de algum modo a ausencia do mais formoso de seus adornos naturaes.

Esta cabelleira, senhora, que neste momento com as minhas indignas mãos penteio, proclama a vós, pela sua magnificencia, o uso do *Tricofero de Barry*, que atravez dos seculos mantém e triumpha pela sua virtude, pureza, efficacia sobre todas as drogas damninhas que, respondendo a um espirito de lucro, inventaram e inventarão negociantes pouco escrupulosos.

Só devem fumar



cigarros

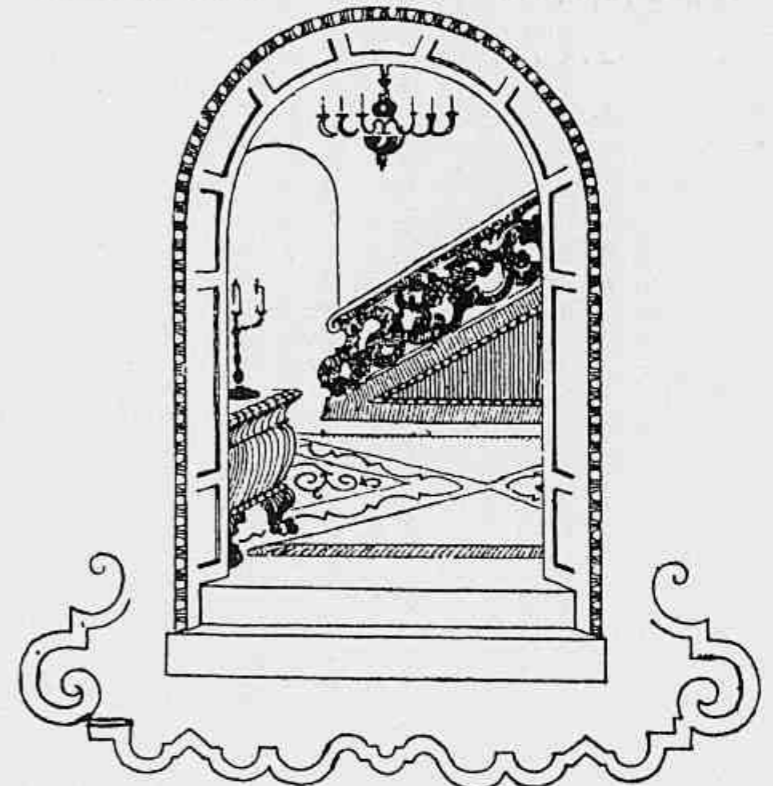
DIPLOMATAS

GEORG HIRTH
LAUBISCH & C.^{IA}

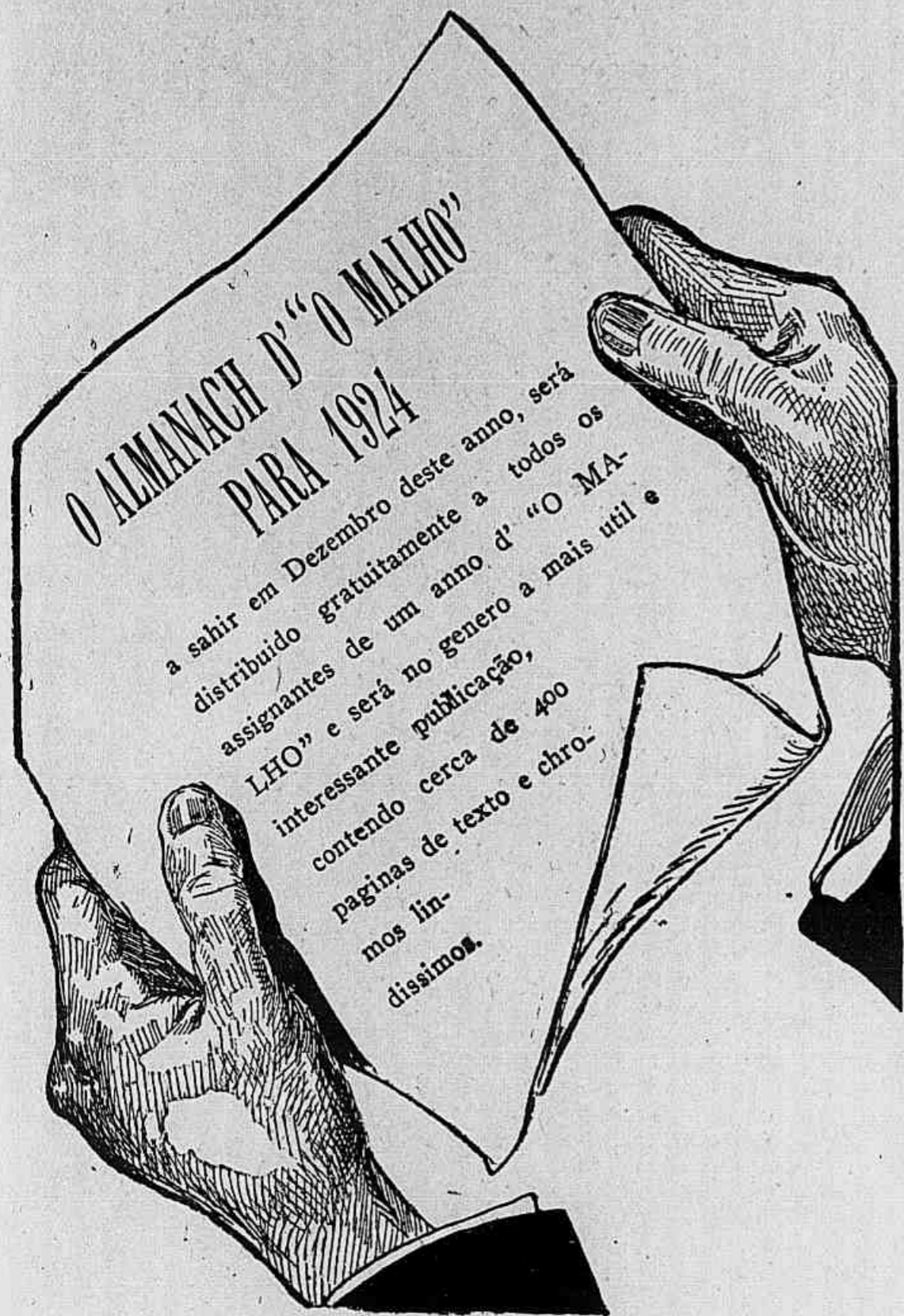
RUA DO OUVIDOR, 86

TELEPHONE

NORTE 3128



MOVEIS FINOS E DECORAÇÃO
DE INTERIORES • TAPEÇARIAS
— CORTINAS • SEDAS —
CRETONNES • TAPETES
MOVEIS DE COURO —



GRANDE ESTABELECIMENTO GRAPHICO

PIMENTA DE MELLO & C.

Especialidade em chromolithographia, cartas geographicas, diplomas, acções, letras de cambio, apolices, retratos, cartazes, rotulos e todos os trabalhos commerciaes typographicos; livros em branco, papel e objectos para escriptorio; qualquer trabalho em alto-relevo typographico ou litographico e timbragem.

RUA SACHET, 34 - Tel. 1828 C.
END. TEL. PIMENTAMELLO, RIO

OFFICINAS:

Rua Visconde de Itaúna, 419
Telephone, 5996, Villa

VASELINE CHESEBROUGH

(Branca Pura e Branca Perfumada)

A pelle do rosto, quando não é cuidadosamente tratada, cedo fica cheia de rugas.

O meio de evital-as é usar com frequencia

VASELINE CHESEBROUGH

branca pura ou branca perfumada, que tornam a pelle deliciosamente lisa e suave. Exigir nos acondicionamentos o nome Chesebrough Mfg. Co. Consolidated.

A' venda nas boas Pharmacias,

Drogarias e Perfumarias

Unico Depositario

AMBROSIO LAMEIRO

Rua S. Pedro, 268-270 — Rio de Janeiro

O EMPLASTRO POROSO EXCELSIOR



cuidadosamente preparado e sempre novo, destaca-se na medicina, como o mais puro, perfeito e efficaz para extinguir qualquer Dor. Estimula a circulação, desfazendo rapidamente toda reunião nociva, quer de sangue quer de calharro.

Unico depositario - Ambrosio Lameiro
Rua S. Pedro 270 — Rio de Janeiro

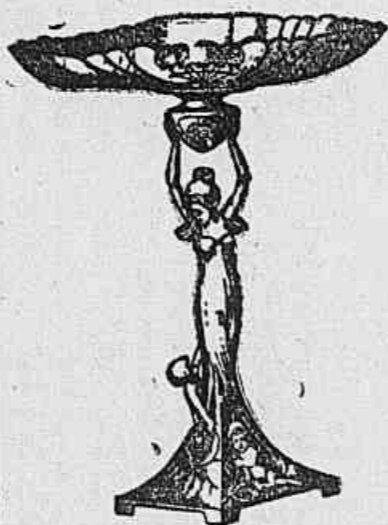
BAZAR AMERICA

Finissimos objectos para presentes

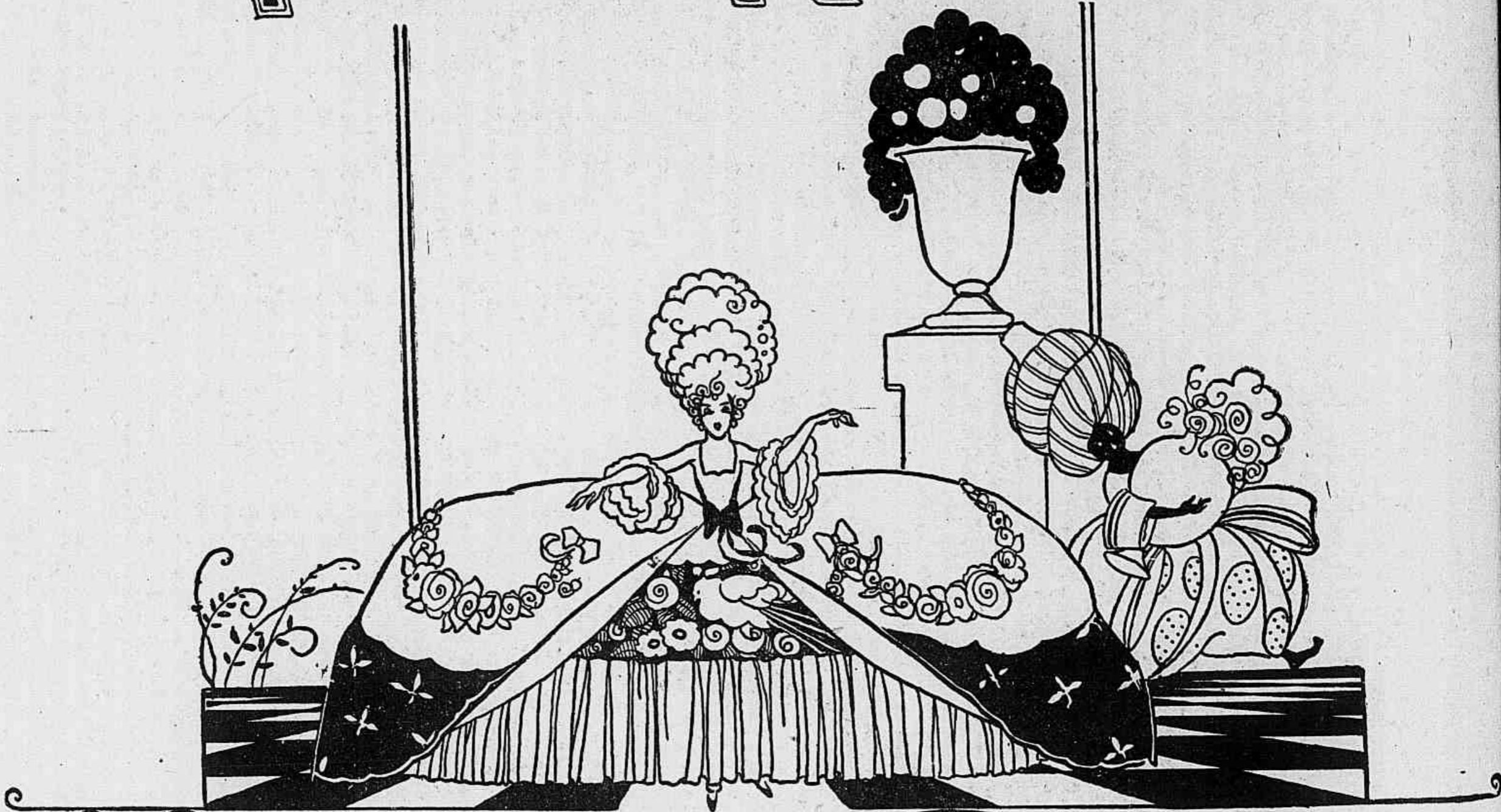
Especialidade em Porcellanas, Crystaes, Metaes finos, Faqueiros e Talheres de Christofle.

ORIGINALIDADE E BOM GOSTO

Rua Uruguayana, 38-40



PARC ROYAL



ARTIGOS PARA A

ELEGANCIA das Senhoras
dos Homens
das Crianças
do Lar.

Para conhecê-los e adquiri-los em boas condições
Visite V. Ex.

O

Parc'Royal
A MAIOR E A MELHOR CASA DO BRASIL